

A decorative border of dark chocolate drizzle and small chocolate spheres frames the top and sides of the cover.

TRISHA ASHLEY

BESTSELLER DO SUNDAY TIMES

Desejos de Chocolate

Uma história encantadora e divertida
sobre o amor perdido... e reencontrado.



Quinta Edição



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Título original: Chocolate Wishes

Título: Desejos de Chocolate

Autor: Trisha Ashley

Tradução: Maria João Freire de Andrade

Capa: Neusa Dias/Oficina do Livro, Lda.

Revisão: Domingas Cruz

ISBN: 9789895557516

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro - Sociedade Editorial, Lda.

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Trisha Ashley, 2010



Leitura Fácil

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Acho que chegou o momento de a minha maravilhosa agente ter uma dedicatória só para ela, por isso esta é para Judith Murdoch, com amor e os meus agradecimentos.

Prólogo

Mortal Ruin

Quando a estação de rádio, normalmente inócua, que ela ouvia sempre que estava a trabalhar começou de repente a passar o primeiro grande êxito dos Mortal Ruin, «Dead as My Love», Chloe Lyon encontrava-se na cozinha do seu pequeno apartamento a pincelar cuidadosamente uma grossa camada de cobertura de chocolate negro crioulo, ricamente aromatizado, sobre as formas para fazer a última fornada de anjos ociosos, antes do Natal.

Pareceu-lhe bastante apropriado, porque um anjo oco fora aquilo que Raffy Sinclair mostrara ser, mas também significava que se passaram alguns minutos antes de ter uma mão livre para estender e rodar o botão. Nessa altura, já tinham mudado para o «Tears in Heaven», de Eric Clapton, e assim estava a tornar-se óbvio que o convidado do *Desert Island Discs* (ela perdera o início) tinha recordações muito mais felizes de 1992 do que Chloe. De facto, ela até poderia apostar que a música seguinte seria de Whitney Houston e «I Will Always Love You» e isso *iria* mesmo dar cabo dela.

Mas a música continuou a tocar na sua cabeça mesmo depois de o rádio estar desligado e já ser demasiado tarde para reprimir as memórias. A negra e escaldante maré de fúria e dor pela traição de Raffy estava a regressar com tanta força que tudo aquilo parecia ter acontecido no dia anterior; e era como se ela fosse de novo aquela jovem de dezanove anos atingida pelo amor, que pensava ter encontrado uma espécie de magia mais poderosa do que qualquer um dos feitiços, sortilégios e encantamentos do seu avô.

Ela adorara aquela música de Clapton, apesar de Raffy a provocar dizendo que era enjoativa. Mas ele, para além de gostar muito dos Nirvana, também tivera uma tendência perturbadora para os Megadeth e bandas mais antigas como os Iron Maiden, Judas Priest e Black Sabbath, os quais influenciaram as letras que escrevera para a sua banda, Mortal Ruin. Aquela obsessão pelo lado negro fazia parte do motivo por que ela nunca lhe falara do avô – ele poderia ter ficado *demasiado* interessado se soubesse da sua ligação a Gregory Warlock.

Mas, na verdade, não houvera simplesmente tempo suficiente para explorarem as respectivas famílias e passados, já que se tinham conhecido e apaixonado no início do primeiro semestre universitário de Chloe; e aquelas poucas semanas que passaram intensamente envolvidos um no outro abrangiam toda a extensão da sua relação.

Não era surpreendente que *ela* se tivesse apaixonado por *ele* à primeira vista – era alto e atraente, com cabelo comprido, negro e encaracolado, uma pele pálida e translúcida, e olhos do azul-esverdeado do mar das Caraíbas num

folheto de uma agência de viagens –, mas ele parecera tão arrebatado quanto ela... E, de qualquer maneira, quando ela consultara as cartas de tarô, estas indicaram-lhe que havia uma mudança a caminho e que iria conhecer a sua alma gêmea, por isso naturalmente presumira que fosse ele.

Grande erro.

Ela não acreditara que fosse o fim, mesmo depois daquela discussão final na última noite do semestre, quando Raffy lhe dissera que ele e os outros três membros da banda Mortal Ruin tinham decidido apostar os seus futuros num contrato de gravação e lhe pedira para o acompanhar em vez de ir para casa passar as férias, como fora sua intenção. Ela também não lhe explicara porque é que *tinha* mesmo de ir para casa, apesar de o poder ter feito se não estivesse tão zangada, ou se, naquela altura, ele tivesse sido capaz de falar de outra coisa para além dos Mortal Ruin.

Se ao menos tivesse sabido que não ia regressar no semestre seguinte... Se ao menos não tivessem tido aquela última e amarga discussão, de modo que nem lhe chegara a dar a sua morada... Havia uma série demasiado grande de *ses*, mas, provavelmente, acabariam por não ter feito qualquer diferença, porque ele revelou ser o homem que ela nunca pensara que fosse.

Um anjo oco: moreno e atraente no exterior, um vazio emocional no interior. Um Lúcifer cheio de falsas promessas.

Claro que na altura ela não o soubera. Como tinha de tomar conta de Jake, o seu meio-irmão ainda bebé, enquanto esperava que a mãe regressasse dos braços da sua última paixão, tivera muito tempo para se preocupar com aquilo que iria acontecer quando Raffy recebesse por fim a sua carta. Ela enviara-lha através da antiga colega de quarto, Rachel, para que lha entregasse quando ele recuperasse os sentidos e voltasse à procura dela. Porque, apesar da sua última discussão, ela estava segura do seu amor e de que, de algum modo, iriam encontrar uma maneira de ficarem juntos, de resolverem as coisas. Ele dissera-lhe que a amava com suficiente frequência...

Mesmo nos seus momentos mais sombrios ela acreditara naquilo até ao dia em que recebera uma mensagem de Rachel, a contar-lhe que Raffy regressara pouco depois do início do novo semestre e que ela lhe entregara a carta, mas que, depois de a ler, ele se limitara a amarrotá-la e a enfiá-la no bolso, sem quaisquer comentários.

Não precisara da confissão manchada de lágrimas na página seguinte para saber a facilidade e rapidez com que ele a substituíra, ou o quão pouco ela significava para ele. Longe da vista, longe do coração.

Para ela, não fora tão fácil esquecê-lo, quando a sua música parecia estar por todo o lado, a assaltá-la em momentos inesperados, mas a sua fúria escaldante acabara por cauterizar a ferida e dera-lhe uma certa dose de imunidade.

Então porque é que naquele momento estava sentada à mesa da cozinha a chorar lágrimas quentes, abrasivas?

Água salgada e chocolate *nunca* são uma boa combinação.

Deve Existir Um Anjo

Conhecem aquelas rotinas que a maioria das pessoas tem, aquelas em que caem automaticamente quando acordam? Bem, até há poucos anos, a minha rotina matinal consistia na «leitura de cartas de tarô», impecavelmente enfiada entre «lavar os dentes» e o «pequeno-almoço».

Foi assim que fui criada e não tem nada a ver com magia ou, pelo menos, com o tipo de magia que o meu avô pratica, onde os efeitos dos seus rituais são tão aleatórios que, quando surgem resultados positivos, estes são provavelmente a mais pura das coincidências, tal como o modo como as vendas dos meus Desejos de Chocolate subiram à estratosfera assim que ele me deu parte de um antigo feitiço maia para dizer sobre a panela onde o chocolate derreteria. Um feliz acaso... pensei. Tenho de confessar que nunca tive inteiramente a certeza.

Mas a sério, para além do valor da novidade do conceito, o meu êxito foi provavelmente mais o resultado de ter por fim aperfeiçoado tanto a minha técnica como a qualidade do meu chocolate moldado, em grande parte por tentativa, erro e experimentação e o factor positivo que advém de trabalharmos com chocolate é que podemos comer os nossos erros.

Aquilo que originalmente despoletou tudo isto foi encontrar numa quermesse um molde metálico de ovos de Páscoa, dividido em duas partes, quando o meu meio-irmão Jake ainda era um rapazinho. Fiz muitos ovos de chocolate pequenos e coloquei-lhes no interior mensagens para o coelho da Páscoa, depois escondi-os por todo o apartamento e pátio para que ele e os amigos os descobrissem.

E enquanto os fazia comecei a pensar em bolinhos da sorte, que são divertidos, mas não muito apetitosos. A partir daí, foi apenas um pequeno salto até criar a linha de formas ocas de chocolate contendo «Desejos», como uma novidade para depois do jantar, e vendê-los em caixas de seis ou doze.

Os «Desejos» são sugestões ou pensamentos encorajadores, inspirados pela leitura de cartas dos anjos, que substituíram a minha anterior devoção pelo tarô, e tenho a certeza que cada pessoa irá automaticamente tirar da caixa o Desejo de Chocolate que lhe é adequado – os seus anjos-da-guarda encarregar-se-ão disso!

A princípio era um trabalho muito amador, mas agora os Desejos vêm em folhas impressas e as caixas foram especialmente concebidas para conter e proteger os chocolates em trânsito, porque grande parte das minhas encomendas chega pela Internet, através do meu *website*, ou através do boca a boca.

Actualmente, prefiro a cobertura de chocolate crioulo, o produto melhor e

mais caro que, para além de ser delicioso, também tem um brilho superior e um bom « paladar ». Atenuo o seu sabor na máquina que Jake baptizou como o « Banho » e depois, com um pincel de pasteleiro enorme, cubro os moldes feitos especialmente de policarbonato – moldes com o formato de anjos ou corações com asas – até conseguir uma concha suficientemente grossa. Quando estão frios, « colo » as duas metades com mais um pouco de chocolate, mas antes, coloco no interior um « Desejo ».

E sou muito mais feliz desde que comecei a ler as cartas dos anjos em vez das cartas do tarô! As cartas nunca parecem sair bem quando faço uma leitura para mim; e é frequente perguntar-me se o meu futuro teria sido diferente se não tivesse passado a vida em busca de sinais e prodígios antes de fazer alguma coisa.

Somos nós que fazemos os nossos futuros ou são os nossos futuros que nos fazem a nós? A minha avó, que era de ascendência cigana e que foi a primeira a ensinar-me a ler as cartas, dizia que elas apenas mostravam aquilo que o futuro *poderia* ser se o curso do presente se mantivesse como até ali; mas não tenho assim tanta certeza. No entanto, ela teria aprovado as cartas dos anjos, o que é mais do que o meu avô (a quem Jake e eu chamamos Resmungas por motivos óbvios) e Zillah, que é prima da avó, fazem.

Acredito mesmo em anjos e comecei a fazê-lo desde criança quando a minha avó – que, apesar das suas leituras do tarô, era profundamente religiosa – me garantiu que a figura alada que vislumbrei uma noite *era* mesmo um visitante celestial e não um produto da minha imaginação. (E a minha amiga Poppy também o viu, por isso tenho mesmo uma testemunha!)

Por que motivo um anjo iria aparecer a uma criança ímpia e por baptizar, filha do pecado, é algo sujeito a muitas conjecturas; a não ser que tivesse sido o meu anjo-da-guarda a fazer um aparecimento prematuro na minha vida, para contrariar a influência do Resmungas e colocar os meus pés no caminho certo. Mas, se foi isso, não me voltou a visitar desde aquela altura e sob aquela forma, apesar de por vezes eu conseguir ouvir o sussurrar suave de asas e sentir uma presença reconfortante, que é quase, mas não completamente, visível. E as cartas dos anjos... Talvez também tenha sido ele a guiar-me para elas?

A minha avó morreu quando eu tinha doze anos, mas ela também tentou ao máximo contrariar a influência do Resmungas, proibindo terminantemente qualquer tipo de cerimónia baptismal que envolvesse a irmandade dele; ou que eu fosse envolvida nos seus rituais, até atingir a idade em que poderia tomar uma decisão por mim mesma – um retumbante « Nem pensar! » Ela já tinha feito o mesmo pela minha mãe, apesar de, infelizmente, não lhe ter instilado qualquer código moral alternativo.

Naquela manhã de Fevereiro, quando baralhei as cartas macias e sedosas

dos anjos e as deitei na mesa da cozinha, elas previram uma mudança, mas também me asseguraram que acabaria tudo por correr bem; o que era uma grande melhoria em relação a ver-me frente a frente com o Enforcado ou a Morte, durante o pequeno-almoço de cereais, e a tentar interpretar a sua leitura como algo um pouco menos carregado de maldição do que a impressão inicial.

Rituais concluídos, fui acordar Jake, o que necessitou de algum esforço já que, aos dezoito anos, ele conseguia dormir por toda a Bretanha. Certifiquei-me que comia alguma coisa antes de sair para as aulas, todo vestido de preto, desde o cabelo oxigenado até às enormes botas de tachas metálicas, uma visão animadora para os seus professores numa segunda-feira de manhã.

Depois de ele sair com um animado « Adeus, mamã! », só para me provocar, verifiquei os meus *e-mails* para ver se tinha recebido encomendas de Desejos de Chocolate e imprimi-as, antes de atravessar a zona central da casa para observar o que é que o Resmungas andava a tramar. O nosso apartamento estava situado por cima das garagens, por isso a porta conduzia a um patamar superior, e raramente estava fechada, a não ser que Jake estivesse a ouvir música barulhenta.

Na cozinha, Zillah estava sentada à mesa junto dos restos do seu pequeno-almoço, a beber chá de folhas de Yorkshire e a fumar um cigarro fino, rugoso, enrolado à mão. Como era habitual, vestia uma saia comprida aos folhos, duas camadas de camisolas de lã, a do fundo vestida ao contrário, uma enorme bata sem mangas com um padrão de flores por cima de todo o conjunto, e o cabelo apanhado num lenço de uma cor berrante apertado como um turbante. O Resmungas diz que ela foi mordida pela Carmen Miranda na sua juventude e, depois de ter procurado o nome no Google, desconfio que ele possa ter razão. Hoje, os seus brincos vermelhos compridos fazem-na parecer como se tivesse prendido um par de cerejas em cada orelha, por isso o tema frutícola encontra-se definitivamente ali.

Ela olhou para cima – baixa, morena, com uma pele não muito enrugada, talvez mais dobrada sobre os olhos negros, brilhantes como os dos pássaros – e sorriu, revelando vários dentes de ouro cintilantes.

– Queres que te leia as folhas de chá? – ofereceu ela, hospitaleira.

– Não, obrigada, Zillah, para já não. Estou a ficar atrasada, demorei uma eternidade a acordar Jake e a pô-lo a caminho da escola. Mas trouxe-te outro frasco do meu creme para barrar de chocolate e gengibre porque ontem disseste que o teu estava quase acabado.

– Extradoce?

– Extradoce – concordei, pousando o frasco em cima da mesa.

É, na verdade, apenas recheio de cacau ralado e nata gorda fervida, com um pouco de ginja de conserva finamente cortada, para lhe dar aquele toque.

Não se aguenta durante muito tempo, mas pela maneira como Zillah o barra nas suas torradas não me parece que isso seja preocupante.

Zillah apareceu na soleira da porta no dia que se seguiu à morte da minha avó. Lera a notícia nas cartas e viera queimar a caravana da prima, metaforicamente falando, porque em vez disso teve de se contentar em queimar as roupas da avó, e alguns dos seus bens pessoais, numa fogueira no jardim.

O Resmungas não se mostrou surpreendido pelo aparecimento repentino de Zillah, como se tivesse estado à sua espera, e talvez até tivesse estado, porque, se calhar, as suas alegadas capacidades mágicas não são *mesmo* um produto da sua imaginação. Ela nunca dera qualquer indicação de que iria viver permanentemente connosco e no entanto continua aqui muitos anos depois, a cozinhar, a limpar e a tratar de nós, à sua maneira descuidada.

Estendeu-me uma chávena de chá acabado de fazer, colocou dois biscoitos *Jammie Dodger* no pires e disse:

– Podes levar isto ao Feiticeiro de Oz, querida?

– O Resmungas anda a tramar das suas, não anda? – perguntei, aceitando a chávena, porque, apesar de ele se mostrar taciturno e reservado nos seus melhores momentos, eu ainda o conseguia perceber. Apenas desejava que não estivesse prestes a efectuar uma enorme cerimónia de conjuração com a sua irmandade, dado que no passado a única coisa que haviam sido capazes de conjurar fora uma pneumonia dupla.

Zillah bateu na asa do nariz com os dedos que seguravam o cigarro e uma espiral fina de cinza caiu no seu pires vazio. Esperei que aquilo não fosse interferir com o seu futuro.

No escritório, o Resmungas estava sentado à sua secretária debruçado sobre um livro de magia, aberto num feitiço particularmente suculento, que ele devia estar a pensar experimentar quando o tempo melhorasse. (A irmandade praticava os seus rituais num bosque de carvalhos, tapados pelo céu, e nenhum deles estava a ficar mais novo.)

O seu cabelo longo e prateado estava dividido ao meio e uma espécie de tiara mantinha-o afastado de um rosto notável, com um par de penetrantes olhos cinzentos e um nariz adunco. O seu manto de veludo azul-escuro estava coçado nos cotovelos, de modo que se assemelhava mais a um John Dee^[1] do que a um Gandalf^[2], mas era uma aparência que combinava bem com os leitores dos romances de Dennis Wheatley, que ele escrevia sob o pseudónimo de Gregory Warlock. Há muitos anos que as vendas se encontravam estagnadas, excepto os livros comprados por um pequeno grupo de devotos, mas as suas obras passavam por um período repentino de fama renovada e todos os seus antigos livros estavam prestes a ser reeditados com as suas capas originais, muito extravagantes.

O Resmungas é uma daquelas pessoas muito irritantes que precisam de dormir muito pouco, de modo que de manhã, quando vou ver como está, normalmente já conseguiu escrever à mão um monte de páginas do seu manuscrito. Também é frequente receber muitas cartas, pois corresponde-se com pessoas igualmente doidas por todo o globo; e como a sua caligrafia é terrível, eu pego em tudo aquilo e passo-o a limpo no meu computador.

Quando era mais nova, houve uma altura em que pensava que o Resmungas era um verdadeiro charlatão. Podem imaginar como foi crescer numa pequena vila como Merchester com um parente que, para além de o parecer, se proclamava a cada palavra como sendo total e verdadeiramente doido. Por exemplo, a sua roupa excêntrica, os romances macabros e a sua obra definitiva acerca do significado mágico das linhas ley. (As linhas ley são linhas rectas que unem pontos de referência em terra e sítios de importância histórica e mágica.) Acrescentem a tudo isto rumores de rituais secretos e arriscados em bosques remotos e começarão a perceber onde quero chegar.

No entanto, à medida que crescia, comecei a perceber que ele acreditava mesmo naquilo que era e em quem era e depois isso deixou de me incomodar: se ele não se sentia embaraçado com isso, então eu também não tinha de me sentir.

Naquele momento, dirigi-me à sua secretária por entre um oceano de mapas desenrolados que cobriam a carpete, cada um deles atravessado por linhas azuis e vermelhas, que mostravam simultaneamente linhas ley já estabelecidas e algumas possivelmente novas. O som crepitante que emiti quando, inadvertidamente, pisei um dos mapas chamou a atenção do Resmungas para a minha pessoa.

– Ah, Chloe, acho que encontrei a solução para os meus problemas financeiros – anunciou ele na sua voz rica, educada, de colégio privado, parecendo verdadeiramente satisfeito consigo mesmo. Ele é parente afastado de um monte de pessoas benzocas, nenhuma das quais lhe voltou a falar desde que ele escolheu como mulher uma adivinha, que trabalhava num quiosque na extremidade do cais de Lancashire, numa época em que simplesmente ninguém *faria* uma coisa dessas.

– Oh, ótimo – respondi, encorajadora, pousando o chá no único lugar vazio entre o monte de tralha que ele tinha em cima da secretária.

– Sim, tive uma ideia e agi com ela em mente, assim que as nuvens da desorientação enviadas pelo Outro para confundir o meu raciocínio foram subitamente expulsas.

O Resmungas tem um rendimento privado, mas há seis anos pagou as enormes dívidas da minha mãe, depois do seu último e permanente acto de desaparecimento. Além disso, os seus investimentos já não são tão rentáveis como antes e até o recente contrato para quatro livros que o seu agente lhe

assegurou não será suficiente para cobrir todas as contas e ainda lhe permitir comprar livros raros e artefactos da maneira que ele parece achar ser seu direito de nascença. Até neste momento a sua secretária está cheia de catálogos de leilões que exibem *Post-it* brilhantes a marcarem coisas que lhe interessam.

– Ótimo – disse cautelosamente porque as boas ideias do Resmungas, tal como os seus feitiços, têm tendência para correr mal ou acabarem em nada. – Zillah leu-te as cartas e encontrou algo bom?

– Leu e previu mudanças.

– Ela prevê-as sempre. Pensar-se-ia que vivemos numa espécie de remoinho psíquico.

– Bem, com certeza *vai* haver mudanças, porque vou vender a casa e vamos mudar-nos para Sticklepond.

Eu começara a recolher as folhas de papel soltas, cheias de uma caligrafia inclinada, que eram o último capítulo do *Filho de Satanás*. Parei e olhei para ele.

– Vamos mudar-nos? Mas como é que isso pode ajudar? – Depois percebi. – Oh, estou a *ver*. Quer dizer, que tu e a Zillah vão mudar-se para uma casa mais pequena? Essa é uma boa ideia, porque agora que as vendas dos Desejos de Chocolate dispararam através da Internet, eu consigo facilmente manter sozinha uma casa para mim e para o Jake.

– Não, não – disse ele impaciente –, não vou mudar para uma casa mais pequena; na verdade, até é o contrário e há espaço para todos. Fui abordado há pouco tempo por um agente imobiliário, com uma oferta vantajosa por esta casa. Parece que alguém se apaixonou por ela, no exacto momento em que encontrei um anúncio de venda do Old Smithy em Sticklepond, que um amigo me enviou, e que por algum motivo ficou misturado entre alguns papéis. Tornou-se-me óbvio que era um *sinaleira* e assim sendo agi rapidamente.

Empurrou o livro de magia para o lado e estendeu-me o folheto que se encontrava debaixo dele. Mostrava um edifício baixo, parecido com um celeiro, situado longitudinalmente junto da estrada, com uma *cottage* pequena e antiga de um lado e uma casa vitoriana maior na outra extremidade, como dois suportes para livros desirmanados.

– É o museu de bonecas de Miss Frinton! – exclamei, reconhecendo de imediato o edifício porque, para além de se encontrar no cimo da estrada da Marked Pages, a livraria de livros em segunda mão gerida pelo meu amigo Felix também ficava quase do lado oposto do *pub*, onde me encontrava com ele e Poppy duas ou três vezes por semana.

– *Era*, embora é claro que não o seja há muito tempo... Tem estado vazio. Claro que antes disto eu já sabia que estava para venda, só que não tinha

percebido o seu significado. – Apontou para a casa maior com um dedo ossudo, enfeitado por um anel de prata maciço com um símbolo estranho. – Esta é a residência principal, onde viviam as Misses Frinton. Deve haver espaço suficiente para a minha biblioteca e para que Zillah tenha a sua própria sala de estar, tal como tem aqui. A divisão da frente da pequena casa na outra extremidade do edifício era o hospital das bonecas e tu e o Jake terão espaço suficiente para viver na parte de trás, embora vá precisar de algumas obras.

– Quando um agente imobiliário diz isso normalmente significa que está quase em ruínas.

Desejei que houvesse fotografias do interior da casa mais pequena, bem como da casa maior que se via no folheto.

– Não está em ruínas, apenas negligenciada. Costumavam alugá-la, por isso tem uma pequena cozinha com uma casa de banho por cima e dois quartos. É maior do que os teus aposentos actuais.

– Era difícil ser mais pequena – disse, embora é claro que, sem a minha mãe, tivéssemos mais espaço, em especial depois de eu ter encaixotado todas as suas coisas e ter empilhado as caixas no sótão do Resmungas no primeiro aniversário do seu desaparecimento. Mas desde que os Desejos de Chocolate tinham levantado voo que eu precisava mesmo de um espaço de trabalho independente.

– A casa também tem um jardim murado nas traseiras – acrescentou ele astuciosamente, porque sabia que eu desejava ter um jardim. Ali tínhamos apenas um pátio de gravilha e, apesar de eu semear muitas coisas em barris e vasos, bem como na minha minúscula estufa, incluindo ervas para cozinhados e para os rituais do Resmungas, legumes para saladas, morangos e uma pequena figueira, havia limitações... Em especial para a minha acarinhada e constantemente crescente colecção de gerânios aromáticos, naquele momento a passarem o Inverno em cada parapeito de janela disponível dentro do apartamento.

Rendi-me.

– A *cottage* está unida à casa principal através do Smithy Barn, o antigo museu das bonecas, e a minha intenção é abrir aí um museu – explicou o Resmungas –, um museu dedicado ao meu estudo da bruxaria e do paganismo. Poderei expor a minha colecção e aumentar o meu rendimento, matando assim dois coelhos de uma cajadada.

– Bem, os céus sabem que tens artefactos suficientes para encher dez museus, Resmungas! – exclamei. – Mas decerto que não serias tu a geri-lo? Não te estou a ver a vender bilhetes a um monte de visitantes!

– Não percebo porque não – disse ele, hesitante. – Apenas abrirei durante a tarde, das duas às quatro, e posso ter a minha secretária num canto e deixar os visitantes vaguearem livremente, enquanto continuo com o meu trabalho.

Zillah disse que também me dava uma ajuda.

– Mas se não te mantiveres atento aos visitantes, metade da tua colecção irá desaparecer!

– Oh, acho que não. Colocarei letreiros a referir que quaisquer ladrões serão amaldiçoados. De facto, até o posso mandar imprimir na parte de trás dos bilhetes.

– Isso vai cair muito bem – respondi, secamente.

– Deve ser suficiente. Se ignorarem o aviso, será por sua conta e risco. Claro que também terei à venda exemplares assinados dos meus livros, tanto os de ficção como os de ensaio.

Passada a minha primeira surpresa, a ideia começou a agradar-me.

– Sabes, acho que és capaz de ter razão, e poderá ser uma boa fonte de rendimento, porque desde que se descobriu a ligação de Shakespeare a Winter's End que hordas de turistas se dirigem a Sticklepond. Pelo menos, nos últimos tempos abriram na aldeia um café e duas lojas de *souvenirs* e o comércio de passagem na livraria de Felix está muito melhor. Também existe uma forte história de feitiçaria naquela região.

– Exacto! E além disso – acrescentou ele, como um argumento decisivo –, o Old Smithy situa-se na junção de duas importantes linhas ley; por isso foi tão astutamente obscurecido da minha visão pela malevolência do Outro. Até pode existir uma terceira... Estou a trabalhar nisso.

– Imagino que a conjunção das linhas ley tenha sido um grande atractivo comercial que os agentes imobiliários se esqueceram de referir – disse, ignorando a segunda referência a um oponente misterioso e malévolo que era provavelmente apenas produto da sua imaginação.

Ele lançou-me um olhar sério por cima dos óculos em meia-lua.

– A sua posição única impregna o lugar de energia mágica, minha querida Chloe, e como a área do museu é grande, a minha irmandade pode reunir-se ali sem que haja qualquer diminuição da sua intensidade. O reumatismo afectou um ou dois dos nossos – acrescentou ele, de modo mais prosaico – e eles sugeriram que nos mudássemos para um ambiente dentro de portas.

– Sim, estou a ver que o museu seria o ideal, desde que pusesses cortinados bons e grossos – concordei distraída, ainda a digerir mentalmente toda a ideia da mudança. – No entanto, e o Jake? Ele vai ter de acabar o secundário e não vai querer mudar-se para longe dos amigos, pois não?

Embora, agora que pensava naquilo, um novo início numa nova aldeia pudesse ser uma excelente ideia para o meu irmão terrivelmente activo. Ele já ultrapassara as suas partidas infantis, mas seria para sempre «aquele fedelho de Satanás» para os habitantes de Merchester que foram suas vítimas.

– Jake pode levar o meu carro emprestado para as aulas até fazer os exames finais e depois é claro que vai para a universidade – disse o Resmungas. – Ele

gosta do velho *Saab* por algum motivo. Nas férias, pode ajudar-me no museu e eu pago-lhe.

O Resmungas parecia ter pensado em tudo.

Baixei os olhos para o folheto. Uma casa minha com um jardim, separada do meu avô pela extensão de um museu e com espaço para o meu negócio dos Desejos de Chocolate soava-me ao paraíso...

– Então, já viste a propriedade e fizeste uma oferta, Resmungas?

– Sim, claro... E as pessoas que querem comprar esta casa também já a vieram ver, embora na altura não estivessem. Achei que devia esperar até estar tudo assinado e selado antes de te dizer.

– Eu não estava mesmo nada à espera disto!

– Se continuares a ler as cartas dos anjos em vez do tarô... Cartas dos anjos, bah!

– Elas parecem resultar contigo, Resmungas.

– Aparentemente, não resultam muito bem. Zillah viu as mudanças e já decidiu quais as divisões que quer da nova casa.

Se Zillah sabia e aprovava, então, na verdade, não havia mais nada a dizer: parecia que os Lyon iam mudar-se. Lembrei-me de uma coisa.

– Quando a minha mãe deixar de fingir que está morta e regressar, como é que nos vai encontrar?

– Com muito azar da nossa parte – respondeu ele, sombriamente.

Filho de Satanás

De regresso ao apartamento, com muito em que pensar e um capítulo do *Filho de Satanás* e três cartas para passar a limpo, encontrei Zillah ainda na cozinha a remexer qualquer coisa com um cheiro saboroso numa panela grande. A gata, *Tabitha*, estava enrolada à volta do seu pescoço, como uma gola de pêlo negro, a cauda praticamente enfiada no guisado.

Possivelmente, a higiene não era um dos pontos fortes de Zillah, mas nem ela nem o Resmungas (nem sequer *Tabitha*) pareciam sofrer de efeitos nefastos. Pensando nisso, nem eu nem Jake, porque, embora eu cozinhasse algumas coisas no nosso apartamento, partilhávamos muitas refeições. Devíamos ser todos imunes.

– Zillah, se tiveres tempo, talvez fosse melhor leres-me as cartas – sugeri. – O Resmungas acabou de me dizer que nos vamos mudar.

Em silêncio, Zillah baixou a chama e colocou uma tampa em cima da panela, depois foi buscar o seu baralho de cartas de tarô e estendeu-mo para eu o baralhar. Senti-as frias sob os dedos, macias como uma cobra e quase vivas.

– Podes lê-las tu mesma – resmungou ela quando lhas voltei a entregar, mas começou a deitá-las num padrão familiar em cima da mesa. A gata, entediada, soltou-se e afastou-se, erguendo a cauda como uma escova que já vira melhores dias.

– Sabes que desisti de as ler para mim, porque parecia que nunca conseguia boas notícias. Acho que simplesmente não consegui aguentar ver outro desconhecido moreno destinado a entrar na minha vida e a trazer-me mudança, porque isso nunca acaba bem – acrescentei num tom sombrio.

Teria sido verdadeiramente útil se as cartas me tivessem alguma vez dado algumas pistas a dizer se essas mudanças seriam boas ou más, em especial em relação ao meu ex-noivo David.

– Está tudo na leitura e no modo como a interpretas, Chloe, sabes isso – disse Zillah. – Não tens de fazer uma profecia gratificante.

Meditei intrigada no que ela acabara de dizer, enquanto ela lia as cartas que mostravam o que se passava actualmente na minha vida.

– Hmm... Não há aqui surpresas, nem haverá se continuares pelo teu percurso actual. – Virou mais cartas e pensou.

– Mas o meu percurso está prestes a ser alterado, não está? Para além de nos irmos mudar, Jake também irá para a universidade mais lá para o final do ano.

O papel de mãe do meu meio-irmão fora-me praticamente lançado sobre as costas e eu fizera o meu melhor, dividida entre o amor e o ressentimento,

mas, apesar de adorar Jake, não posso dizer que não estava a gostar da ideia de poder ficar de novo sozinha.

O facto de a minha infância ter sido feliz e segura era inteiramente devido à minha avó, mas Zillah, apesar de ser amável e afectuosa, parecia ter nascido sem um único gene maternal e não podia ocupar o seu lugar. Isso não impedira a minha mãe de pensar que Zillah podia facilmente assumir o papel da minha avó como uma substituta materna quando fugira com o seu último amante, mas *ela* também não tinha o gene maternal.

Pelo menos, Zillah amava-nos à sua maneira, embora, e tal como o Resmungas, não achasse as crianças terrivelmente interessantes até elas serem capazes de manter uma conversa.

– Não diz aí nada acerca de a minha mãe voltar a aparecer, pois não? – perguntei, seguindo esta linha de raciocínio. – Seria mesmo dela voltar de repente, agora que não tem de arcar com mais responsabilidades, depois de o Resmungas ter pago todas as suas dívidas e sendo Jake um adulto.

A minha mãe começara a passar cada vez menos tempo no apartamento até que, por fim, desaparecera por completo num cruzeiro pelas Caraíbas seis anos antes; actualmente, todos presumiam que estivesse morta, excepto a sua família. *Nós* presumíamos que ela estivesse a fornicar em climas mais ensolarados, apesar de desta vez a sua ausência estar a ser invulgarmente prolongada. O seu desaparecimento também coincidira com a altura em que David me deixara: causa e efeito.

Zillah ignorou-me, virando as cartas que mostravam o que estava a acontecer com as minhas relações, que não era muito para além de uma relação fraterna e platónica com o meu velho amigo Felix Hemmings, o livreiro de Sticklepond. Através da fina espiral de fumo do seu último cigarro, comecei a ler automaticamente os significados de pernas para o ar e resmunguei.

– Oh, não, *por favor*, não me digas que outro homem vai mesmo entrar na minha vida? Não o consigo aguentar!

– Talvez até mais do que um – disse ela, de testa franzida. – Talvez haja algum assunto por resolver, com alguém que conheceste antes?

– Nem pensar! Agora que percebi que me encontro nalgum interminável círculo de amor e rejeição, nem sequer vou andar à *procura* de outro homem.

– Não podes chamar a duas relações falhadas um círculo interminável, Chloe.

– Duas? Esqueceste-te do Cal, ou do Simon ou... – interrompi-me, incapaz de me recordar dos rostos, quanto mais dos nomes, de alguns dos meus namorados mais fúgezes.

– Não mencionei *homens*, mas, de qualquer maneira, é óbvio que não valem a pena recordar. E podemos evitar que o amor nos atinja? – Tocou pensativa

numa carta, que representava uma torre atingida por um relâmpago.

– Podemos, se nos atingir duas vezes – repliquei. – Mas mesmo que me sentisse tentada a ter outro namorado depois de David me ter deixado, eles não estavam preparados para aceitarem também Jake. Ele é a derradeira barreira para o amor.

Estremeci, ao lembrar-me de algumas das hediondas partidas que o meu inventivo meio-irmão arranjara ao longo dos anos para se livrar dos meus namorados. Tinha a certeza que o Resmungas dera uma mãozinha nos truques mais endiabrados.

– Era uma barreira mas agora já é um adulto e, assim que estiver na universidade, terá outras coisas em que pensar.

– Pois terá... e parece que se passaram apenas cinco minutos desde que também eu fui para a universidade – disse, com um suspiro triste, já que aquela fora a minha única e abortada aposta na independência, um ano depois do nascimento de Jake. Fora demasiado fácil para a minha mãe ausentar-se durante períodos cada vez mais longos, deixando-me literalmente com o bebé nos braços, mas eu pensara que, se ela não se pudesse apoiar em mim, então ver-se-ia forçada a ficar em casa e a comportar-se como as outras mães.

Como estava enganada! Voltei no final do primeiro período para descobrir que ela largara o bebé nas mãos relutantes de Zillah, deixando-me um bilhete rabiscado em que dizia que não fazia ideia de quando voltaria. Jake ficou comoventemente feliz por me ver, fazendo-me sentir culpada por ter estado tão envolvida no meu caso amoroso com Raffy que há semanas que mal pensava nele. O Resmungas e Zillah também ficaram felizes por me terem de volta, mas naquela altura era *eu* que necessitava dos cuidados carinhosos de uma mãe, em vez de ter sido eu a ocupar esse lugar.

Mas, surpreendentemente, no final, Zillah mostrou ser uma torre de força quando eu mais precisei de uma...

Voltei a olhar para a disposição das cartas e perguntei esperançosa:

– O futuro *pode* ser alterado, Zillah?

– As pessoas podem mudar e assim o futuro também muda. Ou talvez o verdadeiro futuro se mantenha fixo, sendo o outro apenas um aviso para nos colocar no caminho certo do nosso destino. – A sua mão retorcida estendeu-se e virou as últimas cartas. – O teu futuro tem possibilidades interessantes.

– O quê, queres dizer interessantes no sentido chinês de maldição?

– Bom, o que é que os anjos te andam a dizer? – perguntou ela, num tom agreste.

– Que há uma mudança a caminho, mas que no fim irá correr tudo bem.

– O que quer que signifique «bem», Chloe. – Juntou as cartas, bateu-as bruscamente três vezes e envolveu-as num pedaço de seda escura.

De regresso ao apartamento senti-me perturbada, o que dificilmente poderá ser considerado surpreendente quando uma série de recordações dolorosas, saídas de uma verdadeira caixa de Pandora, continuavam a escapar do local onde eu pensara que estavam firmemente trancadas; recordações não apenas do meu primeiro amor, Raffy, que mesmo passados tantos anos evocava sentimentos de perda e traição demasiado dolorosos para os voltar a reviver, mas também do meu ex-noivo, David.

Tínhamo-nos conhecido num requintado bar de vinhos de Merchester e ele parecera-me tão diferente de qualquer um dos meus outros namorados de curta duração. Para começar, era alguns anos mais velho, sólido e fiável. Andaria eu à procura de uma figura paternal, já que nunca tivera uma? Era sócio de um gabinete de arquitectos, por isso estava mais do que bem instalado na vida e até as tentativas de Jake para se ver livre dele (culminando na praga de ratos verde-florescente no seu apartamento – não faço a mínima ideia como é que ele conseguiu aquilo) só o tornaram mais silencioso e paciente. Disse que Jake iria crescer, e crescera, mas só depois de a presença de David nas nossas vidas ter passado à história.

E no fim *acabara* por ser Jake o factor decisivo. Era estranho eu ter permanecido cega ao facto de David ser tão ciumento da minha relação com o meu meio-irmão até àquele último dia, apenas umas duas semanas antes do nosso casamento. Também presumira que ele compreendia que, sempre que a minha mãe estivesse fora, Jake ficaria connosco depois de estarmos casados, pelo menos durante os primeiros anos. Mas, como é frequente Zillah dizer, os homens não compreendem nada a não ser que lhes seja soletrado numa língua muito simples.

– Jake podia viver com o teu avô e a sua governanta – sugeriu David, quando Jake tinha doze anos e a minha mãe acabara de executar o seu último desaparecimento.

Deixei o « governanta » passar, pois apesar de Zillah não ser decerto isso, o seu papel nas nossas vidas desafiava qualquer definição.

– É difícil que isso venha a acontecer, David! Os serviços sociais não vão aceitar de bom grado que um rapaz de doze anos viva com um feiticeiro, pois não?

– Ora, Chloe, não exageres. Tu sabes que isso é apenas um *nom de plume* que ele adopta para os seus livros. Pode ser um pouco excêntrico, mas toda a personagem... – Sorriui indulgente, os dentes muito brancos contra o rosto bronzeado e atraente. – É um truque publicitário, não é?

– Não, ele é mesmo assim. Estou sempre a dizer-te.

– A seguir vais dizer que a tua mãe é bruxa, Chloe, e que partiu montada na sua vassoura.

– Oh, não, ela nunca mostrou quaisquer inclinações nesse sentido e, embora

Jake esteja interessado em feitiçaria, por sorte é apenas de um ponto de vista histórico. É uma pena que a minha avó não esteja viva para me ajudar a criá-lo, mas ele não é um rapaz muito mau, é apenas activo.

David encolheu os ombros.

– O quê? Tu *gostas* dele, foste tu mesmo que o disseste!

– Sim, claro que gosto, mas isso não significa que queira viver com ele. E não há nenhum motivo para teres de sacrificar toda a tua vida para criares o teu meio-irmão, pois não? A adopção poderá ser o melhor para ele.

– *Adopção*? Nem acredito que tenhas sugerido uma coisa dessas!

Olhei-o com novos olhos.

– De qualquer maneira, será no máximo apenas durante algumas semanas, até a minha mãe voltar. O período de tempo mais longo que esteve ausente foi de três meses.

A expressão de David suavizou-se e abraçou-me.

– Querida, tens de aceitar que desta vez ela não vai voltar... Morreu. Sei que é difícil, mas olha para os factos.

Os factos como Mags, a amiga da minha mãe, os reportara eram que ela se limitara a desaparecer uma noite de um navio de cruzeiro que as levava a várias ilhas das Caraíbas (umas férias que Mags ganhara, já que era um ás a fazer slogans publicitários).

– A Mags está a mentir e ela não morreu – expliquei. – Está provavelmente algures na Jamaica com um homem e, quando se cansar disso, vai voltar. Ela tem um limiar de tédio muito baixo.

– Olha, querida, ela foi vista a bordo do navio na noite a seguir a este ter partido da Jamaica, não foi?

– Viram alguém de cabelo escuro, e que usava um dos seus vestidos mais vistosos, mas suspeito que fosse Mags.

– Mas a amiga da tua mãe é loura... E porque raio é que ela se daria a tanto trabalho?

– Uma peruca? Era frequente a minha mãe usar uma quando tinha o cabelo sujo. E elas tinham o hábito de se encobrirem uma à outra.

– Vá lá, Chloe! Olha, já se passaram várias semanas e acho que, por mais difícil que seja, tens de aceitar que ela bebeu demasiado... que como sabes era um dos seus defeitos... e caiu borda fora a altas horas da noite, sem que ninguém reparasse. Desta vez, não vai reaparecer como se nada tivesse acontecido. O que nos traz de novo ao que fazer a Jake.

– Não há nada a fazer, porque estás errado. Estou à espera que ela volte a tempo do nosso casamento, mas, se não voltar, então o Jake pode viver connosco, não pode? Quer dizer, tu percebeste que isso iria acontecer sempre que a minha mãe não estivesse, não percebeste?

David demorou a responder, provavelmente imaginando o caos que um

rapaz muito activo poderia causar à sua vida imaculadamente organizada e ao seu apartamento branco e minimalista. Sem ter essa intenção, eu já o começara a fazer enquanto cozinhava galinha com *mole* de cacau na sua cozinha: o chocolate *parece* enfiar-se por todo o lado... E era evidente que ele não compreendia a força dos laços existentes entre mim e Jake.

– Gostaria que fôssemos só os dois, pelo menos durante algum tempo, querida – acabou ele por dizer. – Tens de aceitar que ela não vai voltar e que será necessário fazer outros preparativos mais permanentes. Quero dizer, o teu avô tem um rendimento privado, não tem? Ele podia enviar o Jake para um colégio interno.

– Não me parece que o seu rendimento privado seja assim tão grande; e, de qualquer maneira, Jake iria odiá-lo. Sempre fui para ele mais mãe do que a nossa própria mãe. Eu sou a segurança na sua vida e isso apenas seria outra traição. E todos os seus amigos estão aqui em Merchester.

– Então ele odiaria ser levado para um apartamento na cidade, não odiaria? – respondeu David rapidamente.

– Sim, mas nós estamos a pensar procurar uma casa no campo a partir da qual tenhas facilidade de transporte para ires trabalhar. Isso pode ser algures por aqui, não pode?

– Eu quis dizer *muito* mais tarde, quando quisermos uma família. Gostaria de te ter só para mim durante algum tempo. De qualquer maneira – acrescentou com um sorriso amargo no rosto atraente –, começo a pensar que sou alérgico ao campo, porque fico com esta maldita urticária de cada vez que visito Merchester.

– Não se pode chamar propriamente campo a Merchester – observei, mas era verdade o que ele estava a dizer quanto àquela urticária misteriosa, porque mesmo naquele momento uma vermelhidão inflamada começava a subir-lhe pelo colarinho da camisa.

Lembrei-me que tinha de falar ao Resmungas acerca daquilo... Ele e David não gostavam muito um do outro, sobretudo porque David lhe falava como um adulto a fazer a vontade a uma criança: um *grande* erro. Também tinha tendência para utilizar aquele tom de voz com Jake; e, na opinião de grande parte dos habitantes locais, este nem era mesmo uma criança, apenas uma das pestes de Satanás.

– Olha, Chloe, eu não posso mesmo viver com o teu irmão. Não é justo pedires-me uma coisa dessas. – Passou os dedos pelos caracóis castanho-escuros e bem penteados, com uma expressão distraída, o que me mostrou como estava perturbado. Até abriu a gravata de seda... credo! – Vais ter de encontrar alguma outra solução – anunciou, determinado.

– Continuo a dizer-te que a minha mãe não morreu! – disparei, perdendo a paciência. – Ela anda sempre a desaparecer, mas acabará por voltar. Li as

cartas e sei que tenho razão. Além disso, Zillah também as leu.

Mas, apesar de as cartas nos terem dito que a minha mãe estava viva, elas não podiam, é claro, mostrar onde é que ela estava ou durante quanto tempo continuaria desaparecida.

– É o Jake ou eu – disse ele em voz baixa.

– Mas, David...

– Amas-me?

– Sim, claro – respondi, e amava apesar de não o amar com a paixão abrasadora do meu primeiro amor. – Mas...

– Eu ou Jake – repetiu ele. – Não quero ser duro, mas simplesmente não ia resultar tê-lo a viver connosco... E decerto que não me vou mudar para aqui, que com certeza era aquilo que ias sugerir a seguir.

– Bem, sim, mas isso seria apenas até a minha mãe voltar.

Ele soltou um suspiro longo e sofrido.

– O que não vai acontecer.

Vestiu o casaco, que estivera impecavelmente pendurado nas costas de uma cadeira na zona caótica da cozinha do apartamento, onde a parafernália do meu negócio dos Desejos de Chocolate cobria cada superfície. De facto, havia uma mancha brilhante de cobertura numa das suas mangas imaculadas, mas decidi não lho dizer.

– O casamento é daqui a menos de quinze dias, por isso é melhor decidires-te depressa, Chloe, não achas?

– Não podes estar mesmo a dizer que vais acabar com tudo desta maneira, pois não, David?

– Estou sim. Faz outros planos para Jake ou podes desistir do casamento.

Eu ainda não acreditava completamente que ele estava a falar a sério e talvez o tivesse tentado acalmar um pouco, mas nesse momento distraí-me ao ver o próprio fedelho de Satanás pela janela. Parecia estar a fechar o capô do carro de David... Mas não, David tinha sempre tanto cuidado a trancá-lo, como é que Jake poderia...?

A porta bateu atrás de David e ele atravessou o carreiro de gravilha e entrou no seu carro desportivo sem, tanto quanto eu conseguisse ver, dizer uma palavra ou olhar para Jake, que se encontrava inocentemente por ali com as mãos atrás das costas.

O motor rugiu, começou a funcionar e depois tossiu um pouco, antes de o carro descer a encosta acelerado. Soava bastante mal; eu ficaria surpreendida se ele conseguisse chegar a casa sem se ir abaixo.

E não conseguiu. Quando por fim chegou, ligou-me furioso.

– Foi aquela criança que o fez... e esta foi a última gota, Chloe. Estou a falar a sério. Faz outros planos para ele ou é a última vez que ouves falar de mim.

Foi assim que aconteceu e, apesar de ter ficado de coração destroçado,

também me senti aliviada por ter descoberto como ele era ciumento do meu amor por Jake antes de termos casado. Eu já sabia que ele se ressentia da minha proximidade com os meus velhos amigos Felix e Poppy, mas pensei que acabasse por ultrapassar isso. Engraçado como se pode ser tão cego, não é?

Cancelei o casamento, o que foi simultaneamente dispendioso e difícil numa fase tão adiantada, resignei-me a ser uma solteirona perpétua e voltei à minha vida anterior. Só que daquela vez a minha mãe *não* voltou. E o pior de tudo é que nenhum de nós sentia a sua falta.

Desejos de Chocolate

Fui de novo lançada no presente ao perceber que a Radio Four estava agora traçoeiramente a passar «Darker Past Midnight», mais outra das malditas músicas de Raffy! Não haveria maneira de lhe escapar?

Ouviamo-la por toda a parte desde que fora usada como banda sonora num filme. E continuam a passá-la como música de fundo de um muitíssimo popular anúncio de carros – aquele em que o homem conduz sozinho, de noite, quando de repente surge uma rapariga, sentada ao seu lado, e não se percebe bem se ele a está a imaginar ou se ela é um fantasma...

Daquela vez era a música introdutória de uma história sobrenatural, por isso é óbvio que nenhuma estação de rádio é segura. Mas, apesar disso, o som odiado fez-me regressar ao presente, porque estar ali sentada a afundar-me num pântano turvo de memórias indesejadas, a sentir-me como uma das rejeitadas do amor, não me ia levar a lado nenhum.

O meu primeiro impulso (para além de desligar o rádio) foi telefonar à minha melhor amiga, Poppy, que juntamente com a mãe dirige um picadeiro chamado Stürups, mesmo no exterior de Sticklepond, e contar-lhe a notícia da mudança. Mas era provável que ela estivesse a dar uma aula, ou tivesse saído num passeio a cavalo e, mesmo que assim não fosse, metade das vezes ela esquece-se de levar o telemóvel, ou este não funciona porque o deixou cair num balde de água.

Felix, o meu outro melhor amigo, ia naquele dia a um leilão para comprar mais livros para os quais não tinha espaço. A Marked Pages estava a rebentar pelas costuras.

Assim, acabei por fazer aquilo que fazia sempre na altura: passei a limpo no computador as cartas do Resmungas, coloquei-as dentro de envelopes prontas para serem enviadas e depois comecei a fazer o mesmo com o último capítulo do *Filho de Satanás*.

O novo episódio era surpreendentemente empolgante, com uma parte muito assustadora em que o herói feiticeiro alto, moreno e sedutor (que, devido à sua descrição pormenorizada, me parecia espantosamente parecido com as fotografias do Resmungas quando jovem) se encontrava no interior do pentagrama com uma besta demoníaca verdadeiramente maléfica a testar os seus limites e a tentar entrar.

De facto, a cena era tão realista que comecei a perguntar-me se o Resmungas... Mas não, *decerto* que não? Ele tinha apenas uma imaginação fértil, apenas isso, como provado pelas suas constantes insinuações, que algum rival misterioso estava a lançar-lhe setas e fisgadas de magia injuriosa; o que, provavelmente, como Zillah dizia, era «todos os meus olhos e os de Betty

Martin» (mas não me perguntem quem é Betty Martin, porque não faço a mínima ideia).

Mas fiz uma nota mental para que, assim que nos mudássemos para o Old Smithy, ter o cuidado de não entrar na área do museu quando a irmandade se reunisse. Talvez eu pudesse fazer um pequeno letreiro para o Resmungas pendurar na porta de acesso, entre a *cottage* e o celeiro:

NÃO INCOMODAR FEITIÇO EM PROGRESSO

Sou uma dactilógrafa rápida, por isso não demorei muito tempo a escrever tudo. Depois imprimi o manuscrito, pronta para lho levar na manhã seguinte quando fosse buscar a próxima fornada.

Tornei-me uma espécie de secretária particular do Resmungas assim que regresssei daquele desastroso primeiro semestre na universidade. Dava-me qualquer coisa com que ocupar a cabeça, enquanto tomava conta de Jake e esperava que a minha mãe regressasse da sua última paixoneta; e evitou que me preocupasse com o meu futuro e com aquilo que poderia acontecer quando Raffy recebesse a minha carta em que lhe contava tudo...

Obriguei a minha mente a regressar de outra viagem sem sentido pela ladeira das recordações e pensei que me estava a sair muito bem sem namorado durante os últimos anos. Entre as minhas bênçãos, eu tinha bons amigos (OK, apenas dois, Felix e Poppy, mas é a *qualidade* da amizade que conta, não a quantidade) e uma vida social, embora essa se resumisse sobretudo a encontros com eles em Sticklepond, no Falling Star.

Também acho que não fiz um mau trabalho a criar Jake, considerando a sua personalidade activa; a polícia nunca apresentou queixa, mesmo quando ele pintou de azul a estátua de Arbuthnot, situada em frente da Câmara Municipal. (Por sorte, houve uma enxurrada pouco depois e, como a tinta ainda não estava completamente seca, lavou a maior parte.)

E assim o ditado «Quem precisa de homens, quando se tem chocolate?» era *literalmente* verdadeiro no meu caso, já que ao descobrir uma paixão por chocolate, e depois ao constituir o meu bem sucedido negócio de Desejos de Chocolate, decerto que voltara a colocar a cobertura no bolo ligeiramente aborrecido da minha vida.

Mal sabiam os clientes dos meus chocolates caros que estes eram praticamente batidos na mesa de cozinha, na extremidade da nossa sala de estar. Eu fazia grandes fornadas de conchas de chocolate e era frequente passar noites inteiras sentada a colocar os Desejos no interior destas e a selar as duas metades com chocolate derretido e suavizado (porque, se não se usa

chocolate suavizado, fica-se com uma linha branca à volta do ponto de junção). Tinha a televisão como companhia se Jake tivesse saído com amigos, ou estivesse fechado no seu quarto, a fazer o que quer que os rapazes adolescentes fazem – e o que quer que isso fosse, é provavelmente *muito* melhor as suas irmãs mais velhas não saberem nada a esse respeito.

O apartamento – e provavelmente, também eu – cheirava sempre deliciosamente a chocolate. Talvez fosse por isso que Felix, que gostava de doces, começara a olhar para mim sob uma nova luz, um pouco mais apreciadora... Seria imaginação minha? No entanto, infelizmente, achava que não o era. A primeira vez que reparei nisso foi, mais ou menos, na altura em que o Resmungas me deu aquele feitiço para o chocolate, alegadamente de origem maia, o qual devia ser dito sobre o frasco de chocolate a derreter, e o negócio disparou como um foguetão; embora, como já disse, tenha a certeza de que essas duas coisas nada tinham a ver uma com a outra: era simplesmente o meu trabalho árduo a dar frutos.

De qualquer maneira, só tinha parte do feitiço. O Resmungas estava a tentar decifrar o resto, que estava escrito numa espécie de espanhol antigo e ele especializara-se em línguas mortas e enterradas em Oxford. Uma das cartas que acabara de escrever era para um arquivista em Espanha, que encontrara o documento original entre uma colecção de papéis que estava a catalogar, apesar de, tal como o Resmungas, o seu principal interesse serem as linhas ley.

Como eu acabara de fazer uma nova fornada de Desejos, tinha o suficiente para me entreter durante algum tempo, por isso embalei e rotulei as encomendas daquele dia para as enviar mais tarde com o correio do Resmungas.

Durante todo o tempo em que estive a trabalhar pensara no Old Smithy e na pequena casa que seria só para mim assim que o Jake partisse para a faculdade, e em especial naquilo que poderia plantar no jardim murado. Decerto que uma enorme variedade de ervas e, se houvesse espaço para uma estufa maior, também poderia criar gerânios aromáticos durante o Inverno e assim teria mais variedades. A espécie dos pelargónios era a minha paixão mais recente. Havia tantos tipos diferentes que eu ainda não tinha... até havia um que, supostamente, cheirava a chocolate!

E iria ter floreiras de jacintos e aqueles narcisos pequenos, pregueados, no início da Primavera, alfazema e rosas, nastúrcios, bocas-de-lobo e malva-rosa... A minha mente corria enlouquecida com as possibilidades horticolas.

Mas ainda não conseguia imaginar o Resmungas a dirigir um museu, mesmo que fosse um de feitiçaria! Ele não era de modo algum sociável e, além disso, tinha mais de oitenta anos e hábitos muito enraizados, por isso eu estava à espera que acabasse por ser Zillah a recolher o dinheiro das entradas e a vender os bilhetes. Mas como ela estava habituada a trabalhar num

quiosque de leituras de tarô, no pontão do Lancashire com a minha avó, eu calculava que ela se ia dar ali como um peixe na água, em especial porque, ao contrário do Resmungas, era altamente inquisitiva a respeito das pessoas.

Talvez pudesse fazer à margem algumas leituras de tarô e arranjar para si mesma um belo pé-de-meia?

Jake veio por breves instantes a casa para comer e mudar de roupa antes de voltar a sair para uma festa de aniversário de alguém que fazia dezoito anos. Zillah dera-me um pouco de *goulash*, pois fizera litros daquele guisado, e foi isso que comemos juntamente com pão estaladiço. Não falei da cauda de *Tabitha* a Jake, porque esperei que *talvez* não tivesse entrado na panela do guisado. De qualquer maneira, o *goulash* sabia muito bem.

A seguir comemos tarte de amoras silvestres, acabada de sair do frigorífico, com gelado; e depois, enquanto Jake enchia qualquer espaço livre interior que lhe restava com umas duzentas e cinquenta gramas de queijo de Lancashire (ele é um poço sem fundo no que se refere a comida), dei-lhe a notícia da nossa mudança iminente para Sticklepond.

Ele parou de enfiar comida na boca e olhou para mim, por entre o seu cabelo grosso, de um preto-azulado. Quando não está pintado, é da mesma tonalidade castanho-escura do meu e a nossa compleição é bastante parecida, exceptuando os seus olhos castanhos. Os meus são tipicamente cinzento Lyon.

O pai de Jake era um empregado de mesa italiano que a minha mãe conheceu numas férias, enquanto o meu era Chas Wilde, o antigo director de uma trupe de dança do tipo Pan's People^[3], onde ela actuou durante o final dos anos de 1960 e o início da década de 1970, juntamente com as suas amigas Mags (mãe de Felix) e Janey (a de Poppy). A minha mãe contou-me que apenas me teve como uma garantia depois de as Wilde's Women (assim se chamava a trupe) se terem separado, já que Chas era casado e assim pagou-lhe sem se queixar para que ela mantivesse o gato – ou o bebé – enfiado no saco.

Mas nenhuma das três era muita boa no que se referia ao aspecto maternal e, provavelmente, é por esse motivo que Felix, Poppy e eu temos um laço de amizade tão forte; sempre olhámos uns pelos outros.

Jake recomeçou a mastigar, engoliu e depois disse:

– Há séculos que o Resmungas me mostrou a brochura do agente imobiliário e perguntou-me o que é que eu achava do Old Smithy. No entanto, nunca pensei que ele o fosse comprar. Apenas pensei que estava interessado, porque fica no cruzamento de duas importantes linhas ley.

– Sim, essa parece ter sido a sua principal motivação – admiti –, mas ele também recebeu uma boa oferta por esta casa, muito mais do que ela vale. Sabias que ele também tenciona reabrir o Old Smithy como um museu? – E

contei os planos do Resmungas.

– Então, nós os dois vamo-nos mudar para a *cottage*? Como é que vou para a faculdade a partir de Sticklepond? Posso levar o teu carro emprestado?

– Nem pensar! Mas o Resmungas disse que podes usar o *Saab*.

– Ainda melhor. Parece estúpido no teu *Fiat* bebé.

– Vou tentar arranjar a chave do Old Smithy para amanhã e vou até lá dar uma vista de olhos, apesar de achar que nada daquilo deve ser terrivelmente moderno. Uma divisão do piso inferior foi transformada na montra do hospital de bonecas da Aimee Frinton.

– No *quê*?

– Uma das irmãs Frinton arranjava bonecas e ursos de peluche. Costumavam existir muitos hospitais de bonecas antes dos brinquedos baratos, feitos em fábrica, terem tomado conta das coisas. O Resmungas acha que seria perfeito para os meus Desejos de Chocolate e até os poderia vender directamente ao público, se quisesse.

– Também estás quase em frente da loja do Felix – salientou Jake de uma maneira casual, que não me enganou de modo nenhum –, por isso podes vê-lo muitas mais vezes.

– Eu já o vejo muitas vezes – respondi, suavemente.

Tendo dado o seu melhor para se livrar de potenciais pretendentes durante anos, Jake começara agora a tentar juntar-me a Felix – talvez tivesse sido aí que Felix fora buscar a ideia? Desconfiei que era isso, porque Jake estava prestes a voar do ninho e sentia-se culpado por me deixar sozinha, mas mal sabia o quanto eu estava ansiosa por passar algum tempo comigo!

De qualquer maneira, era inútil porque eu simplesmente não conseguia sentir nada assim em relação a Felix – para mim, era como se pertencesse à família. As Wilde's Women acabaram no início da década de 1970, quando subitamente Janey casou e nasceu Poppy e depois, como já contei, a minha mãe teve-me pelas suas próprias razões dúbias. Felix era alguns anos mais velho, tendo sido o erro de adolescente de Mags, por isso sempre fora para nós a figura protectora de um irmão mais velho.

E era por isto que eu amava o meu amigo como um irmão, o meu irmão como um filho e a minha mãe... de maneira nenhuma. É assim tão surpreendente ter sempre problemas com as minhas relações amorosas?

– Poppy vive apenas a uns dois quilómetros de Sticklepond na estrada de Neatslake, por isso também a posso ver muito mais vezes – acrescentei, enfaticamente.

Jake olhou para o relógio e levantou-se.

– É melhor ir-me embora. Ben deve estar quase a aparecer.

– Lembra-te, Jake... – comecei a avisá-lo.

– Eu sei, eu sei – interrompeu-me ele, bem-disposto, enfiando-se no seu

casaco de cabedal preto, comprido, para o qual eu demorara séculos (e centenas de Desejos de Chocolate) a poupar para o comprar. – Nada de drogas, beber em excesso e sexo seguro... se vier a ter essa sorte!

– Jake! – exclamei, mas ele já tinha desaparecido.

Senti-me exausta como qualquer mãe de um adolescente, a tentar avançar pela linha fina que existe entre mantê-lo em segurança e parecer-lhe aborrecidamente velha e pouco fixe.

E a ironia de tudo isto é que nem sequer era mãe.

Mais tarde, liguei para o Stirrups e contei a Poppy que o Resmungas estava a pensar comprar o Old Smithy.

– Mas isso é *espantoso!* – exclamou ela. – Ainda na última reunião do conselho paroquial de Sticklepond falámos disso, porque o meu primo Conrad disse-me que tinha sido vendido e que ia reabrir como museu. Não te contei?

– Bem, se calhar, contaste e eu esqueci-me. – Ela e Felix pertenciam ambos ao conselho paroquial, por isso é frequente dizerem-me o que estiveram a discutir, mas nunca me pareceu interessante ou relevante... até àquele momento.

– Não me lembro porque é que o Con não me disse quem o tinha comprado! – disse ela.

– Provavelmente, o Resmungas obrigou-o a guardar segredo, sabes como ele é. E porque é que estavam a debater isso na reunião? Nunca pensei que necessitasse de autorização de planeamento, pois já foi um museu. E a loja na *cottage* também não deve ser um problema, porque era o hospital das bonecas de Aimee Frinton.

– Acho que não é necessária autorização para nenhum deles, e não estávamos bem a debater o assunto, talvez mais a conversar no fim da reunião. Estávamos a falar da quantidade de turistas que a descoberta do manuscrito de Shakespeare em Winter's End trouxe à aldeia, motivo por que temos todas as novas lojas de *souvenirs* e os cafés, e a Witch Craft Gallery para os abastecer. Até o Stirrups está a sair-se muito melhor e a Marked Pages tem muito mais negócio de passagem. Assim ficaram todos muito satisfeitos por o Old Smithy ir voltar a ser, simultaneamente, uma casa de família e um museu. Eles esperam que seja algo de adequado, como o hospital das bonecas...

Interrompeu-se de repente, por isso achei que estava a juntar bonecas e o Resmungas na mesma imagem mental e desanimadoramente falhara em casar os dois.

– Não, claro que não vão ser bonecas, pois não? Que estúpida!

– O único tipo de boneca que o Resmungas poderá ter no museu é uma boneca de trapos.

– De trapos?

– A imagem de alguém utilizada em magia.
– Estás a referir-te a uma boneca de vudu? Alfinetes e essas coisas?
– Mais ou menos. Podem ser usadas para coisas boas, bem como para más.
– Interrompi-me. – Então, achas que um museu de feitiçaria e paganismo pode não ser *exactamente* aquilo que o conselho paroquial estava à espera?

– Bem... não, não *exactamente*. Mas tenho a certeza de que será muitíssimo popular – acrescentou ela à pressa –, embora não saiba bem como é que a Hebe Winter o vai aceitar.

– Queres dizer que depois de ser a única bruxa da aldeia durante tanto tempo, ela pode ressentir-se com a chegada do Resmungas?

Poppy soltou uma risadinha.

– Chloe, não lhe podes chamar bruxa. Ela vai à igreja e tudo!

– Mas as bruxas de Winter fazem-no, não fazem? De qualquer maneira, ela é uma bruxa de magia muito mais branca do que a do pobre velho Resmungas. Tenho a certeza que, de tempos a tempos, ele atravessa o limite para as zonas cinzentas, embora sempre com a melhor das intenções.

– Acho o teu avô assustador.

– Tu sabes que, na realidade, ele ladra muito mas não morde.

– Não me consigo esquecer que, quando era miúda, ele costumava olhar para mim como se me quisesse transformar em qualquer coisa parecida com um sapo. Esse medo nunca desapareceu por completo.

– Ele não acha qualquer piada a bebés e crianças, até eles terem a idade suficiente para manter uma conversa sensata – expliquei. – Não é que não os ame, à sua maneira.

– Sim, presumo que sim – disse Poppy, soando pouco convencida. – Mas a tua avó era adorável.

– Era, não era? E, apesar de Zillah não poder ocupar o seu lugar, também gosto muito dela.

– A Hebe Winter autodenomina-se herborista, e não bruxa – disse Poppy, regressando ao assunto anterior. – Ouvi dizer que algumas das suas poções, como o filtro do amor, funcionam mesmo... Até lhe comprei um!

– Poppy! Estavas a pensar experimentá-lo em quem? – exigi saber, porque, apesar de nenhuma das duas ter tido sorte no amor, Poppy ainda não desistira por completo da esperança de encontrar o Sr. Certo; e ela era uma pessoa verdadeiramente especial, que merecia tudo daquela história do felizes-para-sempre.

– Oh, em ninguém – disse ela apressadamente. – Foi apenas um impulso, Chloe. Tu conheces-me... Não posso amar nada que não tenha quatro ferraduras e uma crina.

– Acho que estás a ser um pouco exagerada. Ainda não conhecestes o homem certo, apenas isso.

– Acho que já o conheci as vezes suficientes, ele é que não deve achar que eu sou a mulher certa. E não houve absolutamente ninguém que me quisesse conhecer naquele sítio de encontros da Internet em que me inscrevi.

– Provavelmente, até foi bom, porque não sabes com que tipo de homem estás em contacto. Podem ser verdadeiramente bizarros.

– És capaz de ter razão e, pelo menos, se vais viver por perto podemos encontrar-nos com maior frequência, por isso vai ser divertido.

– E Felix também... Podemos ser três solteirões juntos – concordei. – O Lonely Hearts Club de Sticklepond. Entretanto, Poppy, é melhor guardares para ti mesma a notícia de quem comprou o Old Smithy durante algum tempo, se achares que poderá causar alguma perturbação. Deixa que a notícia irrompa por Sticklepond como um *fait accompli*.

– Mas vais contar a Felix, não vais?

– Sim, vou ligar-lhe daqui a pouco, mas também lhe vou pedir segredo. De facto, o motivo por que te estou a ligar agora é porque consegui que o Conrad me emprestasse as chaves do Smithy para amanhã e pensei que pudesses sair e ires depois almoçar comigo ao Falling Star, para eu te poder contar tudo.

– Espera aí, vou só perguntar à minha mãe como estamos para amanhã.

Tapou o bocal, mas ainda a consegui ouvir gritar:

– Mãe! A Chloe quer que eu vá almoçar com ela amanhã... Ficas bem? O quê...?

Apesar de a mãe de Patty também ter um par de pulmões bastante saudável (embora fumasse cigarro atrás de cigarro), a outra parte da conversa foi apenas um ruído ténue de fundo, por isso ela devia estar no piso superior.

Patty voltou à linha.

– A minha mãe diz que está bem. Não há muitas aulas para dar e a rapariga que está à experiência pode ajudá-la a limpar o estrume da cavalaria.

– Então por volta do meio-dia... e podes contar-me o que tens andado a fazer nos últimos tempos.

– Pouca coisa. Ficar toda a noite acordada com um cavalo a sofrer de exaustão deve ser a coisa mais excitante que fiz ultimamente – ironizou ela, num tom de voz triste. – Oh, e na última reunião do conselho paroquial, antes de começarmos a falar do museu, Miss Winter disse que o bispo ainda anda à procura de um vigário não remunerado, para ficar com a igreja de All Angels, porque a alternativa é juntar a nossa paróquia a outra e nenhum de nós quer uma coisa dessas. A *última* reunião de emergência do conselho foi por causa disso, e esta noite vai haver outra, por isso talvez ele já nos tenha encontrado um vigário... mas amanhã conto-te.

– Mal posso esperar.

– Pelo menos, esta noite voltamos para a câmara da aldeia. A última reunião que tivemos foi na sacristia da igreja, porque os escuteiros estavam a arrumar

as coisas da sua quermesse e estava um gelo. Mister Merryman, o vigário temporário, parece um homem bastante nervoso, embora ache que o facto de três elementos do conselho já estarem vestidos com os fatos isabelinos para a Sociedade de Reconstituição Histórica também não ajudou muito; Miss Winter, como rainha Isabel I, é bastante aterrorizadora! E depois Mister Lees, o organista, esteve durante todo o tempo a ensaiar fugas, por isso o ambiente estava mesmo sinistro.

– Consigo imaginá-lo. E repete lá o que é um vigário não remunerado?

– Alguém que foi ordenado, mas não precisa necessariamente de um salário.

– Oh, certo... um vigário económico. E diz-me lá outra vez quem é que pertence ao conselho paroquial para além de ti, do Felix e de Miss Winter como presidente?

– Acho que nunca ouves uma única palavra do que eu digo – queixou-se ela, mas obedeceu. – Bem, há o empregado de Winter's End, Laurence Yatton...

– Oh, eu conheço-o, idoso, de cabelo grisalho e atraente, conduz um velho *Land Rover*.

– Sim, é esse. E provavelmente também já viste a sua irmã Effie. Costumava ser professora de ginástica de uma escola privada, mas agora gasta toda essa energia extra a gerir o Brownies, o clube de ténis e a Sociedade de Reconstituição Histórica. Depois há o vigário e o polícia da aldeia, Mike Berry.

– Encontrei Mike umas duas vezes na livraria do Felix, acompanhado pela namorada, Anya, aquela dos canudos vermelhos.

– Sim, ela é muito simpática, não é? É uma velha amiga de Sophy Winter, que herdou o ano passado a propriedade de Winter's End e dirige a loja de *souvenirs* que há ali, quando a casa está aberta ao público.

– E são todos?

Ela contou-os:

– Eu, Felix, Miss Winter, o vigário, Mike, Laurence e Effie... Sim, são todos.

– Um conselho pequeno, mas perfeitamente formado – observei.

Quando liguei a Felix, ele quis acompanhar-me ao Old Smithy mas não o deixei. Era difícil de explicar, mas senti que queria estar sozinha daquela primeira vez, em especial quando visse a pequena casa onde Jake e eu iríamos viver. No entanto, ele concordou em encontrar-se comigo e com Poppy no *pub* ao meio-dia para saber novidades.

– Na verdade, até posso fechar durante o resto do dia. A aldeia está silenciosa como uma sepultura e provavelmente vai ficar assim até à Páscoa, quando Winter's End reabrir.

– Oh, acho que vai ficar um pouco mais animada antes disso. Não te esqueças que Jake também se vai mudar.

– Oh, meu Deus! – exclamou ele, apesar de na verdade ter sofrido muito menos com as partidas e patifarias de Jake do que qualquer um dos meus namorados, provavelmente porque era apenas um amigo e não um potencial pretendente, que me poderia levar.

– Não te preocupes, parece que ele já ultrapassou essa fase há séculos – assegurei-lhe. – Ou talvez se tenha limitado a parar, porque finalmente desisti dos homens?

– Mas é claro que não o fizeste, só tens estado ocupada como eu e os anos acabaram por passar – disse ele. – Depois, uma manhã acordas e pensas como seria bom ter outra pessoa com quem pudesses partilhar as coisas, alguém pouco exigente, confortável e...

– Como um par de chinelos aconchegantes? – sugeri, docemente. – Bem, és mais velho que eu, Felix, e não estou a dizer que não me possa sentir assim um dia, mas, se isso acontecer, arranjo um cão.

Estrela Cadente

Como era habitual, naquela noite só consegui adormecer quando ouvi Jake a entrar, o que ele fez bastante silenciosamente considerando o tamanho das suas enormes botas pretas. Mas, apesar disso, ainda acordei muito cedo na manhã seguinte, para ter tempo de ir buscar o último capítulo do livro do Resmungas e empacotar as minhas encomendas de Desejos de Chocolate, antes de me dirigir a Sticklepond.

A caminho, passei pelos agentes imobiliários – a sede fica aqui em Merchester – para ir buscar as chaves e prometi a Conrad, o primo de Poppy, que fecharia cuidadosamente a casa e devolvê-las-lia mais tarde.

– Não que eu tenha mostrado a casa a alguém, desde que as Misses Frinton aceitaram a oferta do teu avô – disse Conrad, rapidamente. – E, mesmo antes disso, assim que ele exprimiu o seu interesse em comprá-la, porque me disse... – Interrompeu-se, embaraçado e pouco à vontade.

– Ele disse-te que, se o fizesses, ele lançar-te-ia uma maldição que tornaria a tua vida completamente hedionda? – perguntei, prestável.

– Hmm... sim – concordou ele, embaraçado. – Claro que estava a brincar... Eu conheço o teu avô!

No entanto, não parecia ter muita certeza disso.

O Old Smithy fica mesmo na extremidade de High Street, quase em frente do Falling Star, onde mais tarde me iria encontrar com Felix e Poppy. Ao passar, Mrs. Snowball, a mãe de noventa anos do proprietário, estava no exterior junto à porta da frente a lavar um quadrado do passeio cinzento até o transformar num branco faiscante. Fizera-o durante toda a sua vida e os velhos hábitos custam a morrer. Atrás dela, o batente de latão da porta com a forma de um meteoro faiscava ofuscante sob a fraca luz do Sol de Fevereiro.

O Falling Star é muito mais antigo do que o Green Man, o *pub* mais popular na outra extremidade da aldeia e, como foi uma estalagem de carruagens, presumo que na altura fazia sentido ter um ferreiro ali perto[4].

O Old Smithy em si é um amontoado de partes descombinadas que se transformaram num todo vagamente coeso pela aplicação de muitas camadas de cal. Cheguei mesmo a tempo de ver a tabuleta do museu a ser enfiado numa carrinha enorme, possivelmente seguindo ordens do Resmungas para voltar a ser pintado. Ele devia estar muito seguro da compra, porque não me parecia que já tivesse assinado o contrato, embora pudesse estar errada, ele era exasperantemente reservado.

Seguindo as instruções de Conrad estacionei na pequena área de gravilha, abrigada por uma sebe de faias de folhas cor de bronze, atrás do museu. Tinha

um molho enorme de chaves, algumas delas tão antigas como peças de coleccionador, mas por sorte estavam todas rotuladas.

Comecei pela casa vitoriana, que era bastante grande, e também (já que fora aí que tinham vivido as irmãs Frinton) perfeitamente confortável e actualizada no que se referia às casas de banho e à instalação eléctrica. Embora a decoração fosse um pouco para o vitoriano sombrio, o Resmungas também o era. Mas o fogão *Aga* vermelho na enorme cozinha atingiu-me como uma nota surpreendentemente moderna e Zillah iria adorá-lo. Na altura em que tivesse ornamentado as janelas com tecidos alegres em cores contrastantes, enchido o lugar de calhas enfeitadas com renda, jarros de esmalte pintados às manchas e hediondos bibelôs feitos de conchas, iria parecer-se com uma explosão no interior de uma caravana cigana tradicional, tal como a nossa cozinha actual.

Uma porta num corredor interno dava acesso ao museu, que era bastante grande, com um soalho de madeira e muitas luzes no tecto. Havia fileiras de expositores de vidro vazios e uma secretária de mogno presa ao chão junto da entrada do museu, com uma gaveta para o dinheiro e um rolo de bilhetes amarelecidos, tudo um pouco triste e empoeirado. Sem dúvida que a sala era mais do que suficientemente grande para acomodar todos os tesouros do Resmungas, mesmo que ele dividisse uma das extremidades para as suas reuniões. Eu esperava que fosse aquela *mais afastada* da minha casa.

Mas a *cottage* era aquilo que eu mais queria ver, por isso, é claro que a deixei para o fim, tal como se faz com o presente mais excitante sob a árvore de Natal. Naquele momento, procurei a chave da porta e entrei naquela que seria a minha nova casa, com uma sensação de antecipação excitada.

Desci dois degraus baixos e gastos e entrei directamente no hospital das bonecas, com uma montra de vidro fosco que dava para Angel Lane, do outro lado da esquina do museu. Possivelmente, as Misses Frinton tinham mandado construir aquele anexo, antes dos regulamentos de planeamento urbanístico se terem tornado tão restritivos.

Um balcão de madeira polida corria a toda a extensão da parte da frente da sala e atrás deste havia bancadas de trabalho, um lava-louça e fileiras de gavetas rotuladas com coisas fascinantes como, «Narizes de Ursos de Peluche», «Olhos de Boneca – Azuis» e «Bigodes – Grande, Pretos».

Havia várias tomadas eléctricas onde eu podia ligar o «Banho» – a máquina que utilizo para suavizar o chocolate de cobertura – e até um pequeno fogão com dois bicos a gás, presumivelmente outrora utilizado para derreter cola, ou qualquer coisa desse género, mas agora perfeito para um banho-maria ou para fazer caramelo. O lugar era ideal!

Atrás da divisão encontrava-se uma pequena sala de estar que, nos últimos tempos, parecia ter sido usada como armazém, já que a única lâmpada nua,

que pendia do tecto, incidia em caixas de cartão achatadas e espalhadas pelo chão de linóleo em mau estado. A janela, situada num recesso fundo e virada de frente para o jardim, estava suja e enfeitada por teias de aranha empoeiradas, mas tinha um assento embutido debaixo dela. Havia uma lareira cercada por azulejos vidrados *art nouveau*, de um rosa-arroxeados; e a um canto, atrás do que eu pensara ser a porta de um armário até a abrir, erguia-se uma escada em caracol.

A cozinha fora acrescentada às traseiras nalgum período mais recente e tinha uma casa de banho branca muito útil por cima dela, embora eu me sentisse apenas grata por ela existir e não haver apenas um barracão exterior! Mas o Resmungas dissera qualquer coisa a respeito das Frinton terem tido inquilinos na casa num passado incerto e distante, por isso presumi que elas a tinham actualizado um pouco nessa altura.

No piso superior, para além da casa de banho, havia dois quartos e um pequeno armário arejado, que albergava o tanque de água e um antigo termoacumulador, estava equipada com todas as comodidades modernas! Embora a casa cheirasse a humidade e a falta de uso, não parecia húmida e as grossas paredes de pedra iriam manter o interior quente no Inverno e fresco no Verão.

Por fim, atravesssei a cozinha até ao jardim, que estava cercado por um muro alto de tijolos macios, com carreiros que formavam um padrão em ziguezague, escorregadios devido à humidade e à falta de uso. Canteiros grandes, em forma de meia-lua, estendiam-se à volta dos muros, havendo um grande canteiro central e circular, no qual se encontrava uma árvore, presumi que uma ameixeira. Parecia meia morta, mas as ameixeiras adoram enganar-nos.

Toda a vegetação estava demasiado crescida, naquela altura do ano era difícil dizer o que se encontrava ali. Seria excitante ver o que iria crescer na Primavera e limpar e replantar partes do jardim. Decerto que havia muito espaço para os meus vasos e a minha pequena estufa, até havia espaço para uma maior, quando me pudesse dar ao luxo de a comprar.

Adorei-o – era como ter o meu próprio jardim secreto – e decidi naquele exacto momento que ficaria com o quarto das traseiras sobranceiro ao jardim, deixando-o da frente para Jake, apesar de esse ser ligeiramente maior.

Quando olhei, por fim, para o meu relógio já era meio-dia e eu estava ali há horas, embora me parecessem apenas minutos! Saí à pressa, voltando a atravessar o Old Smithy e a casa enquanto trancava, uma a uma, as portas atrás de mim.

Quando saí a rua estava momentaneamente deserta, embora à direita conseguisse ver a tabuleta oscilante da Marked Pages, a livraria de Felix, e a primeira das lojas da High Street. Estavam a aumentar firmemente em

número: para além do Spar perto do Green Man e de uma antiga loja de fabricantes de selas, havia agora um novo café-loja-galeria (Witch Crafts), uma charcutaria e duas lojas de *souvenirs*. Outra casa de chá estava a ser restaurada.

A descoberta, há uns dois anos, de um manuscrito de Shakespeare em *Winter's End* revitalizara mesmo a aldeia, por isso o Resmungas tivera sorte por ter conseguido o Old Smithy por um preço tão vantajoso. Perguntei-me como é que ele conseguira aquilo.

Não havia sinal de Felix e Poppy e só quando atravesssei a rua para o Falling Star é que os vi a acenarem-me da janela saliente da sala privada. Reparem que, se não os conhecesse bem, não os teria reconhecido atrás dos grossos painéis de vidro fosco, porque se pareciam com criaturas marinhas fracamente iluminadas e emboscadas em águas verdes.

Como era habitual, quando entrei tentei evitar parar no quadrado limpo do passeio, porque parecia algo que dava azar. Mrs. Snowball estava agora sentada atrás de um minúsculo balcão de recepção, debaixo das escadas (a estalagem aluga quartos, sobretudo a homens de negócios), a tricotar qualquer coisa volumosa, cor-de-rosa e peluda enquanto via uma televisão portátil. Ergueu os olhos na minha direcção, com uma das agulhas desenhou no ar uma forma que me pareceu muito semelhante a um pentagrama, e lançou-me um sorriso desdentado.

Oh, Deus, outra não? Ela nunca fizera aquilo antes!

Ligeiramente abalada, virei à direita para a sala privada onde Felix estava agora junto do bar, onde me fora buscar um panaché pequeno (afinal eu ia conduzir). Virou-se e abraçou-me – um homem alto, de membros soltos, com olhos meigos, castanho-claros, cabelo liso e um nariz um pouco abatadado no meio. Era um rosto agradável, à sua maneira, mas não se lhe podia chamar atraente.

– Olá, Chloe... Estás adorável – disse afectuoso, apesar de eu usar apenas as calças de ganga com teias de aranha e uma ou outra faixa de lodo do jardim, mas era provável que tivesse dito exactamente a mesma coisa a Poppy, porque ele é muito amável.

Por vezes, penso que estou a imaginar que ele está a tentar conduzir a nossa relação para uma situação nova, mais romântica, e, na verdade, desejo que seja mesmo imaginação minha, porque gosto das coisas como estão.

– Essa é a minha bebida? Eu levo-a e tu podes trazer as outras duas – disse, beijando-o na face. Ele cheirava, não sem um certo encanto, a antigas encadernações de couro.

– Olha o que o Felix me encontrou! – chamou Poppy, a acenar-me alegremente com um livro de bolso do *I Had Two Ponies*, de Josephine Pullein-Thompson. – O único que eu ainda não tinha!

– Ótimo – respondi, sentando-me ao seu lado. Ela cheirava a feno doce e a cavalos e pensei que eu devia exalar uma fragrância permanente a chocolate, com um ligeiro toque de gerânios aromáticos; por isso, qualquer pessoa vendada e com um bom olfacto poderia adivinhar aquilo que nós os três fazíamos para ganhar a vida.

– Pensei que tinha um Heyer para ti, Chloe, mas a capa estava rasgada – disse Felix.

Enquanto Poppy adora antigos livros infantis com aventuras de póneis, eu faço colecção de livros *vintage* da Georgette Heyer com aquelas sobrecapas adoráveis, enevoadas, sonhadoras. Felix também procura os volumes mais raros que o Resmungas gostaria de acrescentar à sua biblioteca enorme, esotérica e eclética, que é provavelmente onde gasta grande parte dos seus rendimentos.

Poppy estava quase tão entusiasmada com a minha mudança para o Old Smithy quanto eu.

– Mas ainda acho que foi uma maldade da tua parte não nos deixares ver a casa contigo.

– A primeira vez queria vê-la sozinha – expliquei. – Vou ter de voltar para tirar medidas para cortinados e mobiliário e assim, se vocês os dois puderem tirar o dia, podemos visitá-la juntos nessa altura.

– Já estive no museu e no hospital das bonecas, mas há muitos anos – disse Poppy. – Então, como é que é o resto?

Descrevi tudo em pormenor, mas posso ter-me demorado mais tempo no jardim do que em tudo o resto junto. De qualquer maneira, e muito generosamente, ofereceram-se ambos para me ajudar a limpar e a pintar a *cottage*.

– Ou a fazer qualquer outra coisa, em que precisas de outro par de mãos – acrescentou Poppy. – Agora, queres ouvir as nossas novidades?

– *Nossas?* – Olhei de um para o outro, de sobrolho erguido. – Vão-se casar e querem que eu seja a dama de honor?

– Não sejas estúpida. – Poppy soltou uma risadinha.

– No entanto, seria agradável assentar com alguém, não seria? – sugeriu Felix, enfático. – Só que não com a Poppy!

– Sim, porque nós os três somos como uma família e isso seria como casar entre irmãos – concordou ela. – Completamente fora de questão.

– Decerto que sim – concordei animada e Felix pareceu ficar triste.

– Estava a referir-me às novidades da reunião de emergência de ontem à noite do conselho paroquial – disse Poppy.

– Contaste-lhes que o Resmungas comprou o museu?

– Não, apesar de achar que nós os dois estávamos com um ar verdadeiramente culpado. Por sorte, Miss Winter estava distraída com outra

coisa, porque regra geral ela tem olhos de águia. Lembras-te que te contei que o bispo andava à procura de um vigário não remunerado para ficar com a igreja de All Angels?

Assenti.

– Encontraram um?

– Sim, e o melhor de tudo é que ele também vai comprar o presbitério!

– E ele é o tipo de vigário de que me falaste, que não precisa de ser pago? – perguntei. – Um vigário gratuito?

– Com efeito, é – concordou Felix. – Basicamente, é alguém que foi ordenado, mas que ou está a seguir outra carreira ou é suficientemente rico para não precisar de um salário. Hebe Winter está verdadeiramente satisfeita com isso, mas o bispo não disse muito a respeito do novo vigário, excepto que ele foi uma espécie de estrela *pop*. E Hebe pareceu achar que, quando ele foi ver o presbitério, também a devia ter ido visitar, por isso *estava* um pouco irritada com isso.

– Acho que ele veio naquele dia em que os agentes imobiliários tiveram um dia sem marcações e talvez na altura ele nem estivesse a pensar mudar-se para Sticklepond. Não são notícias excitantes, Chloe?

As faces de Poppy brilhavam e os seus olhos, do azul suave da ganga desbotada, cintilavam.

– Uma ex-estrela *pop*! Pensei que pudesse ser o Cliff Richard, mas a Hebe diz que isso é ridículo.

– E é. Todos saberiam se ele tivesse sido ordenado – salientou Felix.

– Sim, mas então quem raio poderá ser?

– Acho que um dos membros dos Communards foi ordenado – observei.

– Não sabia disso – replicou Felix.

– Vais ter de ir à igreja quando ele chegar para veres quem é – sugeriu Poppy.

– Vá lá, Poppy, tu sabes que nunca pus um pé dentro de uma igreja em toda a minha vida! O Resmungas teria quarenta ataques, a terra tremeria, o pináculo ruiria e transformar-se-ia em pó.

– Não, tenho a certeza que isso não iria acontecer. Lembras-te do anjo no cemitério da igreja? – recordou-me ela. – Acho que te estava a tentar dizer alguma coisa, por isso talvez *devesse* experimentar e ir ver.

– O quê? Que anjo? – quis Felix saber. – Vocês as duas têm estado a guardar-me segredos?

Hesitei. Nunca tínhamos discutido o anjo com ninguém a não ser com a minha avó e passado tanto tempo era difícil saber se aquilo de que nos lembrávamos era real ou imaginado.

– Oh – respondi, no tom mais ligeiro possível –, foi uma coisa que aconteceu quando éramos miúdas. Poppy ficou umas duas noites em nossa casa porque

Janey estava no hospital e, como a minha mãe também não estava, ficámos no quarto da zona principal da casa, junto da minha avó. A janela é sobranceira ao muro do velho cemitério e na primeira noite vimos ambas... bem, vimos uma figura branca. Com asas.

– Um anjo – concordou Poppy, positivamente.

– Mas decerto que o cemitério da igreja está cheio de anjos de mármore brancos? – sugeriu Felix. – Duas meninas cansadas e demasiado excitadas, a altas horas da noite... A imaginação prega-nos partidas.

– O anjo estava a mover-se e conseguíamos vê-lo nitidamente, apesar de ser uma noite de nevoeiro. Nevoeiro que rodopiava, como nos filmes de terror, só que aquele não era assustador.

– Contudo, o seu rosto metia um pouco de medo – interveio Poppy.

– Medo?

– Não quero dizer *medo*... talvez uma espécie de beleza, mas distante – explicou ela. – E depois a avó de Chloe ouviu-nos a sussurrar e entrou e, quando lhe contámos e procurámos o anjo, ele tinha desaparecido.

– Tem de haver uma explicação racional para isso – disse Felix.

– Não, foi um sinal divino – insistiu Poppy. – Lembro-me que na noite seguinte íamos ficar acordadas à espera dele, mas a tua mãe voltou para casa, Chloe, por isso voltámos para o teu quarto no apartamento.

– Sabes, tinha-me esquecido disso! E a minha avó disse que, de qualquer maneira, não o iríamos ver duas vezes.

– Oh, bem – disse Felix, bem-humorado –, vejo que vocês as duas acreditam nisso, por isso também vou acreditar. E percebo agora porque é que tens essa pancada por anjos, Chloe.

– Todos temos anjos-da-guarda, Felix. Eu disse-to, quanto te li as cartas do oráculo.

Ele olhou nervoso por cima do ombro, como se o dele pudesse estar mesmo atrás das suas costas.

– Vamos beber mais um copo – sugeriu.

– Para mim não. Tenho de voltar para casa e passar a limpo algumas cartas para o Resmungas e a seguir fazer uma grande fornada de Desejos porque o meu *stock* de corações aumentou com a aproximação do Dia de São Valentim. Hoje de manhã recebi pilhas de encomendas.

– E o ferreiro também deve estar quase a chegar – disse Poppy. – *Honeybun* perdeu uma das ferraduras que estava pouco gasta, por isso quero passar o picadeiro a pente fino para ver se a encontro antes de ele chegar.

– Então, acho que também vou abrir a loja – disse Felix. – Estava a pensar em pôr um sofá na sala da frente e uma máquina de café para fazer as pessoas entrar. O que é que acham?

– É uma excelente ideia. E, quando o museu do Resmungas, abrir podes

deixar folhetos espalhados e nós podemos colocar informações sobre a tua livraria – disse eu. – Publicidade mútua.

– Oh, mas espera só até a Hebe descobrir o museu de feitiçaria! – exclamou Poppy, a estremecer. – Vão voar fagulhas!

– Espero sinceramente que estejas errada – respondi. – Dessas já tenho o suficiente com Jake, e aqueles paus-de-fogo que ele pediu emprestados a um amigo!

Uma Descoberta Surpreendente

O Resmungas já *tinha* assinado o contrato e assim de repente a vida tornou-se muito agitada. Desejei que ele e Zillah me tivessem avisado com alguma antecedência acerca da mudança.

As minhas leituras das cartas dos anjos sugeriam, amáveis, que eu passasse um dia junto ao mar ou a visitar um jardim para acalmar a alma e prepará-la para uma mudança de direcção maior, mas mais fortuita, mas não havia tempo para isso. As minhas baterias teriam de se limitar a recarregar com energia solar.

Por meio de um pouco de alquimia (ele assim o dizia), o Resmungas conseguira fazer com que os compradores da nossa casa nos deixassem ficar ali durante mais duas semanas, enquanto o Old Smithy era limpo e voltado a pintar por dentro e por fora. Os compradores eram um simpático casal de antiquários americanos, de meia-idade, e perguntei-me porque raio se teriam apaixonado por uma decrépita casa gótico-vitoriana, situada mesmo ao lado de um cemitério. No entanto, não queria fazer ondas colocando-lhes essa pergunta.

Felix recomendou os pintores e decoradores que usara quando mudara a Marked Pages de Merchester para Sticklepond alguns anos antes e também sugeriu uma empresa de limpeza local chamada Dolly Mops. O Resmungas deve ter prometido a cada um bónus sedutor se acabassem em tempo recorde, porque o trabalho já estava muito adiantado quando voltei com Poppy, apenas dois dias depois da minha visita inicial para tirar medidas para os cortinados.

O Resmungas não voltou a visitar a casa e encomendou tudo à distância, escolhendo a tinta interior da gama mais sombria de cores da *Farrow and Ball* e estipulando que todo o papel de parede *William Morris* original não devia ser retirado. Mas Zillah tinha mão livre na cozinha, na sua sala de estar e na sua suíte, onde um ousado papel de parede, que apresentava uma combinação improvável de gigantescas peónias vermelhas contra uma latada azul, estava destinado a reinar soberano.

Foi uma sorte a nova casa do Resmungas também ser gótica vitoriana, já que isso significava que grande parte do mobiliário e dos cortinados que ele tinha cabiam ali na perfeição. Até o seu enorme número de estantes podia ser acomodado na divisão que ele destinara para o seu novo escritório.

O nosso apartamento era uma adição mais recente, mobilada com uma mistura de coisas baratas e modernas de que a minha mãe gostava e uma ou outra coisa que eu comprara em lojas de artigos em segunda mão. A maior parte não iria caber e, de qualquer maneira, a *cottage* era uma casinha tão

bonita que eu ansiava decorá-la toda em chita e em rosa-claro.

Claro que Jake queria o seu novo quarto todo pintado de preto, como o seu quarto actual, e teve um ataque de fúria adolescente quando lhe disse que toda a casa ia ser bege com toques de rosa-velho-arroxeados, semelhante aos azulejos da lareira da sala de estar, ou o mais próximo que me fosse possível encontrar. Mas, no interesse da harmonia fraternal, acabámos por fazer uma combinação: ele poderia ter uma parede pintada de roxo, mais uns cortinados novos pretos e roxos, com uma colcha a condizer – muito retro. Parecia horrendo, mas poderia ser facilmente substituído quando ele ultrapassasse aquela fase... se é que alguma vez ultrapassaria.

O Resmunga decidiu que os homens das mudanças deviam encaixotar tudo e depois desencaixotar as coisas na nova casa, mas Jake e eu decidimos encaixotar as nossas coisas. Jake porque estava naquela idade muito reservada, em que as nossas posses mais acarinhadas podem ser mal interpretadas por olhos alienígenas (ou até os olhos de uma irmã); e eu porque não tinha uma quantidade assim tão grande de coisas... para além do equipamento dos Desejos de Chocolate e abastecimentos, cerca de um milhão de anjos decorativos e dúzias de gerânios envasados. E já fizera preparativos para ser eu mesma a mudar os gerânios, a miniestufa e todos os vasos e floreiras do pátio já que a companhia de mudanças se recusara a levá-los.

– Poppy e eu encontrámos ontem em Ormskirk, numa loja de beneficência, uns cortinados *Laura Ashley* com um padrão de rosas para a *cottage* – disse ao Resmunga, quando fui buscar o último capítulo do *Filho de Satanás* e uma carta que parecia consistir de várias páginas de ameaças pouco veladas, mas misteriosas. Estava endereçada a um crítico literário que se atrevera a dizer coisas desagradáveis acerca do seu último romance, *O Diabo Desejoso*. – E uma adorável mesa de centro... É um grande tabuleiro de latão, assente em pernas arredondadas de madeira preta.

O Resmunga dera-me generosamente um cheque para comprar qualquer coisa de que eu precisasse para a minha nova casa, mas eu estava a tentar esticá-lo o máximo. De qualquer maneira, é muito mais divertido (e muito mais ecologicamente seguro) procurar coisas em lojas de beneficência ou de artigos em segunda mão, apesar de não ter muito tempo para o fazer. Ainda bem que o StIRRups estava calmo naquela altura do ano, porque assim Poppy podia ajudar-me às vezes.

Eu não estava à espera que o Resmunga se mostrasse muito interessado naquilo que eu estava a dizer, por isso fiquei surpreendida quando ele parou de rabiscar num pedaço de papel, levantou os olhos e disse:

– Acho que me lembro que há um ou dois artigos de mobiliário guardados no sótão. Talvez haja entre eles alguma coisa que possas querer? De qualquer

maneira, alguém devia decidir aquilo que vale a pena levar connosco ou que pode ficar para os Meerling.

– Marling – corrigi-o. – *Okay*, vou tratar disso, Resmungas. E fizeste-me recordar uma coisa... Foi aí que guardei as coisas da minha mãe, por isso talvez fosse melhor dar-lhes uma vista de olhos, não achas? Ela agora já não vai querer nenhuma da sua roupa quando voltar, está desactualizada, embora ache que deva guardar os seus bens pessoais.

O dia em que eu guardara as suas coisas no sótão não fora um dia feliz. Por algum motivo, Jake estava totalmente convencido que a nossa mãe voltaria a aparecer no primeiro aniversário do seu desaparecimento e ficou tão profundamente perturbado quando ela não apareceu – de uma maneira furiosa, própria de um rapaz de treze anos – que resolveu vingar-se na bicicleta batendo-lhe com um macaco e depois desaparecendo durante horas. Na sua ausência, enfiei todos os bens da minha mãe em malas velhas e caixas, limpando o apartamento de quaisquer vestígios que restassem da sua presença e nunca mais pensara naquilo.

– Põe uma etiqueta em tudo aquilo que a Lou ainda possa querer e essas coisas podem ser mudadas para o sótão da nova casa – sugeriu o Resmungas.

– *Okay*. Não deve haver muita coisa. – Interrompi-me. – Achas que ela alguma vez *voltará*? Já se passou muito tempo.

– Vais ter de perguntar isso a Zillah, mas eu preferia que ela não voltasse. A vida é mais tranquila sem ela e Zillah garantiu-me que ela está viva e de boa saúde. – Estendeu o pedaço de papel com o qual estivera a tapar a sua letra preta e inclinada e acrescentou: – Se bem te lembras, o antigo feitiço de chocolate maia que te dei estava incompleto. Acho que consegui traduzir mais um bocado, com a ajuda do meu amigo de Córdoba. Recebi hoje uma carta dele com algumas sugestões. Podes querer adicionar as linhas extra, quando estiveres a preparar o teu chocolate.

– Como o antigo povo maia não tinha uma língua escrita, não consigo imaginar como é que eles poderiam ter passado para o papel um feitiço para fazer chocolate, Resmungas!

– Não sei se sabes, Chloe, mas existe uma coisa chamada história oral e não há nenhum motivo para que uma tal coisa não tenha sido escrita pelos primeiros conquistadores espanhóis, tal como aconteceu, e terem-na levado depois para Espanha.

– Sim, mas...

– Limita-te a acreditar. A última versão funcionou até certo ponto, não é verdade? O negócio floresceu.

– As minhas vendas *aumentaram* – admiti, embora eu tivesse a certeza que isso se devia mais à excelência do chocolate e à novidade do conceito do que ao curto encantamento de algum feitiço provavelmente falso feito sobre o

tacho.

Só por curiosidade, quando ele conseguisse decifrar toda a coisa, achei que devia tentar uma espécie de sessão cega de prova de chocolate, com Felix e Poppy como minhas cobaias, para ver se eles achavam que existia alguma diferença no sabor.

Encontrei no sótão uma ou duas « pérolas » cobertas de pó, entre os rolos de carpetes comidas pela traça e o mobiliário partido – uma cadeira *Lloyd Loom* branca e uma pequena otomana a condizer, que ficaria ótima no meu quarto. Coloquei-as de lado e coleilhes etiquetas para os homens das mudanças as levarem, bem como um pequeno espelho que alguma menina vitoriana há muito desaparecida enfeitara com uma moldura de conchas. Algumas estavam partidas ou haviam desaparecido, mas eu tinha um velho frasco de compota cheio de tesouros apanhados à beira-mar que Jake e eu tínhamos coleccionado quando ele ainda era pequeno, por isso era-me fácil substituí-las.

Para além disso, havia apenas o triste monte das coisas da minha mãe. Não havia livros (tal como Zillah, ela apenas lia revistas) nem muitos papéis, já que, quando se tornara óbvio que ela não ia voltar dentro de pouco tempo, o Resmungas pegara nos extractos bancários e cartões de crédito para poder encerrar os seus assuntos, embora eu tivesse a certeza que ele não tinha qualquer obrigação legal para fazer tal coisa. Nós pensávamos que fugir às suas dívidas crescentes fora parte do motivo porque ela fugira.

Eu guardara aquilo que restava, juntamente com as suas jóias, maquilhagem e outros artigos de beleza. E enfiara a maior parte do seu imenso guarda-roupa numa enorme mala de porão que, na altura, já se encontrava no sótão.

Nesse momento, abri a tampa libertando uma onda de *Je Reviens* e um monte de recordações indesejadas de quando ainda era criança e estava convencida que a culpa era minha por a minha mãe não me amar muito...

Trouxera comigo um rolo de sacos de lixo fortes e comecei a enchê-los de roupa. Havia ali muita roupa cara, de marca, e apesar de estar desactualizada era provável que eu conseguisse fazer algum dinheiro se a vendesse no eBay. Mas não tinha muito tempo e, além disso, eu apenas queria limpar a maior parte possível da sua presença nas nossas vidas. Chegara o momento de eu e Jake termos um novo início.

Enquanto enchia os sacos e voltava a arrumar as antigas malas, levei tudo para baixo até ao vestibulo da entrada e empilhei-os já preparados para irem para a loja de beneficência local, por isso estava a ficar cansada, com calor e irritada na altura em que cheguei às duas últimas caixas. A primeira e a maior das duas estava cheia de bugigangas, ursos de peluche e vários *souvenirs* de mau gosto, por isso coleilhe uma etiqueta para ficar no sótão e empurrei-a

para junto da mobília que ia para a nova casa.

Por fim, fiquei apenas com uma grande caixa de sapatos cheia de cartas velhas. Nem olhara para elas quando arrumara inicialmente as suas coisas, mas naquele momento sentei-me na poltrona *Lloyd Loom* com o conteúdo espalhado em cima da otomana. Não tinha a certeza porque é que queria ler aquilo; não achava que fossem de repente iluminar qualquer profundidade que a minha mãe oca e egocêntrica mantivera escondida, porque tinha a certeza que ela não tinha nenhuma. Aquilo que se via era aquilo que ela era.

Não eram muitas, embora algumas estivessem datadas de um período próximo do meu nascimento. A minha mãe rabiscara comentários nuns dois envelopes como « Sim!!! » e « Resultou!!! », por isso comecei por essas e atingi o alvo logo à primeira. Depois, ao perceber horrorizada o que eram, passei pelas restantes, acabando com duas mensagens com a caligrafia familiar de Mags.

Depois disso, deixei-me ficar ali sentada inconsciente da passagem do tempo, o meu colo cheio de mentiras e segredos até que ouvi o inconfundível bater das enormes botas de Jake nas escadas de madeira do sótão. Guardei apressadamente as cartas, voltei a atirá-las para dentro da caixa e fechei a tampa, esperando que aquilo que descobrira também pudesse ficar tão bem guardado e esquecido.

– Que raio estás a fazer aqui em cima? – quis Jake saber, baixando a cabeça para passar pela soleira da porta baixa. – As luzes e o rádio estão ligados no apartamento, mas Zillah não te vê há horas. Pensei que tinhas desaparecido.

« Como a mãe », foi a insinuação não proferida. Tenho a certeza que foi por isso que ele sempre se viu livre dos meus namorados, sempre que saía com um deles, ele ficava com medo que eu não voltasse.

– Desculpa, Jake. O Resmungas pediu-me para separar as coisas aqui em cima para a mudança e perdi a noção do tempo.

– Estás um pouco pálida.

– Estou cansada, andei a subir e a descer as escadas com sacos de coisas. Mas agora já acabei e encontrei este bonito mobiliário *Lloyd Loom* para o meu quarto. O que é que achas?

– É um bocadinho *efeminado* – observou ele, a sua atenção claramente noutro lado. – Mas gosto daquela arca enorme, cheia de autocolantes de viagens! Achas que o Resmungas me deixa ficar com ela?

– Sabes que iria ocupar muito espaço no teu quarto.

– Talvez, mas podia guardar montes de coisas lá dentro, por isso o resto do quarto acabaria por ficar mais arrumado – sugeriu ele, astuto.

– Se a queres mesmo, acho que deve caber aos pés da tua cama e o Resmungas não se vai importar porque ele disse que eu podia ficar com qualquer coisa que estivesse no sótão. – Estendi-lhe o rolo de etiquetas. – Toma,

escreve aqui « *Cottage*, quarto da frente» e cola-a no cimo.

Ele fez o que lhe mandei e depois pedi-lhe que levasse as últimas caixas e sacos até ao vestíbulo.

– *Okay* – disse ele, pegando em dois sacos pesados em cada mão como se não pesassem quase nada –, mas o que queria mesmo era saber o que é o jantar.

Passei uma mão cansada pela testa.

– Oh, não sei... ainda nem pensei nisso.

– Zillah disse que ia fazer tarte de carne de vaca e fígado, puré de ervilhas e batatas estaladiças, mas tens de dizer já se queres, antes que ela comece a cozinhar.

– Podes comer isso, se te apetercer, Jake. Esta noite vou encontrar-me com o Felix e a Poppy; e quando acabar de tomar um duche para me livrar de toda esta sujidade, só terei tempo para comer qualquer coisa rápida. O que é que vais fazer esta noite?

– Prometi ao Resmungas que o ajudava com uma coisa – disse ele num tom misterioso e depois riu-se da minha expressão. – Não, não estou prestes a tornar-me membro da irmandade e andar para aí a saltar com um monte de cotas, ou a fazer qualquer outra coisa ridícula! Ele só quer que eu procure na Internet alguém chamado Digby Mann-Drake.

– Digby *Mandrake*? Isso ainda soa mais falso do que Gregory Warlock!

– Mann com dois *ns* e um hífen. Acho que esta parte do Mann é inventada, já que ele se parece um pouco com o Aleister Crowley[5]... Todas aquelas roupas elegantes e « Que tudo aquilo que fazeis seja toda a lei» – disse o neto de Gregory Warlock, subitamente bem informado. – De facto, ele soa a um monte de sarilhos e tem andado a enviar ameaças veladas ao Resmungas, porque queria comprar o Old Smithy, só que ficou doente no momento crucial.

– Oportuno – comentei, achando que aquilo soava terrivelmente parecido ao enredo do *Filho de Satanás*. Seria possível que aquele Mann-Drake fosse o Adversário Secreto, tanto no romance como na vida real? O homem que tentara evitar que o Resmungas percebesse a importância da localização mágica do Old Smithy? A intriga adensava-se. – Eles conhecem-se, Jake?

– Andaram em Oxford ao mesmo tempo, mas acho que desde essa altura que os seus caminhos não se voltaram a cruzar até agora. O Resmungas quer sondar os pontos fracos de Mann-Drake, de modo a poder proteger-nos se ele tentar fazer alguma patifaria – respondeu ele, com uma irreverência animada. – Por isso é que quer as informações. Vemo-nos mais tarde.

Levei a caixa de sapatos com as cartas para o meu quarto, depois voltei a correr uma última vez até ao sótão para encher o interior da mala de porão com o intensíssimo cheiro do *aftershave Lynx* de Jake, o que fez desaparecer

por completo o cheiro de *Je Reviens*. Não havia qualquer necessidade de ambos chafurdarmos em recordações lastimáveis.

Tomei um duche rápido, de modo a ter tempo de procurar na Internet um dos correspondentes da minha mãe, que descobri ser um actor; depois imprimi a sua fotografia e alguma informação para levar comigo até ao Falling Star, onde me ia encontrar com Poppy e Felix.

Zillah deve ter entrado na sala de estar, mesmo depois de eu ter acabado a minha pesquisa e de ter voltado à casa de banho para pôr um pouco de maquilhagem, porque havia um prato em cima da mesa tapado por uma tigela quente, virada ao contrário. Não pensei estar com fome até levantar a tigela e o cheiro da tarte de carne de vaca e fígado e das batatas me atingir, mas comi tudo aquilo em cinco minutos exactos, de pé, antes de sair a correr.

A indigestão estava escrita nas cartas, isto se, nos últimos tempos, eu conseguia distinguir azia da dor de coração.

Cupido Estúpido

Estávamos os três sentados à volta da mesa na sala privada do Falling Star, o monte de cartas da minha mãe e os *prints* do computador espalhados sobre a mesa, entre os nossos copos.

– Então, vamos lá a ver se nos entendemos, Chloe – disse Felix, fazendo uma tentativa corajosa para perceber a minha narrativa incoerente. – Quando Lou ficou grávida de ti, ela não disse apenas a Chas Wilde que ele era o pai, mas também o disse a *outro* homem?

– Sim, como um esquema para fazer dinheiro. Como eram ambos casados, assim que ela os ameaçou que ia contar às suas mulheres eles concordaram em pagar-lhe para se manter calada a esse respeito. Ela tinha um belo esquema montado.

Nunca pensara que ainda me podia sentir mais desiludida com a minha mãe, mas aquilo fez com que a minha opinião a seu respeito caísse a novas profundidades e não tenho a certeza se alguma coisa consegue sobreviver ali em baixo, em especial o amor.

– Céus! – exclamou Poppy, de olhos arregalados. – Então o teu pai pode ser qualquer um deles?

– Sim... ou nenhum, porque não há qualquer certeza que não fosse uma pessoa completamente diferente, pois não?

– Oh, não sei – disse Felix pensativo. – Como ela parece ter ficado grávida para atingir um fim, é provável que tenha sido um dos dois. Ainda continua a ser muito provável que tivesse sido Chas Wilde, como ela sempre to disse, sabes.

– Sim, ele sempre se interessou por ti e enviou-te presentes de Natal e de aniversário, algo que nunca fez por nenhum de *nós* – concordou Poppy – e vem visitar-te sempre que se desloca ao norte.

Quando eu era miúda aquelas tinham sido visitas curtas e embaraçosas, comigo desesperada por saber se ele era o meu pai, porque não lhe podia telefonar ou perguntar-lhe outras coisas que me intrigavam, como por exemplo por que razão ele não vivia comigo e com a minha mãe. Mas, mais tarde, quando já tinha a idade suficiente para compreender, tornámo-nos mais próximos e ficámos mais à vontade um com o outro. Já não o via com muita frequência desde que a minha mãe desaparecera, mas mantínhamo-nos em contacto por telefone e *e-mail*.

– Mas isso tudo não prova que ele seja meu pai, apenas que a minha mãe o convenceu de que era – salientei, e depois desesperada baixei os olhos para as cartas. – Quem me dera não as ter lido para poder continuar a acreditar que

Chas é o meu pai, porque, pelo menos, ele é querido e simpático, apesar de ter sido suficientemente estúpido para deixar que a minha mãe o usasse!

– Mas, Chloe, ele pode muito bem ser *mesmo* o teu pai – disse Poppy.

– Eu sei, e quero que seja – respondi, pegando num dos envelopes que estava em cima da mesa –, porque quando se lê esta carta que ele escreveu à minha mãe quando eu tinha dez anos, depois de ter por fim confessado tudo à mulher, ele deixou bem claro que ia continuar a sustentar-me... que se *importava* comigo.

– É um bom homem – concordou Poppy – e pagou bem por um momento de fraqueza, não pagou?

– Mesmo muito bem... e talvez por alguém que nem sequer era sua filha. Olha para estas duas fotografias que tirei da Internet e diz-me se achas que sou parecida com algum deles. As de Chas são de quando ele era mais novo, por isso está muito diferente.

Felix e Poppy juntaram as cabeças sobre as fotografias e Felix perguntou:

– Quem é este outro homem?

– Carr Blackstock, um actor, sobretudo de teatro, em especial Shakespeare, mas já apareceu numa ou duas coisas na televisão. Quando procurei o nome dele no Google, foi o único que apareceu, por isso deve ser ele.

– Parece-me um pouco familiar – disse Poppy, depois acrescentou hesitante –, embora isso possa ser porque vocês são um bocado parecidos. Ligeiramente *élficos*, se é que percebes o que quero dizer, como a Kate Bush.

– Élfico? Eu não pareço nada élfica – disse, irritada –, nem sou parecida com a Kate Bush. Gostava que as pessoas deixassem de dizer isso!

– Bem, decerto que não era a mim que os miúdos chamavam «Orelhas de Fada» na escola! – retorquiu ela.

– Não, tu eras o «Pudim» porque comias a torta de geleia e creme de ovos de toda a gente às quartas-feiras!

– Apenas porque precisava da energia. Eu queimava carradas de calorias a limpar o estrume dos meus póneis todas as manhãs, antes de as aulas começarem – disse Poppy com dignidade.

– Pronto, meninas! – disse Felix, gentilmente. – Acho que nos estamos a afastar da questão... E tenho de concordar com Poppy que, se tivesse de escolher um destes dois, como sendo aparentado contigo, então Carr Blackstock seria o homem. É difícil dizer pelos *prints*, mas ele até parece ter os mesmos olhos cinzento-claros e invulgares.

– Acho que o tinteiro está a acabar. De qualquer maneira, o Resmungas tem olhos cinzentos.

– Sim, mas de um cinzento vulgar – disse ele.

– Não há nada de vulgar no Resmungas!

– Isso é verdade, eles *são* um pouco penetrantes.

– O que é que sabes a respeito deste actor? – perguntou Poppy e eu pesquei a folha de informações do fundo do monte. Um de nós devia ter entornado um pouco da sua bebida, porque estava um pouco húmida e enrugada.

– Está casado *desde sempre* com a mesma mulher e têm quatro filhos. A minha mãe deve tê-lo apanhado num momento de fraqueza, como aconteceu com o Chas. Não diz muito quanto à fidelidade dos homens, pois não?

– Não somos todos iguais – disse Felix, o que no seu caso era verdade. Ele era do tipo fiel-até-à-morte e divorciara-se da mulher vários anos antes, mas só quando ela tivera um caso demasiado óbvio. – Mas a tua mãe devia ser um espectáculo na altura, se é que essa é uma circunstância atenuante. E todos cometemos erros na vida, de uma maneira ou de outra.

– Ele deve ter ficado furioso por ter cometido este, porque, para além da sua resposta muito concisa a respeito da notícia da gravidez, não há quaisquer cartas até ao meu décimo oitavo aniversário, quando ele enviou uma nota a dizer que não ia continuar a pagar e que de qualquer maneira nunca estivera inteiramente convencido de que eu fosse sua filha.

– Acho justo, porque na altura não havia testes de ADN como agora, por isso ele não poderia provar nada de uma maneira ou de outra, pois não? – disse Felix.

– Mas, se ele te tivesse *visto*, ter-se-ia apercebido da semelhança – disse Poppy.

– Não acho que haja semelhança alguma. – Voltei a observar as fotografias. – Estás a imaginá-la.

– Só que, dos dois, ele é o mais parecido contigo – disse Felix.

– Ou o *menos diferente*. E quer tivesse acreditado ou não, ele pagou, tal como o pobre Chas, por isso a minha mãe deve ter pensado que tinha ali um bom esquema até o dinheiro deixar de aparecer, quando eu fiz dezoito. – Voltei a atirar a fotografia para o monte. – E depois a coisa verdadeiramente horrível é ela ter pensado que ia tentar o mesmo truque, ficando grávida do Jake!

Os olhos cor de ganga clara de Poppy abriram-se mais.

– Oh, não, com o Jake não!

– Sim, só que dessa vez não resultou.

– Sim, bem, acho que hoje em dia já não resulta – disse Felix. – As coisas mudaram e muitos homens já nem se interessam, excepto se forem obrigados a pagar pensão de alimentos. E podem descobrir logo à partida se o filho é mesmo deles através de um teste de paternidade.

– Lou nunca foi muito brilhante e só mais tarde é que se deve ter lembrado disso – respondi, e depois esbocei um sorriso cansado. – E o homem que ela tentou enganar e dizer que era o pai muito louro, por isso nunca iria resultar se ele alguma vez visse o bebé! Acho que por uma vez ela estava a dizer a verdade quando me contou que o pai de Jake era um empregado de mesa

italiano que ela conheceu numa férias. Ele tinha de arranjar aqueles adoráveis olhos castanho-escuros nalgum lado.

– Presumo que, quando percebeu que não ia conseguir dinheiro com aquilo, ela achou que não valia a pena estar a mentir a respeito do pai – concordou Poppy. – Assim, pelo menos, não tens de te preocupar com a paternidade de Jake, apenas com a tua.

– Mags e Janey parecem ter estado ambas envolvidas no esquema original de Lou. É óbvio que, pelo menos, Mags pensou que era muito divertido – disse Felix, erguendo os olhos depois de ler uma das curtas mensagens, escrita na caligrafia rabiscada da mãe. – Em especial a respeito de Chas, já que ele nunca mostrou sinais de ser outra coisa para além de um homem casado e feliz até Lou o seduzir.

– Bem, ele poderia ter dito que não – admitiu Poppy, justa –, tal como o outro homem.

– Podiam, mas não o fizeram – disse Felix. – Lou sabia aquilo que estava a fazer e aproveitou-se um pouco disso. De facto, as nossas três mães parecem tê-lo feito; embora, pelo menos, a tua tenha assentado depois de alguns anos selvagens e acabado por casar, Poppy.

– Isso foi apenas uma combinação oportuna de cavalos desesperadamente desaparecidos e de se ter apaixonado pelo meu pai. Assim que ele partiu, ela começou a tentar abrir caminho através dos membros masculinos do clube de caça Middlemoss Drag.

– Literalmente – disse eu e Poppy soltou uma risadinha.

– Presumo que sim! Mas, pelo menos, não voltou a levar nenhum para casa desde que a apanhei numa baía com um dos responsáveis pela matilha tinha eu treze anos. E, no geral, não tem sido má mãe.

– Desse ponto de visto, é certo que acabou por ser a melhor do grupo – concordou Felix –, embora isso não queira dizer muito. A mãe de Chloe é uma fugitiva com tendência para a chantagem, enquanto a minha negligente progenitora me abandonou na casa dos meus avós assim que eu nasci; e ainda anda por aí na casa dos cinquenta, embora viva nominalmente com um imbecil bajulador com metade da sua idade.

– Pelo menos, está *por perto*, Felix – observei, porque Mags tivera a sorte de receber uma herança que um antigo amante lhe deixara e abrira, alguns anos antes, o clube nocturno Hot Rocks em Southport. O referido imbecil bajulador era o gerente. – Se ela não tivesse um negócio para gerir, poderia ter decidido desaparecer com a minha mãe.

Eu nunca acreditara na versão dos acontecimentos que Mags contara a respeito da noite em que a minha mãe desaparecera. Lou e Mags tinham sido sempre unidas, enquanto Janey tinha tendência para se afastar e fazer as suas coisas sozinha depois das Wilde's Women terem acabado anos antes, embora

tivessem todas continuado amigas e por vezes se juntassem no Hot Rocks.

– Só Deus sabe o que é que Lou andou a preparar durante todo este tempo, ou onde ela está, embora suspeite que a Mags me poderia dar uma pista se o quisesse fazer, Felix – disse eu.

Quando ela deixara de ir passar férias sozinha para a Jamaica, e em vez disso começara a visitar Goa, eu perguntara-me se aquela seria uma pista de que a minha mãe fugira das Caraíbas.

Ele pareceu pouco à vontade.

– Já lho perguntei e ela jura que não faz a mínima ideia.

– Sim, foi isso que ela me disse, mas não acredito nela.

– E eu perguntei à minha mãe se a Mags lhe contou alguma coisa, e ela disse que não – acrescentou Poppy –, embora isso não queira dizer nada, porque elas sempre mentiram e se encobriram umas às outras. – Apontou para as coisas em cima da mesa, que Felix estava agora a arrumar bem arrumadas dentro da caixa. – O que é que vais fazer quanto a isto, se é que vais fazer alguma coisa?

– Não sei, vou ter de pensar no assunto. Foi um choque descobrir que o meu pai pode não ser o Chas. Mas não vale a pena contar nada disto ao Jake, porque apenas o iria perturbar; e de qualquer maneira parece que, pelo menos, ela contou a verdade acerca do pai dele. Até lhe deu uma fotografia de férias deles os dois juntos, embora não seja muito nítida.

– Ele deve ter sido simpático, porque Jake também o é – disse Poppy, leal. Ela sempre adorara Jake, que nunca lhe pregara partidas (para além daquelas mais leves, como almofadas aos saltos e moscas de plástico no café) e a tratava por tia Pops.

– Não vou fazer nada de impulsivo. Mesmo que o quisesse fazer, neste momento tenho demasiadas coisas para tratar, a tentar manter o meu negócio a funcionar enquanto separo, guardo e preparo as coisas para a mudança. Amanhã vou desmontar a minha estufa.

– Posso ir ajudar-te – ofereceu-se Felix.

– Não, está tudo controlado, Felix – disse rapidamente, já que ele é bastante inútil como faz-tudo, além de ser o beijo da morte para qualquer coisa que se possa partir, pois é muito desastrado. – Não demoro nada. Foi fácil o montá-la e ainda tenho as instruções.

– A sério, Chloe, nós fazemos uma boa equipa – insistiu ele. – Poderíamos fazê-lo duas vezes mais depressa.

– A sério, *não* podíamos... em especial, no que se refere a painéis de vidro.

Ele pareceu ligeiramente magoado, por isso acrescentei:

– Mas vou precisar da tua ajuda no dia da mudança.

Senti que precisava de outra bebida, por isso fui até ao bar pedir outra rodada.

Quando voltei, Poppy anunciou de repente:

– Tenho um encontro amanhã à noite!

– De onde? Pensei que tinhas desistido dos sítios de encontros da Internet e decidido que as agências de casamento privadas eram demasiado caras.

– Com quem? – quis Felix saber num tom de voz mandão, de irmão mais velho.

– Apenas um homem que conheci na secção de anúncios dos corações solitários, do *The Times* – disse ela, num tom casual. – Falámos horas ao telefone e agora vamo-nos encontrar.

– Onde? – perguntei, distraída pelos meus próprios problemas. – Espero que sejas sensata e que seja num lugar público, com outras pessoas por perto.

– Sim, não fazes a mínima ideia do tipo de homem que ele é – concordou Felix. – As pessoas podem inventar qualquer coisa.

– Eu sei. Já vos disse que falámos durante horas e temos muita coisa em comum. E não há problema, porque nos vamos encontrar em Sticklepond, no Green Man.

– Sabes como é que ele é? – perguntei.

– Sim, é de estatura média e um pouco parecido com o Tom Cruise.

– Se ele fosse parecido com o Tom Cruise, de certeza que não precisava de procurar mulheres através dos anúncios dos corações solitários – disse Felix, desconfiado.

– É possível que esteja a exagerar um pouco, mas espero que ele seja mesmo simpático – repliquei rapidamente, vendo o rosto de Poppy a entristecer. – Disseste-lhe como eras?

– Disse que tinha a pele clara, olhos azuis e que era do tipo de gostar do exterior. Ele achou que isso era perfeito, porque é muito enérgico e adora perseguições fora de portas.

– Pronto, está combinado – disse Felix. – Também vou!

– Não vais nada. Três são uma multidão e não preciso de um pau-de-cabeleira!

– Não disse exactamente *contigo*, Poppy, apenas vou estar no *pub* para ver como é que as coisas correm. Mas não vás para lado nenhum com ele. Vou de carro, mas posso perder-te.

– Oh, sinceramente, Felix! – disse ela, mas senti-me satisfeita por ver que ele se estava a concentrar em Poppy e não em mim. Eu sei tomar conta da minha pessoa, mas Poppy é demasiado crédula.

Depois, de repente, vindo de lado nenhum, recebi um ofuscante clarão de iluminação – Felix tinha todas as características que Poppy me enumerara recentemente, as coisas que ela queria num homem! Era solteiro, amável, honesto, não era um maniaco do sexo ou um obsessivo bizarro, e era atraente.

E se Felix anseia mesmo assentar numa confortável vida familiar antes que

seja demasiado tarde, então está a ladrar à árvore errada no que se refere à minha pessoa, mas ele e Poppy podiam ser perfeitos um para o outro. Só que, é claro, ela vê-o a uma luz fraternal e Felix pensa em Poppy como uma companheira, só que da maneira errada.

Nós os três fomos infelizes no amor e, por alguma estranha coincidência, passámos pelos nossos piores momentos, mais ou menos na mesma altura embora de maneiras diferentes. Enquanto o meu coração estava a ser feito em pedaços por Raffy na universidade, Poppy estava longe a obter os seus certificados de instrutora de equitação e a apaixonar-se cegamente (de uma maneira indesejada, tipo heroína francesa) por um dos membros casados do pessoal e o casamento de Felix debatia-se nos estertores da morte.

Presumo que, de maneiras diferentes, tínhamos todos obtido uma educação, só que não do tipo que desejávamos.

Na altura em que nos voltámos a juntar, estávamos prontos para regressar à nossa antiga e confortável amizade, sem necessidade de um qualquer exaustivo *pos-mortem* emocional, sobretudo, desconfio, porque os três ainda albergávamos um ou outro segredo que, por enquanto, ainda não queríamos partilhar.

Eu decerto que albergava. E quanto mais tempo passava sem o contar a ninguém, mais difícil se tornava confidenciá-lo a alguém até mesmo a Poppy, para quem toda a minha vida fora um livro aberto até ao momento em que parti para a faculdade.

Encontros Rápidos

Apesar das descobertas que fizera a respeito da minha mãe me terem deixado profundamente perturbada, não tinha muito tempo para me sentar a pensar no assunto ou tentar descobrir o que fazer quanto a ele.

Ainda precisava de encaixotar muita coisa, incluindo embrulhar em papel bolha a minha extensa colecção de anjos ornamentais, muito dos quais me tinham sido oferecidos. Também estava a tentar arranjar um *stock* suficientemente grande de Desejos de Chocolate que me chegasse até recomençar com a produção na *cottage*, por isso o Banho estava a chocalhar muito bem e sem parar, enquanto aquecia e remexia a cobertura, e tabuleiros de anjos cobertos de chocolate e moldes de corações cobriam todas as superfícies, a endurecerem antes de eu lhes poder introduzir os respectivos Desejos e selá-los.

Seria maravilhoso ter uma «oficina» separada, porque o fabrico do chocolate tomara conta de todo o apartamento!

Entretanto, nem sequer a iminente mudança de casa fazia com que o Resmungas parasse com a sua firme produção diária de um ou dois capítulos do romance, ou a sua incessante correspondência: excêntricos do mundo, univós! Voltara a dizer-lhe naquela manhã que o *e-mail* seria mais fácil e rápido e que lhe podia ensinar como o enviar sem demorar tempo nenhum, mas ele disse que o diabo estava na máquina e que podia ficar aí.

Depois acrescentou que isso lhe dera uma ideia, e começou de imediato a escrever, a minha presença já esquecida; por isso saí em bicos dos pés e deixei-o a fazer o que quer que estava a fazer, embora não me parecesse que ele tivesse reparado na minha saída mesmo que lhe tivesse soprado um trombone junto aos ouvidos e depois tivesse batido com a porta.

– Então, que tal correu? – perguntei a Poppy, quando ela me foi visitar na manhã a seguir ao seu encontro. – Ele apareceu?

– Sim, mas levei séculos a perceber que era ele. Estivemos ambos sentados no bar durante uma meia hora, cada um de nós a pensar que o outro não ia aparecer. Felix estava num canto, escondido atrás de um jornal, como um espião. Esteve sempre a espreitar por cima dele. – Soltou uma risadinha incontrolável. – Na verdade, parecia-se com uma noite de solteiros tímidos!

– Pensei que o tipo te tenha dito que era parecido com o Tom Cruise? Devia ter sido fácil encontrá-lo.

– Na realidade, parecia-se mais com um pão. Tinha uma cabeça pequena, mas um estômago enorme e pernas curtas.

– Acho que o Tom Cruise não é muito alto, pois não?
– Não, mas pelo menos é atraente! Este tinha uma cara capaz de fazer parar relógios.

– Assim tão mau? – perguntei compreensiva.

– Pior ainda! Quero dizer, não tenho quaisquer objecções contra os *rústicos*, mas o Missil Cruise era feio como uma *gárgula*! Mas, por fim, quando não apareceu mais ninguém, apercebi-me que devia ser ele, porque estava constantemente a olhar para a porta como se estivesse à espera de alguém.

– Missil Cruise? Era assim que ele se chamava no anúncio? – perguntei incrédula. – Não nos contaste essa parte.

– Não me pareceu importante – disse ela, simplesmente. – Apenas um nome para chamar a atenção.

– E parece que te chamou mesmo a atenção. Qual era o teu nome?

– Dama Cavaleira.

– *Dama Cavaleira?* – Olhei para ela e ela retribuiu-me o olhar, inocentemente. Considerando a sua mãe, nem consigo acreditar como às vezes Poppy consegue ser tão inocente, mas ela tem uma mente muito literal e deve ser daí que surge toda a sua ingenuidade.

– Bem, é isso que sou, não é?

– Si-im... – disse lentamente –, mas... bem, não interessa. O que é que fizeste a seguir, esgueiraste-te pela porta das traseiras com uma desculpa qualquer e piraste-te?

– Não, aproximei-me dele e perguntei-lhe se estava à espera de uma Dama Cavaleira e ele disse que sim, só que percebi que ele também ficou muito decepcionado comigo.

– Não percebo porquê – disse-lhe com lealdade, embora fosse verdade que para Poppy a ideia de fazer um esforço para se arranjar resumia-se, habitualmente, a aplicar um pouco de batom cor-de-rosa contra o cieiro e passar um pente pelo cabelo ligeiramente ondulado, cor de areia molhada; regra geral, o pente que acabara de usar para pentear a cauda de *Honeybun*.

– Ele disse-me logo porque é que ficou decepcionado. Pensava que eu ia aparecer vestida de calças de montar e com um chicote!

– Oh, céus, um desses.

– E era mesmo. Não estávamos a falar nem há cinco minutos (nem sequer se ofereceu para me pagar uma bebida), quando disse que fora um pónei muito mau e porque é que não íamos até minha casa para eu o poder *treinar*. Fiquei um pouco abananaada.

– Presumo que não tivesses feito o que ele queria? Como é que te conseguiste escapar?

– Chamei a atenção de Felix e murmurei, « Socorro! » .

– O cavaleiro galante que vai salvar a dama, bom velho Felix!

– Não salvou de imediato. Levantou-se e saiu pela porta das traseiras e por momentos pensei que ele me tinha abandonado, embora é claro que soubesse que ele nunca o faria. Entrei um pouco em pânico e estava apenas a empatar o Missil Cruise ao dizer-lhe que a minha mãe estava em casa a limpar o estrume, quando Felix voltou a entrar pela porta da frente, aproximou-se imediatamente de mim e disse: «Então é aqui que estás, Poppy! As crianças estão a chamar por ti... Por favor, volta para casa comigo, querida. Desculpa termos discutido!»

– Acho que ele anda outra vez a ler melodramas vitorianos – respondi. – E depois...?

– Levantei-me, sorri ao Missil Cruise e disse que lamentava, que fora tudo um equívoco, e depois saímos e fomos para a loja do Felix. Na altura foi horrível, mas passado um bocado pareceu tudo muito cómico e, como era uma pena desperdiçar uma saída, fomos ver um filme a Southport. Tentámos ligar-te para saber se querias vir, mas ninguém atendeu.

– Sim, o telefone tocou – lembrei-me –, mas estava num momento complicado com um anjo importante numa leitura de cartas personalizada, por isso não pude atender e depois esqueci-me. Lancei-me numa grande produção. Toda a casa cheira a uma fábrica de chocolate.

– Cheira sempre – disse simplesmente Poppy. – Eu gosto.

Não fiquei surpreendida por, passados dez minutos depois de Poppy sair, Felix me ligar a contar a sua versão, a qual era semelhante, excepto que ele insistiu que o tipo com quem Poppy estava era sinistro e macabro.

– Para ser sincera, acho que, sem querer, a Poppy lhe enviou todos os sinais errados. Pelo que ela me contou, o homem pareceu-me mais triste e insignificante do que qualquer outra coisa – disse.

– Perigosamente bizarro – insistiu ele. – Não consigo perceber como é que a Poppy, tendo crescido com uma mãe como a Janey, continua a ser tão... – Interrompeu-se, vasculhando o cérebro para o *puzzle* que era Poppy, a Maria von Trapp[6] (sem a música) de Sticklepond. – Doce e inocente? – sugeri. – Foi exactamente o que pensei. – Eu diria crédula e confiante. Já lhe disse para deixar de responder àquele tipo de anúncios.

– Ela concordou?

– Não, disse que lá porque havia uma maçã estragada, não queria dizer que todo o cesto estivesse apodrecido. Tens de a ajudar a ter mais bom senso.

– Mas ela sente-se sozinha, Felix, e eu não posso estar sempre com ela. Estou demasiado ocupada com o meu negócio e a tentar manter-me atenta ao que o Jake anda a fazer.

– Jake é agora legalmente um adulto, não precisas de fazer isso.

– Ele pode ser legalmente adulto, mas continua a ser o meu irmão mais

novo, em parte rapaz, em parte homem. Quero ter a certeza que ele se mantém no caminho certo, até chegar à universidade. Depois terei dado o meu melhor e ele estará fora das minhas mãos.

– Sim, e tu ficarás livre para teres aquilo que queres *mesmo* da vida.

– Parece que já tenho quase tudo, embora também esteja ansiosa por um pouco de liberdade, estar sozinha e fazer as minhas próprias coisas – respondi, animada. – Espero poder passar mais do meu tempo livre naquele adorável jardim murado, depois de me mudar. Mal consigo esperar.

– Hmm – disse ele, soando desencorajado, o que era a minha intenção.

Tentei mais algumas manobras.

– De momento, as coisas andam tão frenéticas, a preparar-me para uma mudança com tão pouco tempo de antecedência, que de qualquer maneira não teria tempo para vigiar a Poppy, mesmo que o quisesse fazer.

– Alguém tem de o fazer, porque aquilo em que ela anda metida pode ser perigoso. – Suspirou sofrendo. – Presumo que tenha de ser eu a fazê-lo.

Emiti sons encorajadores, embora não esteja completamente certa se Poppy irá gostar de ser continuamente seguida por Felix, nos seus encontros com potenciais pretendentes. Mas se eles forem tão horríveis como o primeiro, o que parece bastante provável, ela poderá começar a ver aquilo que tem debaixo do nariz sob uma nova luz. Talvez *ambos* o vejamos.

Relembrei-o, tal como já fizera com Poppy, que não ia contar nada a Jake a respeito daquilo que eu descobrira no sótão. O comportamento da minha mãe já o magoara o suficiente e não havia qualquer necessidade que ele soubesse que a mãe apenas o tivera para tentar extorquir dinheiro. Desejava também não ter sabido que fora por esse motivo que ela me tivera, mas eu aguentava-me, sempre o fizera.

Para além de encaixotar as suas coisas, Jake fora bastante inútil nos últimos dias e andava taciturno de um lado para o outro como um Lorde Byron ligeiramente gótico (mas sem o coxear).

Uma manhã, quando lhe perguntei se ele estava chateado por causa da mudança, ele disse com uma expressão tensa:

– Não. É uma rapariga.

Olhei-o surpreendida.

– Não sabia que tinhas uma namorada, Jake. Mantiveste isso em segredo.

– Não tenho nenhuma, o problema é esse.

– Quer dizer, gostas de alguém mas ela não quer sair contigo?

Ele suspirou pesadamente.

– Ela nem sequer sabe que existo! É nova, os pais acabaram de se mudar para esta zona e ela parece estar sempre a trabalhar. Se não está nas aulas, está na biblioteca.

Desejei que Jake fosse parecido com ela!

– Parece ser simpática – respondi, num tom amável. – No entanto, que altura terrível para mudar de escola mesmo antes dos exames. Provavelmente, é por isso que ela se está a concentrar nos estudos.

– Ela também está mortinha para ir para Oxford – disse ele, ainda mais sombriamente.

– Têm as mesmas disciplinas?

– Sim, é por isso que estou sempre a vê-la. Só que parece que ela não me vê.

Não sei como é que ela não o via – alto, de olhos castanhos, atraente, e todo de preto desde o cabelo pintado às botas enormes –, mas aproveitei a oportunidade para alguns conselhos sorrateiros. Chateá-lo para mudar tinha sempre o efeito oposto, mas se o convencesse a mudar para impressionar uma rapariga, isso poderia trazer grandes resultados...

– Então têm coisas em comum, Jake, e isso é um bom começo. Se eu fosse a ti, ia para a biblioteca na mesma altura em que ela lá estivesse; podes perguntar-lhe se ela te deixa ver alguma coisa num dos seus livros, esse género de coisa. Mostra-lhe como também estás empenhado nos *teus* estudos.

Ele lançou-me um olhar desconfiado, mas concordou relutante que eu poderia ter uma certa razão.

Limpei e consertei o bonito espelho de conchas, depois embrulhei-o em papel bolha e coloquei-o no sótão juntamente com a otomana e mais algumas coisas frágeis, como a nossa caixa de decorações de Natal e um anjo ornamental particularmente bonito, mas muito frágil, feito de vidro soprado.

Enquanto estava ali em cima reparei que Jake já devia ter transferido alguns dos seus tesouros mais duvidosos para a mala de porão, porque esta tinha agora um enorme cadeado preso ao fecho e, quando tentei levantar uma ponta, pesava uma tonelada. Só esperava que os homens das mudanças a conseguissem fazer descer pelas escadas estreitas e íngremes do sótão.

Jake parecia mais animado desde que tivéramos a conversa a respeito da rapariga de que ele gostava, por isso talvez o meu conselho para a conhecer melhor tivesse obtido resultados. Também esperava que lhe trouxesse melhores resultados nos exames.

Nessa noite, Chas ligou-me, o que me apanhou de surpresa, apesar de ele o fazer de tempos a tempos. E suponho que devo ter soado um pouco estranha, porque ele perguntou-me se estava tudo bem.

Eu ainda não me sentia preparada para discutir aquilo que me estava a passar pela cabeça, por isso limitei-me a dizer-lhe que andava cansada e contei-lhe tudo a respeito da nossa iminente mudança de casa.

Ele foi amável e mostrou-se interessado como habitualmente, de modo que dei por mim a desejar de novo que ele fosse mesmo o meu pai; no

entanto, ainda teria sido melhor ter um pai que não tivesse de fazer chamadas furtivas pelo telemóvel quando a sua família não estava por perto!

Poppy foi visitar-me ao apartamento depois da reunião seguinte do conselho paroquial. As reuniões pareciam estar a suceder-se a grande velocidade, por causa de todas as mudanças que estavam a acontecer em Sticklepond e disse-me que o gato ainda não saíra do saco a respeito do Resmungas e do Old Smithy.

– Mas estou com medo de me poder descair, e tenho a certeza que eu e Felix parecemos sempre culpados.

Eu conseguia imaginar Felix e Poppy a evitarem os olhos um do outro e a parecerem esquivos. No entanto, aquela era uma notícia que, mais cedo ou mais tarde, todos teriam de saber.

– Por sorte, eles tinham outras novidades para os distrair ou poderiam ter percebido – disse ela.

– Oh? – Ergui os olhos da minha tarefa de embrulhar o último dos meus anjos de coleção em papel bolha. – Descobriram por fim quem é o vigário ex-estrela da *pop*?

– Não, também ainda não sabem nada a esse respeito. A novidade é que uma velha casa chamada Badger's Bolt, que estava há séculos para venda, provavelmente porque não tem água canalizada, apenas água de nascente, e por ser um pouco isolada, foi finalmente vendida. Fica no cimo de um carreiro, perto do limite da propriedade de Winter's End. Só sei onde fica porque compramos feno a Mister Ormerod, que é o dono da quinta vizinha.

– Não sei o que é que isso tem de tão fascinante, Poppy. As pessoas estão sempre a comprar e a vender casas.

– Sim, mas Badger's Bolt é importante porque lhe pertencem dois pedaços de terra da aldeia, onde se situa o clube de ténis e a piscina pública; e se há um novo proprietário, então o aluguer pode subir quando o contrato actual terminar.

O assim chamado campo de ténis era uma área relvada para piqueniques junto à curva do rio, que fora parcialmente bloqueado por enormes rochedos para formar uma piscina grande e baixa, onde no Verão as famílias locais chapinhavam.

– Não me contaste há séculos que estavam a tentar angariar fundos para comprar o clube de ténis e a piscina? Tenho a certeza que comprei rifas para isso.

– É verdade, e é Effie Yatton que tem estado a organizar as coisas, mas ainda não têm dinheiro suficiente e agora talvez o novo dono não queira

vender. Mas Conrad disse que ele era um homem idoso muito simpático, um tal Mister Drake, por isso talvez ele se sinta feliz por deixar as coisas como estão – acrescentou ela, optimista.

– Eu nunca teria pensado que um homem idoso fosse querer uma casa isolada, num local muito distante de quaisquer comodidades e com um fornecimento de água instável.

– Ele pode não saber que a pressão de água não é boa, em especial no Verão. Não me parece que Conrad o tivesse mencionado. – De repente, soltou uma risadinha. – Lembras-te quando o Felix se mudou para a sua loja e encontrámos aquele alçapão no chão da cozinha, debaixo do linóleo?

– Sim, conduzia a uma adegas com um riacho, que corria por um canal de pedra, mesmo no centro da divisão, e ele não sabia nada do assunto. A cara que ele fez quando lhe disseste que ter água fria e corrente na casa era provavelmente um luxo na época em que foi construída foi digna de se ver.

– É uma pena que não haja nada assim em Badger's Bolt. Esse tal Mister Drake disse a Conrad que também comprou o título de lorde da Mansão de Sticklepond, quando foi a leilão; e Hebe Winter pensa que isso é sinal que, de um modo geral, ele será benevolente para com os interesses da aldeia.

– Eu pensava que os Winter eram os lordes da mansão.

– Não, alguns desses antigos títulos não pertencem a famílias locais. Aparentemente são independentes e depois, às vezes, são leiloados em grupo. Miss Winter disse que queria que tivesse sido a sua sobrinha-neta a comprá-lo, mas como é apenas um título sem qualquer importância, ela achou que seria melhor gastar o dinheiro na propriedade.

– Provavelmente, tem razão. Soa a uma coisa que apenas se compraria por vaidade, como uma matrícula personalizada. – Baixei a tampa da caixa e fechei-a, depois escrevi «Anjos, sala de estar» na tampa em letras grandes, com um marcador preto. – Vamos beber um café e depois podes contar-me porque é que estás a segurar um exemplar do *Times*.

– Marquei alguns homens na coluna de corações solitários e, depois do último desastre, quero saber a tua opinião antes de os contactar. És capaz de perceber melhor do que eu se eles soam estranhos.

A mim soavam-me *todos* estranhos ou desesperados. Mas Poppy também estava a ficar um pouco desesperada (embora não seja de modo algo estranha), já que adoraria casar e ter filhos antes de ser demasiado tarde.

Eu resignei-me a não ter nenhum, a não ser que servir de mãe a Jake pudesse ser considerado como tendo um filho. Mas isso não tinha preenchido muito os meus anseios maternos, tinha-os talvez arrancado pela raiz.

Boas Libações

Por fim, quando a paciência heróica dos compradores da casa estava a esgotar-se, o dia da nossa mudança para o Old Smithy amanheceu claro e brilhante.

No dia anterior, Poppy trouxera com ela a sua grande carrinha para cavalos e levámos todos os meus vasos, floreiras e a estufa desmontada para o Old Smithy e colocámo-los no jardim murado. Os vasos de gerânios aromáticos tiveram de ficar alinhados em todos os parapeitos das janelas, já que estava demasiado frio para os colocar no exterior.

Depois de termos terminado, Poppy mostrou-me o presente de boas-vindas à nova casa, que ela e Felix me tinham comprado a meias: preso à parede, junto da minha porta da frente, encontrava-se uma tabuleta oval e pintada à mão, decorada com flores de gerânio vermelhas, que dizia, « Angel Cottage » .

« Angel Cottage », Angel Lane 1, soava-me maravilhosamente suave, aconchegante e seguro, uma casa na qual me pudesse aninhar, como um cisne sob a asa da mãe. Mas eu não tinha a certeza de qual seria a opinião do Resmungas – anjos de um lado, pagãos do outro! No entanto, talvez ele nem reparasse.

Sabem, Sticklepond é uma espécie de lugar muito angélico, com a Angel Lane e a antiga igreja de All Angels, cujo cemitério parece estar cheio de anjos de mármore. Felix disse-me que um pedreiro que vivia ali perto era especializado neles e era frequente eu admirá-los por cima do muro.

E agora também havia a minha Angel Cottage. Fora imaculadamente limpa pela Dolly Mops e estava agora toda pintada de um bege suave e quente, com uma parede de um rosa-velho-escuro, uma tonalidade de um roxo-rosado, na pequena sala de estar, para condizer com os azulejos antigos que cercavam a lareira.

Claro que a única exceção ao esquema de cores era a parede roxo-escura do quarto de Jake, mas que na verdade não ficara tão mal como eu pensara, mesmo depois de lhe ter pendurado os seus cortinados retro, vermelhos, pretos e roxos.

Poppy ajudou-me a pendurar o resto dos cortinados, antes de voltar a correr para o Stirrups. Ela passara tanto tempo nas duas semanas anteriores a ajudar-me a vasculhar as lojas de beneficência e de artigos em segunda mão, em busca de mobiliário e decorações, que era quase certo que Janey se iria começar a queixar, apesar de ela ser alguém bem capaz de desaparecer de um momento para o outro e sem avisar. (Um pouco como a minha mãe, embora pelo menos os desaparecimentos de Janey durassem apenas alguns dias e ela voltava *sempre*.)

Mas, de qualquer maneira, tínhamos feito o máximo possível e no dia seguinte aquela seria a minha nova casa e talvez também se iniciasse todo um novo capítulo da minha vida, como uma mulher de negócios satisfeita, solteira e bem sucedida.

A equipa de homens das mudanças entrou em acção no início da manhã seguinte. Tinham já passado dias a encaixotar as coisas da casa, com Zillah e o Resmungas cada vez mais fechados na cozinha e no escritório, respectivamente, entre os caixotes.

Jake e eu já estávamos preparados para partir, bastava-nos apenas tirar a roupa das nossas camas e guardar algumas últimas coisas, como a chaleira e as canecas de café. Depois o conteúdo do nosso apartamento seria carregado numa pequena carrinha e levado para Sticklepond, enquanto o resto dos homens estavam apenas a começar a encher um enorme camião com os bens terrenos do Resmungas (e também os extraterrenos), como se estivessem a fazer uma espécie de *puzzle* complicado a três dimensões.

Felix e Jake iam dirigir as operações de descarga na casa, por isso Jake levou Zillah no meu *Fiat*, com *Tabitha* a queixar-se amargamente num cesto colocado no assento traseiro.

Mais tarde, quando liguei para o telemóvel para ver que tal se estavam a dar, Jake disse-me que ele e Felix tinham acabado de aparafusar as estruturas das nossas camas (fiz uma nota mental para me lembrar de as verificar, antes de dormir na minha) e estavam agora a colocar os colchões e que Zillah já tinha posto o *Aga* a funcionar na sua nova cozinha e estava a fazer chá e biscoitos.

– *E pôs manteiga nas patas de Tabitha, antes de a deixar sair!*

– Acho que isso faz com que os gatos regressem a uma nova casa, embora só os deuses saibam porquê – respondi. – Avisa-me quando o telefone da rede fixa estiver a funcionar, sim? E espero que nos instalem a Internet depressa, porque não quero ter de gerir o meu negócio de uma biblioteca ou de um cibercafé.

– *Okay*, embora o Felix tenha banda larga e tenho a certeza que ele te deixa usar o seu computador... E aí vêm as *minhas* coisas, por isso vou ter de ir – disse ele e desligou.

Tinha a certeza que ele ia passar horas a arrumar o seu novo quarto, ignorando o resto da casa, mas pelo menos Felix estava ali para se certificar que todas as caixas e mobiliário iam para as divisões correctas.

Na velha casa, o Resmungas continuara a escrever firmemente no seu escritório, enquanto este se esvaziava à sua volta, de modo que a sua cadeira gótica alta e a secretária a condizer foram as últimas coisas a entrar na

carrinha e, assim sendo, seriam as primeiras coisas a sair do outro lado, o que significava que iria haver muito pouca interrupção no seu trabalho. Era óbvio que havia um método na sua loucura.

Por fim, levei-o para Sticklepond no *Saab*, envolvido num manto de veludo azul-escuro contra o frio e com uma espécie de *fez* bordado sobre o cabelo, longo e prateado. Deixei-o à porta e depois voltei atrás para lançar sozinha um último olhar à velha casa e despedir-me. Era algo que eu sentia que precisava de fazer antes de poder avançar.

Todas as divisões ecoavam vazias sob os meus pés e pareciam estranhamente solitárias, em especial a cozinha sem as almofadas, mantas e cortinados alegres de Zillah. Vagueei pela casa, recordando sobretudo os momentos felizes, como a avó e a estranha versão de Natal pagão-cruzado-com-cristão que celebrávamos todos os anos; o rosto de Jake quando criança a desembrulhar presentes (aqueles que eu comprava sempre em nome da minha mãe, porque ela nunca sabia o que é que ele queria) e a noite em que eu e Poppy vímos o anjo...

Tentei que as recordações dos maus momentos não se infiltrassem, os momentos de desgosto e desespero, mas ainda estava tudo um pouco vivo. Era mais do que altura de avançar e perguntei-me se seria capaz de deixar o passado para trás, como uma concha da qual saíra, e deslizar para um futuro mais animador?

De facto, um novo começo num novo lugar era aquilo de que todos precisávamos – as cartas dos anjos tinham-me dito mais ou menos aquilo, naquela manhã. Eu tinha a certeza que Zillah fizera a sua última leitura de modo errado e que os únicos visitantes do meu passado que, provavelmente, me iriam incomodar eram os fantasmas que eu acabara de enterrar.

Coloquei um grande vaso vidrado de tulipas no parapeito da cozinha com uma mensagem de boas-vindas para os novos proprietários à sua casa. Depois saí e, a caminho de Sticklepond, deixei as chaves com Conrad.

Na nossa *cottage*, e tal como eu calculara, Jake ainda estava no piso de cima, mas Felix acendera a lareira da sala de estar e estava a desencaixotar e a arrumar as coisas da cozinha nas gavetas e armários errados, embora fosse um gesto amável, tal como fora o ter ligado o pequeno frigorífico e arca no momento em que foram ali colocados.

– Pensei que podia começar a arrumar as coisas – explicou ele –, mas tenho de me ir embora dentro de instantes. Estou à espera de alguém que me vai comprar um conjunto completo e encadernado de livros do Dickens e estou com esperança de também lhes poder vender alguns Thackeray. Mas antes queres que te ajude com mais alguma coisa?

– Não, fizeste maravilhas, Felix. Estou verdadeiramente grata. E *adoro* a

tabuleta para a casa que tu e a Poppy me ofereceram! – disse afectuosa mente, abraçando-o. – Agora vou fazer as nossas camas e depois o resto pode esperar até amanhã.

Depois de ele ter saído, encontrei uma pequena estante nova com o cimo inclinado, que cabia à justa sob a escadaria íngreme, com um cartão de Felix a dizer que era, especificamente, para a minha colecção de livros da Georgette Heyer. Ele era tão amável! De facto, seria um marido maravilhoso para alguém, preferencialmente para Poppy. Decerto que não seria eu, e sem dúvida que qualquer outra mulher se iria ressentir da amizade próxima que ele tinha connosco; por isso, sempre que eu pensava no assunto, Poppy era a única candidata possível.

Os homens das mudanças do Resmungas tinham feito marcha-atrás e estavam agora a descarregar e a desencaixotar tudo, embora fosse uma tarefa tão gigantesca que teriam de voltar na manhã seguinte para a terminar.

Assim que tive a certeza de que todos tinham uma cama onde dormir naquela noite, sugeri que fôssemos até ao Falling Star comer uma refeição. Estávamos todos exaustos, com a possível excepção do Resmungas. Até Jake parecia cansado, embora ele não parecesse ter feito muito mais do que levar Zillah de carro até à casa e depois passara o resto do dia a arrumar o seu quarto e a colar posters – todos apresentando o espectro completo de cores vermelho sangue/roxo fúnebre/preto morte com muitas caveiras, dragões e espadas – nas paredes acabadas de pintar.

Quando entrámos na sala privada, que como sempre estava vazia, já que os clientes habituais preferiam a música, o alvo de setas e a máquina de jogo do bar, saíram todos para nos espreitar pelo vidro da porta como se o circo tivesse chegado à cidade.

Eu normalmente não mereço esse tipo de atenção, mas suponho que como grupo parecíamos mesmo um pouco invulgares, com um quase gótico vestido dos pés à cabeça de preto, e apenas precisando de um machado enorme para passar por um sósia da Morte; um Merlin idoso com um manto de veludo coçado, um *fez* bordado e com borlas; e uma cigana baixa e redonda com várias camadas de roupa de cores vivas e contrastantes e um lenço rosa choque enrolado à volta da cabeça como um turbante. Mas espero que eles se habituem rapidamente a ver a família pela aldeia e nós deixemos de ser uma novidade.

Molly, a jovem empregada do bar de cabelo cor-de-rosa, foi a única excepção, já que não mostrou qualquer sinal de interesse ou surpresa quando aparecemos, para além de olhar para Jake de uma maneira um pouco especulativa. Não havia sinais de Mrs. Snowball, que se deitava cedo, o que talvez fosse bom.

O Resmungas, que raramente entra em *pubs*, mostrou-se muito satisfeito com os camarões panados servidos num cesto e os saquinhos plásticos de molho tártaro, na verdade, mais satisfeito do que Zillah, que se sentiu ofendida pelos preços, apesar de modestos, e que disse que podia ter cozinhado a refeição em casa por uma fracção do custo e também muito melhor. Mas disse-o sem o seu entusiasmo habitual, por isso estava definitivamente cansada. Tenho tendência para me esquecer que ela deve ser quase tão velha quanto o Resmungas, porque desde que a conheço que o seu rosto parece ter sido cosido, pregueado e dobrado como um velho pano de tabuleiro de linho castanho.

Voltámos para o Old Smithy e fizemos aquilo a que o Resmungas chama uma libação de bom uísque de malte em honra da nossa nova casa e depois fomos todos deitar-nos. Fora um dia muito comprido.

Desenhando as Linhas

Na manhã seguinte o Resmungas, que precisa de dormir pouco, já tinha acabado um capítulo do *Filho de Satanás* e encontrava-se no museu na altura em que me despedi de Jake que ia para a escola (no *Saab* do Resmungas, com imensos avisos para ter cuidado e não conduzir demasiado depressa).

Apesar de ter conseguido encontrar a torradeira e as *Pop-Tarts*, o actual pequeno-almoço favorito de Jake, o paradeiro dos flocos de aveia e do frasco de mel ainda eram para mim um verdadeiro mistério. Acho que o meu encaixotar e respectivo rotular das caixas já se estava a tornar um pouco aleatório na altura em que cheguei à cozinha, porque fartei-me de encontrar as combinações mais improváveis, mas esperava sinceramente ter fechado bem a tampa do frasco de mel e que ele não estivesse virado ao contrário, onde quer que se encontrasse.

Esgueirei-me silenciosamente pela porta de acesso da casa ao museu. O Resmungas estava de costas viradas para mim, mas, apesar disso, disse de imediato:

– Os homens das mudanças já voltaram, Chloe, e estão na casa a desencaixotar as coisas.

É sempre enervante ele conseguir dizer quem se encontra atrás dele, sem se virar, mas também é muito enervante quando se encontra absorvido com qualquer coisa e consegue ficar tão totalmente *abstraido* que nem uma manada de elefantes em debandada pela sala lhe consegue penetrar a consciência.

– Bem, isso é ótimo, Resmungas, e a julgar por ontem, como o desencaixotar é muito, muito mais rápido do que o encaixotar, eles devem acabar dentro de pouco tempo e depois podes regressar à normalidade.

O que quer que isso seja, no caso do Resmungas.

– Zillah está a dirigir as actividades deles.

Era mais provável que Zillah estivesse na cozinha com *Tabitha*, a fumar um cigarro que ela mesmo tinha enrolado e a ler as cartas, por isso disse:

– Queres que eu vá ajudar? Posso dizer-lhes onde porem as coisas.

– Obrigado, mas acho que não é necessário, porque eles parecem saber o que estão a fazer. Mas, como neste momento estão no escritório, achei que devia vir para aqui durante um bocado. Não devem demorar muito tempo, já não precisam de tirar os meus livros. Jake vai-me ajudar amanhã com eles, pois é fim-de-semana e ele disse-me que está ansioso para ganhar dinheiro suficiente para comprar um par de paus-de-fogo. Interessante, ele vai ter de

me mostrar como se usam essas armas quando as tiver.

– Na realidade, Resmungas, acho que não são armas, apenas uma forma de entretenimento semelhante ao malabarismo. Um dos seus amigos tem-no deixado usar os seus, mas ele quer um par só para ele.

– Tudo pode ser uma arma quando usado da maneira certa, Chloe. Não subestimes o poder da luz ou do fogo.

Achei que aquela era uma afirmação um pouco dramática, mas deixei-a passar porque o Resmungas pode ser verdadeiramente ambíguo nos seus argumentos, e é frequente descobrir que passei para o seu lado sem me aperceber disso, e que estou a discutir contra o meu ponto de vista inicial. Jake também estava a ficar bom naquilo. Talvez ele se pudesse tornar o primeiro político gótico na Câmara dos Comuns? Ou poderia o posto de mordomo do Parlamento transformar-se em mordomo do pau-de-fogo? Isso iria animar um pouco as coisas.

– Aquelas empregadas que o Felix recomendou foram extremamente meticulosas – estava o Resmungas a dizer em tom aprovador, e era verdade, porque tanto a *cottage* como a casa brilhavam; e ali, no museu, os expositores de vidro tinham sido limpos e polidos por dentro e por fora e a secretária de mogno junto da porta cintilava como seda oleada.

– Soalhos de carvalho – salientou o Resmungas –, muito convenientes para as nossas reuniões.

– Sim, já que não se podem encontrar num antigo bosque de carvalhos, pelo menos aqui terão o equivalente debaixo dos vossos pés.

– É verdade.

E eu também poderia deixar de me preocupar com a possibilidade de ele apanhar uma gripe. Executar rituais mágicos totalmente nu pode soar um pouco bizarro, mas na verdade o amor do Resmungas à nudez tem a sua origem numa era mais inocente de naturismo saudável e não tem nada a ver com qualquer Beijo Místico ou Grande Ritual. De facto, quando a minha avó estava viva, ela costumava ficar sentada à parte, como uma espécie de pau-de-cabeleira indulgente, a tricotar, e com termos de chá quente prontos para depois os descongelar a todos. Zillah ficou com essa função, mas contou-me que nos últimos tempos fica normalmente dentro do carro, a fumar e a ler revistas à luz de uma lanterna, até a irmandade regressar.

– Bem, se não precisas de mim, vou começar a desencaixotar as coisas da *cottage*... – comecei.

– Ah, mas antes de ires, preciso que me ajudes com uma coisa, Chloe. Toma, pega nesta bússola e nesta caixa de giz e eu levo os mapas e a fita métrica.

Parecia que ele queria que eu o ajudasse a marcar um enorme pentagrama no chão, na ponta mais afastada do museu, algo que obviamente achava ser de

muito maior importância e urgência do que a arrumação das minhas coisas.

Mas nunca valia a pena tentar desviá-lo de alguma coisa que ele estivesse mesmo determinado a fazer, por isso peguei docilmente no giz e fiz o que ele mandou. Como era de esperar, aquilo envolvia muitas medições e referências constantes a um mapa em grande escala, no qual ele desenhara a conjunção de duas importantes linhas ley.

Era um trabalho meticuloso, mas acabou por ser feito à sua vontade; e prometi que lhe compraria naquela mesma manhã um rolo enorme de fita adesiva e alguma tinta resistente ao uso, para que ele pudesse tornar o pentagrama permanente.

As janelas que, por sorte, se situavam quase todas nas traseiras do edifício iriam ser tapadas por veludo azul-escuro e um cortinado do mesmo material iria emoldurar o pentagrama na extremidade da sala, um pouco como um palco, de modo que a área pudesse ficar separada quando o museu estivesse fechado.

– Os cortinados estão atrasados. Deviam tê-los entregado hoje, mas prometeram que estarão terminados no final da semana, a tempo da lua cheia.

– Oh? Espero bem que sim, porque é um trabalho bem grande para concluir tão depressa, não é?

– *Estarão* prontos a tempo – afirmou ele num tom positivo e depois lançou um olhar satisfeito à volta da sala. – Vai funcionar muito bem. Os visitantes irão pensar que o pentagrama faz parte da exposição, já que irá haver uma história ilustrada da Antiga Religião pendurada nas paredes, daquele lado.

– Eles têm algo de parecido no átrio do Winter's End, Resmungas, mas é sobretudo acerca de Alys Blezzard, a bruxa da família.

– Ela pouco mais era do que uma herborista, como a Hebe Winter – disse ele, desdenhoso. – Mas a minha história será completa e abrangente.

– Conheces a Hebe Winter, Resmungas? Eu nunca lhe fui apresentada, embora já a tenha visto por aí.

– Os nossos caminhos cruzaram-se uma ou duas vezes no passado. – Ele remexeu aleatoriamente na caixa mais próxima e tirou do seu interior uma máscara do Bali particularmente assustadora. – Ora, mas porque é que isto está na caixa dos fetiches?

A minha resposta foi abafada por uma pancada trovejante na porta do museu, que descobrimos serem os dois trabalhadores com a tableta do museu acabada de pintar.

Saimos para os ver a afixá-la no seu lugar por cima da porta de entrada, junto ao passeio longe das escadas.

Do outro lado da rua, a velha Mrs. Snowball, que acabara de fazer a sua purga diária ao pavimento de pedra, chamou «Coo-ee!» e acenou com uma mão ao Resmungas. Ele inclinou-se na sua direcção, tirando

graciosamente o seu *fez*, antes de se virar de novo para admirar a tabuleta:

MUSEU DE BRUXARIA DE GREGORY WARLOCK
UMA CELEBRAÇÃO A TUDO O QUE É PAGÃO

Também havia um placar de madeira, dobrável, que ficaria de pé no passeio no exterior da porta, quando o museu estivesse aberto, e que enumeraria apelativamente as delícias que se podiam encontrar no interior e também o preço dos bilhetes.

Eu não tivera qualquer mão naquilo, por isso li interessada que o museu estaria aberto das duas às quatro, cinco dias por semana, desde a Páscoa até Setembro, e apenas aos fins-de-semana na época baixa.

BILHETE: QUATRO LIBRAS
SEM DESCONTOS
PROIBIDA A ENTRADA A CRIANÇAS COM IDADE INFERIOR A 12 ANOS
ESTACIONAMENTO NAS TRASEIRAS DO EDIFÍCIO

– Temos muito tempo para o ter pronto se o queres abrir no início de Abril, Resmungas.

– Sim, embora seja preciso preparar todas as exposições e um livro-guia e talvez se possam mandar fazer alguns folhetos. Mas tenho a certeza que pode estar tudo pronto a tempo e a Zillah disse que ficará satisfeita por se encarregar da bilheteira quando eu estiver ocupado com outras coisas.

– Presumo que não seja muito diferente de ler a sina na extremidade de um pontão, por isso é provável que ela até goste de o fazer. E claro que, se precisares, também te posso ajudar – ofereci-me.

– Tu tens o teu pequeno negócio para gerires – disse ele, amavelmente.

– Sim, mas ainda te posso dar uma ajuda se as coisas estiverem mesmo complicadas no auge da época alta. Esta tarde vou instalar o equipamento dos Desejos de Chocolate e Jake vai ver se nos consegue ligar à banda larga quando voltar para eu poder imprimir as minhas novas encomendas.

Essa era a minha maior prioridade e depois arrumar a *cottage*. Mas depois disso, e por fim, podia dedicar-me ao meu potencialmente adorável jardim murado!

– O Jake vai trabalhar no museu durante as férias da faculdade. Já falei com ele acerca disso. Um dia, tudo isto será dele – acrescentou o Resmungas, com um gesto magnífico que abrangia o Old Smithy. – Excepto, é claro, a pequena *cottage*... Estou a tratar dos papéis para que seja transferida para ti.

Espantada, virei-me para olhar para ele.

– Para *mim*? Queres dizer... que vou ser a sua *dona*? Mas, Resmungas...

– Não me venhas com mas – disse ele grandiosamente.

– É tão amável da tua parte, Resmungas! – Levantei-me em bicos dos pés para o beijar na face, algo que ele aguentou melhor do que Jake, embora eu soubesse que na realidade ambos gostavam bastante daquilo. Depois tive um pensamento inoportuno e provavelmente indigno. – Mas, e se a minha mãe regressar? Ela não vai esperar que...

– A tua mãe escolheu o seu caminho e não merece mais nada de nenhum de nós. Se ela voltar depois de eu ter partido, então aconselho-te vivamente que a mandes regressar para o sítio de onde veio. Qualquer quinhão da minha herança que ela possa *achar* que merece já foi gasto a pagar-lhe as dívidas.

Aquilo era verdade... E eu já me estava a sentir possessiva da minha pequena *cottage*! Sentia-me feliz por aquela poder ser a casa de Jake enquanto ele precisasse, mas não havia nenhuma maneira de eu alguma vez partilhar um espaço habitável com a minha mãe.

Depois de terminado o seu trabalho, os homens guardaram as suas ferramentas e partiram e o Resmungas ficou um pouco para trás para poder voltar a admirar a tabuleta. A fraca luz do Sol de Fevereiro deslizou pelos seus cabelos longos e prateados, que espreitavam debaixo do *fez*, e incidiu nas partes coçadas das costas e cotovelos do seu manto de veludo almofadado. Reparei pela primeira vez que ele calçara chinelos finos, de cabedal marroquino vermelho, e eu ia mandá-lo voltar a entrar, já que o frio do passeio estava a fazer-se sentir, quando ouvi um guincho vindo da estrada, atrás de nós. Um pequeno *Mini* branco travou de repente e ficou parado a tremer junto do passeio.

Uma mulher alta e imponente, de cabelo grisalho, saiu do interior e confrontou o Resmungas: Hebe Winter, que em breve deixaria de ser a única bruxa da aldeia. Embora, na realidade, e pensando no modo como a velha Mrs. Snowball se comportava, Hebe sempre poderia ter tido companhia sem se aperceber disso. Talvez ela fosse a única bruxa *solitária* da aldeia.

– Olá, Hebe – disse o Resmungas, voltando a tirar o *fez*, como fizera com Mrs. Snowball.

– *Tu*?

– Sim, eu – concordou ele, de um modo sereno que não lhe era habitual. – Como é que estás, minha querida? Ainda a aventurares-te nas águas baixas da alquimia, a transformar ervas em dinheiro?

Ela não pareceu registar aquilo que ele disse, pois tinha visto a tabuleta do museu e uma expressão de ultraje surgiu nas suas feições patricias.

– Será possível que tenhas sido *tu* a comprar o Old Smithy... Que tenhas a intenção de *viver* em Sticklepond?

– Pode, e tenho. Mudámo-nos ontem.

– *Nós?* – Ela apercebeu-se pela primeira vez da minha presença, lançando-me um olhar indiferente, mas claro que eu estava a usar umas calças de ganga velha e uma camisola polar para desencaixotar e montar as coisas e não estava vestida para receber visitas augustas e ligeiramente assustadoras.

– Com a minha família – explicou o Resmungas. – Esta é a minha neta, Chloe.

Ela nem sequer se deu ao trabalho de voltar a olhar para mim; tinha assuntos mais pesados para descarregar do seu peito estreito, agora que vira a tabuleta.

– Não estás a pensar em abrir um museu tão ímpio em Sticklepond, introduzires os teus modos dúbios na minha paróquia e achares que não vou fazer nada para o evitar, pois não? – exigiu ela saber. – Senti a ameaça a surgir, mas no entanto pensei que se devia à falta de um vigário permanente na nossa paróquia para nos guiar e proteger; nunca pensei que uma Meca das Artes Negras se fosse instalar no nosso seio!

– Oh, desce do teu poleiro, Hebe – disse o Resmungas, irritado. – Sabes bem que não sou uma ameaça para ninguém, mesmo que vá abrir um museu de bruxaria. Não te parece uma boa ideia? Pensei que o fosses aprovar.

– Aprovar que tu tragas práticas dúbias para Sticklepond? Acho que não!

– Então podes ficar satisfeita por saber que um pouco daquilo a que tu pudicamente chamas as minhas práticas mais *dúbias* têm, infelizmente e de momento, sido restringidas pelo tempo frio e a idade.

Aquilo era muito interessante e era óbvio que havia alguma história entre os dois. Num momento invulgarmente expansivo, o Resmungas deixara-me uma vez saber que, quando se mudara inicialmente para Merchester e iniciara a sua irmandade, uma ou duas bruxas locais, que convidara para se juntarem a ele, tinham pedido para não serem obrigadas a executar nuas os rituais. Eu achara que elas deviam ter considerado isso demasiado inovador, já que deviam ter percebido que ele era o tipo de feiticeiro erudito e não qualquer um que se servia de qualquer desculpa para iniciar uma orgia.

– Mas, seja como for, não posso aprovar os teus modos profanos – disse Hebe, firmemente. – E não há *nada* a celebrar no paganismo!

– Teria sido muito pior se o Digby Mann-Drake tivesse comprado o lugar. Tu sabes que ele o queria... Só que eu consegui fazer o acordo com as Frinton enquanto ele se viu incapaz de agir por causa de uma apendicite. Umas queridas, as irmãs Frinton... Sentimos muito a sua falta nas nossas reuniões.

Os olhos azul-vivo de Hebe escancararam-se.

– As *Frinton*? Estás a querer dizer...?

– Se praticas sozinha, não é de admirar que não saibas estas coisas, Hebe – repreendeu-a o Resmungas, mas ela parecia não o estar a ouvir, como se se tivesse lembrado de outra coisa.

– O que acabaste de dizer a respeito de Mann-Drake? – perguntou ela, cortante.

– Então já ouviste falar dele?

– Claro. Ainda é um charlatão maior do que tu! – disse ela num tom desagradável.

– Não o deves subestimar, minha querida Hebe... nem a mim. Ele não é apenas um exibicionista inofensivo; é alguém que se serve de quaisquer que sejam os seus poderes para fins indignos, para corromper e degradar pessoas jovens e impressionáveis.

Hebe parecia agora preocupada.

– Um Mister Drake comprou o título de Lorde da Mansão quando este foi posto à venda, por um preço muitíssimo inflacionado, apesar de este não conferir qualquer tipo de benefício, e também comprou uma casa isolada na extremidade da aldeia, Badger's Bolt. Drake não é um nome vulgar e na altura não pensei nada de especial, mas agora pergunto-me se poderá ser o Mann-Drake?

– É bem possível, pois apesar do Old Smithy se encontrar na posição mais poderosa, toda a aldeia está, como se costuma dizer, magicamente conectada – disse o Resmungas, pensativo. – Essa pode ser uma muito má notícia para todos nós, acredita em mim, Hebe. A minha presença será o menor dos teus problemas.

– Pode não ser ele, por isso trataremos da situação quando surgir – concluiu ela, reanimada. – Mas, mesmo que isso venha a ser verdade, e embora possas ser o mal menor, continuamos a não te querer nem ao teu museu na aldeia. Mas presumo que o nosso novo vigário, quando chegar, saberá tratar de ti!

– Achas que me vai excomungar? – Ele sorriu. – Minha querida Hebe!

– Espera e verás. Até eu tenho uns certos poderes por aqui, aventurando-me na alquimia ou não – disparou ela, demonstrando de um modo óbvio que aquela piada perfurara a sua armadura.

– A mesma velha Hebe... e que aura *tão* zangada! – exclamou o Resmungas admirador, quando ela partiu depois de algum arranhar da embraiagem. De seguida, virou-se de novo para o assunto que tinha entre mãos. – As tabuletas são satisfatórias, por isso vamos voltar a entrar, Chloe. Tenho trabalho a fazer.

– Mas a Hebe Winter, Resmungas... Ela não te vai arranjar problemas? Quero dizer, ela é muito importante em Sticklepond, não é? Segundo Poppy, parece que é ela quem manda na terra. Poppy e Felix fazem parte do conselho paroquial e eles contam-me coisas.

– O museu será bom para a aldeia e, no meu caso, ela não tem voto na matéria. Nem o vigário, se tentar interferir. Eles terão muito mais com que se preocupar, se o tal Mister Drake for o Mann-Drake.

– Mann-Drake é o seu nome verdadeiro? – perguntei, curiosa.

– Ele era apenas Drake quando andávamos em Oxford, mas acho que mais tarde o hifenizou e juntou ao nome de solteira da mãe.

– O Jake disse-me que lhe tinha pedido para fazer pesquisas a seu respeito e que as novidades não tinham sido boas.

– Sempre foi alguém muito desagradável, embora de início os seus modos encantadores enganem muitas pessoas. Mas não tenhas medo, eu sei como proteger os meus – garantiu-me ele e depois afastou-se para ver se os homens das mudanças já tinham acabado o seu escritório para o poder reocupar.

Voltei para a *cottage*, liguei o rádio e comecei a separar os meus abastecimentos para fazer chocolate e o meu *stock*. Todas aquelas pequenas gavetas e armários davam mesmo jeito para guardar moldes, materiais de embrulho, sacos com decorações, como os botões de chocolate grandes e muito bem cheirosos, laços e Desejos.

Eu imprimira outra cópia do feitiço de chocolate maia que o Resmungas me dera, depois de acrescentar a parte nova, e preguei-o naquele momento na parte da frente de um dos armários, por cima do Banho. Se o Resmungas e o seu amigo espanhol alguma vez conseguissem traduzir a última parte, eu poderia mandar emoldurá-lo completo.

Empilhei todo o meu *stock* de caixas douradas de Desejos de Chocolate nas prateleiras à volta da zona da loja, juntamente com caixas vazias para os anjos grandes de chocolate com escritos personalizados no interior, que tinha a intenção de organizar. Era maravilhoso ter, finalmente, espaço suficiente para tudo!

Durante todo o tempo em que estive a trabalhar, a minha mente continuava a reviver a conversa entre o Resmungas e Hebe Winter, por isso, depois de estar tudo em ordem, fui buscar as minhas cartas dos anjos e baralhei-as.

Pareciam indicar grandes problemas a ultrapassar, mas o êxito seria inteiramente possível.

Felix fechou a sua loja de tarde e veio oferecer a sua ajuda para qualquer coisa que eu pudesse precisar – ele é tão querido! Eu já tinha saído para comprar fita adesiva e tinta, por isso pedi-lhe que me ajudasse a terminar o pentagrama no chão do museu.

Contei-lhe o que se passara entre o Resmungas e Hebe e ele disse que era provável que voassem fagulhas. Hebe já convocara uma reunião de emergência do conselho paroquial para o dia seguinte, agora que o segredo fora revelado.

O Resmungas entrou quando estávamos quase a terminar a nossa tarefa e olhou aprovador para Felix. Quando éramos crianças, o Resmungas tolerava a sua presença pela casa, tal como a de Poppy, mas agora que o Felix se dá a um enorme trabalho para encontrar os livros obscuros que ele quer, subiu

vários pontos na sua consideração.

– Vim dizer à Chloe que a Zillah tem um panelão de guisado pronto e o Jake ligou a dizer que vai jantar em casa de um amigo e que volta mais tarde.

– Não me ligou a *mim!* – respondi, desconfiada. – E que amigo é esse? Espero que ele não vá beber quando tem de conduzir e...

– Não há necessidade de entrares em pânico, Chloe. Ele tentou ligar mais cedo, mas não houve resposta, por isso deixou um número de contacto com a Zillah. Eu não preciso do carro esta noite e ele é um rapaz sensato. Tu – acrescentou, virando-se para Felix, mais como uma ordem do que como um convite – podes jantar connosco. Não nos vestimos para jantar.

– Não vestem nada? – disse Felix sem pensar e depois corou.

– Ele quis dizer que podes jantar com a roupa que trazes vestida – expliquei-lhe, e ele deixou de parecer perplexo, para parecer apenas assustado mas também satisfeito. Claro que era frequente ele comer comigo e com o Jake no apartamento, mas nunca fora convidado para jantar com toda a família.

Mas se ele estava à espera de algum guisado de sapo tipo Família Addams, deve ter ficado muito satisfeito por descobrir que era apenas guisado de borrego com sonhos de miúdos, seguido de maçãs assadas, recheadas com passas e creme de ovos. Na minha opinião, as maçãs assadas ainda ficariam melhores com um pouco de chocolate ralado no recheio; mas também, na minha opinião, quase tudo ficava melhor com chocolate.

Males Comparados

Na tarde seguinte, liguei o Banho pela primeira vez, de modo que a *cottage* se encheu com o cheiro adorável e familiar a chocolate, enquanto este aquecia e era remexido. Também acho o som suave e trepidante que o Banho emite muito reconfortante...

Mais tarde, Poppy, de regresso a casa depois da última reunião do conselho paroquial, sentou-se na bancada a ver-me cobrir os moldes de Desejos com chocolate, usando o meu enorme pincel de pasteleiro, uma técnica que aprendi através de tentativa e erro. Assim consigo que as conchas de chocolate fiquem exactamente com a grossura que pretendo e, depois de confeccionar tantas, já o consigo fazer de uma maneira automática.

Como ela vestia as calças de montar, o colete almofadado e as botas de cano alto com as quais, presumivelmente antes, estivera a limpar o estrume de vários cavalos, aquela poderia não ser uma presença muito higiénica, mas era um pouco tarde para lho dizer. De qualquer maneira, eu sentia-me demasiado grata por ter uma espia no conselho paroquial para me preocupar com alguns germes.

– Pensei que Miss Winter tinha convocado a reunião de emergência para finalmente nos dizer quem era o novo vigário... Estava mortinha por saber! Mas, afinal, foi apenas por causa do teu avô – disse ela, fazendo um resumo rápido do que fora dito.

– Felix e eu sabíamos de que é que se tratava, mas presumi que ele te tinha contado.

– Não. E não sei porque é que ela não pôde esperar até à reunião normal de quinta-feira, porque nenhum de nós achou que houvesse ali alguma coisa de urgente. De qualquer maneira, mesmo que o quiséssemos, não há nada que possamos fazer para evitar que o teu avô abra o museu!

Soltou uma risadinha.

– O pobre Mister Merryman disse que já havia um museu de bruxaria em Winter's End e eu pensei que Miss Winter o ia transformar em pedra.

– No entanto, ele tem toda a razão, Poppy. Eles têm uma enorme exposição acerca de Alys Blezzard e bruxaria, visitámo-la o ano passado, lembras-te? Por isso, não percebo porque é que ela está tão contra o Resmungas, a não ser por parecer que tiveram uma espécie de desacordo há anos.

– Ela disse que ele praticava as artes negras. Está muito ansiosa que o vigário conheça o teu avô.

– Bem, é preciso um para reconhecer um e, sinceramente, do modo como ela falou pensar-se-ia que o Resmungas é satânico!

– Espero que ela olhe para si mesma e veja o que faz de diferente. De

algum modo, as mulheres Winter parecem conseguir combinar o oculto e o cristianismo com muito sucesso. Basta ver pela maneira como Hebe usa sempre uma cruz e um pentagrama à volta do pescoço!

– Bem, o Resmungas não faz isso, mas ele é inofensivo e, mesmo quando tenta fazer algumas das coisas mais estranhas, essas nunca resultam bem, por isso ela não tem motivos para se preocupar. De facto, parece que, se o Resmungas não tivesse comprado o Old Smithy, alguém que anda *mesmo* pelo lado negro tê-lo-ia feito! – E contei-lhe tudo o que sabia sobre Digby Mann-Drake.

– De qualquer maneira, é óbvio que a magia não funciona *mesmo*, apesar de o Resmungas estar iludido e acreditar piamente que sim, e é possível que esse tal Mann-Drake também o acredite. O Resmungas disse a Miss Winter que ele tinha tentado comprar o Smithy, e depois ela lembrou-se que fora um Mister Drake que comprara o título de Lorde da Mansão, e que também foi ele que comprou o Badger's Bolt.

– Oh, estou a perceber! – exclamou Poppy, esclarecida. – Pode ser a mesma pessoa e foi por *isso* que ela disse que talvez tivéssemos de lidar com um mal maior do que o teu avô. Ela disse que o Mister Drake que comprou o Badger's Bolt pode vir a ser ainda mais indesejável, embora não tivesse dito porquê.

– Segundo o Resmungas, a aldeia é um ponto fulcral mágico, pois existe aqui uma junção de duas linhas ley, por isso, mesmo que ele não tivesse conseguido comprar o Old Smithy, Mister Mann-Drake poderia continuar a querer vir para cá. No entanto, não consigo imaginar porque é que ele quer ser o Lorde da Mansão!

– Talvez *seja* mesmo um Mister Drake diferente – sugeriu ela. – Vamos esperar que sim. Já agora o Felix e eu confessámos que te conhecíamos e eu disse-lhe que tu fazias e vendias Desejos de Chocolate. Eles não podiam levantar qualquer objecção contra *isso*.

– Parece-me que não. E onde é que disseste que Felix foi?

– Teve de voltar atrás e abrir a loja. Vem aí um dos seus clientes especiais e, de qualquer maneira, ele não pode estar sempre a fechar, apesar de ser época baixa, ou então nunca conseguirá sobreviver.

– Pensei que ele fazia grande parte das suas vendas através da Internet, como eu com os meus Desejos de Chocolate, mesmo que abra uma loja ao público quando o museu estiver aberto. O comércio de passagem é apenas a cereja no topo do bolo, mas posso ter no balcão frascos com chupa-chupas de chocolate para as crianças e também pensei em fazer *nougats* de caramelo com a forma de gatos. Lembras-te que os costumava fazer para Jake e os seus amigos no Halloween?

– Sim, é boa ideia. Nesta zona da High Street é difícil fazer negócio, mas

assim que o museu de bruxaria abrir é provável que consigas muitos clientes.

Acabei de cobrir o último coração e dei a Poppy dois que fizera anteriormente e que se tinham partido quando os tirara.

– Oh, hum – disse ela. – Tu és esperta, Chloe, por consegues fazer um chocolate tão bom!

– Bem, não te esqueças que tu fazes pudins de Yorkshire lindos, enquanto os meus parecem bostas de vaca e tenho sempre de fazer batota e usar dos congelados.

– Mas o teu bolo de fruta também é maravilhoso, por isso és multitalentosa.

– *Qualquer pessoa* consegue fazer um bolo de fruta, Poppy. É facilimo.

– Talvez, mas o teu tem um sabor especial. – Ela lambeu o resto de chocolate dos dedos e acrescentou: – E o teu chocolate também tem sempre um sabor diferente, em especial desde que começaste a usar o feitiço que o teu avô te deu. Tu di-lo sempre quando estás a misturar o chocolate, não dizes?

– Sim – admiti –, mas apenas porque foi tão amável e atencioso da parte dele procurá-lo para mim, embora não ache que altere o sabor! Ele deu-me há pouco tempo mais umas duas linhas, que ele e o amigo com o qual se corresponde acerca disso conseguiu decifrar. Diz que é capaz de ser o original completo e que o resto do documento pode bem ser um acrescento posterior, uma espécie de bónus extra. Claro que eu não acredito que seja mesmo um antigo feitiço maia passado pelos conquistadores.

– Eu acredito e acho que o feitiço funciona – declarou ela. – Quero dizer, já fizeste bons chocolates antes, mas agora estão num nível completamente diferente.

– Mas são apenas conchas de chocolate ocas, Poppy, não é como se fossem uma caixa de trufas – disse eu, embora na verdade eu faça muitas experiências com essas para consumo doméstico. – O importante é a mensagem no interior, é por isso que as pessoas os comprem. São uma novidade e algo de agradável para comer depois do jantar.

– São mágicos – insistiu ela e desisti de a tentar fazer mudar de ideias, já que ela tem estes momentos de teimosia.

– Falando de magia, isso leva-nos de regresso a Hebe e à reunião, não é verdade? Disseste que o vigário temporário tem a intenção de visitar o Resmungas?

– Não é só intenção, na verdade, acompanhou-me até aqui, porque disse que prefere resolver o assunto de uma vez por todas. Parece um pouco nervoso, pobre homem, embora eu tivesse tentado reconfortá-lo.

– O que é que lhe disseste? Volte mais tarde, armado com um varapau e uma garrafa de água benta? – Estava a deitar o último bocado de chocolate atenuado em moldes de chupa-chupas para o acabar.

– Disse-lhe que ele devia esquecer o que Hebe dissera, limitar-se a dar as

boas-vindas a Mister Lyon à aldeia, apertar-lhe a mão e ir-se embora.

– Muito sensato.

– Mas acho que ele não vai seguir o meu conselho, porque ficou cheio de medo e teimoso e disse que, se o teu avô estava a praticar bruxaria, então ele devia tentar convencê-lo a emendar-se; e convencê-lo também a não abrir um museu, que provavelmente irá envenenar a tranquilidade da aldeia.

Parei de bater na forma para soltar as bolhas de ar e olhei para ela.

– Sticklepond nunca foi de uma calma muito sagrada, pois não? Até eu sei disso! Ele é um *verdadeiro* idiota?

– Sim, mas é um idiota simpático e tem boas intenções. – Olhou rapidamente por cima do ombro, como se o diabo pudesse estar ali... ou o Resmungas. – Não achas que...?

– O Resmungas não tem muita paciência para aturar idiotas, mas hoje de manhã, quando fui buscar o último capítulo do seu livro, parecia muito bem-disposto. Estava ansioso por passar o dia a arrumar as coisas no museu e a rotulá-las, por isso talvez não seja muito duro com o pobre do...

– Merryman.

Nesse momento, um homem baixo, calvo, de aparência jovem, com um colarinho clerical, passou apressado pela montra fosca da loja, como se o diabo estivesse a correr atrás dele. Virou a cabeça e lançou-nos um olhar aterrorizado e de seguida desatou a fugir.

– *Não* é um homem muito alegre[7] – comentei, e suspirei. – O Resmungas deve ter mudado de disposição.

– Oh, pobre coitado! – disse Poppy. – E é tão simpático.

– Poppy, estás de olho nele? É solteiro, não é? – perguntei desconfiada.

– Não, não estou, e tenho quase a certeza que é homossexual, porque está sempre a mostrar-me fotografias do seu amigo Gerry.

– Oh, certo.

– Mas ontem à noite liguei a um homem da coluna dos corações solitários (não foi nenhum dos que te mostrei) e ele parecia adorável! Tenho a certeza que o primeiro que conheci foi apenas azar de principiante. Vamos encontrarmos no Green Man, no dia a seguir ao meu aniversário.

– Poppy, isso é a mesma coisa que pescar através de um buraco no gelo... Não sabes o que vai sair preso no anzol! Felix vai ter um ataque.

– *Tu* podes ter desistido dos homens, Chloe, mas eu mudei de opinião porque o Senhor Certo tem de estar por aí, algures.

– Mas o teu pode não ler o *Times*. O *Horse and Hound* não tem uma coluna de corações solitários? – sugeri.

Desejos de Aniversário

Poppy tinha de voltar outra vez a Sticklepond na quinta-feira para a reunião regular do conselho paroquial e parecia estar a desenvolver o hábito de me ir visitar ao regressar a casa para me poder contar tudo a respeito das reuniões. Daquela vez Felix também foi e começou de imediato a dar-me dicas acerca de chocolate quente, até eu desistir e começar a ralar cacau.

Pessoalmente, acho que acrescentar mais qualquer coisa para além de mel ou de açúcar de cana não cozido arruína toda aquela deliciosa experiência, mas Jake adora o seu chocolate quente carregado de natas batidas e até *marshmallows* (iac!) e, tanto Felix como Poppy, gostam de leite quente, espumoso com o deles.

– Esta noite, a reunião não foi muito excitante – disse Poppy, bebendo um gole cauteloso e emergindo da sua caneca com um bigode branco. – Provavelmente, porque já tínhamos discutido tudo na reunião de emergência!

– Alguma vez é excitante?

– Bem, acho que sim, com todas as discussões acerca do museu de bruxaria e especulações sobre o novo vigário – concluiu ela e de repente teve um ataque de consciência atrasado. – Sabes, acho que não devíamos estar a discutir os assuntos do conselho paroquial com outras pessoas, Felix!

– Não é demasiado tarde para isso? E eu não sou «outra pessoa» – exclamei, indignada. – Sempre contámos tudo uns aos outros, tudo... ou *quase* tudo, porque desconfio que todos temos um ou dois segredos escuros e profundos.

– Eu não tenho – disse Felix. – Sou um livro aberto.

– És uma edição agradável, apesar de ligeiramente gasta pelo tempo, e atraentemente manuseada – disse eu, amável. – E vocês os dois sabem que não iria discutir assuntos do conselho paroquial com mais ninguém, embora possa jurar segredo, se isso ajudar.

– Claro que sabemos que nunca contarias nada a ninguém, não sabemos, Felix? Eu estava a ser idiota – disse Poppy. – Vá lá, conta a Chloe o que é que aconteceu.

– *Okay*, mas que eu me lembre não aconteceu muita coisa, excepto que Hebe Winter disse ao pobre Mister Merryman que ele era um fraco que não conseguira evitar desviar uma ameaça a todas as nossas almas mortais ou qualquer coisa desse género.

– Pensei que ele fosse chorar! – interveio Poppy. – Por isso, disse-lhe que o teu avô não era assim tão mau, mas depois ela insistiu que ele era o *Anticristo*!

– Acho que isso está a ir demasiado longe – respondi. – Quero dizer, ele não

é um Aleister Crowley! E, apesar de por vezes as suas práticas mágicas se descontrolarem, nunca se aproxima de nada satânico.

Ou, pelo menos, eu esperava que não... Não, pensando melhor, o meu anjo-da-guarda teria definitivamente algo a dizer a esse respeito!

– Oh, não, tenho a certeza que não – concordou Poppy. – Acho que Miss Winter está agora com esperança que o novo vigário seja mais firme a esse respeito, quando ele finalmente chegar. Parece que tem a intenção de se mudar para a ala da cozinha do presbitério, onde Mister Harris viveu depois de achar que as escadas eram demasiado para ele, enquanto terminam o resto das obras. Pelo menos, foi isso que os Minchin disseram. Vai ficar com eles, algo que os deixou muito aliviados.

– Quem são os Minchin? – perguntei.

– São um irmão e uma irmã na casa dos cinquenta, que tratavam do presbitério por Mister Harris e têm uma espécie de apartamento por cima da cozinha, cujas escadas dão para as traseiras – explicou ela. – Salford Minchin cumpriu tempo de prisão por homicídio, por isso estavam preocupados por ele poder ficar sem emprego.

– Sim, imagino que sim!

– Na verdade, acho que foi mais um acidente... Salford encontrou a mulher com outro homem e as coisas descontrolaram-se. Em França, não lhe chamam um *crime passionnel*?

– Sim, e presumo que, se ele não voltar a casar, é improvável que o volte a fazer – concordei.

– Miss Winter descobriu que o vigário fez uma visita rápida a Sticklepond na semana passada, para ver que tal estavam a progredir as obras, mas não disse a ninguém que vinha, excepto aos Minchin, e estava furiosa com isso – comentou Felix.

– Quando Effie Yatton perguntou a Maria Minchin como é que ele era, tudo que ela soube dizer é que era mais novo do que Mister Harris e nada parecido com qualquer vigário que ela alguma vez tivesse conhecido – acrescentou Poppy, com uma risadinha.

– Para além de Matusalém, seria difícil ser mais velho do que Mister Harris – disse Felix. – Nestes últimos anos, ele parecia transparente, como se já estivesse meio desaparecido, mas perto do fim andava tão distraído que acho que se esqueceu de morrer.

– Talvez Deus tenha acabado por lhe dar um nó no lenço para o recordar? – sugeriu Poppy. – Ele devia mesmo ter-se reformado há anos, mas acho que o bispo também se esqueceu.

– De propósito, porque provavelmente era-lhe mais conveniente esquecer-se dele, e também de Sticklepond, enquanto pudesse – concordou Felix. – O novo vigário deve ser podre de rico, porque há um verdadeiro exército de

trabalhadores por todo o presbitério.

– E deve ser generoso – deduziu Poppy –, porque mandou arranjar e decorar em primeiro lugar o apartamento dos Minchin.

– Mas vocês ainda não fazem a mínima ideia de quem seja? – perguntei, porque o mistério também começara a atizar-me a curiosidade.

– Não, o bispo não respondeu a nenhuma das cartas de Hebe e quando ela ligou para o secretário dele, este disse que o bispo estava de férias.

– Acho que ele só está a evitá-la – deduziu Felix, com o seu sorriso atraentemente torto. – O novo vigário deve ter qualquer coisa de estranho que o bispo não quer que ela descubra, pelo menos até ser demasiado tarde.

– Bem, o que quer que seja, acho que ela vai acabar por o meter na linha, tal como o fez com Mister Merryman, não achas, Felix? – perguntou Poppy.

– Provavelmente, e já estou com pena do pobre homem. Desde que ela encurralou o vigário depois do seu primeiro serviço, para deixar os seus pontos de vista bem claros quanto à utilização de guitarras e ao bater alegre das palmas, deixou o pobre Merryman tão acobardado que lhe basta dizer, « Foi *sempre* assim que fizemos as coisas em Sticklepond »; e ele cala-se mesmo que esteja a propor algo de totalmente inocente, como levar as crianças da catequese a dar um passeio à volta do pátio da igreja em vez de ficarem a pintar desenhos da Bíblia na sacristia.

– Mas é a Effie que dirige a catequese e ela achou que estava demasiado frio para esse tipo de coisa – salientou Poppy, justa. – E, se o vigário é alguém *famoso*, como o Cliff Richard, Miss Winter não será capaz de o dominar, pois não? Quero dizer, não me parece que ele esteja habituado a que lhe digam o que fazer.

– Poppy – disse eu num tom paciente –, não vai ser o Cliff Richard, por isso não tenhas muitas esperanças! Acredita em mim, deve ser alguma estrela *pop* dos anos sessenta, apenas com um êxito e de quem ninguém se lembra.

Jake, tendo por uma vez na vida seguido os meus conselhos, tornara-se amigo da rapariga de quem gostava na escola; e passara a ir buscá-la todos os dias a casa no carro do Resmungas e depois voltava a levá-la.

Ela vivia do outro lado de Sticklepond num celeiro transformado, junto ao princípio do caminho que conduzia a Badger's Bolt. Achei que aquela poderia não ser a mais recomendável das moradas se Mr. Drake fosse quem suspeitávamos que era.

Os pais dela telefonaram-me antes de deixarem Jake levá-la a qualquer lado e eu garanti-lhes que, para além de ele ser um condutor muito cuidadoso (que, na verdade, é, eu é que me preocupo demasiado), o antigo *Saab* do Resmungas é incapaz de ultrapassar qualquer limite de velocidade, excepto numa descida e com o vento a empurrá-lo.

Presumivelmente nessa altura, eles ainda não tinham posto os olhos em cima do Rapaz Gótico, nem ouvido mexericos acerca do avô de Jake e do seu museu porque deram a sua autorização.

De qualquer maneira, tanto quanto eu podia dizer através de todo aquele cabelo preto, Jake parecia agora muito mais feliz, embora eu desejasse que o seu gosto em matéria de música também tivesse aligeirado um pouco. E levava duas vezes a rapariga à *cottage*, a caminho da sua casa, para eu ter a honra de lhe fazer um verdadeiro chocolate quente. Chamava-se Katherine, embora me tivesse dito que lhe chamavam sempre Kat e, tanto quanto percebi, parecia ser uma rapariga simpática – conversou muito, embora, infelizmente, numa voz muito baixa e sem mover os lábios, por isso não fiz a mínima ideia do que é que ela estava a dizer. Limitei-me a sorrir e a fazer muitos gestos com a cabeça.

Na altura, já tínhamos tudo desencaixotado e estávamos mais ou menos instalados e o Desejos de Chocolate estava de novo a funcionar em pleno, o que era mais do que se podia dizer da pequena estação de correios da aldeia quando tentei enviar o meu primeiro grupo de encomendas. No entanto, espero que se habituem a elas e decerto devem querer fazer muito negócio, não?

Os meus vasos de gerânios alinhavam todos os peitoris mais profundos das janelas, as suas folhas aromáticas a perfumarem o ar e a fazerem com que a *cottage* parecesse um lar e eu podia, finalmente, dedicar-me ao jardim. Felix, muito prestável, arrancou os limos dos carreiros de tijolo com uma forte mangueirada, revelando as cores adoráveis, e depois insistiu em me ajudar a montar a pequena estufa, embora na verdade eu apenas o tivesse deixado passar-me as ferramentas e os objectos decorativos. Decidi que, quando pudesse comprar uma estufa maior e mais adequada, ia pedir que me entregassem e montá-la-ia primeiro sem que ele o soubesse!

Comecei a arrancar todas as ervas daninhas mais óbvias e pudei tudo o que vi e consegui, mas quanto ao resto teria de esperar para ver o que iria nascer na Primavera. Um dos canteiros em forma de meia-lua parecia bastante vazio, para além de uma roseira e de um marmeleiro junto ao muro dos fundos, por isso pensei transformá-lo numa horta de ervas, dividindo-o como os raios de uma roda e usando como limite algumas das pequenas pilhas de tijolos velhos, que encontrei debaixo de um montículo de hera a um canto.

Outro canteiro estava reservado para a minha figueira anã *Brown Turkey* e desejei que a ameixeira no meio – se é que era uma ameixeira – acabasse por irromper em folhas e frutos. Era tudo muito excitante, pelo menos, para mim! E todo aquele exercício foi igualmente bom para mim, porque depois tive de enospar as dores no banho e deixar-me ficar deitada na banheira como uma Ofélia ligeiramente estranha, entre um punhado seco de folhas de gerânio e essência de rosas.

Uma das vantagens de viver em Sticklepond era que Poppy podia aparecer com muito maior frequência depois de reuniões, ou sempre que tivesse de ir à aldeia por algum motivo; e por vezes Felix fechava a loja e aparecia da parte da tarde para uma chávena de café ou chocolate e uma conversa.

Nessa altura, eu começara a passar todas as manhãs pela Marked Pages ao voltar da estação de correios. Felix instalara um confortável sofá de cabedal e uma máquina de café na sala da frente – uma vez até encontrei ali o Resmungas. A atracção de ter uma livraria praticamente na soleira da sua porta devia ter sido demasiado grande para ele.

Depois, havia o Falling Star – era agora muito mais fácil encontrar-me ali de vez em quando com os meus amigos e não ter de conduzir desde Merchester e depois voltar para trás.

A minha vida não se transformou exactamente num remoinho social de um momento para o outro, mas tinha muito mais companhia e era *muito* mais divertida.

* * *

Poppy tinha uma certa tendência para se mostrar sombria quanto a aniversários, desde que fizera trinta anos e vira o letreiro a apontar na direcção dos quarenta, por isso fiz-lhe um bolo de fruta especial, coberto de açúcar em pó e decorado com um cavalo de plástico, com a mesma tonalidade castanha de *Honeybun*, o seu amado garanhão, e levei-o ao Stirrups assim que tratei das encomendas dos Desejos naquela manhã.

Da última vez que ela me visitara, dissera-lhe para ela baralhar os cartões de anjo, para lhe poder fazer um dos meus anjos da fortuna de chocolate, dos maiores e especiais, com uma leitura personalizada colocada no interior e que lhe ofereci como presente.

O anjo da fortuna e o bolo deixaram-na muito animada, em especial porque a leitura era extremamente encorajadora, e falava de novas pessoas que iam entrar na sua vida e de portas que se iam abrir, embora, no que se refere a mim, isso nunca tenha sido um bom augúrio.

Mas, pelo menos, as minhas más notícias eram gentilmente transmitidas através das cartas dos anjos (a não ser que eu sucumbisse e pedisse a Zillah para ler o tarô, ou as folhas) e, apesar de elas poderem *insinuar* que eu estava condenada, também me garantiam que era uma condenação no *bom* sentido e que eu não me devia preocupar com nada.

Janey dera a Poppy um batom do mesmo vermelho vibrante que ela usava, enfiado num saco de papel às riscas que cheirava a rebuçados de mentol *Uncle Joe's*, por isso acho que ela se deve ter esquecido que era o aniversário

de Poppy até os nossos postais terem chegado naquela manhã e um batom a mais era tudo o que ela tinha por perto. Poppy raramente se preocupa com qualquer tipo de maquiagem, mas pusera um pouco para mostrar boa vontade, embora aquilo estivesse definitivamente a desgastá-la e não a animá-la.

– Esta noite dá uma folga ao batom – disse-lhe, uma vez que nos íamos encontrar com o Felix no Falling Star para mais celebrações –, a não ser que uses mais maquiagem a acompanhar.

– Acho que não tem mesmo nada a ver comigo, pois não? De qualquer maneira, a maquiagem é um desperdício nos cavalos... Eles não se interessam pelo meu aspecto!

– Bem, mas *nós* sim – respondi. Estava sempre a tentar convencê-la a pôr rimel nas pestanas claras e a usar, pelo menos, um pouco de base com cor, porque, apesar de ela passar grande parte do dia com amigos de quatro patas, não havia nenhum motivo para não estar bonita enquanto o fazia. No Verão, quando o sol lhe pintava madeixas douradas no cabelo cor de areia, ele ficava realmente bonito e uma boa cabeleireira poderia mantê-lo assim durante todo o ano.

Jake fora jantar a casa de Kat, por isso parecia que os pais dela se tinham habituado a ele e o jantar era um carimbo de aprovação!

Felix, Poppy e eu saímos juntos e tivemos um festim de aniversário de camarões panados e batatas fritas no Falling Star, embora, na verdade, eles os dois tivessem passado todo o serão a picarem-se por causa do encontro que Poppy ia ter na noite seguinte com alguém que conhecera na coluna de corações solitários.

Parecia que o cenário seria apenas uma repetição do anterior, com Felix a espreitar por cima do jornal no canto do *pub*, como um cão ciumento a vigiar um osso, embora eu achasse que também iria desta vez por simples curiosidade, e podíamos espreitar juntos por cima do jornal.

Deixaram de discutir quando Felix lhe deu o seu presente, que era um minúsculo quadro a óleo de um cavalo, pintado num estilo básico, e depois ela começou a soltar risadinhas contínuas devido ao gim tónico que já bebera.

Voltámos para a *cottage* para beber chocolate quente. O aroma que ele emanava fez com que Jake, que entretanto tinha regressado, descesse do seu quarto durante o tempo suficiente para desejar à sua tia Pops um feliz aniversário e permitir que ela o beijasse com aquele modo terrivelmente resignado que os rapazes adolescentes têm. Pensar-se-ia que era um teste de resistência.

O chocolate quente não teve um grande efeito em Poppy, por isso acabámos por a mandar para casa de táxi, a cantar qualquer coisa acerca de um maior a

galope. Só os céus sabem onde ela foi buscar *aquilo*. Na manhã seguinte, Janey teria de a levar à aldeia de carro para ela poder ir buscar o seu *Land Rover*.

– Sabes – disse eu a Felix, quando os faróis traseiros do táxi desapareceram do outro lado da esquina –, se a mãe dela não tivesse decidido meter-se com todos os jovens agricultores e caçadores elegíveis da região, Poppy já poderia ter encontrado o Senhor Certo algures entre as suas fileiras.

– Não a consigo ver como a mulher de um agricultor e ela não gosta de caçar, pois não? – salientou ele.

Era verdade que, quando tinha uns dez anos, Poppy ficara com uma aversão repentina à caça de criaturas vivas por prazer e não seguia os cães, mesmo quando eles eram exclusivamente treinados para a caça à raposa.

Tinha um coração terrivelmente sensível e eu não queria ver aquele coração magoado ou destroçado por mãos descuidadas, como acontecera com o meu, apesar de eu ter voltado a cimentar o meu com chocolate e um grande sucesso, por isso não estava tão bom como novo, estava *melhor* do que novo.

Mas eu sabia que ela ansiava por amor, casamento e até por filhos, por isso preferia que ela se apaixonasse por um homem decente como o Felix... se ele também se apaixonasse por ela, é claro!

Encontros Desesperados

Era a noite do Encontro Desesperado de Poppy e eu ia com Felix como apoio de emergência. Não era apenas uma desculpa para uma saída, eu estava curiosa por ver que coelho é que ela tirara daquela vez do chapéu.

Passei pela Marked Pages para apanhar Felix e estávamos a atravessar o parque de estacionamento do Green Man, quando ouvi uma voz familiar a chamar-me:

– *Chloe!*

Virei-me, espantada.

– David?

O meu ex-noivo estava de pé junto de um carro desportivo vermelho, as chaves na mão. Estava tão atraente como sempre. A idade parecia não ter feito qualquer mossa à sua beleza e não poderia ter envelhecido a sua infinita espontaneidade porque ele nunca tivera nenhuma. A sua previsibilidade era uma das coisas que eu mais apreciara nele há cerca de seis anos: um porto seguro depois da tempestade.

Enquanto eu ficava ali parada, ele fechou a porta do carro e aproximou-se de mim.

– Eu sabia que eras tu! – Parecendo encantado, beijou-me nas duas faces, depois afastou-me um pouco e disse: – E estás absolutamente maravilhosa!

Senti-me lisonjeada, já que não era da mesma opinião. O meu cabelo precisava de ser cortado e o meu nariz estava provavelmente vermelho devido à brisa fria.

– Tu também parecest estar bastante bem – disse-lhe, descobrindo que me sentia muito satisfeita por o ver assim que me recompus da minha surpresa inicial. Agora que ele estava mais próximo, conseguia ver-lhe novas rugas no rosto e alguns fios prateados entre o cabelo castanho-escuro (afinal, ele é alguns anos mais velho que eu), mas que apenas o faziam parecer distinto. É nestas coisas que a natureza é injusta para os dois sexos.

– Lembras-te do meu amigo Felix, não lembras?

– Sim, claro – disse ele, com um sorriso rápido e educado. – É um prazer voltar a vê-lo.

– Igualmente, obrigado – disse Felix, sem qualquer entusiasmo. – Vou andando para o *pub*, Chloe. Vemo-nos daqui a pouco.

Afastou-se e David voltou a desviar toda a sua atenção para mim.

– Tenho pensado muito em ti, Chloe. Que tal te correram as coisas e o que é que estás a fazer aqui?

– Estava prestes a fazer-te a mesma pergunta!

– Tenho amigos que vivem aqui perto e às vezes encontramos-nos no Green

Man. Mas hoje tive um cliente para estes lados, por isso parei aqui para comer qualquer coisa rápida.

– Então acabaste por nunca te mudar para o campo, David?

– Não, fiquei na cidade e ainda estou a viver uma vida de solteiro no meu apartamento... Embora, na verdade, isso possa estar prestes a mudar. E tu? Presumo que ainda vivas em Merchester?

– Não. De facto, acabámos de nos mudar para Sticklepond.

– Acabámos? – perguntou ele, rapidamente.

– Toda a família... Jake, o meu avô, Zillah. O Resmungas comprou o Old Smithy, na outra ponta da High Street.

– Oh? – Ele digeriu aquela informação. – Jake ainda está em casa? Ele deve ter... Que idade é que ele tem agora?

– Quase dezanove e vai para a universidade neste Outono, se é que alguma vez chega a exame.

– E a tua mãe nunca voltou? Tive razão quanto a isso?

Ele poderia ter acrescentado, «eu bem te disse!». Mas também nunca acreditara em mim quando eu lhe dissera que sabia que ela estava viva.

– Não, nunca voltou.

– Então... não há marido, filhos, ninguém importante?

– Os seus olhos cor de avelã prenderam-se aos meus. – Surpreendes-me.

– De momento não – respondi, sem querer parecer ser a pobre Miss Desesperada, coisa que não era de modo nenhum. – O meu negócio dos Desejos de Chocolate está a florescer e isso, bem como servir de secretária particular ao Resmungas, tem ocupado grande parte dos meus dias nos últimos tempos.

Ele olhou para um relógio caro.

– Olha, tenho uma coisa combinada e estou a ficar atrasado, mas adorava voltar a falar contigo. Até nos podemos encontrar aqui, uma destas noites... Que tal?

– Eu normalmente vou ao Falling Star na outra ponta da aldeia, com a Poppy e o Felix. Lembras-te da Poppy, não lembras?

– Oh, sim – disse ele, num tom de voz que queria dizer que se esquecera completamente dela, apesar de há seis anos Poppy estar preparada para ser a minha dama de honor no cartório. – No entanto, o Green Man é capaz de ser melhor porque, num primeiro encontro, gostaria de saber mais coisas a teu respeito, mas sozinho... Acho que tenho de te pedir desculpa por muita coisa!

– Oh, não, não tens mesmo – garanti-lhe, tendo sido apanhada desprevenida.

– Arrependi-me sempre de, na altura, não ter sido mais compreensivo, Chloe – disse ele com um sorriso bastante amargo.

– Não, estou a falar a sério, David, porque mais tarde, quando já não estava tão perturbada, também consegui *perceber* o teu ponto de vista. – Aquilo era

verdade, embora só o tivesse percebido passado um período de tempo terrivelmente longo; e o modo como ele pedira à sua secretária para me ajudar a cancelar os planos de casamento e devolver os presentes apenas adicionara o insulto à injúria.

– Olha, então, que tal se nos encontrarmos ao princípio de uma destas noites no Falling Star, antes de os teus amigos chegarem? – combinou ele. – Pode ser na sexta?

– *Okay* – concordei, porque na verdade não via motivo para não o fazer. Embora me sentisse surpreendentemente agradada por o voltar a ver, não me parecia que ainda restassem alguns carvões para reacender a chama, por isso seria apenas uma conversa amigável.

– Não há nenhum motivo para não sermos amigos agora, pois não, Chloe? – disse ele com o seu sorriso atraente, parecendo estar a ler-me o pensamento... E não, na verdade, não havia.

No *pub*, Felix já estava instalado num canto escuro com uma boa vista da sala.

Parecia estar com vontade de se mostrar sombrio e sarcástico quanto ao reaparecimento de David na minha vida, mesmo quando lhe disse que não estava prestes a voltar a apaixonar-me por ele e que não via nenhum motivo para não poder beber um copo com David em nome dos velhos tempos.

– Acho que teres alguma coisa a ver com um homem que te decepcionou daquela maneira é um grande erro – avisou-me ele e teria dito mais só que Poppy entrou naquele momento.

Acenou-nos ligeiramente, comprou uma água mineral e sentou-se numa mesa próxima da porta.

– Eu gostava que ela me deixasse aconselhá-la um pouco quanto à maquilhagem e à roupa – murmurei. – Não sou nenhuma escrava da moda, mas faço um esforço quando saio.

– Pelo menos, não vesti as calças de montar e o colete almofadado que a fazem parecer ter um metro de largura – comentou ele.

– Não, embora na verdade lhe fiquem melhor do que aquela blusa, porque ela não é o tipo de mulher de laços, rendas e folhos.

A porta do *pub* abriu-se e eu acotovelei-o.

– Olha, deve ser o encontro dela!

Um homem alto e magro com cabelo grisalho grosso entrara e parara no limiar da porta, a olhar em volta da sala. Depois atravessou-a na direcção de Poppy, de mão estendida.

– Parece ser bastante normal – disse Felix, num tom crítico.

– Na verdade, parece bastante agradável – concordei. – No entanto, é mais velho do que pensei, diria talvez no início dos cinquenta, mas aquele cabelo grisalho com o bronzado e os olhos azul-vivos fazem uma combinação

bastante boa.

Tanto quanto conseguimos perceber, ele e Poppy pareciam estar a dar-se bastante bem e começámos a sentir-nos redundantes como cães de guarda. Mas, quando eles se levantaram para sair, Felix ainda achou que a devíamos seguir, para garantir que ela estava bem e eu ainda tentava dissuadi-lo quando Poppy voltou a entrar, sozinha.

Estava corada e sorria sonhadora.

– Céus, ele é *tão* querido... e pareceu gostar de mim! Esta noite não pôde ficar muito tempo, por isso quando ele se foi embora fingi que também ia, depois voltei atrás. Vamos almoçar juntos amanhã.

– Onde? – perguntei.

– Em casa dele. Ele adora cozinhar.

– Estranho. – Felix sacudiu a cabeça.

– Não, não é. Não é de modo nenhum esse tipo de homem e eu fico bem. Ele quer mostrar-me o seu jardim.

– Mas tu não estás interessada em jardinagem – repliquei.

– Vou fingir que estou. Também não me parece que *ele* esteja terrivelmente interessado em cavalos, mas disse que gostava de ver o meu *Honeybun*.

– Aposto que sim – murmurou Felix sombriamente e dei-lhe uma cotovelada forte nas costelas. Ele estava a portar-se como um cão com dois ossos, nenhum dos quais queria particularmente, mas que gostava de ter de reserva no caso de uma fome repentina.

– *Okay*, podes ir, mas mantém o telemóvel ligado e eu ligo-te cerca de uma hora depois para ver se estás bem – sugeriu ele. – Podemos arranjar uma palavra código para salvamentos de emergência.

– Tipo « socorro » ? – sugeri.

– Isto é sério, Chloe – disse ele, gravemente.

Mudámo-nos para a sala privada, escura e aconchegante do Falling Star, que era mais o nosso género de ambiente que aquele que o bar principal mais moderno do Green Man proporcionava. Já instalados no nosso habitual lugar junto da janela, Poppy contou-nos, num tom lírico, pormenores acerca do seu encontro. Aparentemente, ele era um antigo conferencista universitário que se reformara cedo, um viúvo, e vivia em Crank, não muito longe dali.

– Só podia – disse Felix, que parecia determinado em ser desagradável. De seguida, contou a Poppy o aparecimento repentino de David e descreveu aquilo que para ele era a minha concordância cobarde em voltar a encontrar-me com David, apesar de tudo o que ele me fizera no passado.

– Ele deixou-me, foi tudo; e no fim acabou por ser recíproco, quando não conseguimos concordar no que fazer quanto a Jake.

Contudo, Felix não encontrou um aliado em Poppy, porque ela estava do meu lado. Não percebia porque é que eu e David não nos podíamos encontrar

casualmente passado todo este tempo, se eu já nem sequer me sentia atraída por ele, e eu também não o percebia. De facto, estava bastante ansiosa por isso.

Ao regressar a casa atravessei o museu, onde o Resmungas estava a desencaixotar uma das suas últimas caixas e nem reparou em mim, por isso continuei em direcção à casa principal.

Tal como esperava, Zillah encontrava-se na cozinha, que já estava com um aspecto mais exoticamente berrante do que a última. Achei que o *Aga* vermelho-vivo lhe subira à cabeça.

Naquele dia, vestia uma camisola de malha vermelha ao contrário por baixo de uma outra roxa vestida de forma correcta, com um alfinete de feltro com rosas cor de laranja preso ao peito. Aumentara o efeito ao colocar sobre todo o conjunto um xaile coberto de flores rosa-choque e aquilo que se parecia vagamente com uma toalha de chá aos quadrados e que ela enrolara como um turbante à volta da cabeça.

Estava um dia nublado mas as luzes encontravam-se apagadas, já que ela odiava a luz artificial a não ser que fosse mesmo necessária, exceptuando a enorme televisão de ecrã plano, que estava constantemente ligada a um canto, junto de uma poltrona. Quando ela sorria, os seus dentes faiscavam brancos e dourados sob a luz lançada pelo ecrã bruxuleante.

– Aí estás tu – disse ela, como se estivesse à minha espera. Na verdade, tinha duas chávenas de porcelana às flores em frente dela e já estava a servir o chá.

– Zillah, acabei de encontrar a pessoa do meu passado de que a tua leitura do tarô me avisou, mas afinal era apenas o David.

– David

– O meu ex-noivo, lembras-te? Tu compraste um travessão de penas de seis cores para o casamento.

– Ah, sim, *esse*.

– Estava a entrar para o carro no parque do Green Man, por isso conversámos um pouco. Vou encontrar-me com ele no Falling Star, ao princípio da noite, na próxima sexta-feira.

Ela levantou os olhos, depois de mexer e remexer o seu chá, os olhos brilhantes a exibirem uma expressão arguta.

– Achas isso sensato?

– Porque não? Já passou muita água debaixo da ponte desde que estivemos prestes a casar, por isso não há nenhum motivo para não nos encontrarmos como amigos, pois não?

– Hmm – resmungou Zillah, pegando na minha chávena agora vazia e examinando as folhas de chá no fundo. – Se bem te lembras, eu disse-te que

mais do que uma pessoa do teu passado poderia reaparecer e afectar o curso da tua vida – recordou-me.

– *Poderia...* ou talvez não. E, de qualquer maneira, as pessoas do meu passado só me podem afectar se eu deixar, não achas?

– Já deixaste que uma delas o fizesse, Chloe.

– Não, não deixei. Embora fosse agradável rever o David, não tenho qualquer intenção de me voltar a apaixonar por ele... Ou por qualquer outra pessoa que possa aparecer vinda do meu passado. Dá uma olhada às minhas folhas de chá, elas vão-to mostrar.

– Por vezes, não se consegue ver todos os aspectos do futuro até este ser revelado.

– Então, vou manter o meu cuidadosamente fechado. Mas talvez possas ler as cartas para Poppy? Ela está a ficar tão desesperada por amor que abandonou os seus sítios de encontro na Internet e começou a ligar a homens que colocam anúncios no jornal. Eu e o Felix estamos muito preocupados com isso. Foi isso que estivemos a fazer no Green Man, a mantermo-nos vigilantes para ver se o seu último encontro nos agradava... Embora tenha de admitir que ele parecia muito simpático.

– Pensei que os teus anjos já lhe tinham dito o que é que o futuro guarda para ela – disse Zillah um pouco agreste.

– E disseram. Fiz uma leitura para o seu aniversário, mas foi um pouco geral.

– Oh, então, trá-la cá. – Ela suspirou e pousou a minha chávena. – E, digas o que disseres, a tua vida *está* prestes a mudar muito. As cartas e as folhas não mentem.

– Não, mas isso pode ter uma interpretação simples e referir-se a todas as alterações envolvidas na nossa mudança para aqui, Jake a ir para a universidade no Outono, e esse tipo de coisa, não pode? – Depois um pensamento horrível atravessou-me a cabeça. – Oh, céus, talvez as cartas queiram dizer que a minha mãe está prestes a regressar e a dar cabo de tudo!

Embora eu me tivesse sentido bastante satisfeita se tivesse sabido que ela estava mesmo bem, queria apenas sabê-lo sob a forma de um postal enviado de um lugar muito, muito distante. Chamem-me egoísta, mas não quero mesmo ter de partilhar a minha pequena casa com ninguém; em especial, não a quero partilhar com a minha caótica e totalmente egocêntrica mãe.

Por outro lado, podia perguntar-lhe quem era mesmo o meu pai – se é que ela o sabe. Era um problema que a certa altura eu teria de enfrentar, embora ainda não soubesse como iria fazê-lo.

Cinza nas Roseiras

Jake e eu jantámos com a Zillah e o Resmungas e ela resolveu contar-lhes de imediato que eu ia voltar a ver David!

O Resmungas levantou os olhos do prato de *risotto* de marisco (Zillah gosta de experimentar novas receitas que tira de revistas, embora ela as tempere com pequenas adições curiosas da sua autoria) e disse que, se o meu antigo noivo atravessasse a soleira do Old Smithy, ele iria desejar-lhe mal e que o mesmo se aplicava a qualquer outro homem que me tivesse desiludido no passado.

Depois Jake disse, « Boa ideia, Resmungas. Eu ajudo! », por isso era óbvio que a notícia não caíra lá muito bem.

– Qual é a opinião de Felix? – acrescentou Jake, tirando um cravinho de entre os dentes e colocando-o na borda do prato, ao lado de outros dois. Eu já me tinha perguntado o que seriam aqueles bocados escuros e rijos, até tentar morder um... Mas também acho que o cravinho é bom para os dentes, não?

– Porque é que a opinião do Felix teria alguma importância? E, de qualquer maneira, o David não vai tentar atravessar a tua soleira, Resmungas. Só vamos beber um copo como amigos, para sabermos aquilo que temos andado a fazer durante os últimos anos, não recomeçar com o romance.

– Talvez essa seja a tua intenção, mas *ele* pode ter outras ideias – comentou o Resmungas. – És uma tola. Felix é um homem muito melhor.

– Tenho a certeza que sim, mas eu não estou romanticamente interessada em nenhum dos dois. Nem estou à espera que nos tempos mais próximos, uma fila organizada de todos os meus antigos namorados se comece a formar à porta, portanto, tudo isto é demasiado barulho para nada.

Lancei a Zillah um olhar furibundo, mas ela limitou-se a lançar-me um sorriso cintilante, mentolado, e continuou a comer.

O dia seguinte foi bastante atarefado. Para começar, o Resmungas tinha-se excedido e escrevera logo de manhãzinha três capítulos inteiros do *Filho de Satanás*, mais várias cartas longas, por isso só a meio da manhã é que tive a oportunidade de imprimir um punhado de novas encomendas de Desejos de Chocolate. Regra geral, a essa hora já estava a regressar da minha visita à estação dos correios, via Marked Pages para uma chávena de café, mas à hora de almoço ainda estava a rotular as últimas caixas quando Poppy irrompeu pela porta, parecendo ainda mais corada e despenteada do que o habitual.

– Olá, o que é que estás aqui a fazer? – perguntei-lhe surpreendida, mas com as mãos a continuarem a colar automaticamente endereços em caixas e a

juntá-las à pilha, como uma linha de produção de uma só pessoa (que, suponho, que seja isso). – Não ias almoçar hoje com o teu Encontro Desesperado?

– E fui! E era hoje! – exclamou ela, atirando-se para a cadeira mais próxima. – A sério, Chloe, não vais acreditar nisto!

– Ele atirou-se a ti? Bem, eu avisei-te, Poppy... Mas o Felix não ficou de te ligar para o telemóvel, no caso de precisares de ser salva? Vocês tinham uma palavra de código secreta e tudo.

– Sim, e graças a Deus que ele ligou, porque fingi que era a minha mãe a ligar para me dizer que *Honeybun* adoecera e que eu tinha de ir já para casa.

Olhei para ela, de sobranceiras erguidas.

– Ele caiu nessa?

– Não pareceu inteiramente convencido – admitiu ela. – Acho que não minto lá muito bem. Mas disse que me telefonava e podíamos voltar a fazê-lo.

– Fazer o quê?

– Almoçar no jardim.

– Isso não me parece assim tão terrível, Poppy, embora ache que Fevereiro não é a altura ideal para um piquenique no jardim, a não ser que ele tenha um daqueles aquecedores dos pátios?

Ela sacudiu a cabeça.

– Não havia nenhum aquecedor e ele tinha servido o almoço numa mesa numa espécie de pavilhão de Verão, aberto de três lados. Desejei não ter deixado o meu blusão almofadado no *Land Rover*... e isso foi culpa tua – acrescentou ela, reprovadora –, porque disseste que, com ele vestido fico com a forma de uma bola de carne; e também não tinha o meu colete quentinho.

– E pareces uma bola de carne e achei que não precisarias dele porque nunca pensei que fosses comer no exterior nesta altura do ano! Mas não deve ter sido por isso que saíste tão depressa, por isso desembucha, Poppy... Que mais é que ele sugeriu que tu fizesses no jardim?

O rosto naturalmente rosado de Poppy mudou para uma tonalidade vermelho-escuro.

– Não foi no jardim, na verdade, foi no pavilhão de Verão. Havia ali um daqueles sofás grandes, com uma estrutura alta de madeira, que são quase iguais a uma cama, e isso devia ter-me dado uma pista, porque não se podem deixar almofadas forradas a algodão no exterior, à mercê do clima, pois não? Se eu não fosse tão estúpida, devia ter percebido que elas estavam ali com um *objective*.

– Sim, isso parecia indiciar alguma coisa – concordei, mantendo com um certo esforço uma expressão séria.

– Mas isso não me ocorreu de imediato e a princípio estava tudo óptimo: começámos a almoçar e estávamos a dar-nos mesmo bem, tal como nos

demos no *pub*. Depois, de repente, ele disse que havia um bom motivo para que o nosso verdadeiro encontro estivesse a decorrer no jardim: era porque a sua mulher estava sempre ali, e ele queria que ela me conhecesse, e continuasse a sentir que fazia parte da sua vida.

Enquanto ela falava, eu estivera a empilhar caixas de Desejos no enorme e verdadeiramente antiquado trólei de compras em que os costumava levar até à estação dos correios, mas ao ouvir aquilo levantei os olhos e disse incrédula:

– A mulher dele é *jardineira*? Pensei que tinhas dito que ele era viúvo.

– Sim, foi isso que eu lhe disse. E ele respondeu que efectivamente era viúvo, mas que sentia a presença da mulher em todos os sítios do jardim, porque ela gostava tanto dele. E mais, Chloe, ele disse que as cinzas dela estavam espalhadas sobre as rosas junto do pavilhão onde estávamos sentados!

– Isso é bastante bizarro, para dizer o mínimo, Pops. No entanto, imagino que as rosas sejam saudáveis?

– É um bocado difícil dizê-lo, nesta altura do ano – respondeu Poppy, começando a recuperar o seu sentido de humor. – Fiquei estupefacta mas depois perguntei-lhe, já que achava que a mulher estava por ali a observar-nos, se não se sentia inibido por levar para ali as namoradas novas, e ele disse que não, que estava certo que ela aprovava.

– Não estou surpreendida por teres inventado uma desculpa e fugido!

– Oh, mas há mais! Ele disse que o motivo por que tinha a certeza que ela aprovava, era porque eles tinham tido um casamento muito aberto... E aberto em mais do que um sentido, porque ambos gostavam de fazer sexo ao ar livre, embora nem sempre um com o outro.

– Ele disse isso?

– Disse, sim... Saiu-se com esta, como se fosse uma coisa normalíssima. Foi por isso que mandaram construir o pavilhão de Verão: para observarem as actividades um do outro. A parte de trás está virada para a estrada. E depois, Chloe, fiquei tão atordoada que, sem pensar, disse que me lembrava que o seu anúncio nos corações solitários dizia que ele gostava de perseguições no exterior e que agora estava a perceber o que é que ele queria dizer! Infelizmente, isso pareceu encorajá-lo, porque arrastou a cadeira para o meu lado da mesa e explicou que pensara que uma cavaleira seria divertido e que estava sempre aberto a coisas novas. Depois, por sorte, Felix ligou e foi nessa altura que disse que tinha de ir. Tenho a certeza que saí com mais velocidade do que maneiras.

– Bem feito... e ele parecia tão simpático – respondi com uma certa pena.

Depois de ter tirado aquilo do peito, Poppy começou a achar que era engraçado.

– É uma pena que o encontro não tivesse sido com a minha mãe e não comigo. Ele estaria metido num grande sarilho – comentou, com uma das suas

gargalhadas repentinas.

– Nunca se sabe com a Janey – concordei. – Ele podia ter sido lançado ao chão, atado e marcado a ferros, antes de saber onde se encontrava.

– De qualquer maneira, aprendi uma lição. Começo a pensar que tu e o Felix têm razão e que desta maneira nunca encontrarei um homem decente. Devem ser *todos* estranhos.

– Talvez isso seja porque *todos* os homens são estranhos e as mulheres limitam-se a contentar-se com o menos estranho que conseguem encontrar – sugeri cinicamente.

– Não, não são. Para começar, o Felix não é estranho – protestou ela.

– Qualquer homem que passa metade do seu tempo tão envolvido nos livros que nem repara que apertou mal o casaco ou que está a usar sapatos diferentes também é um pouco para o estranho, mesmo que seja simpático, não achas?

– As excentricidades adoráveis são diferentes – disse ela firmemente, depois hesitou e acrescentou: – Chloe, já reparaste que ultimamente o Felix parece... parece olhar para ti de uma maneira diferente? Pensei que o estava a imaginar, mas depois na outra noite...

Suspirei.

– Oh, também reparaste? Pensei que estava a imaginar... Esperei estar. Agora decidi repentinamente que quer assentar e parece ter-se fixado em mim por alguma razão doida. Acho que começou o ano passado, quando comprou todos aqueles antigos álbuns da Kate Bush num leilão, numa caixa misturada com alguns livros, e achou que eu era parecida com as fotografias dela nas capas. Isso levou-o a ver-me numa perspectiva diferente.

– Sim, acho que és capaz de ter razão – concordou Poppy, pensativa. – Deve ter sido nessa altura que comecei a reparar nisso. Espero que ele também tenha subitamente reparado no quanto és bonita... e vocês dão-se bem juntos.

Ignorei a parte do bonita, que era apenas Poppy a ser-me leal, e respondi:

– Claro que damos, nós os três damos-nos bem, sempre demos... Por isso, também seria lógico que tivéssemos uma *ménage a trois*, não achas?

Ela sorriu.

– Quando colocas as coisas dessa maneira, percebo o quanto é ridículo. Ele tem representado o irmão mais velho nas nossas vidas. Iria ser complicado obrigarmo-nos a vê-lo numa outra perspectiva.

– Sim, era preciso uma magia mesmo muito forte!

Poppy voltou a rir-se.

– Na verdade, encontrei Felix a ver duas vezes um velho *clip* de Kate Bush no YouTube, onde ela está a cantar o « Wuthering Heights », por isso no que se refere a ele, ela é mágica.

– Eu não me pareço *nada* com a Kate Bush!

– A maioria das pessoas não se importaria de parecer. Eu não me importava

nada!

– Acho que devo ter uma aversão inata a ter uma sósia. Vá lá, vamos até à minha *cottage* beber um café. Eu envio isto mais tarde, não há nenhuma encomenda urgente.

Tirei algumas trufas que estivera a testar. Embora só venda moldes ocios de chocolate, ainda gosto de fazer (e comer) o estilo recheado – uma prateleira do meu frigorífico está normalmente cheia delas. E não há nada como o chocolate para animar uma mente perturbada. Poppy voltou para o Stirrups com grande parte do seu ânimo restaurado.

Arrastei o trólei até à estação de correios com as minhas caixas, tentando encontrar uma maneira de transferir o interesse de Felix para Poppy e de fazer com que ela o visse como um potencial amante, não como um irmão.

Mas como não havia absolutamente nenhuma maneira de ela alguma vez se parecer, mesmo que remotamente, com Kate Bush, nem ele com o George Clooney, estava metida numa trapalhada.

Pó de Fada

Poppy contou-me que Hebe Winter recebera uma mensagem curta do secretário do bispo, indicando-lhe a data em que o novo vigário iria entrar em funções e que era muito mais cedo do que todos esperavam.

Assim, quando na sexta à tarde daquela mesma semana dois enormes camiões de mudanças passaram a tropejar e se dirigiram para o velho presbitério, a mais pura das curiosidades fez-me subir até ali sob o pretexto de ir comprar pão ao Spar on the Green, apesar de pensar que, provavelmente, eram apenas os bens do novo inquilino a chegarem e não o homem em si.

O caminho de acesso ao presbitério é bastante curto e grande parte da enorme propriedade, que converge em Angel Lane, situa-se atrás da casa. Como os portões da frente estavam abertos, conseguia ver os camiões estacionados em frente do alpendre e os homens a carregarem coisas pela grande porta de entrada, embora na sua maior parte, não passasse de mobiliário de aparência vulgar, exceptuando uma enorme cabeceira de madeira escura e esculpida, que parecia ser muito antiga. Mas era difícil percebê-lo àquela distância e de qualquer maneira só a vi porque o vento erguera o cobertor que estava enrolado à volta dela como protecção.

Vi aquilo que poderiam ser estátuas grandes, mas também estas estavam envoltas em tantas camadas protectoras que era difícil distinguir que formato tinham. Apesar disso, há qualquer coisa de fascinante quanto aos bens de outras pessoas, como um jogo televisivo onde os objectos passam a deslizar por nós numa passadeira rolante e não sabemos o que vem a seguir.

Mas não podia ficar ali para sempre, por isso tive de continuar a andar. Talvez devesse arranjar um cão? Eram uma desculpa tão boa para bisbilhotarmos! Só que acho que a *Tabitha* nunca mais me voltaria a falar.

Quando regresssei, percebi que Jake voltara das aulas e que trouxera Kat com ele porque o seu casaco preto comprido e a capa dela (uma coisa de lã peluda, com uma aparência meio acabada) tinham sido atirados para as costas de uma cadeira e depois tropecei por cima das suas mochilas. Não havia sinais deles na *cottage*, mas ouvi a voz do Resmungas no museu, por isso pensei que estavam com ele.

Tive um momento de sossego com uma caneca de chocolate quente e depois servi mais três, acrescentei mais leite quente e levei-as até à porta ao lado para ver o que é que eles andavam a tramar.

Jake estava no cimo de uma escada a pendurar máscaras na parede e Kat segurava-lhe a escada. Como era costume, envergava um vestido aos folhos,

curto e preto, calças pretas justas e botas grandes, como uma espécie rara de bonita fada gótica. Até ao momento, o Resmungas parecia inteiramente inconsciente da sua presença, mas acho que ela acabaria por se lhe impor.

O Resmungas estava na outra extremidade da sala, onde se encontravam dois homens a instalarem finalmente os varões dos pesados cortinados de veludo, que iriam dividir a área do pentagrama, e empurrara a sua cadeira de madeira de costas góticas para o centro da sala para os poder observar. Eles pareciam achar aquilo enervante, mas penso que isso era porque ele já exprimira o seu desagrado (em relação a todos os atrasos e promessas quebradas) em termos muito directos.

Por sorte, o resto dos cortinados já tinha sido pendurado a tempo para o primeiro ritual mágico da estação, por isso correrá tudo bem. (Jake e eu tivéramos o cuidado de não nos aventurarmos no museu, enquanto conseguíssemos ouvir o som vago dos cânticos.)

Tabiitha estava empoleirada no joelho do Resmungas, os olhos amarelos fixos e sem piscar na mesma direcção que ele. Estendi ao Resmungas a caneca de chocolate quente e depois perguntei aos dois trabalhadores se eles também queiram chocolate ou uma chávena de chá.

Eles recusaram, dizendo que só queriam acabar o trabalho e irem-se embora, o que segundo a minha experiência é algo de quase inaudito. Eu esperara uma resposta automática do género, « Chá com leite e três torrões de açúcar, querida ». No entanto, percebia porque é que eles se queriam ir embora – e também que a sua estadia seria indefinidamente prolongada se continuassem a deixar cair nervosamente as coisas da maneira como o estavam a fazer –, por isso fiquei a conversar com o Resmungas para o distrair. Não que ele seja alguém com quem se possa ter uma verdadeira conversa; limita-se a fazer declarações, mas desde que o consigamos pôr a fazer uma série delas, pode continuar a fazê-lo durante uma eternidade.

O museu começava a tomar forma e a maior parte dos expositores de vidro estava cheia de todos os tipos de coisas bizarras, rotuladas com a caligrafia quase ilegível do Resmungas. (Eu consigo lê-la, mas isso é devido a uma longa prática de transcrição das suas cartas e capítulos.) A sua colecção já fora catalogada, por isso ele estava agora a compilar uma brochura brilhante e vários folhetos a partir dela para vender aos visitantes. Calculei que iria ter de os passar a limpo antes de irem para a gráfica.

Acabei por ter de sair para poder comer alguma coisa antes de me ir arranjar para o encontro com David, embora a desaprovação não expressa tanto de Jake como do Resmungas me tivesse feito sentir como aquela música em que o marido suplica à mulher para não levar o seu amor para a cidade. Jake até recusou a minha oferta de, antes de ir, fazer uma piza para ele e para Kat.

A atitude deles poderia ter colorido a minha escolha de roupa, pois embora não quisesse parecer que tinha arrancado todos os sinais de stop, achei que seria muito gratificante se conseguisse instilar um pouco de arrependimento em David, por ter deixado esvair-se tanta *beleza* por entre os seus dedos.

Na verdade, tal era bastante improvável. No fim, acabei por escolher as minhas calças de ganga mais recentes e um top muito giro, salpicado com lantejoulas rosa e turquesa e, em vez da minha habitual maquilhagem de cinco minutos, prestei um pouco mais de atenção ao meu rosto.

Um par de brincos turquesa que Mags me trouxera de Goa, da última vez em que ali estivera, completou o conjunto. Eu desconfiava que ela sentia a consciência pesada em relação a mim, já que os presentes que me trazia eram sempre melhores do que aqueles que trazia a Poppy, ou até a Felix, que é seu filho. Mas acho que até é muito amável da sua parte trazer-me um presente, porque a minha própria mãe nunca o fez... E voltei a perguntar-me se a minha mãe estaria mesmo em Goa, como eu desconfiava, e se seria esse o motivo para Mags ir sempre passar ali as suas férias solitárias, tal como costumava ir para a Jamaica logo depois de a minha mãe ter desaparecido.

Isso fez-me começar a pensar nas actividades de chantagem da minha mãe e a desejar não ter visto aquelas cartas e ainda pensar que Chas era meu pai, em vez de toda aquela incerteza. *Queria* que fosse ele, mas não me podia limitar a varrer para baixo do tapete o facto de que podia não ser.

Na altura em que vesti o casaco e me dirigi ao Falling Star, o carro vermelho desportivo de David já estava estacionado à porta. Aquela fora uma atitude mais sensata do que estacionar no parque, porque aí não há tanto espaço para manobras devido ao pequeno meteorito, que dá o nome ao *pub*, e que se encontra mesmo no seu centro.

Naquela noite, não havia sinais de Mrs. Snowball atrás do pequeno bar, mas Clive, o seu filho, levantou a aba do balcão e atravessou o movimentado bar público quando eu entrei na sala privada. David era a única pessoa que se encontrava na sala e estava sentado junto da janela, mas levantou-se quando entrei e beijou-me na face.

– Olá, David. Espero que não tenhas esperado muito tempo.

– Não, acabei de chegar. O que queres beber? Pensei esperar até tu chegares.

Atrás de Clive – que é um homem baixo, robusto, de meia-idade, com cabelo como palha-de-aço cinzenta –, algo assobiou ferozmente. Ele afastou-se para um lado, revelando orgulhoso uma máquina de café, cintilante e monstruosa.

– Talvez queira um café, Chloe? – sugeriu ele. – Agora temos uma máquina destas. Parece que todos os turistas querem café, não é? E acho que vão ser muitos mais, assim que abrir o museu do seu avô. Será estupendo para o Star.

– Sim, suponho que sim, não tinha pensado nisso. E adoraria um café!
– Não preferes um copo de vinho? – sugeriu David.
– Não, não sou muito de beber vinho e de qualquer maneira é demasiado cedo para beber. Café está ótimo.

– Tem toda a razão – disse Clive, depois gritou a plenos pulmões: – Mãe!
Devíamos ter parecido espantados, porque ele explicou-nos que Mrs. Snowball era a única que, por enquanto, conseguia compreender as instruções da máquina.

– Eu ainda não tive tempo e hoje a Molly não vem.
Mrs. Snowball entrou a arrastar-se, calçada com umas pantufas de xadrez com pompons na ponta.

– Clientes para o café, mãe.
– Se soubesse, não a teria incomodado – desculpei-me.
Ela lançou-me um sorriso desdentado e sujeitou David a uma inspecção mais prolongada, antes de dizer num tom amistoso:

– Não tem importância. Então o que vai ser, meus queridos? *Capuchin*? Expresso? *Frappy-latte-qualquercoisa*?

– Acho que vamos beber dois macacos[8] – disse David num tom trocista e ela olhou-o inexpressivamente.

– Dois *cappuccinos*, por favor, Mistress Snowball – disse eu.
– E um brande, se tiver algum decente – acrescentou David.
– Quanto ao brande, não tenho recebido queixas dos meus clientes habituais – disse Clive. – Sentem-se, já vos trago as bebidas.

– Um sítio um bocado para o antiquado – comentou David – e nunca conseguirão os turistas se não se actualizarem. Não consigo perceber porque é que preferes isto ao Green Man.

– Nós gostamos do Star da maneira como está – respondi na defensiva – e é frequente termos a sala privada só para nós, mesmo no Verão, enquanto a meio da noite o Green Man já está cheio de tipos snobs e turistas.

– Eu encontro-me lá muitas vezes com os meus amigos – disse ele, um pouco rígido. Lembrei-me que no passado ele me apresentara alguns, e eram tipos ruidosos e snobes.

– Ouvi dizer que muitos habitantes daquela ponta da aldeia também lá vão – respondi rapidamente. – Poppy diz que se pode encontrar, na maior parte das noites, metade dos jardineiros de Winter's End a jogarem aos dardos, no bar dos fundos.

– Bem, *qualquer* bar que tem a tua presença é melhor do que um que não a tem – disse ele com um sorriso. – Estás ótima, Chloe... e nem um dia mais velha desde a última vez que te vi.

– Também não pareces mais velho, David – respondi, sentindo-me lisonjeada, apesar de a minha atenção ter sido ligeiramente desviada ao ver o

reflexo de Mrs. Snowball no espelho atrás do balcão.

Aparentemente, ela tinha concluído o seu truque mágico com a máquina e estava agora a tirar qualquer coisa do bolso do avental e a deitá-la por cima de uma das chávenas. Parecia um lugar estranho para guardar chocolate ou canela ou o que quer que fosse...

– No entanto, *sinto-me* mais velho – estava David a dizer numa voz triste. – Nos últimos tempos, comecei a perceber que chegou a altura de assentar... e também de sair por fim da cidade. Para começar, é melhor para criar filhos.

– Eu... eu não pensei... Quero dizer, não me disseste que tinhas casado, David! – exclamei surpreendida, embora não soubesse porque o estava.

– Não casei. Não houve ninguém sério desde que nos separámos, Chloe, embora eu tivesse demorado algum tempo a perceber o grande erro que cometi ao deixar-te ir.

– Oh, não, em retrospectiva acho que foi *bom* – garanti-lhe alegremente. – Não éramos certos um para o outro e não teria resultado.

Pergunto-me se todos os homens solteiros, quando chegam a uma certa idade, começam a pensar em assentar? Se assim for, talvez seja mais um impulso prático do que romântico e aquilo que realmente querem é alguém à mão para tomar conta deles enquanto envelhecem. Claro que eu não acreditava que ele tivera uma existência de solteirão durante os últimos seis anos!

Ele lançou-me outro sorriso afectuoso, os seus dentes tão artificialmente brancos que era provável que brilhassem no escuro e lhe poupassem uma fortuna em lâmpadas.

– De qualquer maneira, tenho andado a pensar muito em ti ultimamente, Chloe, por isso foi uma surpresa maravilhosa voltar a encontrar-te.

– Sim, também acho que foi bom encontrar-te – respondi, embora devido às leituras de Zillah eu devesse ter calculado que isso poderia acontecer.

Nessa altura, Clive trouxe os cafés e o brande de David num velho e amolgado tabuleiro de lata que mostrava o logótipo da *Guinness*. A sua mãe pairava, ansiosa, junto do cotovelo dele.

– Parece muito saboroso! – disse, embora visse que o meu não fora polvilhado enquanto o de David parecia ter recebido uma dose dupla.

– Saboreiem! É isso que dizem na televisão americana, não é? – cacarejou ela, depois regressou a arrastar-se para o que quer que estivesse a fazer quando Clive a chamara e ele voltou para o bar.

– Pessoas estranhas – observou David, uma sobranceira erguida e intrigada, depois bebeu um gole do seu café e fez uma careta. – E também um *cappuccino* estranho!

– O meu está ótimo, por isso acho que ela exagerou na decoração do teu – sugeri, embora agora que olhava com maior atenção para o seu café visse que

este estava salpicado com qualquer coisa esverdeada, que se parecia mais com ervas moidas do que outra coisa. – Vão ficar melindrados se não o beberes. Deixa-me tirar um pouco com a colher.

– Tens um coração demasiado brando, Chloe – comentou ele, mas mesmo depois de eu ter tirado um pouco, ele esvaziou a chávena para uma planta que se encontrava atrás dele depois de beber mais duas goladas. Provavelmente, a planta ia ficar toda esprevidada.

David lavou o sabor com uma boa golada de brande.

– Pergunto-me se te poderia pedir um favor, Chloe.

– Um favor?

– Sim, ando à procura de uma casa por estas bandas e pensei que podias vir comigo para ver o que há. Gostaria de ter uma segunda opinião.

– A Poppy é que te poderia ser útil porque Conrad, o primo dela, trabalha numa imobiliária e portanto, ela...

Ele inclinou-se para a frente e pousou a mão quente em cima da minha.

– Não, é a tua opinião que eu prezo.

– Podias ter as duas – disse no momento em que a porta da sala privada se abriu. – E olha, aqui estão o Felix e a Poppy!

– Então, o que é que vos deu para aparecerem aqui mais de uma hora antes da nossa hora habitual? – exige saber depois de David se ter ido embora.

Ele parecera decepcionado, como se eu tivesse combinado com os meus amigos para aparecerem, embora devesse ter sido óbvio que estava tão surpreendida quanto ele.

– Foi Felix que me ligou e sugeriu que aparecêsemos. Estávamos um bocado preocupados por te poderes voltar a apaixonar por ele – confessou Poppy –, por isso pensámos passar por cá para ver.

– Sim, e parece que tínhamos razão. Ele estava a segurar-te a mão quando nós entrámos – observou Felix.

– Não estava nada, foi apenas um gesto casual. Ele tinha acabado de me pedir que o ajudasse a procurar uma casa no campo, porque quer uma opinião feminina.

– Não vais mesmo voltar para ele, pois não? – perguntou Poppy, ansiosa. – Nem da primeira vez achámos que ele era bom para ti.

– Não, e na verdade fiquei bastante contente quando vocês chegaram porque embora fosse agradável revê-lo, pareceu-me que agora ainda temos menos em comum do que tínhamos anteriormente, e eu estava a ficar entediada. Espero que ele tenha em mente outra candidata para procurar a casa de campo e só queira mesmo uma opinião feminina quando as for ver.

– Acho que estás a ser ingénua e que é apenas um plano para te reconquistar – insistiu Felix.

– Estás parvo. Tenho a certeza que nenhum de nós está interessado em reiniciar o romance.

– Isso é uma chávena de café? – perguntou Poppy, mudando tacticamente de assunto. – Desde quando é que o Star começou a servir bebidas quentes?

– Desde hoje. Têm uma máquina de café atrás do balcão, mas de momento Mistress Snowball é a única que a sabe usar. No entanto, não tenho bem a certeza se ela já lhe apanhou o jeito porque, embora o meu estivesse ótimo, David disse que o dele estava horrível.

Quando voltei para casa, Jake estava no jardim a praticar com os paus-de-fogo que o Resmungas lhe pagara. O efeito no escuro era muito bonito e ele parecia bastante habilidoso, por isso desejei que não pegasse fogo a si mesmo ou a qualquer outra coisa.

David ligou-me enquanto eu observava Jake (tínhamos trocado números de telemóvel) para dizer que lamentava ter saído mais cedo, mas que se estava a sentir estranho e tinha a certeza que estava relacionado com o café que bebera no *pub*.

– Não deve ter sido disso, porque me sinto ótima e a Poppy e o Felix também beberam. *Estranho* como? – perguntei curiosa, mas ele não disse.

Eu tinha reparado que Mrs. Snowball não deitara nada em cima dos nossos cafés, por isso suspeitei que qualquer que fosse o ingrediente que ela adicionara ao de David fora a pedido do Resmungas. Mas tenho a certeza que não devia ser nada de prejudicial, apenas qualquer coisa de desencorajador.

Presentes de Boas-Vindas

Poppy apareceu na quinta-feira seguinte, quando eu estava a deitar natas quentes para cima de chocolate ralado para fazer trufas – uma parte de natas, para duas partes de chocolate ralado.

Ainda usava as suas calças largas e um colete almofadado, mas devia ter estado na reunião do conselho paroquial, já que trocara a sua habitual *T-shirt* por uma blusa às bolinhas cor de mostarda, com um laço na gola, verdadeiramente desastrosa.

– Oh, ótimo – disse-lhe –, estava a precisar de outro par de mãos. Estou a dividir esta mistura ao meio e preciso que continues a mexer a outra tigela até eu dizer para pares.

Ela pegou na colher e começou a mexer obedientemente.

– Isto cheira tão bem! O que é que estás a fazer?

– Trufas. Pensei em tentar combinar dois dos meus sabores favoritos, baunilha e canela, para ver o que acontece. A tua pasta só vai ter o sabor a baunilha natural e depois vou enrolá-la em canela em pó, mas vou acrescentar os dois ingredientes à minha pasta e polvilhá-la com chocolate em pó.

Depois da pasta misturada, transferi dois bocados para caixas plásticas rotuladas, prontas para serem colocadas no frigorífico para ficarem firmes.

– Pronto, acabo o resto mais tarde. Agora vamos beber uma chávena de café e podes contar-me os últimos mexericos do conselho paroquial. Já percebi que estás mortinha para o fazeres!

Ela seguiu-me até à cozinha e disse:

– Bem, foi a última reunião com Mister Merryman, porque oficialmente vai passar funções ao novo vigário na segunda-feira de manhã. Miss Winter agradeceu-lhe e demos-lhe um presente... Uma adorável caneca daquela cerâmica azul que eles vendem aos turistas em Winter's End. Mas ainda não sabemos quem é o novo vigário!

– O quê, *ainda não*? – Estendi-lhe uma chávena e fomos para a sala de estar.

– Não. Parece que ele esteve na América em negócios e só volta de avião no domingo, e depois vem directamente para Sticklepond. Mas o mais excitante de tudo é que ele convidou todo o conselho paroquial para bebidas na mesma noite! Salford Minchin entregou o convite a Miss Winter, mas a assinatura era tão ilegível quanto a do bispo e ele limitou-se a enfiá-lo na caixa do correio e a ir-se embora de bicicleta, antes de ela ter tempo de o interrogar.

– De qualquer maneira, não me disseste que ele comunicava por resmungos?

– Ele parece bastante monossilábico, em especial com as mulheres – concordou ela. – Dada a sua história, presumo que isso não seja de

surpreender. Miss Winter tem tentado ligar para o bispo para procurar descobrir quem é o vigário, mas o secretário continua a dizer que ele está indisponível, por isso ela agora desconfia que ele nomeou alguém tão vergonhoso que nem se atreve a dizer-lhe o nome!

– Não pode ser assim tão mau ou não o teriam ordenado em primeiro lugar. E qualquer vigário é melhor do que nenhum, não é?

– Sim, foi isso que eu disse aos outros. De qualquer maneira, decidimos levar no domingo comida de bufê para o presbitério e fazer uma espécie de festa de boas-vindas. Effie Yatton disse que a ideia que Maria tem de um canapé é queijo frio em cima de pão de forma cortado em triângulos e, como o novo vigário é solteiro, provavelmente nem deve ter pensado em comida.

– Ai é? Pelo menos, sabem isso a seu respeito.

– Praticamente, é só isso que sabemos... só que, é claro, ele deve ter dinheiro para se dar ao luxo das obras que estão a ser feitas no presbitério. *Podre de rico.*

Os seus olhos azul-ganga estavam brilhantes e as faces coradas. Ela parecia espantosamente entusiasmada, apenas porque o conselho paroquial ia dar uma festa de boas-vindas a uma ex-estrela *pop* estafada, envelhecida, e um vigário ainda sem nome... Na realidade, eu estava a começar a sentir-me um pouco à margem das coisas e também teria gostado de ir!

– O que vais levar?

– Um bolo e não sei porque raio me ofereci para fazer um quando é a única coisa que não consigo fazer!

– Também não me parece que pudesses aparecer numa festa com um pudim de Yorkshire – salientei, já que aqueles eram a sua especialidade.

– Não, isso é verdade, embora na realidade vá ser uma mistura de comida muito estranha. Hebe Winter disse que ia pedir à sua cozinheira para fazer uma travessa de *sushi*, porque acha que é o tipo de coisa que o vigário está habituado a comer. A filha da sua sobrinha-neta, Sophy Winter, passou vários meses no Japão e ensinou-a a fazê-lo. Para além disso, serão folhados de salsicha, batatas fritas, nozes, azeitonas... e o meu bolo desastroso.

– Não vai ser um desastre. Tenho neste exacto momento um bolo de fruta fresco, ainda por encetar, que podes levar. Sabes que Jake os adora, por isso passo a vida a fazê-los, dois de cada vez.

– Oh, obrigada, Chloe! – agradeceu, o rosto a iluminar-se. – Isso não é fazer um pouco de batota?

– É a mesma batota que Miss Winter vai fazer ao pedir à cozinheira que faça *sushi*! Por isso se lhe pusermos agora a cobertura, tu terás uma mão nisso, não terás?

– Presumo que sim – concordou ela mais animada.

Por isso cobrimo-lo com maçapão e *fondant*, depois acrescentámos-lhe uma

igreja coberta de neve, que tirámos da minha lata de decorações diversas para bolos. Poppy queria acrescentar a carruagem e os cavalos que constituíam originalmente o resto da cena natalícia vitoriana, mas eu achei que isso seria demasiado exagerado. Em vez disso, ela usou o meu conjunto metálico de pequenos moldes de letras para escrever «Bem-vindo, Vigário» à volta da borda com o açúcar em pó que restara, ao qual adicionámos um corante verde-sapo, que era a única cor de corante natural que eu tinha no armário.

Quando terminámos, ela ajudou-me a limpar a cozinha, pela qual o açúcar em pó se espalhou como neve, e depois disse:

– Também gostava de comprar Desejos de Chocolate para levar. Uma caixa de doze deve chegar, mesmo incluindo os Minchin.

– Achas que isso é boa ideia? Hebe Winter pode não ficar satisfeita se souber de onde vieram.

– Não sei por que motivo. Ela disse que não se importava com uma loja de chocolate, apenas levantava objecções quanto ao museu. Além disso, eu queria os Desejos com a forma de anjo e não vejo porque é que ela levantaria objecções a esses. Quero dizer, os anjos são coisas boas, certo? Aquele que vimos parecia bastante severo, mas não fiquei assustada com ele.

Poppy costumava dizer aquilo acerca da sua professora de Matemática, que a aterrorizava. Mas eu nunca pensara que o nosso anjo fosse assustador, apenas parecia estar a pensar noutras coisas mais profundas.

– Os anjos caídos, tipo Lúcifer, não são assim tão bons, Poppy. Não te lembras quando lemos o *Paraíso Perdido*?

– Oh, eu sempre gostei bastante do Lúcifer. Ele só era demasiado ambicioso.

Olhei para ela, sem palavras. Depois de uma vida como amigas, ela por vezes continua a surpreender-me.

– Mas os teus são todos anjos bons e as mensagens no interior apenas dizem coisas úteis ou reconfortantes, Chloe. Por isso, achei que seriam adequados e diferentes. Divertidos. Aposto que o novo vigário nunca viu nada igual.

– Não, provavelmente não – concordei e ter-lhos-ia dado, só que ela insistiu em pagar.

Era uma nova fornada sobre a qual eu dissera a última versão do feitiço de chocolate – maias especiais. Não consigo mesmo ver onde os maias e os anjos-da-guarda se encontram, mas espero que eles tenham tido algumas semelhanças, apesar de parecerem ter sido um grupo violento (os maias, não os anjos).

– Hebe Winter está à espera que o novo vigário tenha uma personalidade muito mais forte do que o pobre Mister Merryman, porque Laurence Yatton andou a navegar na Net e encontrou todo o tipo de coisas desagradáveis acerca do tal Mister Mann-Drake, que vai comprar Badger's Bolt!

– Bem, nós já sabíamos disso através de coisas que Jake imprimiu para o

Resmungas, não sabíamos? – salientei. – Viste a fotografia dele vestido com uma espécie de túnica druida, todo cadavérico e de faces encovadas? Mas talvez ele seja apenas um velho muito peculiar, com mais dinheiro do que juízo, que gosta de se mascarar e dar festas bizarras.

– Talvez – concordou ela num tom duvidoso, depois olhou para o relógio de cuco e levantou-se. – Olha para as horas! Tenho de ir e obrigada pelo bolo, Chloe.

– Também vou guardar algumas das novas trufas para tu experimentares – prometi.

Depois de ela ter saído com a caixa do bolo, tirei a mistura de trufas geladas do frigorífico e enrolei a pasta nas palmas das mãos, em pequenas bolas, cobrindo cada dose com pó de cacau e a outra com canela. Provei uma de cada, antes de as voltar a guardar no frigorífico e eram ambas deliciosas!

Infelizmente, Jake também o achou e mais tarde tive de lhe tirar à força as últimas duas para as poder guardar para Poppy, embora, é claro, pudesse sempre fazer mais...

Como um agradecimento por a ajudar com o bolo, Poppy ligou na manhã do dia seguinte e convidou-me para um passeio a cavalo, o que ela às vezes faz quando não tem muitas marcações. Eu aprendi a montar no primeiro pônei de Poppy, e gostei de o fazer, embora nunca tivesse sido afectada pela pônei-mania tanto como ela.

Daquela vez éramos apenas nós as duas, com Poppy montada no seu amado *Honeybun*, e eu num cavalo cinzento e idoso chamado *Frosty*. Estava um dia frio, revigorante e ensolarado de Março, o que decerto fez desaparecer as teias de aranha, e estávamos a regressar com os cavalos à mão ao longo do carreiro que atravessa parte da propriedade de Winter's End quando deparámos com Hebe Winter, de pé numa contemplação silenciosa entre uma faixa de alho de urso.

Ela parecia estar ali já há algum tempo – talvez há uma ou duas décadas. E não estou a dizer que estivesse a ter uma experiência extracorpórea, mas não havia luzes acesas e não esteve ninguém em casa durante longos minutos quando Poppy parou para me apresentar. Depois a vida voltou a deslizar para os seus enormes olhos apáticos, como se alguém tivesse colocado um *slide* num projector: sinistro.

– Miss Winter, esta é a minha melhor amiga, Chloe Lyon. Lembra-se de lhe ter falado dela? Faz chocolate.

Depois de parecer recuperar os sentidos, o olhar azul e perscrutador de Miss Winter pousou em mim de um modo que provavelmente me teria deixado desconcertada, se não tivesse um avô como o Resmungas.

– A neta de Gregory Lyon? Acho que já nos conhecemos... por breves

momentos.

– Olá, Miss Winter – disse, animada. – Está um belo dia de Março, não está?

– Não esperava nada menos – afirmou ela, depois virou-se e afastou-se, o *tweed* esverdeado da sua capa a fundir-se com os arbustos. Eu gostaria de ter sabido o que é que ela tinha no cesto tapado por um pano que levava pendurado no braço, porque se estava a mexer.

De regresso aos estábulos, enquanto Poppy ainda estava ocupada a escovar *Honeybun*, Janey, a sua mãe, encurralou-me na sala das selas.

Embora não parecesse, ela estava muito mais perto dos sessenta do que dos cinquenta, tal como Mags e Lou, a minha mãe desaparecida, e era magra e atraente com um ar exausto. Vestia calções de montar cor de camurça e colados à pele e uma camisa aos quadrados, desabotoada até um sítio onde era minimamente decente. O seu cabelo era dourado, e não cor de areia como o de Poppy, e embora as suas sobrancelhas e pestanas pudessem ter sido claras, ela mantinha-as pintadas de castanho-escuro. Desejei que Poppy fizesse o mesmo, porque isso iria tirar-lhe aquela expressão permanentemente assombrada.

E era acerca de Poppy que ela queria falar, o que me fez sentir um pouco desconfortável porque, como ela é a minha melhor amiga, eu sentia que não podia falar dela, mesmo que fosse com a sua mãe. Por isso limitei-me sobretudo a ouvir, enquanto Janey fumava cigarro atrás de cigarro de um modo um pouco irritado e me dizia como desejava que Poppy encontrasse um homem decente.

– Ela é do tipo de casar, assentar e arranjar uma família, mas nunca vai encontrar ninguém se não se rala com a roupa e a maquilhagem, nem ouve nenhum dos meus conselhos, não achas?

– Ela tem saído bastante nos últimos dias com homens que conheceu na coluna de encontros do *Times* – respondi na defensiva, embora duas vezes mal possam ser consideradas muitas.

Janey encolheu os ombros.

– Se o fez apostou que nunca saiu duas vezes com o mesmo homem. Eles não a voltam a convidar, pois não?

– Um deles convidou, mas afinal estava interessado no tipo errado de perseguição exterior. De qualquer maneira, tem de se sair e conhecer alguém se se quer um companheiro, não é?

– Parece-me que o tipo de homem de que ela precisa não põe anúncios nos jornais – disse Janey, deitando a cinza no chão de uma maneira que não devia ser permitida nos estábulos. Só esperava que o seguro delas estivesse em dia e fosse contra todos os riscos.

– Talvez não, mas vai correr tudo bem. Li as cartas dos anjos e no outro dia

Zillah leu-lhe o tarô e as folhas de chá, e todas dizem que ela vai encontrar o amor por perto, e mais cedo do que imagina.

Janey olhou para mim, por entre uma nuvem de fumo.

– Então só espero que não seja nenhum dos *meus* ex-namorados, porque não me parece que algum deles faça o género dela.

– Tenho a certeza que não será. A Poppy nunca conseguiria sair com um homem que já andou contigo. Ela iria achá-lo verdadeiramente estranho. – E como a maior parte dos homens elegíveis das vizinhanças eram restos de Janey aquilo iria diminuir materialmente as suas hipóteses de alguma vez encontrar alguém.

– Não? – Ela olhou para mim, com uma expressão apática. – Não sei porquê, Chloe, mas sinto-me um pouco culpada por ela ainda não ter encontrado ninguém; quero dizer, eu sempre fui simpática quando ela trazia namorados cá a casa, não fui?

Demasiado simpática, o problema fora esse! Quando era mais nova, Poppy encontrara por duas vezes rapazes agradáveis e inocentes, que pareciam estar no mesmo comprimento de onda, mas eles acabavam sempre por perder o interesse por ela assim que entravam na órbita de Janey.

– Acho que, no geral, não fui uma mãe lá muito boa – confessou Janey, a apagar vigorosamente a beata do cigarro com o tacão da bota.

Fiquei surpreendida por aquele raro momento de introspecção. Nenhuma das antigas Wilde's Women tinha tendência para mostrar os seus sentimentos íntimos mais profundos, isto supondo que tinham alguns. Eu estava certa que a *minha* mãe não os tinha.

– Oh, não sei, Janey... pelo menos, estiveste sempre por perto quando a Poppy precisou de ti, algo que nem Mags ou Lou conseguiram fazer. E ela teve pôneis e festas de aniversário, e tu deixaste-nos acampar no picadeiro, ter festas à meia-noite e todas essas coisas, um pouco como as crianças dos livros da Enid Blyton.

Ela sorriu.

– Obrigada, Chloe. Não tinha pensado nas coisas dessa maneira.

– Presumo que não me queiras dizer onde é que a minha mãe se encontra, pois não? – perguntei esperançosa, pensando que ia tentar a minha sorte enquanto ela parecia estar com uma disposição invulgarmente comunicativa.

Mas pareceu que uma porta se tinha fechado.

– *Eu?* Porque achas que o sei?

– Porque tenho a certeza que a Mags o sabe e, quando uma de vocês sabe uma coisa, todas sabem. Só que *ela* também não mo diz, embora eu desconfie que esteja em Goa.

Ela não confirmou nem desmentiu, limitou-se a mudar de assunto.

– Sabes o que é que as cartas queriam dizer a respeito de Poppy?

– Acho que estou a começar a perceber, mas teremos de esperar para ver se estou certa.

Agora que conseguia ver que Poppy e Felix eram feitos um para o outro, apenas me perguntava porque é que não o tinha percebido antes. O único problema era fazer com que os dois se olhassem com novos olhos...

Teria de resolver aquilo.

Naquela noite, Chas Wilde voltou a ligar, desta vez para me dizer que ia ao norte dentro de pouco tempo e gostaria de me fazer uma visita rápida.

– Passaram-se séculos desde que te vi, não passaram? – perguntou ele. – Que tal te estás a dar na tua nova casa?

– Oh, adoro-a – disse, distraída, e depois num impulso repentino, aproveitei o momento e acrescente: – E estou satisfeita que tenhas ligado porque há uma coisa de que te queria falar.

– Isso soa agoirento! – respondeu ele, cauteloso.

– Não, na verdade não, apesar de ser difícil. É que, sabes, quando estava a encaixotar as coisas para a mudança, descobri algumas cartas antigas da minha mãe.

Ele suspirou.

– Acho que sei de que é que queres falar e afinal já se passou muito tempo. Queres saber como é que eu e a tua mãe... ficámos juntos?

– Não exactamente. Conhecendo a minha mãe, consigo imaginá-lo. Também sei que ela ficou grávida de mim de propósito, como uma espécie de garantia depois das Wilde's Women se terem separado, porque foi ela que mo disse.

– E foi o que fez. Mas eu cometi um erro num momento de fraqueza, e tive de pagar por isso, embora nunca lhe tenha recusado um cêntimo para te sustentar, Chloe – disse ele, com sinceridade.

– Eu sei – respondi, porque Chas é um homem amável e decente, com momento de fraqueza ou não. – Mas o que se passa é que descobri que ela também disse a *outro* homem que eu era sua filha, por isso podes ter passado dezoito anos de vida a pagar por uma criança que nem sequer era tua!

No silêncio prolongado que se seguiu consegui ouvir o meu coração a bater.

– Chas? Ainda aí estás?

– Sim, estou aqui. Olha, Chloe, a possibilidade de que poderias não ser minha filha ocorreu-me algumas vezes... Para começar, não és nada parecida comigo. Mas, como disse, cometi um erro e por isso era justo que pagasse por ele. De qualquer maneira, acabei por gostar de ti... *Sinto* que és minha filha.

– E eu também gosto muito de ti... o que torna ainda mais difícil não ter a certeza de qual é a verdade!

– Bem, *podemos* descobrir isso com um teste de ADN, se isso for importante

para ti – sugeriu ele. – Posso tratar disso.

– Não te importas? Seria uma maneira de saber a verdade. E, se não fores, então terei de presumir que é o outro homem, embora suponha que ela também lhe pudesse ter mentido!

– Atravessamos essa ponte quando aí chegarmos, sim? E vamos esperar que o teste seja positivo. Vou tratar disso, mas acho que vais ter de enviar uma amostra de saliva ou de cabelo ou qualquer outra coisa para um laboratório, por correio. Eu depois digo-te.

– Obrigada, Chas, e também por seres tão compreensivo. Pensei que pudesses ficar verdadeiramente zangado.

– Com a Lou talvez, mas contigo nunca, Chloe – disse ele amavelmente.

Eu desejava *tanto* que ele fosse o meu pai!

Depois daquilo fiquei um pouco enervada e assim, mais tarde, quando o telefone de Jake tocou de repente um bocado do «Darker Past Midnight» dos Mortal Ruin, insisti de imediato que ele alterasse o toque para outra coisa qualquer. Também não fui muito diplomática a respeito do assunto, por isso ele ficou chateado e discutimos um pouco. Depois foi deitar-se amuado.

Presumo que devia ter parecido totalmente injustificado. Teria sido muito mais fácil se lhe tivesse explicado *porque*.

Morto Como o Meu Amor

De manhã, pedi desculpa a Jake.

– Tudo bem. Acho que, como a ouves em todo o lado, está a dar-te cabo dos nervos – disse ele graciosamente. – Já tenho outro toque.

– Obrigada, Jake. Essa música parece assombrar-me. Até estava a tocar no telefone quando no outro dia me puseram em espera – expliquei. – Já agora, o Chas vai passar por cá dentro em breve... Ele ligou ontem à noite.

Jake conhecia a situação (ou aquilo que pensávamos ser a situação!) e não mostrou qualquer surpresa quanto à sua visita; depois saiu no carro do Resmungas para ir buscar Kat. Tinham planeado passar a manhã a ouvir o ensaio da banda de alguns amigos. Se o teste de ADN provasse que Chas não era meu pai, haveria tempo suficiente para lho dizer na altura...

Quando fui até ao escritório do Resmungas para recolher um ou dois capítulos do *Filho de Satanás* – que recentemente galopara numa direcção inesperada, no momento exacto em que eu pensara que estava prestes a chegar ao fim –, ele encontrava-se a desembulhar uma caixa de cartão rectangular.

– Bom dia, Resmungas – saudei, pousando a sua chávena de chá com dois biscoitos equilibrados no pires; depois de um breve namoro com os *Garibaldis*, tínhamos regressado aos *Jammie Dodgers*. – Andaste a comprar coisas em leilão ou foi alguém que te enviou um presente?

– Nem uma coisa, nem outra. E tenho a sensação que isto não contém nada de bom. – Levantou a tampa, lançou uma olhadela para o interior e depois voltou a deixar cair a tampa como se algo de maléfico pudesse escapar por ali. Parecia bastante pálido. – Tal como pensei!

– O que é que se passa, Resmungas? É mau?

– Um aviso... indesejado, embora não totalmente inesperado. É evidente que Mann-Drake chegou à aldeia, pois esta manhã Zillah encontrou isto dirigido a mim na soleira da porta. – Olhou-me com uma expressão séria. – Até eu ter tomado medidas para nos proteger a todos, se ele tentar apresentar-se, não queiras ter nada a ver com ele. E não o convides a atravessar a soleira da tua porta... e avisa o Jake. Eu mesmo falo com a Zillah.

– Ele pode não me dizer quem é – repliquei, começando a sentir-me como se de repente tivesse entrado directamente no mundo de um dos romances do Resmungas e a perguntar-me se ele conseguiria distinguir a diferença entre realidade e imaginação. – Como é que ele é?

– Perfeitamente vulgar e inofensivo, embora tenha uma voz capaz de encantar os pássaros nas árvores. Nas fotografias mais recentes da Internet, não está muito diferente desde a última vez que o vi, embora estivesse vestido

com uma indumentária ridícula, como um conjurador.

– Sim, Jake mostrou-me essas fotografias... Sinistramente iluminado por baixo e com uma espécie de capuz a obscurecer-lhe o rosto! – concordei, a pensar que o Resmungas parecia sempre inteiramente inconsciente das excentricidades do seu próprio vestuário, embora é claro nunca parecesse ridículo, apenas estranho.

Ele apontou para a caixa.

– Ele teria usado a poderosa conjunção das linhas ley no Old Smithy para objectivos obscuros e isso mostra-me a profundidade do ódio que sente por mim, porque consegui comprar o Old Smithy enquanto ele estava incapacitado de o fazer devido a uma apendicite grave. Foi uma pena *não* ter sido fatal...

– Resmungas! – exclamei, a olhar para ele. – Não tiveste nada a ver com a sua doença, pois não? – Depois apercebi-me do que acabara de dizer, e acrescentei: – Não, claro que não tiveste! Em que é que eu estava a pensar?

– O mau-olhado pode causar o resultado oposto ao desejado, ou ressaltar na cabeça de quem o lança. Embora me pareça que desejar algo de mal a outra pessoa, quando o nosso coração é puro e altruísta nas suas intenções, não deva causar um mau resultado – disse ele ambigualmente. – É uma zona muito cinzenta.

– Certo... – respondi. Não que concordasse, era apenas por saber que não valia a pena envolver-me numa discussão com ele quanto àquele assunto.

– Temos de nos proteger enquanto planeio a minha estratégia, minha querida Chloe. Florrie Snowball pode ajudar-me nisso, pois por sorte a sua maior especialidade é exactamente aquilo de que precisamos neste momento.

– Estás a referir-te a Mistress Snowball do Falling Star?

Ele assentiu, por isso parece que eu tinha razão em desconfiar que ela pudesse pertencer à irmandade do Resmungas, juntamente com as irmãs Frinton. Perguntei-me se haveria mais em Sticklepond, dos quais ainda não tinha conhecimento.

– Sabes como é que o Falling Star arranjou o seu nome, Chloe?

– Sim, claro. A rocha no meio do parque é, supostamente, um meteorito. Tem uma placa de latão embutida que diz isso e não deve ser tirado dali porque isso causaria uma grande desgraça. Mas não pode ter mesmo *caído* naquele sítio, porque então o *pub* encontrar-se-ia numa enorme cratera, não era?

– A placa quer dizer que ele nunca deve ser retirado do lugar onde veio *repousar* – explicou o Resmungas, outro tipo de declaração que tinha tendência para fazer e que podia ser interpretada de várias maneiras. Por vezes, a sua conversa era suficiente para me deixar atordoada.

– É inconveniente o sítio onde se encontra agora, porque fica mesmo no meio do parque e os carros ficam arranhados ao passarem por ali. Imagino que deva ter acontecido o mesmo às carruagens.

– Encontra-se numa das linhas ley, é o último ponto de referência com algum significado antes da conjunção existente aqui no Smithy... e podem existir três, estou de momento a pesquisar a possibilidade de uma ainda mais antiga.

– Oh, que bom. Que excitante para ti, Resmungas! – disse, embora ainda estivesse intrigada quanto à especialidade de Mrs. Snowball e onde é que essa nos poderia ser útil. A não ser, é claro, que ele tivesse ouvido falar da máquina de café e achasse que grandes quantidades de cafeína poderiam aguçar a nossa sagacidade?

– Se me pudesses deixar agora, Chloe. Tenho de queimar isto – apontou para a caixa – e a seguir executar um ou dois rituais para anular o seu poder. Antes de saíres, põe mais lenha na lareira.

– Okay – concordei, porque, apesar de me sentir naturalmente curiosa com aquilo que se encontrava dentro da caixa, não me sentia suficientemente curiosa para o querer ver.

Enfim, toda aquela história de ódio entre o Resmungas e Mr. Mann-Drake não passava de dois velhos a jogarem na vida real um nível avançado dos *Dungeons and Dragons*, não era? Ou, pelo menos, era isso que a parte lógica da minha mente me dizia!

Na noite da festa de boas-vindas ao novo vigário, eu estava em casa, na sala de estar, a cortar as folhas impressas, finas e quase transparentes dos Desejos em tiras pequenas e a sentir-me como alguém sem amigos, embora aquele não me parecesse ser o evento mais emocionante de sempre. Jake encontrava-se em casa de Kat (alegadamente, a estudar) e o que estava a dar na televisão era uma verdadeira porcaria.

Acabei por ver em DVD, e pela centésima vez, o *Bride and Prejudice* [9] apenas por causa das cores brilhantes, da música alegre e das danças de Bollywood. Sei todas as letras de cor e podia ir cantando enquanto trabalhava.

Esperava que Poppy me ligasse por volta da meia-noite, mas, quando ela não o fez, presumi que a festa se tinha prolongado até mais tarde do que ela imaginara, ou que o novo vigário ficara aquém das suas expectativas no departamento das ex-estrelas *pop*.

Desconfiava que fosse o último. Mas, de qualquer maneira, íamo-nos encontrar no *Falling Star* na noite de segunda-feira, depois de jantar, e eu estava à espera que ela e Felix me encantassem então com todos os pormenores.

Na manhã seguinte, acordei ainda mais cedo do que o habitual e decidi ir a pé até ao Spar para comprar o jornal e esticar as pernas, antes de tentar arrancar

Jake da cama a horas de ir para a escola, embora ele agora se levantasse mais cedo desde que tinha de ir buscar Kat.

Era pouco provável que houvesse muitas pessoas por ali àquela hora, por isso não me ralei com a maquilhagem e limitei-me a vestir um blusão por cima do meu uniforme de trabalho, constituído por calças de ganga, *T-shirt* e um casaco de malha azul e branco para me manter quente, tudo ligeiramente manchado e perfumado com chocolate – o *glamour* personificado. Estava a fechar a porta quando me lembrei que nem sequer me tinha penteado, mas nem me dei ao trabalho de voltar atrás.

O ar estava frio e húmido e o céu começava a clarear num amanhecer relutante e amarelado. Não havia ninguém por perto em Angel Lane, embora eu conseguisse ouvir o som firme, semelhante ao de um pilão num almofariz, de Mrs. Snowball a esfregar o passeio em frente do Falling Star.

Olhei para ela por cima do ombro enquanto virava a esquina para a High Street e ela sorriu e acenou-me com uma mão enfiada numa luva de borracha cor-de-rosa. Retribuí o aceno e continuei a andar para trás, enquanto pensava que seria um milagre se conseguisse ter tanta energia quando chegasse ao lado errado dos noventa, já para não falar da flexibilidade necessária para me ajoelhar sobre um tapete e voltar a levantar-me. Ela devia ser um dos membros mais activos da irmandade do Resmungas...

O sorriso de Mrs. Snowball desapareceu de repente e ela apontou para trás de mim, a gesticular freneticamente. Virei-me depressa, com medo de estar prestes a bater contra um poste, mas não estava – a ameaça era muito, muito pior. Pois ali, quase em cima de mim, encontrava-se uma figura alta, escura do meu passado, as asas abertas do seu casaco de cabedal preto e comprido a voarem para trás a cada passada, de modo que parecia estar a lançar-se sobre mim como uma enorme ave de rapina.

Ao seu lado saltitava um cãozinho branco e vivo, tão incongruente que me fez desejar desesperadamente que tudo aquilo não passasse de um sonho muito mau até que percebi que, se o fosse, então as pancadas frenéticas do meu coração já me teriam acordado. Ouvi um ruído alto e sussurrado junto dos ouvidos, que me pareceu o meu anjo-da-guarda, a chegar ou a partir, e esperava sinceramente que estivesse a chegar, porque eu precisava dele.

Ele travou de repente e demasiado próximo para que eu me sentisse bem. Depois olhou-me incrédulo, como se eu fosse o fantasma de um passado meio recordado e não inteiramente bom.

– *Chloe?*

Por um segundo ou dois, fui apanhada e quase me afoguei naqueles olhos azul-turquesa, perplexos, nos quais surgia uma mistura de emoções difícil de interpretar, mas em que a fúria parecia dominar. Depois a luz dos seus olhos morreu e ele recuou um passo, quebrando o feitiço.

– És mesmo tu – disse ele friamente. – Pensei que te tinha conjurado do ar.

Liberta, tanto a minha inteligência como a minha capacidade de fala regressaram rapidamente e não precisei do colarinho branco clerical em volta da garganta, nem das cruzes de prata que lhe pendiam das argolas nas orelhas, e que cintilavam entre os caracóis longos e negros, para saber o que ele estava a fazer aqui por mais improvável que me parecesse.

– Sim, sou eu... mas já não sou a Chloe Lyon que outrora conheceste, Raffy Sinclair! – disse e acrescentei com uma erupção intensa de amargura e desprezo: – E de todas as paróquias de todo o país, porque tiveste de escolher *esta*?

– Não escolhi... foi escolhida por mim – respondeu ele e aquelas sobranceiras negras e arqueadas oh-tão-familiares contraíram-se numa expressão intrigada. Nesse momento, ele devia estar a perguntar-se porque não me lançara a ele com gritos de alegria, como estou certa que qualquer outra das suas ex-namoradas o teria feito. – Não fazia a mínima ideia que estivesse aqui, mas não percebo porque estás perturbada com isto quando eu...

Mas eu nem sequer esperei que ele terminasse a frase e em vez disso virei-me e corri para o refúgio com cheiro a chocolate da minha casa, onde me encostei à porta, ofegante, como se ele pudesse tentar arrombá-la a qualquer momento.

Jake, com uma expressão ligeiramente surpreendida, estava de pé na soleira da porta entre a sala e a minha oficina, um pedaço de torrada meio comido na mão.

– O que aconteceu?

– Nada... Fui só eu que choquei contra o novo vigário! – disse, soando um pouco histérica, a voz a tremer. – Fui apanhada de surpresa. – E *aquele* foi o eufemismo do ano.

– Afinal sempre é alguém famoso? – Aproximou-se da montra da loja para espreitar. – Nunca teria pensado que ficasses a fraquejar das pernas e armada em fã, sobre uma... – interrompeu-se de repente, depois exclamou, como um rapaz de doze anos maravilhado: – Oh, *uau*, é ele naquele casaco preto comprido?

– Ainda aí está?

– Bom, ele estava ali parado a olhar para a casa, mas agora já se foi embora. Pareceu-me familiar.

– É o Raffy Sinclair dos Mortal Ruin, a banda que toca o «Darker Past Midnight», a música que tinhas no teu telemóvel.

– Raffy Sinclair? *Ele* é o novo vigário? Fixe!

– Não, *não* é nada fixe e era o último homem do mundo que eu teria esperado ver ordenado e muito menos aparecer por aqui – disparei em

resposta e ele lançou-me um olhar intrigado.

– Suponho que seja estranho. Quero dizer, ele e a sua banda foram bastante selvagens quando estavam na berra, não foram? Mas não me parece que isso nos vá afectar de alguma maneira, por isso não percebo porque é que estás tão nervosa.

– Não estou nervosa! – gritei, e depois com um enorme esforço para me recompor, acrescentei com mais calma: – Mas claro que tens razão, isso não nos vai afectar.

– Gostaria de saber onde é que ele arranjou aquele casaco – disse Jake invejoso e depois, de um modo muito deselegante, enfiou o resto da torrada na boca. Parecia um hamster gótico.

Agora que estava a começar a recuperar a minha compostura e a regressar ao modo de mãe substituta, fiquei espantada ao perceber que ele se levantara sem que eu o tivesse de chamar duas vezes e que também fizera algo de diferente para o seu pequeno-almoço habitual. Mas também supunha que uma dieta constante de *Pop-Tarts* pudesse começar a enjoar passado algum tempo, como até mesmo o Raffy Sinclair parecia ter descoberto[10].

– Tenho de ir. A Kat hoje quer chegar mais cedo à escola – disse Jake, pegando na mochila e no casaco. Isso explicava tudo.

– Conduz com cuidado, está bem? – avisei-o, preocupada como era habitual. Parei na soleira da porta a vê-lo abrir a porta do *Saab*, que ele deixara estacionado na berma na noite anterior.

– Arranja uma vida, mãe! – gritou Jake, na sua habitual maneira animada e depois de se enfiar no carro afastou-se a rugir, como se tivesse acabado de sair com o seu *Ferrari* de uma *pit stop*[11].

Eu estava a pensar que preocupar-me tanto com Jake era estúpido, já que isso provocava exactamente o efeito contrário, quando um movimento junto à sombra do portão me chamou a atenção: Raffy estava ali parado, o cãozinho enfiado dentro do seu casaco, mas nesse momento ele virou-se e afastou-se sem olhar para trás.

Se ele estivera à espera que eu voltasse a sair para poder falar comigo, então tinha mudado de ideias.

Ainda bem. Há muito tempo poderíamos ter tido muito a dizer um ao outro, mas agora era demasiado tarde.

Escrito nas Cartas

– Porque é que não me ligaste ontem à noite e disseste quem era o – novo vigário, Poppy? – perguntei, quando finalmente alguém me atendeu o telefone no Stirrups. Como era costume, ela tinha ficado sem bateria no telemóvel, ou este tinha sido pisado por um cavalo, ou esquecera-se simplesmente de o ligar.

– Desculpa, Chloe. Estava para o fazer assim que tivesse um momento livre, mas passei grande parte da noite acordada. – Consegui ouvi-la a abafar um bocejo. – Quando cheguei a casa depois da festa, ouvi um dos cavalos a bater contra as paredes da baia, cheio de cólicas, por isso tive de ir chamar o veterinário. A mãe quis que eu hoje dormisse até mais tarde, mas eu não podia deixá-la fazer o trabalho todo sozinha.

– Mas, Poppy, o novo vigário é *Raffy Sinclair*.

– Sim, não é excitante? – concordou ela, entusiasmada. – Embora, na verdade, nunca tivesse pensado que fosses uma fã assim tão grande, porque nunca te ouvi falar dele...

– Poppy – interrompi-a –, dei de caras com ele em High Street há menos de uma hora e foi um choque tão grande que ainda tenho o coração acelerado.

– Oh, eu *sei* e não te posso culpar, porque ele é *terrivelmente* atraente, não é? Os seus olhos são de um azul quase turquesa, como o mar naquele folheto de férias da Jamaica que arranjaste quando a tua mãe desapareceu... bastante deslumbrante! E também é muito, muito simpático, quando se fala com ele, por isso, mesmo que todas aquelas histórias sobre ele e o resto da banda sejam verdadeiras, tenho a certeza que ele já pôs tudo isso para trás das costas, agora que encontrou Deus.

– Poppy, não foi apenas um choque, foi um pesadelo! *Raffy Sinclair*... – comecei, mas ela estava com o freio nos dentes e continuou a galopar por ali fora.

– Imagino que tenhas ficado tão surpreendida como nós quando ele entrou na sala ontem à noite. Mas tenho a certeza que, dentro de pouco tempo, nos vamos habituar a vê-lo pela paróquia. Vamos ter de o fazer, não vamos, já que afinal ele é o vigário? – Soltou uma risadinha. – Vai ser tão divertido!

– Poppy, pára de falar por um momento e *ouve!* *Raffy Sinclair* é o homem que eu conheci na universidade. Lembras-te, o namorado que me deixou quando ofereceram um contrato de gravação à sua banda e nunca voltou? Aquele de quem nunca mais ouvi falar... a não ser pelas notícias das suas façanhas debochadas nos jornais?

Ouvi um arquejar.

– *Era* o *Raffy Sinclair*? Não fazia a mínima ideia! Se ao menos me tivesses

dito o seu nome em vez de te mostrares tão reservada quanto a isso, eu ter-te-ia avisado e... Oh, Chloe, ele parecia tão simpático! – exclamou, tensa.

Mas claro que Poppy não estivera por ali no momento crucial e quando acabou por regressar eu perderei qualquer vontade de partilhar com ela mais do que pequenos pormenores, apesar de ela ser a minha melhor amiga. Zillah era a única que sabia de todo o sofrimento pelo qual eu passara e nem sequer a ela eu dissera o nome do homem que me tinha destruído o coração.

– Nunca mais queria voltar a vê-lo!

– Consigo compreender isso, porque ainda me sinto um pouco doente quando me lembro da maneira parva como me comportei com aquele instrutor, quando estava a tirar o meu curso, e tenho a certeza que *morreria* se tivesse de o ver outra vez – concordou ela.

– Isso foi um pouco diferente, Poppy... Eu pensava que o Raffy me *amava*. Ele disse que me amava!

– Eu sei, e é muito triste e romântico, como um filme – suspirou ela.

– Sim, um filme com um final infeliz!

– Mas isso aconteceu há muito, muito tempo. Presumo que há anos que nem pensavas nele, foi apenas o choque de o voltares a ver tão de repente que te deixou perturbada.

– Poppy, a música dos Mortal Ruin é inevitável, por isso nunca tive oportunidade para o esquecer!

De facto, o «Darker Past Midnight» ainda me dá vontade de chorar, porque não sou a rapariga da música que ele tanto deseja voltar a ver... mas não o disse a Poppy.

– Oh, sim, suponho que isso te tenha impedido de o esquecer – concordou ela. – Mas, pelo menos, já o ultrapassaste há muito tempo, mesmo que não o tenhas conseguido esquecer por completo, e dentro de pouco tempo vais habituar-te a vê-lo de novo. E, afinal, agora que ele foi ordenado, deve ser um homem completamente diferente daquele que conheceste.

– Não me interessa que ele esteja na lista de nomeados para a santidade – ripostei e desliguei o telefone com toda a força, embora me tivesse arrependido quase de imediato. Poppy não tinha culpa que eu estivesse tão perturbada.

Depois, um ligeiro movimento vislumbrado pelo canto do olho disse-me que não estava sozinha e vi Zillah calmamente sentada numa das cadeiras da cozinha, como se se tivesse materializado ali, com uma tarte grande num prato de cerâmica em cima da mesa à sua frente, o motivo ostensivo da sua visita.

– Oh, Zillah! – arquejei, a perguntar-me quantos choques um coração conseguiria aguentar num dia. – O que é que ouviste?

– O suficiente – disse ela, enquanto o cigarro enrolado à mão que lhe pendia de um canto da boca deixava cair um bocado de cinza, que por pouco não

atingiu a tarte. – Finalmente, sei o nome do homem que te deixou tão infeliz. Que te abandonou no momento em que mais precisavas dele. Que...

– Não vamos por aí – repliquei cansada e deixei-me cair na cadeira à sua frente. Estava a começar a sentir-me exausta e o dia ainda mal tinha começado.

– E agora ele está aqui, disfarçado de homem de Deus – respondeu ela, ignorando-me. – O aviso estava nas cartas!

– É uma pena que nunca o digam de um modo um pouco mais claro, porque pensei que se estavam apenas a referir a David. E Poppy não percebe porque é que estou tão perturbada com a presença de Raffy, já que tudo isso aconteceu há muito tempo. Ela diz que, como se tornou vigário, ele *deve* ter mudado muito desde a última vez que o vi, mas é-me difícil acreditar nisso.

– Independentemente daquilo em que se transformou, isso não desculpa o que ele fez no passado. E, de qualquer maneira, Chloe, o passado tem tendência para regressar e morder-nos o traseiro quando não estamos a olhar.

– Sim, e podes ter a certeza que mordeu o meu.

– E, a seu tempo, também vai morder o dele... o seu castigo irá encontrá-lo. Levantei rapidamente os olhos ao ouvir aquilo.

– Não vais contar ao Resmungas, pois não?

Ela não respondeu, apenas se limitou a sorrir, os dentes de ouro a brilhar, e depois levantou-se da mesa deixando sobre o tampo uma última pele de cobra feita de cinza.

– Tens aqui uma boa tarte para o jantar. Hoje à tarde não vou cá estar, por isso achei que devia cozinhar um pouco mais cedo... Juntei-me ao clube de dança local.

Estendeu um pequeno pé, enfiado numa sandália de salto alto, prateada e com brilhantes, para eu admirar.

– São novas, ando com elas para as amaciar.

– Adoráveis – respondi, a minha mente ainda concentrada noutras coisas. – Zillah, *não* vais mesmo contar nada ao Resmungas acerca do que aconteceu entre mim e o Raffy Sinclair, pois não? Quero dizer, ele nem sequer sabe que andámos juntos, quanto mais...

– Não podes estar à espera de guardares segredos do teu avô – disse ela num tom ambíguo, o que podia significar que achava que o Resmungas seria automaticamente capaz de apanhar informações a partir de ondas aéreas, ou que ela lhe ia contar tudo.

Eu esperava que a minha pequena Sibila de Sticklepond estivesse errada.

– Então agora não sei se ela vai contar ao Resmungas que o Raffy foi o homem que me tratou tão mal; e, se o fizer, ele irá sentir necessidade de me vingar. Embora ache que o Raffy *merecesse* – disse eu a Poppy e a Felix,

mais tarde na sala privada do Falling Star.

Felix tinha esquecido por completo que eu andara com alguém quando estivera na universidade (na época, ele estava com outras coisas em mente, pois fora nessa altura que se divorciara) e ficou verdadeiramente espantado ao descobrir que Raffy e eu tínhamos namorado.

– Mas tudo isso aconteceu há tanto tempo e, de qualquer maneira, não podes mesmo culpar o homem por se ter ido embora quando os Mortal Ruin tiveram a sua grande oportunidade, pois não? – perguntou ele, ainda mais inclinado do que Poppy a pensar que eu já devia ter ultrapassado o assunto. – Sê razoável, Chloe!

– Talvez não, mas poderia culpá-lo por me deixar sem pensar duas vezes!

– Mas só passaste um semestre na universidade, por isso mal pode ser considerado um relacionamento de longa duração, não achas?

– E vocês eram ambos bastante jovens, por isso é provável que não tivesse durado muito mais tempo – sugeriu Poppy, delicadamente.

– E também não me preocuparia com o facto de o teu avô lhe fazer alguma coisa – disse Felix, com o seu atraente sorriso de lado –, porque se ele tentasse lançar uma maldição a todos os teus antigos pretendentes não teria tempo para fazer mais nada.

Poppy riu-se.

– Que exagero, Felix! Chloe só andou com meia dúzia de homens e já não sai com ninguém há uma eternidade.

– Eu não me importava que ele lançasse uma maldição sobre o David Billinge – disse Felix. – Tenho a certeza que ele está a tentar reatar as coisas contigo, Chloe. E parece que tu conseguiste perdoar-lhe, apesar de ele te ter deixado na véspera do casamento, não foi?

– Isso foi porque ele me fez um grande favor. Percebi quase de imediato que casar com ele teria sido um erro enorme. Agora ele só quer que sejamos amigos, e por mim tudo bem. Vem buscar-me na quarta à tarde e vamos ver algumas casas. Vai ser divertido... Adoro ver as casas de outras pessoas.

Felix parecia pouco convencido e tenho a certeza que Poppy nem sequer me estava a ouvir, porque de repente disse:

– Não precisas de ter muitas vezes o vigário, Chloe, por isso pode nem ser um problema assim tão grande. Quero dizer, não é como se fosses à missa, pois não? Os vossos caminhos raramente se vão cruzar.

– Cruzaram-se esta manhã, quase à minha porta.

– Calculo que ele tivesse levado o cão a dar um passeio à volta do quarteirão, porque o caminho traseiro do presbitério converge no cimo da Angel Lane, não é?

– Sim, isso é verdade. Bem, vou ter de tentar manter-me afastada do seu caminho. E espero que, mesmo que o Resmungas descubra e tente fazer algo

de horrível a Raffy, isso não vá funcionar. Além disso, de momento ele tem outras coisas com que se preocupar. – E contei-lhes da encomenda que o Resmungas recebera do Digby Mann-Drake. – Ele disse que era um aviso, e devia ser algo de muito desagradável porque queimou o que quer que fosse.

– Na verdade, esqueci-me de te dizer que o Mister Mann-Drake foi à minha loja no outro dia e parecia muito inofensivo e agradável – comentou Felix. – Nem sequer percebi quem ele era até começarmos a conversar e ele me contar que comprara o Badger's Bolt como casa de fim-de-semana, mas que achara o ambiente tão tranquilo que tinha a intenção de passar ali mais tempo. Isso não parece muito perigoso, pois não?

– Mas o Jake pesquisou-o na Internet e ele não é uma pessoa nada agradável... e o Resmungas disse que ele conseguia enganar facilmente as pessoas – avisei-o.

– Sim, a mim parece-me horrível; e Miss Winter devia sentir-se feliz por o teu avô ter comprado o Old Smithy e não ter sido ele, ou tê-lo-íamos a viver bem no meio da aldeia – concordou Poppy. – Mas acabei de me lembrar de uma coisa. De certeza que Miss Winter vai dizer ao novo vigário para ir visitar o teu avô, não vai?

– É bem-feita – respondi friamente, e depois mudei de assunto e contei-lhes a minha conversa com o Chas. – Ele aceitou as coisas muito melhor do que eu esperava. É um homem tão bom que desejo mesmo que ele seja meu pai!

– Ainda há uma boa hipótese de ser ele – disse Poppy, optimista. – E, pelo menos, dentro de pouco tempo vais ficar a sabê-lo de uma maneira ou de outra, não vais?

– Se não for ele, o que é que vais fazer? – perguntou Felix. – Vais atrás do actor, como é que ele se chama?

– Carr Blackstock... e ele não me pareceu particularmente amigável. Vou ter de pensar no assunto, se isso chegar a acontecer. Um passo de cada vez.

– Céus, parece que te está tudo a acontecer ao mesmo tempo – disse Poppy.

– Sim, só falta a minha mãe aparecer na soleira da porta para tornar a minha felicidade completa – respondi um pouco amargamente. Começava a sentir que o meu mar de seis anos de uma relativa tranquilidade fora maldosamente remexido com um pau enorme e que um monte de coisas escuras estavam a subir à superfície.

Feitiço

Vi o famigerado Mr. Mann-Drake pela primeira vez no dia seguinte e, tal como Felix, achei difícil conciliar o seu aspecto com a sua reputação... Embora, na verdade, o seu aspecto *fosse* muito estranho.

Ele ia a entrar na Marked Pages quando eu ia a sair, a seguir à minha habitual chávena de café, de regresso dos correios depois de enviar as minhas encomendas dos Desejos de Chocolate. Quando ele fez uma meia vénia estranha e levantou o chapéu de feltro de abas largas a desejar-me um bom dia, calculei logo que fosse ele, embora não estivesse nada parecido com a fotografia que eu vira.

Aquela devia ter sido tirada com ele de pé em cima de uma caixa, porque, em vez de ser alto e cadavérico, parecia-se mais com uma caveira espetada numa estaca curta e envolvida numa capa de noite de estilo vitoriano. Tinha o cabelo pintado de preto de uma tonalidade ainda mais escura do que o de Jake e colado à cabeça e, embora a sua pele parecesse ligeiramente mumificada, os seus olhos eram tão escuros, brilhantes e alerta como os de um lagarto.

Na verdade, parecia um daqueles antigos mágicos dos espectáculos de *music-hall*, só que havia nele algo um pouco reptiliano que me fez arrepiar, apesar de a sua voz cair como gotas de mel líquido no ar. O Resmungas tinha razão quanto a isso.

Naquele dia, Poppy ligou-me mais tarde do seu telemóvel, e devia estar no picadeiro, longe do alcance auditivo da mãe, porque consegui ouvir ovelhas a balir como ruído de fundo e uma espécie de som aspirado, que ela me disse ser *Honeybun* a mostrar-se amigável e a cumprimentar-me. Fiquei surpreendida por perceber que, por uma vez, o seu telemóvel estava a funcionar.

– Ligaste para que o *Honeybun* pudesse falar comigo? – perguntei. – Só que estou a derreter cobertura e dentro de instantes vou ter de baixar a temperatura e adicionar-lhe mais um pouco.

O chocolate demora mais de uma hora a ser aquecido e remexido antes da fase seguinte, quando se adicionam mais algumas gotas de chocolate dentro do Banho para o arrefecer e assim que inicio o processo eu não paro, a não ser que haja uma falha eléctrica.

– Não, claro que não, foi porque o Raffy Sinclair acabou de sair daqui e achei que gostarias de o saber.

– O quê, ele esteve no Stirrups?

– Sim, passou por cá quando estávamos a meio do nosso *snack* das onze da

manhã. Disse que tem a intenção de visitar todas as casas da paróquia durante as próximas semanas para se apresentar, começando por Mister Lees e os membros do conselho paroquial. Já tinha ido visitar a Effie Yaton e depois de nós seria o Felix.

– Parece estar muito entusiasmado para quem acabou de chegar.

– Está mesmo entusiasmado. Já teve uma reunião com a igreja paroquial do conselho, e também já começou com as orações na igreja todos os dias, de manhã e à noite, que é mais do que o pobre e velho Mister Harris conseguia fazer. Disse que qualquer pessoa que se quisesse juntar a ele seria bem-vinda.

– Mas Mister Lees não ensaia órgão durante a tarde?

– Sim, mas normalmente a essa hora já está terminado e já saiu para o seu chá, embora às vezes toque de noite até mais tarde, quando vai fechar a igreja, a caminho de casa, depois de voltar do *pub*. As pessoas queixam-se por causa disso, mas ele diz que como é cego o dia e a noite são iguais para ele e nem se apercebe.

– Sim, já o ouvi tocar uma ou duas vezes, um som muito ténue, quando o vento sopra na direcção certa e a janela do meu quarto está aberta. Mas eu pensava que ele era surdo-mudo, bem como cego, um *Pinball Wizard*^[12] que consegue tocar uma série de instrumentos?

– Oh, não, ele ouve perfeitamente bem e fala se o quiser fazer... só que normalmente não quer. No entanto, deve ter falado com o Raffy, porque esta noite vão beber um copo juntos ao Falling Star.

– O quê? O Raffy não pode invadir o nosso *pub*! – protestei indignada.

– Eles vão para o bar das traseiras e acho que ele não pretende transformar isso num hábito, está apenas a ser simpático. – Interrompeu-se e depois acrescentou, num tom de desculpa: – Ele é simpático e amistososo, Chloe, embora me tivesse custado um pouco falar com ele depois de saber como ele te tratou tão mal. Acho que ele percebeu que se passava alguma coisa de errado.

Consequia imaginá-lo: os pensamentos e sentimentos de Poppy deviam estar a atravessar-lhe o rosto expressivo como as nuvens atravessavam o céu.

– Assim que a minha mãe lhe foi fazer chá, ele contou-me que no dia anterior tinha chocado com alguém que conhecera na universidade, Chloe Lyon, e que Mister Merryman lhe dissera que ela era minha amiga! Afirmou que tinha ficado bastante surpreendido por descobrir que estavas a viver em Sticklepond.

– Aposto que sim!

– Foi isso que lhe respondi, e depois acho que ele percebeu que me tinhas contado tudo a seu respeito, porque disse que te tinha deixado um pouco chocada quando embateu contra ti em High Street, mas que tinha presumido que já lhe perdoaras há muito tempo e prosseguido com a tua vida como ele

fizera.

– O que quer ele dizer com isso? – quis saber indignada. – *Eu* é que fui injustiçada e estava a prosseguir muito bem com a minha vida quando ele decidiu aparecer à minha porta.

– Sim, mas claro que naquele momento ele achava que tu tinhas casado porque te viu naquela manhã com o Jake e pensou que fosse teu filho.

– Mas porque raios iria ele... – comecei a dizer, mas depois lembrei-me. – Oh, sim, acho que o Jake me chamou mãe quando saiu, como é habitual fazer quando me quer irritar.

– Disse-lhe que não eras casada, que o Jake é teu meio-irmão e que tu o tinhas criado praticamente sozinha. Ele pareceu ficar verdadeiramente surpreso.

– Aí está; isso só prova que ele nem sequer *olhou* para a carta que lhe envie depois de ter voltado da universidade, ou então teria sabido tudo a respeito do Jake! E agora suponho que pensa que passei todo este tempo apaixonada por ele e que foi por isso que nunca casei.

– Oh, não, tenho a certeza que não, Chloe! Expliquei-lhe que passaste estes últimos anos a construir um negócio de chocolate muitíssimo bem sucedido e que ele até comeu um dos teus Desejos na sua festa de boas-vindas.

– Quem me dera que o tivesse sufocado!

– Tu não pensas mesmo isso. A sua chegada repentina é que despertou todos os teus sentimentos de mágoa, foi só isso. Mas tenho a certeza que ele é um homem completamente diferente daquele que te desiludiu, um *bom* homem.

– Os leopardos podem mesmo mudar as manchas?

– Sim – disse Poppy simplesmente. – Até o mais perverso dos pecadores pode arrepender-se. E ele deve tê-lo feito ou não o teriam deixado entrar na igreja, não achas?

– Tens razão – concordei relutante, não acreditando totalmente naquela metamorfose de deus do *rock* em homem de Deus. – Ele disse mais alguma coisa de interessante?

– Não, não houve tempo, porque a minha mãe voltou com o chá e um prato de biscoitos *Bourbon* e começou a atirar-se a ele, o que foi terrivelmente embaraçoso. E disse-lhe que ia recomeçar a frequentar a igreja, embora eu ache que ela nunca o fez para além de ter assistido a um ou outro casamento.

– Não vai ser a única. Ele vai ter todas as mulheres da paróquia a babarem-se por ele. Espera e verás.

Poppy soltou uma risadinha.

– Excepto a Hebe Winter! Ele vai a Winter's End de manhã e disse que estava a pensar visitar o teu avô durante a tarde, já que ela fizera tanta questão nisso, mas que de qualquer maneira estava muito interessado no conceito do museu.

– Visitar o Resmungas pode não ser a atitude mais sensata – avisei. – Tenho a sensação que Zillah lhe contou tudo o que sabe a respeito do Raffy Sinclair. Olha, agora tenho de ir para ver como está o chocolate. Falamos mais tarde.

Na altura em que acabei de fazer os Desejos e limpei a oficina, já era fim de tarde.

Sentia-me cansada e exausta, mas fui até ao museu porque prometera ajudar o Resmungas a verificar as provas para o guia. Era apenas uma pequena brochura, mas ele agora estava a pensar em usar a mesma gráfica de Merchester para imprimir por conta própria o guia definitivo da história da magia, um antigo projecto que ressuscitara subitamente e que até ao momento fora rejeitado por todas as editoras a quem ele o enviara, mesmo aquela que publicara o seu livro acerca das linhas ley.

Ele tinha as provas espalhadas em cima da secretária e não demorámos muito tempo a vê-las. Quando estávamos mesmo a acabar, Zillah apareceu com Clive Snowball, que carregava uma velha caixa de cartão de vinho.

– O Clive tem uma coisa para ti – disse ela, com um dos seus sorrisos dourados. Parecia dar-se surpreendentemente bem com o dono do *pub*.

– A minha mãe mandou-me entregar-lhe isto – disse ele e pousou a caixa em cima da secretária, à nossa frente. Depois, sem mostrar qualquer sinal de curiosidade em relação aos estranhos objectos que nos cercavam, acrescentou: – Agora vou-me embora. Estou à espera de uma entrega no Star.

– Então encontramos-nos mais tarde no clube de dança? – perguntou Zillah.

– Não, eu venho buscar-te e trazer-te, querida. Não vais querer atravessar toda a aldeia naquelas tuas bonitas sandálias prateadas, pelo menos no Inverno.

Não vou dizer que Zillah tivesse sorrido afectadamente, mas pareceu-me que ela se rebolava um pouco quando acompanhou Clive à saída.

O Resmungas não parecia ter-se apercebido daquela troca de palavras e em vez disso tinha destapado a caixa e estava absorvido a tirar do interior garrafas velhas, grossas, de uma tonalidade esverdeada, daquelas que têm uma rolha de vidro presa ao gargalo por um fio forte.

Cada uma parecia ter vários objectos no seu interior, mas, quando levantei uma a contraluz, só consegui distinguir um pedaço de papel e aquilo que poderiam ser raminhos amarrados.

– Garrafas de bruxa? É essa a misteriosa especialidade mágica de Mistress Snowball?

– Claro. Florrie Snowball faz as melhores e juntou um grande abastecimento ao longo dos anos, porque todos nós sentíamos que, mais cedo ou mais tarde, iriam ser necessárias.

– Ah – exclamei pensativa, porque a finalidade daquelas garrafas é afastar as más intenções e tinham-se encontrado muitas escondidas em casas antigas.

– É para nos protegerem de Mister Mann-Drake?

– São a primeira linha de defesa – concordou ele –, pois como os escuteiros dizem: estejam preparados!

Eu não conseguia imaginar que o Resmungas tivesse alguma vez sido escuteiro, mas havia uma coisa que me estava a intrigar.

– Resmungas, pensei que as garrafas continham magia para manter as bruxas afastadas. Então, como é que uma *bruxa* pode fazer estas garrafas? E se ela tem caixas cheias delas na adega do *pub*, então não devem estar a funcionar, pois não?

– Estão a funcionar muito bem. – Levantou uma, sacudiu-a delicadamente e, por instantes, pensei ver uma centelha de luz a brilhar como uma estrela cadente no interior escuro, mas devia ter sido apenas um reflexo.

– Mas se o feitiço funciona, então porque é que não te está a afectar?

Ele olhou para mim, com uma expressão ligeiramente surpreendida.

– Porque o meu coração é puro e as minhas intenções são boas, embora tenha de confessar que sinto um formigueiro estranho, quando... hmm... me perco *inadvertidamente* para lá das fronteiras da magia branca, mesmo quando é pelo melhor dos motivos. Uma pequena vingança, por exemplo... – Contraíu-se um pouco. – É como uma espécie de lumbago espiritual. Os praticantes da Antiga Religião podem seguir por dois caminhos e este feitiço funciona contra aqueles que seguiram pelo caminho errado e protege aqueles que não o fizeram.

– Certo – disse eu pensando que se, pelo menos, a sua irmandade acreditava naquilo, então as garrafas de bruxa deviam mantê-los num caminho correcto e a direito... ou, pelo menos, tão correcto e a direito quanto o é geralmente a magia, pois esta parece uma espécie de coisa bastante sinuosa.

O Resmungas estendeu-me a garrafa.

– Vais encontrar uma pequena saliência para a colocar por cima da porta do museu, Chloe. Na verdade, vais encontrar um lugar para elas por cima de todas as portas exteriores do Old Smithy.

Ele tinha razão – lá estavam elas. Segurei a caixa e ele colocou as garrafas em saliências situadas sobre os lintéis.

– Estas saliências foram feitas com este objectivo, Chloe. As irmãs Frinton eram mulheres muito prudentes. Levaram as suas próprias garrafas com elas para as colocarem na sua nova residência.

Na minha *cottage* havia um pequeno nicho escavado na pedra, por cima da porta da frente e da porta das traseiras, suficientemente grande para conter uma garrafa. Eu já tinha reparado naquilo e colocara em cada um deles um dos meus anjos ornamentais. Na minha opinião, pareciam ser protecção suficiente, mas como o Resmungas mostrou sinais de uma irritação extrema quando lho disse, acalmei-o ao tirá-los dos nichos. Releguei-os para os peitoris

das janelas entre os gerânios aromáticos e substituí-os pelas garrafas de bruxa.

– A Poppy disse-me que o novo vigário tem intenção de te vir visitar amanhã à tarde, Resmungas – informei num tom casual, quando acabámos de colocar as garrafas, mas era óbvio que não fora suficientemente casual, porque ele lançou-me um dos seus olhares penetrantes.

– Se ele está a obedecer às ordens de Hebe Winter, então é um idiota. Se tem conhecimento do nosso parentesco, então é um idiota a dobrar.

– O que é que o nosso parentesco tem a ver com isso? – perguntei, mas ele não se dignou responder à pergunta. Eu não consigo mesmo acreditar na sua omnisciência, por isso calculei que a Zillah lhe tivesse contado alguma coisa a respeito da minha antiga relação com Raffy, embora esperasse sinceramente que ela não tivesse contado *tudo*.

– Eu não tenho a certeza se o Mister Merryman alguma vez recuperou da visita que te fez, Resmungas. Que raio disseste ao pobre homem?

Ele olhou-me ligeiramente surpreendido.

– Tenho a certeza que não lhe disse nada que pudesse levantar objecções! Estava ocupado quando ele chegou, por isso talvez fosse aquilo que eu estava a *fazer* e não alguma coisa que tivesse *dito*. Estás a pedir-me para ser simpático com o novo pateta, quando é ele que vem perturbar a minha paz?

– Não, podes lançar-lhe um feitiço, se te apetecer – concluí, num tom indiferente.

Na Mistura

Na manhã seguinte, a leitura das minhas cartas dos anjos sugeriu que devia resolver alguns assuntos com outras pessoas e deixar que o bálsamo do perdão curasse o meu coração, mas, se as cartas se estavam a referir a Raffy, então elas tinham mesmo saltado as fronteiras do optimismo e entrado na terra dos contos de fada.

Mas acho que, em vez disso, poderiam estar a querer dizer para perdoar a minha mãe (embora o resultado fosse igualmente improvável), já que o carteiro me trouxe um pequeno *kit* de recolha de ADN que Chas me enviara. Ele fora extremamente rápido!

Se Chas não era o meu pai isso iria deixar o jogo em aberto, porque, se a minha mãe lhe mentira, também poderia ter mentido ao outro homem e seria terrível se eu nunca descobrisse quem era o meu pai biológico. Na verdade, não sabia porque é que aquilo era tão importante, já que, como não tinha intenção de ter filhos, não tinha de me preocupar com os genes que entravam na mistura.

De qualquer maneira, agora não podia voltar atrás, por isso segui as instruções e recolhi de imediato uma amostra de saliva, depois selei-a para a enviar mais tarde, quando fosse aos correios tratar dos meus Desejos.

E pelo menos, naquela manhã quando estivesse fora, não teria de me manter atenta a Raffy, porque sabia que ele estava em Winter's End. No dia anterior, muito cedo, vira-o pela janela passar com o seu cão e naquele dia acontecera a mesma coisa (espreitara sub-repticiamente por trás do cortinado, mas ele nem sequer olhou para a Angel Cottage), de modo que aquilo parecia estar prestes a tornar-se um hábito regular.

Naquela tarde, David ia-me buscar para vermos algumas casas de campo que ele tinha seleccionado e assim, com um pouco de sorte, nem sequer estaria no mesmo edifício quando Raffy fosse visitar o Resmungas.

Ao voltar do correio, e como era habitual, passei pela livraria para visitar Felix mas quase de imediato desejei não o ter feito, já que tudo o que ele fez foi entoar louvores a Raffy.

Eles eram tão diferentes que ainda não me tinha ocorrido que só se poderiam dar bem, mas durante o tempo que o ouvi falar sobre como ninguém diria que o Raffy fora famoso, porque ele era tão normal (será que ele é *cego?*), como sentia que o conhecia desde sempre, e como ele era tão *simpático*, o meu café quase teve tempo para coalhar.

Ainda mais do que Poppy, ele achava que eu deveria ter recuperado há

muito da minha história com Raffy e ter avançado, sobretudo porque decerto que ele mudara radicalmente antes de ter sido ordenado.

Se depois daquilo alguém me voltasse a dizer as palavras «perdoar e esquecer», jurei que lhe bateria. Que a razão e o bom senso se danassem: eu não podia simplesmente estalar os dedos e dizer, «*Okay*, vamos esquecer o que aconteceu!», quando até mesmo a simples referência ao seu nome me fazia sentir completamente retorcida e amarga por dentro. Eu sabia que aquilo era negativo e prejudicial e também que me sentiria muito melhor se o esquecesse, mas não o conseguia fazer.

Também estava a começar a sentir-me muito magoada com a falta de empatia de Poppy e Felix. Aqueles eram os *meus* amigos e, quer eu estivesse certa ou errada, eles deviam estar do *meu* lado e não servirem de advogados do diabo, mesmo que ele se disfarçasse com uma sobrepeliz. E eu ainda não estava convencida que não existia um Lúcifer escondido ali dentro!

Por isso disse uma ou duas coisas agrestes a Felix que, quando eu saí, observou que nunca me vira assim, embora não tivesse dito exacta mente o que queria dizer com o «*assim*». Mas fosse o que fosse, talvez ele começasse a pensar duas vezes quanto à minha adequabilidade como a pessoa certa para passar com ele a meia-idade, o que seria mesmo muito bom.

Agora só precisava de fazer com que ele se concentrasse em Poppy e vice-versa. Perguntei-me o que é que ela teria feito ao filtro de amor que comprara a Hebe Winter. Claro que não acredito naquilo, tal como não acredito no poder da magia do Resmungas, mas, ainda assim, se a conseguisse encontrar não haveria mal nenhum em experimentar, pois não?

Raffy devia ter ido visitar Resmungas logo depois de almoço, muito mais cedo do que eu esperara, porque ouvi uma pancada na minha porta séculos antes da hora em que David combinara ir buscar-me, e ali estava ele, dois degraus acima do passeio e desconcertantemente ao nível dos meus olhos

A expressão do seu rosto pálido e cinzelado era cautelosa, mas reparei que parecia estranhamente impassível, considerando o sítio de onde acabara de vir; eu também sabia que ele era feito de um material muito mais rijo do que o de Mr. Merryman.

A minha reacção automática foi fechar-lhe a porta na cara, só que ele frustrou os meus intentos ao inclinar-se contra ela.

- Chloe, posso entrar? Acho que precisamos falar.
- Não preciso de uma visita, obrigada. Não sou um dos teus paroquianos!
- Tens razão. Pela conversa que tive com o teu avô, já percebi que os Lyon não são fiéis. Mas gostaria de falar contigo... por favor?

Se naquele momento eu não me tivesse inconvenientemente lembrado do que as cartas dos anjos me tinham dito naquela manhã, e não tivesse hesitado,

tenho a certeza que ele não teria conseguido insinuar-se pela soleira da porta. Mas de algum modo ali estava ele no meio da oficina, a olhar em volta com uma expressão interessada.

– Cheira deliciosamente – disse, apreciador –, espero não estar a interromper o teu trabalho?

– Não, eu não faço chocolate todos os dias e, na verdade, estava prestes a sair.

– Oh! Então não te vou roubar muito tempo – disse ele, mas parecia não estar com muita pressa para abordar o motivo da sua visita. Tive tempo para reparar nas mudanças do seu rosto: as linhas finas na sua pele pálida e translúcida, a expressão determinada da boca e o queixo quadrado. De rapaz para homem: o Raffy passado e presente parecia fundir-se num só diante dos meus olhos.

– Disseram-me que isto costumava ser um hospital de bonecas.

– Costumava, mas agora é uma oficina de chocolate perfeita.

– Sim, a tua amiga Poppy contou-me tudo acerca dos chocolates e depois, é claro, eu já tinha comido um na festa de boas-vindas. Colocar mensagens no interior é uma ideia brilhante. Não fico surpreendido por o negócio estar a florescer.

– O que é que o teu Desejo dizia? – Não tivera intenção de lho perguntar, mas aquilo escapou-se-me sorrateiramente.

– Que eu nunca estava sozinho – respondeu, simplesmente.

– Não, não estás. Para começar, a tua consciência deve estar sempre a falar contigo – disparei, e ele lançou-me um olhar insondável.

– E fala. Diz-me que não posso desfazer aquilo que fiz no passado e que só posso mudar as minhas acções futuras.

– Reconfortante – respondi secamente, mas, ao ver que ele não parecia disposto a sair tão depressa, levei-o até à sala de estar e fiz chocolate quente mais para meu próprio conforto do que para o dele. Nem sequer lhe perguntei se gostava, limitei-me a fazê-lo como eu o bebia, escuro, forte e cheio de sabor; nada de leite ou mel para adoçar a mistura.

Ele estava de pé junto da janela quando voltei a entrar. Ao estender-lhe a caneca, ele disse:

– O pátio é lindo, parece um jardim secreto. Também já percebi que gostas de gerânios.

Como estes alinhavam o peitoril da janela, com três filas de vasos, aquilo não necessitava dos poderes dedutivos de um Sherlock Holmes.

– Pelargónios aromáticos – respondi, dando-lhes o seu nome adequado. – Tenho com cheiro a maçã, a hortelã e a essência de rosas, mas estou ansiosa por arranjar mais assim que tiver uma estufa maior, onde os possa colocar durante o Inverno e... – interrompi-me de repente, prestes a esquecer-me

com quem estava a falar devido ao meu entusiasmo. – Mas não vieste para falar de jardinagem, pois não? O que é que queres? E senta-te, por amor de Deus... estás-me a deixar com dores de pescoço!

Ele obedeceu, empoleirando-se na borda do assento da janela e bebendo um gole cauteloso da caneca. Ele assombrara-me durante tanto tempo que me era difícil aceitar que estava realmente ali, grande e sólido, na minha sala de estar. Conseguia ver agora que vestia uma *T-shirt* preta impressa com um colarinho branco, o que causava o efeito da camisa tradicional, mas sem o ser, e que era um toque especial à Raffy, embora ainda me parecesse incongruente.

Apetecia-me atirar-lhe com alguma coisa, possivelmente com o chocolate quente, mas, em vez disso, sentei-me no sofá pequeno com os pés debaixo de mim e as mãos a envolverem a caneca para as aquecer, embora até àquele momento eu não tivesse sentido frio.

– Precisamos de esclarecer as coisas, já que vai ser impossível evitarmos numa aldeia tão pequena como esta – disse ele.

– Queres dizer, em especial desde que já te conseguiste insinuar junto dos meus melhores amigos?

Ele sorriu inesperadamente, de um modo irónico.

– Vejo que continuas a mesma Chloe mordaz de sempre!

– Não exactamente a mesma – disse num tom de voz calmo, porque decerto que já não era uma idiota que acreditava no amor.

– Não, presumo que ambos mudámos em muitos aspectos. – Ele olhou-me calmamente sob aquelas sobrancelhas pretas, inclinadas, e continuou: – Não fazia a mínima ideia que vivias em Sticklepond quando aceitei vir para aqui, embora estranhamente tivesse pensado em ti no dia em que vim visitar o presbitério. Suponho que foi porque uma vez me disseste que vivias em Merchester, que não é muito longe daqui. E depois, quando estava na igreja a tentar decidir se devia aceitar o lugar ou não, lembrei-me da maneira como lias sempre as cartas de tarô antes de fazeres alguma coisa importante.

– Já não leio o tarô, nunca me saía bem. No entanto, Zillah ainda o lê... ela é uma parente que mora connosco.

– Já a conheci. Foi ela que me abriu a porta quando fui visitar o teu avô e depois serviu-me uma chávena de chá. Onde quer que vá, fazem-me sempre chaleiras e chaleiras de chá – acrescentou um pouco desesperado.

– Não como o da Zillah. Bebeste-o?

– Sim, porque ela ficou junto de mim até eu o beber e depois levou-o logo como se pensasse que eu ia roubar a chávena. Depois disso, o teu avô ofereceu-me um cálice de um licor de ervas especial.

« Como um cordeiro para o matadouro », pensei.

– Também o bebeste?

– Não depois do chá e, de qualquer maneira, já não bebo muito álcool, para

além de uma ou outra caneca de cerveja. Mas acho que poderia ficar viciado *nisto* – disse ele, bebendo pensativo mais uma golada de chocolate.

– Sentes-te bem? – perguntei, e ele olhou para cima surpreso.

– Ótimo. Porque não me haveria de sentir?

– Ah, só estava curiosa... O Resmungas conseguiu deixar Mister Merryman um pouco perturbado.

– Resmungas? É isso que lhe chamas? Não, nós tivemos uma conversa verdadeiramente interessante. Ele é um homem muito original e surpreendente.

– Ele é mesmo tudo isso – concordei.

– Sinto-me fascinado pela maneira como as primeiras igrejas cristãs do Reino Unido absorveram os rituais pagãos e os festivais no calendário religioso e Mister Lyon disse-me que vai haver muita informação a esse respeito na exposição do museu e no guia.

– Sim, pois vai... Fui eu que fiz a revisão das provas. Uma das brochuras independentes que ele está a escrever para vender no museu também fala disso.

– Como, no fundo, ele só vai expor a história da bruxaria, e não vai pregar activamente o paganismo e as alegrias da religião Wicca, não consigo ver qualquer problema quanto ao museu. Vou ter de tentar convencer Miss Winter para ver as coisas dessa maneira, embora esta manhã quando a visitei ela também parecesse ser dessa opinião.

– A sério? – perguntei, surpresa. – Talvez agora esteja mais preocupada com o homem que se mudou para Badger's Bolt, um tal de Digby Mann-Drake.

– Sim, ela contou-me tudo a respeito dele e o teu avô também. Já tinha ouvido falar dele em Londres e conhecido uma ou duas pessoas que se deixaram seduzir por toda aquela coisa da magia negra, e dos rituais secretos em sua casa, no Devon... Embora, na verdade, tenha sido apenas um incêndio.

– Incêndio?

– Foi isso que o teu avô me contou. Segundo ele, os aldeões pegaram fogo à casa porque ele estava a corromper a juventude local, mas acho que deve ter sido apenas uma falha eléctrica ou qualquer coisa desse género.

– Oh, então foi por isso que o Mann-Drake disse ao Felix que ia passar aqui muito mais tempo do que previra inicialmente... – observei. – Badger's Bolt era para ser apenas uma casa de fim-de-semana.

– Tanto quanto sei, ele ainda tem a sua casa em Londres – comentou Raffy.

– Mas concordo com Miss Winter e com o teu avô que a sua influência não é algo que queiramos em Sticklepond, mesmo se não considerarmos os seus poderes alegadamente ocultos.

Raffy levantou uma sobrancelha interrogativa e olhou para mim,

presumivelmente a perguntar-se para que lado da vedação mágica é que eu me inclinava naqueles dias, mas eu não estava disposta a tentar explicar os meus sentimentos ambivalentes a respeito do assunto.

– É óbvio que *todos* teremos de unir forças para o combater e não lutar entre nós, Chloe.

– Não vejo que isso possa acontecer tão cedo – respondi de imediato. – E parece que nos afastámos muito do assunto de que querias falar comigo.

– Isso é fácil de responder. Estava intrigado sobre o motivo por que parecias tão zangada e amargurada por me voltares a ver – disse ele para minha grande surpresa.

– Estavas *intrigado* com isso?

– Claro! – Ele abriu muito os olhos azul-esverdeados. – Porque, se pensares bem, até deveria ter sido o contrário! Afinal, foste *tu* que acabaste tudo e te mudaste para aqui para viveres com um antigo namorado.

– Para viver com *quem*? – exclamei.

– Vá lá, Chloe! – Os olhos dele adquiriram uma tonalidade de um azul mais tempestuoso. – Quando eu voltei à universidade para te procurar no início do novo semestre, a tua ex-companheira de quarto contou-me tudo.

– *Rachel* contou-te que eu tinha voltado para um antigo namorado? – repeti incrédula.

– Sim. – Ele levantou-se e dirigiu-se à lareira, onde ficou parado a olhar para as chamas, de costas viradas para mim. – É estranho, mas na altura não consegui acreditar que me tivesses feito uma coisa dessas até que ela me mostrou parte de uma carta que lhe mandaste e ali estava escrito com a tua letra.

– O que é que estava com a minha letra? – perguntei atordoada. – O que é que a carta dizia?

– Oh, eu lembro-me de cada uma das palavras! Dizias que não ias voltar, porque depois de reencontrares aquele teu antigo namorado percebeste que o amavas e não podias suportar deixá-lo outra vez. Ele chamava-se...

Interrompeu-se e virou-se de repente para olhar para mim, os seus olhos a abrirem-se desmesuradamente.

– Jake – acabei por ele, em voz baixa. – O meu meio-irmão bebé... era a ele que não conseguia suportar deixar.

Senti os olhos a encherem-se-me de lágrimas que começaram lentamente a cair, mas não as sequei, limitei-me a ficar ali sentada a olhar para ele.

– Oh, meu Deus – sussurrou ele. – Poppy disse-me que o tinhas criado e eu nem sequer fiz a associação. Então queres dizer que não *havia* outro homem?

– Não, era apenas o Jake. Assim que cheguei a casa, percebi logo as saudades que ele tinha de mim e que não ia conseguir suportar deixá-lo outra vez. – Olhei para Raffy, tentando encontrar uma maneira de explicar a

situação de modo que ele a pudesse compreender.

– A minha mãe negligenciava-o. Andava sempre fora com um novo namorado e eu tive a ideia louca que, se não estivesse em casa sempre que ela queria, se fosse para uma universidade, ela ver-se-ia forçada a ser uma boa mãe.

« Mas as coisas não funcionaram desse modo, porque assim que vim a casa no final desse primeiro semestre, ela deixou Jake nas mãos de Zillah e foi-se embora.

– Mas Zillah não podia tomar conta dele?

– Não, a Zillah amava-o, mas ela não tem jeito para bebés... Esquecia-se dele durante horas e depois, quando se lembrava, alimentava-o com coisas erradas e deixava cair a cinza do cigarro em cima dele. Além disso, eu sentia-me mesmo muito culpada por mal pensar em Jake desde que te tinha conhecido e ele precisava de mim. Expliquei tudo na carta que te enviei, mas é óbvio que não a leste.

Ele tinha a cabeça inclinada sobre as mãos apertadas, os longos cabelos pretos a cobrirem-lhe o rosto, mas nesse momento levantou rapidamente os olhos.

– Eu não recebi carta nenhuma!

– Estava anexa a uma que enviei a Rachel. Ela devia entregar-ta quando voltasses... E eu tinha a certeza que irias voltar – acrescentei, dolorosamente.

– E voltei na primeira oportunidade que surgiu. Mas Rachel nunca me deu carta nenhuma e apenas me mostrou uma parte daquela que lhe enviaste, para condizer com a sua história.

– Então, limitaste-te a acreditar nas suas mentiras?

– Eu... bem, *estava* escrita com a tua letra – disse ele na defensiva – e ela foi muito convincente.

– Tão convincente que nunca te deste ao trabalho de pensar que era um tipo de coisa demasiado cruel para eu fazer? Nem tentaste descobrir se era verdade?

As minhas lágrimas já tinham secado e por instantes senti-me cheia de uma raiva branca, quente: pela credulidade e estupidez de Raffy; pela duplicidade e insensibilidade de Rachel e por todos os anos perdidos da minha adolescência e juventude que tinha dedicado a Jake.

Mas afastei rapidamente aquele último pensamento. Eu poderia, por vezes, ter-me ressentido das reclamações que Jake fazia a meu respeito, mas isso não significava que não o amava. Teria voltado a fazer o mesmo, se tivesse de ser.

Raffy suspirou.

– Não, acho que fiquei tão furioso que nem pensei em nada e, de qualquer maneira, nem via nenhum motivo para ela me contar mentiras.

– Porque ela sempre gostou de ti – respondi. – Viu que tinha uma

oportunidade e aproveitou-a.

– Mas, e quanto a ti? – perguntou ele, de repente trocista. – Não te perguntaste porque é que nunca escrevi, nem apareci?

– Não, porque ela disse-me que te tinha entregue a carta e que tu nem sequer te tinhas dado ao trabalho de a ler. E, já agora, também me disse que te enfiaste logo com ela na cama e parece-me que essa parte não é mentira.

Ele parecia envergonhado.

– Não, embebedei-me no bar da associação de estudantes, e ela... consolou-me. Arrependi-me no dia seguinte. Nunca mais voltei. De facto, desci aos infernos – disse com uma expressão séria. – Que idiota!

– Ainda nem consigo *acreditar* que tivesses pensado que eu ia pedir a outra pessoa para te dizer uma coisa dessas... devias saber que te amava! E durante semanas continuei à espera que aparecesses, até receber a carta de Rachel. E depois os jornais começaram a aparecer cheios de coisas a teu respeito e a respeito do que o resto do Mortal Ruin andavam a fazer, por isso percebi que te tinhas esquecido completamente de mim.

– Mas não tinha! Deus sabe que *tentei*, mas estavas sempre a voltar para me assombrares. – Voltou a sentar-se e, inclinando-se para a frente, apertou-me as mãos num amplexo firme e caloroso. – Foi preciso Deus para me fazer ver os efeitos que as minhas acções tiveram noutras pessoas, e virar-me para o exterior, e não para o interior. Foi para mim uma luta difícil perdoar-te verdadeiramente por aquilo que pensava que me tinhas feito, mas sempre pensei que estivesse feliz e que as coisas te tinham corrido bem.

– Isso foi mais do que eu consegui pensar de ti, porque nunca te perdoei! Sempre que uma das tuas malditas músicas me fazia lembrar de ti, os meus pensamentos eram cerca de noventa por cento cacau sólido.

– Presumo que isso seja bastante amargo...

– Acho que lhe podes chamar isso e juntares-lhe uma pitada de malagueta. A minha opinião a teu respeito é que eras uma mistura de cacau barato e, provavelmente, estava certa!

– Obrigado – disse ele secamente. – Mas lamento imenso que as coisas não te tenham corrido bem. Sempre que pensava em ti, imaginava-te casada e com filhos e...

Interrompeu-se. Talvez alguma coisa na minha expressão o tivesse avisado para não ir por ali.

– Quase me casei, mas não resultou; e depois tinha o Jake para criar. Sinto que cumpri a minha parte no capítulo das relações e como mãe, por isso agora estou concentrada no meu negócio.

Percebi, de repente, que ele ainda me estava a apertar as mãos entre as suas e eu sentia uma corrente poderosa a passar entre ambos... até as afastar.

– Mas o Felix disse que o teu ex-noivo tinha voltado a aparecer, por isso

talvez mudes de opinião? – insinuou ele.

– Actualmente, David é apenas um amigo, só isso – respondi sucintamente.

– Felix tem sempre umas ideias muito parvas.

– Está bem – disse Raffy, e levantou-se. – Olha, Chloe, o que aconteceu, aconteceu, e não posso mudar isso. Mas lamento imenso e espero que possas acabar por encontrar uma maneira de me perdoares por te ter magoado tanto, mas sem intenção, tal como eu te perdoei.

– *Tu perdoaste-me?* – Olhei para ele.

– Sim... Não partilhamos ambos a culpa por não confiarmos suficientemente no amor um do outro e não termos questionado o que Rachel nos disse?

– Alguns de nós são mais culpados que outros e eu *não* te perdoo, Raffy Sinclair!

Por um momento, os seus olhos brilharam e pensei que ele estava prestes a perder a cabeça, tal como teria feito o há muito desaparecido Raffy que eu amara. Isso poderia ter desanuviado um pouco o ambiente. Mas depois ele soltou um suspiro profundo.

– Lamento que te sintas assim, mas agora vou deixar-te em paz e regressar à igreja. Sinto uma enorme necessidade de rezar por nós os dois... mas ainda mais por Rachel.

Eu sentia-me mais inclinada para mandar a maldita Rachel para as profundezas do inferno por causa daquilo que me fizera – nos fizera. Mas eu não possuía uma consciência recém-formada e um conjunto de ética a condizer.

– Se eu fosse a ti, depois de visitar o meu avô, rezava só por mim – aconselhei-o. – Sabes o que dizem: se jantas com o diabo, precisas de uma colher muito longa.

No exterior, David buzinou e eu levantei-me, sentindo que tinha uns noventa anos.

– Tenho de ir. Vou ver casas com um amigo.

– Claro.

Coloquei uma grade de latão em frente da lareira, tirei o casaco detrás da porta e ele seguiu-me até à rua. Ao chegar ali, parou, olhou sombriamente para mim e eu devolvi-lhe o olhar com hostilidade.

– Deus te abençoe, Chloe! – disse ele, depois afastou-se na direcção de High Street, passando pelo carro desportivo vermelho de David, sem parecer reparar nele, a cabeça escura inclinada e as mãos enfiadas nos bolsos.

Entrei no carro de David, sentindo-me como se tivesse aguentado vários *rounds* num ringue de boxe e o facto de ele me bombardear com perguntas também não ajudou.

– Aquele não era o Raffy Sinclair? A Mel Christopher disse-me que ele era o novo vigário e eu pensei que ela estava a brincar! Nunca se pensaria que alguém com aquele tipo de vida de repente descobrisse Deus, pois não?

– Eu sei, também fiquei muito surpreendida – respondi, o eufemismo do século. – Claro que a banda se separou há muitos anos, por isso imagino que todos tenham seguido com a sua vida e feito outra coisa. Acho que ele foi ordenado já há algum tempo.

– Mas porque é que ele te foi visitar? Não começaste a frequentar a igreja, pois não?

– Na verdade, veio visitar o Resmungas e acho que depois pensou que também me devia visitar. Tem intenção de visitar todas as casas da paróquia e assim pelo menos já me pode riscar da lista.

– Calculo que vá ser uma grande novidade e que as mulheres se vão babar todas por ele.

– Eu não – respondi categórica, e ele lançou-me um sorriso de lado, enquanto virava para a estrada de Neatslake, passando pelo sinal para o Stirrups.

– Sim, tenho a certeza que ele não faz nada o teu género.

– Então, qual é a casa que vamos ver primeiro? – perguntei, mudando firmemente de assunto. Ansiava poder estar sozinha, rever os mais ínfimos pormenores do que Raffy me dissera, mas até lá teria de tentar arvorar uma expressão corajosa.

Anjos Caidos

E devo tê-lo conseguido, mesmo movendo-me em piloto automático, porque David não reparou que havia alguma coisa de errado. Na verdade, disse que a tarde fora divertida e até teria sido noutras circunstâncias.

Só mais tarde, quando estávamos a beber chá num café da marina do canal, e a discutir os méritos de duas das propriedades que tínhamos visto naquele dia, é que me ocorreu que o Resmungas já podia ter feito mal a Raffy por algo que afinal não passara de credulidade e estupidez. Talvez, se não fosse tarde de mais, eu o devesse dizer a Resmungas? Mas ele não podia *mesmo* fazer mal a Raffy, pois não...?

Regressei ao presente para encontrar David a falar de quartos de hóspedes e *en-suites*, nenhum dos quais me parecia muito importante regra geral, e muito menos naquele momento, por isso disse-lhe que estava na hora de voltar para casa.

Ele deixou-me à porta, mas mesmo então não consegui um momento sozinha porque claro que Jake voltara mais cedo do que eu. Eu prometera cozinhar-lhe o seu jantar preferido – salsichas e puré de batata com molho de mostarda, seguido de um *éclair* de nata que lhe comprara naquela manhã no Spar, algo que me parecia ter acontecido, pelo menos, há um século.

Mas é provável que isso até tenha sido bom porque na altura em que estávamos a acabar de jantar a vontade de chorar descontroladamente estava contida e em segurança, atrás de uma determinação de cimento, e eu decidira contar a Jake pelo menos um pouco da verdade. Melhor ouvi-lo da minha boca do que através de algum rumor.

– O novo vigário veio visitar hoje o Resmungas – comentei, a raspar os pratos e a despejá-los no lava-louças. – E depois também me veio fazer uma visita.

– Para quê? – perguntou, erguendo os olhos do meu último exemplar da revista *Skint Old Northern Woman*, o que me pareceu uma leitura estranha para um rapaz adolescente; só que, é claro, aquele era um rapaz adolescente bastante estranho.

– Para recordar os velhos tempos. – Respirei fundo, e confessei: – Sabes, nós andámos há alguns anos. Na altura eras apenas um bebé, por isso não te lembras, mas eu fui para a universidade e foi aí que o conheci. Mas depois ele partiu com os Mortal Ruin, tornou-se um deus do *rock* e eu... voltei para casa.

– *Andaste com o Raffy Sinclair?* – exclamou, com o mesmo espanto que Felix também mostrara ao saber da notícia.

– Só durante algumas semanas e não o via desde essa altura.

– Oh, meu Deus... Queres dizer que o Raffy Sinclair podia ter sido meu cunhado se não tivesses dado cabo das coisas? – disse ele, ofendido.

– Eu não dei cabo das coisas, nós só... nos afastámos – menti. Claro que não lhe ia contar toda a verdade, em especial que fora por causa *dele* que eu não regressara à universidade e não me encontrava lá quando Raffy voltou à minha procura. – E, de qualquer maneira, tu nunca quiseste um cunhado... Lembra-te como foste horrível para o pobre David!

– Não queria ter tido um cunhado como *ele*. Ele odiava-me.

– Não, não odiava. Apenas se cansou de todas as partidas horríveis que lhe pregaste e não é de admirar! Ainda hoje perguntou por ti... para que universidade contavas entrar e esse tipo de coisas.

– Estava provavelmente à espera que não fosse uma muito próximo de casa – disse ele, incisivo. – Assim, não teria de me ter por perto, se vocês se voltassem a juntar.

– Não nos vamos voltar a juntar – respondi com firmeza, embora curiosamente achasse que devia ter voltado a reintegrar a actual lista de David de noivas adequadas, apesar de não satisfazer qualquer um dos critérios: preferia viver sozinha, perdera qualquer desejo de ser mãe depois de criar Jake e a minha ideia de um bom momento era enrolar-me no sofá em casa com uma caixa de trufas, vinho, e o meu romance favorito de Georgette Heyer. Não era sofisticada. Aquela Mel de quem ele estava sempre a falar parecia-me uma candidata mais adequada.

– Ele não anda à procura de alguém como eu. Na verdade, não me parece que *alguém* ande à procura de alguém como eu – garanti a Jake.

Mas agora ele estava a olhar-me com uma expressão crítica, como se nunca me tivesse visto na vida, e até ignorara a tábua de queijos e a tigela de uvas que eu colocara à sua frente para preencher qualquer espaço vazio.

– Acho que devias ser bastante bonita quando eras nova.

– Estou demasiado velha para me lembrar – retorqui, e ele sorriu e começou a comer o *Lancashire*. Tinha uma capacidade incrível para armazenar alimentos; até comera grande parte do meu jantar, já que eu não estava com fome, o que não era nada de surpreendente.

Kat ia até lá a casa para o ver praticar no jardim com os seus paus-de-fogo e eu ia ao Falling Star; por isso antes de sair avisei-o para não pegar fogo a nada, incluindo a ele mesmo.

Estava tentada a ligar a Poppy e a dizer que tivera um pedido inesperado de encomendas de Desejos e que não podia sair naquela noite, mas sabia que, se o fizesse, ela e Felix iriam aparecer em minha casa.

Infelizmente, não sou muito boa a mentir. E, de qualquer maneira, naquela altura eu já passara pelas fases de raiva, lágrimas e perturbação e estava a sentir-me bastante apática, apenas com um ligeiro toque de amargura.

Talvez pudesse inventar uma nova linha de chocolates: *AgriDoce* para os amantes desprezados?

Poppy e Felix estavam a entrar no Falling Star quando cheguei a High Street e atravessei a rua a correr para me juntar a eles. Mrs. Snowball ligara a máquina de café e começara a atarefar-se com os pires e chávenas assim que abrimos a porta da sala privada; por isso, pelo menos eu, não tive coragem de lhe dizer que, depois de um dia como aquele, sentia necessidade de um conhaque duplo e não de um *cappuccino*.

– Vi há bocado aquele jovem que trouxe aqui no outro dia naquele seu carrinho desportivo e elegante, quando ele a deixou em casa – disse-me ela, em tom de conversa. – Ele não voltou desde aquele dia. Não gostou do meu café?

Suponho que um homem na casa dos quarenta deva *parecer* jovem aos olhos de Mrs. Snowball. Curiosamente, embora há seis anos eu não me tivesse realmente apercebido da diferença de idades que existia entre ambos, agora sentia-me muito mais consciente disso. Todos os gostos, ideias e atitudes de David pareciam ser muitíssimo sufocantes e antiquadas, e ele parecia presumir que eu concordaria automaticamente com todas como se não houvesse outras e, geralmente *melhores*, opções.

– David adorou o seu café e tenho a certeza de que há-de voltar. Mas andámos a ver casas e ele teve de voltar para a sua.

– Oh, sim, tinha-me esquecido que ia fazer isso hoje – disse Poppy.

– *Eu* não tinha. – Felix lançou-me um olhar magoado, como se eu tivesse feito algo pouco simpático.

Florrie Snowball parou de mexer no monstro cromado e fumegante e olhou para mim.

– Então, já vão viver juntos? Sei que estiveram noivos, porque a Zillah me contou. E quem é que a pode culpar se voltou para ele... um fulano atraente como aquele?

– Não, não é nada disso. Ele é que quer mudar-se para o campo, e eu gosto de ver as casas das outras pessoas, apenas isso.

– Bem, quem sabe, talvez o coração dele volte a cair para o seu lado – disse ela, por isso era óbvio que tinha um coração romântico escondido atrás do seu espartilho *Maidenform*. – Volte a trazê-lo cá, que eu faço-lhe um café extra especial – prometeu, com um sorriso desdentado.

– Parece que o David fez uma conquista – disse Poppy, quando estávamos sentadas junto da janela e longe de Mrs. Snowball. Felix estava a pagar a primeira rodada, o que envolvia uma série de verificações em vários bolsos e a contagem de moedas.

– Engraçado, na altura fiquei com a sensação de que ela não gostou muito dele.

– Ela parece gostar mesmo do Felix, olha para ela a ficar outra vez toda coquete – disse Poppy.

– Mas nem ele tem direito a enfeites extra no seu *cappuccino* – observei, quando Felix se sentou com a sua chávena. – David teve, embora não estejas a perder nada, Felix, porque aquilo que ela lhe salpicou em cima do café eram coisas esverdeadas, estranhas e com manchas, nada de chocolate ralado ou canela.

– Pergunto-me o que poderia ter sido? – disse Poppy. – O que é verde às manchas?

– Talvez ela tenha usado por engano leite em pó rançoso ou qualquer coisa assim? – sugeri. – Não parecia muito saboroso e ele despejou grande parte para essa planta que está atrás de vocês. Também se apressou a voltar para casa e ligou-me mais tarde a dizer que não se sentia bem. – E agora que olhava para ela, a planta estava com uma aparência muito viscosa.

– Eu queria uma caneca de cerveja, não um café – queixou-se Felix –, só que não lhe quero ferir os sentimentos. Quer dizer, agora também tenho uma máquina de café na loja... se quiser, posso passar todo o dia a beber café, e de graça. Ela parece estar apaixonada pela máquina.

– Provavelmente, a novidade vai passar depressa, agora que Molly e Clive já sabem trabalhar com ela – disse Poppy. – Vejam, ela vai sair, por isso dentro de instantes já podemos beber outra coisa.

Mas Mrs. Snowball parou à entrada para lançar umas palavras de despedida.

– Ouvi dizer que, esta tarde, o novo vigário quase esticou o pernil: esmagado por um anjo!

Conseguimos ouvi-la a soltar um riso cacarejado como a bruxa má de uma pantomima mesmo depois de a porta se fechar atrás dela.

Virei-me para os outros dois e perguntei:

– Mas de que raio é que ela estava a falar? O Raffy teve um acidente?

– Está tudo bem, ele está ótimo. Aquilo caiu a um quilómetro dele – disse Felix. – A Effie Yatton foi depois à minha loja e contou-me o que tinha acontecido.

– Sim, e também me ligou para casa. Ela é sempre a primeira a saber de tudo... é a voz da aldeia!

– Mas *eu* não sei de *nada* – respondi, impaciente. – Que anjo? Quando?

– Foi um dos monumentos de mármore do cemitério que caiu esta tarde em frente de Raffy quando ele ia para a igreja – explicou Poppy. – Bloqueou o lado esquerdo do caminho, onde este se bifurca. A Effie acha que foi um sinal.

– Sim, o sinal da actividade de toupeiras – observou Felix, a sorrir.

– O Raffy foi visitar o Resmungas hoje à tarde – disse eu, pensativa. – Presumo que não tenha tido nada a ver com isso.

– Eu sei que o teu avô é um cavalheiro de casaco de veludo, tal como diz o

antigo brinde jacobita, mas não é nenhuma toupeira – disse Felix. – Ele e Raffy não se deram bem?

– Não sei, mas não é isso que me está a incomodar. Se Zillah contou ao Resmungas o que se passou entre mim e Raffy, ele pode sentir-se tentado a vingar-se em meu nome.

– Mas não há nada que ele possa realmente fazer, pois não? – perguntou Poppy. – Nós sabemos que a magia não funciona mesmo. – Mas não parecia totalmente convencida.

– Claro que não funciona – concordou Felix, inquieto. – É um monte de disparates.

– De qualquer maneira, seria inútil porque Raffy foi visitar-me depois de sair da casa do meu avô e nós, bem, nós esclarecemos as coisas – confessei, apesar de não referir que ainda havia uma neblina sulfurosa à nossa volta.

– Oh, estou *tão* feliz – disse Poppy. – São outra vez amigos?

– Não, acho que seria um exagero dizer que o somos, mas percebo agora que ele não se comportou tão mal em relação a mim como eu tinha pensado.

E de seguida contei-lhes as mentiras de Rachel. Poppy, o seu coração sensível agitado, disse:

– Então, nunca foi realmente culpa dele? Oh, mas isso é tão triste!

– Sim, foi o que Jake achou quando lho contei, mas apenas porque ficou arrasado ao pensar que perdeu a oportunidade de ter Raffy como cunhado! De qualquer maneira, não me parece que a nossa relação fosse durar muito tempo, pois ele não era do tipo muito estável. Quero dizer, vejam a maneira como acreditou logo em tudo que a Rachel disse e depois dormiu com ela.

– Isso *foi* muito mau – concordou Poppy –, mas ele disse que na altura estava bêbedo e furioso.

– Talvez, mas mesmo quando estava sóbrio não lhe passou pela cabeça vir a Merchester à minha procura... e, como só havia uma família Lyon na aldeia, não teria sido difícil encontrar-me.

– Mas tu também não foste à procura dele, pois não? – perguntou Felix.

– Não podia. Ele foi criado por uma tia e eu não fazia a mínima ideia de onde é que ela morava. O que é que eu devia fazer: seguir a banda por todo o país como uma *groupie* e esperar nos bastidores com a esperança de uma explicação?

– Não, eu percebo o que queres dizer – disse Poppy – e, claro, que na altura já tinhas aceiteado a versão dos acontecimentos que Rachel te contara... Que pessoa verdadeiramente horrível ela deve ser! – Suspirou. – Oh, bem, mas agora já é passado, não é?

– Sim, toda a paixão desapareceu, tal como o resto – disse, cansada. – Depois de conversarmos, Raffy disse que ia à igreja rezar por nós e imagino que tenha sido nessa altura que o anjo quase o atingiu. Só espero que, onde

quer que Rachel esteja, um lhe tenha caído mesmo em cima.

– E *eu* espero que agora que tu e o Raffy esclareceram as coisas possas pôr uma pedra sobre o assunto – sugeriu Felix, otimista.

– Vocês estão sempre a dizer isso, mas é mais fácil de dizer do que fazer. O que sentiriam se o vosso passado aparecesse a bater-vos à porta? Quero dizer, nunca nos contaste pormenores do teu divórcio, Felix, só que a tua mulher te foi infiel. Mas e se de repente ela se mudasse para Sticklepond com o homem pelo qual ela te deixou?

– Na verdade, foi por uma mulher – confessou Felix. – Isso parece ainda pior.

– Oh, pobre Felix – disse Poppy, compreensiva. – A minha experiência horrível em Warwickshire não foi assim tão má, embora tivesse sido terrivelmente embaraçosa. Pensava que ninguém se tinha apercebido que eu tinha uma paixão assolapada por aquele instrutor de equitação, até o ouvir a rir-se disso com os amigos... e com a própria mulher! Ele também costumava namorar comigo e tentou beijar-me, mas não lhes contou isso. E, sim, eu *odiaria* ter de o voltar a ver.

– É engraçado como todos nós atravessámos uma espécie diferente de inferno mais ou menos ao mesmo tempo, não é? – observei.

Poppy assentiu.

– E ainda mais estranho como acabámos todos por viver tão perto uns dos outros.

– Parece existir um padrão nas nossas vidas – concordou Felix.

– Quanto a vocês, não sei, mas eu estou capaz de beber qualquer coisa mais forte – disse com um suspiro. – Talvez um uísque duplo me encha, magicamente, de magnanimidade.

– Ou também te possa tornar piegas – observou Felix. – Mas, de qualquer maneira, vou juntar-me a ti e vamos arriscar.

– Eu é melhor não, porque tenho de conduzir – disse Poppy. – Já agora, amanhã vai ser a primeira reunião do conselho paroquial com Raffy como vigário. Depois passo por tua casa para dizer como correu, Chloe.

– Isso supondo que não é atingido, desta vez em cheio, por outro anjo – respondi.

Naquela noite não dormi muito e mergulhei numa espécie de estupor sem sonhos, acordando com pálpebras pregueadas como venezianas e uma dor de cabeça tão forte que senti que tinha a cabeça pregada à almofada.

Dirigi-me a cambalear até ao meu posto de vigia atrás dos cortinados corridos da oficina, mesmo a tempo de ver Raffy a passar com o cão e pensei, ressentida, que ele não se parecia com alguém que quase fora esmagado por um anjo, embora as marcas de uma noite sem dormir surgissem como

sombras azuis ou hematomas sob os seus olhos.

Ótimo.

Assim que Jake saiu para as aulas, fui buscar o capítulo mais recente do livro do Resmungas. Esperava que o livro estivesse quase terminado, porque me parecia muito maior do que o habitual. Mas de cada vez que parecia estar prestes a chegar a uma conclusão, voltava a partir a galope noutra direcção.

– O que é que achaste do novo vigário? – perguntei-lhe, reunindo as folhas dispersas.

– Oh, surpreendentemente inteligente. Consegue manter o ritmo da conversa. Não me importo nada que ele me volte a visitar... Se ele for capaz de o fazer. – Depois remexeu-se um pouco na cadeira e estremeceu.

– O que é que se passa? – perguntei, desconfiada.

– Apenas um pouco de ciática. O que é isto? – acrescentou, espetando um dedo nos bolinhos que estavam no pires.

– Sonhos de creme de limão.

– Eu não posso mergulhar um sonho de creme de limão no chá – protestou.

– Podes sim, mas vai ficar com um sabor muito estranho – disse e saí.

– Zillah – disse, ao atravessar a cozinha –, ontem à tarde no cemitério da igreja um anjo de mármore quase caiu em cima do novo vigário, logo depois de ele ter saído daqui. Foi o Resmungas?

Zillah estava sentada na velha poltrona junto da lareira, em frente da televisão de ecrã plano, com *Tabitha* enrolada no seu colo como um pequeno tapete de pêlo, roído pela traça.

– Como é que ele seria capaz de fazer isso num cemitério em solo sagrado? – perguntou ela, o inevitável cigarro pendurado ao canto da boca, mal se movendo enquanto falava.

– Sim, agora que penso nisso é capaz de ser uma tolice – admiti.

– Li as folhas do vigário e o tarô... Ele contou-te que lhe pedi para segurar nas cartas?

Neguei com a cabeça.

– Como é que sabias que eu o tinha visto?

– Eu sei tudo – disse ela num tom complacente. – As cartas mostraram que ele tem um coração limpo de pecados e que terá um papel fundamental nos eventos que irão acontecer.

– Então, o coração dele deve ter passado pelo programa extra-rápido de uma lavagem de carros – respondi amargamente e depois contei-lhe o que acontecera entre ambos na tarde anterior. – Por isso, ainda estou furiosa com ele – concluí –, por ele ter sido tão crédulo e nem pensar em mim. Até dormiu com a Rachel! E claro que também não o perdooi por completo, embora talvez acabe por o fazer... daqui a uma década ou perto disso.

De repente, lembrei-me de uma coisa que ela dissera.

– E o que é que quiseste dizer com isso de ele vir a ter um papel fundamental nos acontecimentos?

Zillah encolheu os ombros e o xaile verde-lima que tinha vestido escorregou-lhe do ombro. Teria sido bastante embaraçoso se ela não tivesse duas camadas de camisolas de lã rosa e magenta por baixo dele.

– Presumo que será importante como vigário. Gregory diz que temos todos de unir forças contra Digby Mann-Drake e Raffy não o poderá fazer se tiver sido esmagado por um anjo, pois não?

– Decerto que será um pouco mais difícil – concordei.

Enquanto estava na estação de correios a enviar o último lote de Desejos de Chocolate, ouvi dizer que durante a noite tinham sido colocados avisos nos portões da piscina pública e nos *courts* de ténis, informando que, quando os contratos de arrendamento expirassem em Abril, o actual proprietário, Mr. Mann-Drake, tinha a intenção de os fechar ao público.

Toda a aldeia estava em pé de guerra por causa daquilo e a caminho de casa desviei-me do meu trajecto para ler o aviso no portão dos *courts* de ténis. Estava impresso num cartão laranja-fluorescente laminado, de modo que teria sido quase impossível não o ver, mas cheguei mesmo a tempo, porque a Effie Yatton passou por ali no seu velho *Morris* verde e retirou-o assim que acabei de o ler.

Uma mulher enérgica, de cabelo grisalho, com um rosto ansioso e magro como o de um galgo, fez-me um aceno e disse de modo sucinto:

– Vergonhoso! Vou levar os avisos para a reunião do conselho paroquial desta noite, para ver o que podemos fazer!

Depois atirou o aviso para o lugar do passageiro, onde aterrou em cima de outro, presumivelmente o da piscina pública, e partiu. Fiquei com a sensação que retirá-los era ilegal, mas quando o contei a Felix enquanto bebia, como habitualmente, uma chávena de café gratuita, ele afirmou que ela os iria devolver mais tarde e que, por uma vez, parecia-lhe que ia ser uma reunião do conselho bastante interessante.

* * *

Tive de esperar muito mais tempo do que o habitual para descobrir se o fora ou não. Na verdade, era tão tarde quando Poppy chegou que eu já quase tinha desistido de esperar por ela, mas explicou-me que a seguir tinha ido à igreja.

– Todas as tardes, às cinco e meia, excepto aos domingos, Raffy faz as orações da noite. E como ele ia directamente para lá, Felix e eu pensámos que também devíamos ir.

– *Felix* foi?

– Sim, ele gosta de Raffy; parecem dar-se muito bem. Havia mais uma ou duas pessoas e foi um serviço rápido. Ele leu a mensagem do dia, um pouco semelhante a um «pensamento do dia». Tem uma excelente voz de orador, não tem? Uma mistura de profundidade, moderação e afecto... Foi lindíssimo e suave e depois senti-me tão bem. Devias experimentá-lo, Chloe.

– Acho que não!

– Talvez não – admitiu ela, arrependida. – Desculpa, não estava a pensar!

– Tudo bem.

– As coisas vão obviamente ser muito diferentes nas reuniões do conselho com a presença de Raffy, Chloe. Ele não assumiu propriamente as responsabilidades, mas de algum modo o poder foi transferido de Miss Winter para ele... ou talvez seja uma partilha de poder – disse ela, num tom pensativo.

– Raffy é bastante reservado, mas sente-se a sua presença.

– É difícil não dar por alguém que tem mais de um metro e noventa.

– Tu percebeste o que quis dizer! – exclamou e de seguida fez-me um resumo do que se tinha passado. – O Felix disse que já sabes dos avisos que o Mann-Drake colocou.

– Nesta altura já toda a aldeia o deve saber. Fala-se quase tanto deles como do novo vigário.

– É uma pena que Mister Grace tenha morrido antes de conseguirmos juntar o dinheiro suficiente para comprar os *courts* de ténis e a piscina para a aldeia. Agora não sabemos se os avisos são uma forma de ameaça para tentar obter um valor de aluguer mais elevado ou se Mann-Drake tenciona vender os dois terrenos para construção.

– Ele pode fazer isso? Será pouco provável que o conselho paroquial o aprove, não achas?

– Não, mas ele pode passar por cima de nós, porque os terrenos encontram-se dentro dos limites da aldeia.

– O quê, até a piscina? Sempre pensei que ficasse no exterior.

– Antes da peste negra a aldeia era muito maior, embora muitas das casas já tenham desaparecido e sejam agora apenas lombas nos campos.

– Então aquelas que estão espalhadas à volta da extremidade da aldeia são as únicas que restam? – perguntei.

– Sim. De qualquer maneira, Miss Winter vai escrever a Mann-Drake para lhe expressar o que o conselho e toda a aldeia pensam acerca do assunto e Raffy disse que ia falar com ele assim que pudesse. Mas, entretanto, foi muito generoso ao permitir que o clube de ténis utilizasse o *court* do presbitério.

– Eu nem sabia que havia ali um. – Os jardins do presbitério eram uma selva tão grande que até poderia existir uma civilização perdida lá dentro, com uma pirâmide e tudo, que ninguém o saberia.

– É na parte de trás, perto do portão traseiro. Ele vai pedir aos homens que estão a cortar as árvores e os arbustos para se ocuparem dele prioritariamente e vai mandar restaurar o pequeno pavilhão. É Effie Yatton quem dirige o clube de ténis e ela está-lhe muito grata, de tal maneira que até confessou que tem usado a saleta do presbitério para as suas reuniões dos escuteiros quando o salão da aldeia está ocupado!

– Mas o salão da aldeia não tem um anexo que ela poderia ter usado?

– Sim, mas chove lá dentro e não tem electricidade. Raffy teve imensa piada ao referir-se às reuniões dos escuteiros. Disse que já se tinha perguntado porque é que havia cogumelos gigantes de *papier-mâché* num canto da sua sala e um monte de *hula hoops*. E depois afirmou que ia mandar arranjar o anexo; está mesmo a ser muito amável e generoso com tudo!

– Imagino que se possa dar a esse luxo – repliquei, num tom ácido.

– Isso não sei. Eu nunca teria pensado que ele fosse *mega*-rico – disse Poppy, pensativa. – Quero dizer, ele acabou de comprar o presbitério e os custos com a renovação de um monte de ruínas vitorianas devem ser enormes, não achas?

– Presumo que ele ainda receba direitos de autor, porque foi ele que escreveu todas as músicas dos Mortal Ruin e podemos ouvi-las por toda a parte, em especial naquele anúncio do carro. Está sempre a dar.

– Mas continua a ser generoso – insisti eu. – Também se mostrou muito descontraído quanto ao teu avô e ao museu. Explicou que Mister Lyon não tinha qualquer intenção de tentar impor as suas crenças a ninguém, e que o museu e um guia irão incluir muito material interessante a respeito da sobreposição do paganismo, bruxaria e cristianismo primitivo.

– Bem, isso é verdade.

– Depois afirmou que achava que toda a tua família, em especial o teu avô, devia ser incentivada a participar da comunidade. Eu disse que *tu* já o fazias, pois és uma cliente habitual do Falling Star.

– Provavelmente, não foi bem isso que ele quis dizer, Poppy! Mas acho que a sua sugestão de envolver o Resmungas nos assuntos da aldeia foi bastante boa – confessei. – É melhor tê-lo do nosso lado do que contra nós, mas, como ele não é lá muito sociável, não estou bem a ver como é que isso pode acontecer.

– A Zillah parece já se ter integrado bastante bem, não parece?

– Sim, o Clive Snowball levou-a para o clube de dança, mas não estou a ver o Resmungas a seguir os seus passos nos tempos mais próximos.

Ela soltou uma risadinha.

– Pois, nem eu, embora se o fizesse ele fosse imediatamente cercado por parceiras, já que parece que há sempre falta de homens.

– E ele é alto e ainda muito atraente.

– Tal como o Laurence Yatton, o mordomo de Winter's End, e ele é solteiro. Uma pena que seja quarenta anos mais velho que eu! Mas falando em altos e atraentes, Effie apaixonou-se por Raffy e levou alguns dos folhados de salsicha vegetarianos que ela mesma faz para a reunião de hoje porque disse que sabia que Maria Minchin não sabe cozinhar.

– Não me parece que seja a única.

– De certeza que não é, porque mais tarde o Raffy contou-nos, a mim e ao Felix, que continuava a encontrar oferendas de comida no alpendre...

compotas, bolos e todo o tipo de coisas. Também o enchem de bolos e biscoitos quando vai fazer as suas visitas e eu sugeri que dentro de pouco tempo ele pode concorrer ao *Livro dos Recordes do Guinness* como o vigário mais gordo do mundo!

Eu não conseguia imaginar um Raffy gordo, embora ele não seja um daqueles homens altos e magricelas que parecem afunilados – tem ombros largos.

– Talvez ele possa arranjar um médico imaginário que lhe receite uma dieta sem glúten? – sugeri. – E eu não lhe vou deixar nenhum bolo no alpendre nos tempos mais próximos. Em relação a mim, está em segurança.

– Mas pensei que vocês tinham feito as pazes, apesar de te ser difícil vê-lo por aí.

– Eu não colocaria as coisas exactamente nesses termos, embora ache que acabarei por me habituar. Só preciso de mais algum tempo.

– Zillah deve gostar dele – comentou, com outra risadinha. – Deixou um *bouquet garni* [\[13\]](#) na soleira da porta com instruções escritas para que Maria o possa usar em cada panela de ensopado que cozinhar e acho que ela ficou tão furiosa que o deitou directamente para o lixo, mas não digas nada a Zillah.

– Provavelmente foi uma atitude sensata... – disse pensativa. – Presumo que não tenha havido mais anjos caídos?

– Não, mas ainda mais estranho foi quando, mais tarde, e no mesmo dia, o próprio Raffy caiu num buraco. Ele disse que ficou mais um pouco depois das orações da noite, por isso quando saiu já estava bastante escuro. Sabes onde os operários escavaram um buraco junto ao portão e colocaram por cima uma prancha metálica?

– Sim, acho que há aí um cano de água rebentado. E Raffy caiu no buraco?

– A *prancha* cedeu e ele caiu com ela e depois, quando tentou içar-se para fora, um dos lados do buraco desabou em cima dele e enterrou-o praticamente em terra e pedras! Ele comentou que se alguém o estivesse a observar devia parecer uma cena de um filme cómico.

– Mas poderia ter sido perigoso!

– Ele estava bem e assim que chegou ao presbitério ligou a Mike para que colocasse uma barreira e luzes à volta do buraco até os operários voltarem. Disse que não era propenso a acidentes, por isso talvez o merecesse e aquilo fosse alguma espécie de castigo – acrescentou ela –, embora bastante leve...

– *Castigo?*

– Por te ter magoado tanto no passado e depois ter-te culpado durante todos estes anos, quando foi a sua própria atitude egoísta ao partir com a banda que desencadeou toda a situação e que causou o que se seguiu. Achei que foi uma confissão muito generosa, mas o Felix não vê as coisas da mesma maneira e afirma que Raffy não devia dizer disparates.

Mas eu já tinha deixado de a ouvir e estava ocupada a contar os incidentes.

– Presumo que foram três coisas, o anjo, a prancha e o desabamento? E as coisas más vêm sempre em grupos de três...

Ou seriam quatro? Por um momento louco, voltei a interrogar-me acerca dos *bouquet garnis* de Zillah, mas ela não era nenhuma Lucrécia Borgia, por isso era provável que fossem apenas alguma invenção sua, estranha, mas totalmente inofensiva.

– Ele só nos contou do buraco porque não queria meter os homens em sarilhos e, por sorte, todas as contusões eram onde não as conseguíamos ver. Ele é tão corajoso e amável!

Soava tão admiradora que perguntei com uma desconfiança repentina:

– Poppy, não *te* estás a apaixonar pelo Raffy, pois não?

– Claro que não! Onde é que foste buscar essa ideia? – perguntou, abrindo desmesuradamente os olhos azuis, numa expressão de espanto. – Gosto dele, mas por qualquer razão não me parece uma pessoa muito *confortável*, pois não? Sentimos que ele está um pouco cansado do mundo... e, não sei como o descrever, sentimos que ele já esteve em toda a parte e fez tudo.

– Sim, percebo o que queres dizer, e provavelmente já fez.

– Mas agora é alguém transformado e espero que as suas experiências o tornem capaz de lidar com todo o tipo de coisas. Ele parece já ter resolvido a situação de Miss Winter com o teu avô, não é verdade? Ela até disse que pode ter sido um pouco precipitada ao condenar Mister Lyon, quando é óbvio que Mann-Drake é uma ameaça muito maior para a felicidade da aldeia.

– Foi muito magnânimo da sua parte.

– Ela descobriu mais algumas coisas a respeito de Mann-Drake e aqueles rumores de uma sociedade qualquer não-muito-secreta na sua casa de Devon; já te contei que ardeu há pouco tempo? Provavelmente castigo divino!

– Talvez tenha sido e nesse caso prova que Mann-Drake está claramente do lado errado!

– Ela tem medo que ele vá tentar iniciar as suas actividades aqui em Sticklepond. Raffy disse que ia falar com ele quando ele voltasse de Londres, embora nenhum de nós esteja convencido que essa seja realmente uma boa ideia, ou que tenha qualquer efeito.

– Não, se Mann-Drake tem um estilo entre Aleister Crowley e Sir Francis Dashwood, não me parece que possa ser influenciado por uma pequena conversa com o vigário, mesmo que seja Raffy Sinclair.

– Espero que Mann-Drake não vá fazer orgias em Badger's Bolt – disse ela firmemente. – Parece que está a transformar o estábulo numa espécie de quarto grande, estranhamente decorado.

Não pudemos continuar a falar, porque Jake e Kat entraram e, como estava suficientemente escuro, Jake ofereceu-se para mostrar a Poppy a sua técnica

com os paus-de-fogo antes de ela sair.

– Ficas para jantar? – convidei-a. – Kat vai ficar e esta noite vamos comer piza e gelado em frente da televisão.

– Acho que posso. A minha mãe vai sair mais tarde e a rapariga que começou a trabalhar à experiência está lá para a ajudar quando for preciso, por isso acho que ela não se deve importar... se é que dá pela minha falta.

Saiu para o jardim com Jake e Kat, enquanto eu me deixava ficar para trás e vasculhava a mochila de cabedal coçada que serve de mala a Poppy, removendo do fundo um pequeno frasco com um líquido viscoso. «Para induzir o amor nos olhos de outro», dizia, numa letra pequena e espetada no rótulo, «Duas gotas de felicidade».

Ela parecera sincera ao dizer que não se estava a apaixonar por Raffy, mas ele não parecia ter perdido muito (se é que perdera algum) do seu considerável carisma e assim, se existia até o mais pequeno dos riscos de Poppy estar a sucumbir a ele, então eu precisava de desviar as suas atenções para outro lado.

Claro que era provável aquela coisa não funcionar, tal como os esforços mágicos do Resmungas não funcionavam, mas eu não perdia nada se a experimentasse assim que juntasse Poppy com Felix e tivesse uma oportunidade...

A revelação de que Rafael Sinclair era o novo vigário de Sticklepond apareceu no jornal local e espalhou-se como fogo pelas zonas mais afastadas da região, relegando a notícia acerca da piscina pública e dos *courts* de ténis para segundo plano, embora na aldeia as pessoas ainda estivessem a ferver por causa disso.

Parecia que não conseguia ir a lado nenhum sem ouvir o nome de Raffy e até na livraria quando ia tomar um café com Felix significava que tinha de ouvir uma palestra sobre como ser adulto e seguir em frente; e como era magnífico que alguém como Raffy se tivesse dignado aceitar aquele lugar e ser o senhor da nossa pequena e humilde aldeia!

– Provavelmente tudo isto não passa de uma novidade, porque há anos que ele está afastado do olhar público, mesmo que a sua música não esteja – comentou Felix. – Não me parece que o pessoal mais jovem vá ficar muito entusiasmado, seremos só nós os velhotes.

– Jake está entusiasmado – respondi, a perguntar-me tristemente se eu agora me classificava entre os velhotes.

– Jake é diferente. E eu disse a Raffy que, se ele se quiser juntar a nós esta noite no Falling Star, ou em qualquer outra noite, será muito bem-vindo – concluiu, num tom ligeiramente desafiador.

Olhei para ele.

– Claro que *eu* não vou, se ele for! Em que é que estavas a pensar? Sempre fomos só nós os três!

– Não há nenhum motivo para, de vez em quando, não podermos ser quatro, pois não? Pensei que não te ias importar. Disseste que tinhas de te habituar a voltar a vê-lo.

– Sim, mas vê-lo a andar pela aldeia é uma coisa – disse (eu virava costas e fugia sempre que o vislumbrava à distância) – e estar sentada à sua frente na sala privada do Star outra completamente diferente!

Felix olhava para mim com uma expressão de crítica velada.

– Raffy disse que era provável que te sentisses assim e que só viria se tu concordasses.

– Bem, mas eu não concordo em ter o meu espaço pessoal e a minha vida social, o pouco que existe dela, invadido! O meu perdão ainda não chega a tanto.

– Não estás a ser um pouco mesquinha?

– Acho que não... e pensei que compreendias como me sinto – respondi e depois estivemos mais próximos de uma discussão do que tínhamos alguma vez estado em toda a nossa vida.

E também *isso* foi culpa de Raffy.

Mais Escuro Depois da Meia-Noite

Na manhã de sábado, quando fui buscar o capítulo do Resmungas (todos os dias da semana são iguais no que se refere a mim e ao Resmungas), Zillah, que estava sentada à mesa da cozinha a baralhar experientemente as cartas de tarô, disse-me que ele tinha saído.

– *Saiu?* Mas ele quase nunca sai de manhã!

– Outra mudança. Aquela tal Hebe Winter veio visitá-lo ontem; fiquei tão perplexa quando a encontrei à porta a olhar-me com aquela sua arrogância que me podias ter derrubado com uma pena. E depois houve uma chamada telefônica e lá foi ele para Winter's End logo a seguir ao pequeno-almoço. E foi mesmo ele a conduzir, algo que também raramente faz.

– Então, a ciática já não o está a incomodar?

– Completamente curado.

O Resmungas a fazer visitas parecia muito estranho, mas supus que estavam a discutir formas de derrotar as invasões de Digby Mann-Drake e era evidente que seria necessário forjar algum tipo de aliança. Ele não parecia ser capaz de fazer nada mais emocionante do que tirar um coelho de uma cartola, mas as aparências podem iludir.

Zillah, que afastara para o lado os restos do seu pequeno-almoço, começou a deitar as cartas num padrão familiar, mas levantou os olhos e acrescentou:

– Ele disse que o último capítulo estava em cima da secretária.

Eu tinha a certeza de que aquele livro era duas vezes maior do que qualquer um dos outros. E era imaginação minha, ou a sua maneira de escrever tornara-se mais sombria? Só esperava que o seu herói estivesse à altura do desafio!

O Resmungas voltou com um humor expansivo e, quando lhe levei o capítulo já impresso, informou-me que Hebe Winter o tinha convidado a participar numa reunião de emergência do conselho paroquial na terça-feira seguinte, com a função de consultor.

– Mas eles tiveram uma reunião na quinta-feira!

– Desde essa altura que os acontecimentos relacionados com Mann-Drake deram outra volta, e não há tempo a perder, Chloe. Eu sabia do seu plano para fechar o clube de ténis e um ou outro campo de piqueniques, mas agora ele está a tentar cobrar um imposto aos proprietários que vivem ao longo da margem do Green por terem de atravessar uma faixa de relva a caminho das suas propriedades.

– Mas como raio é que ele pode fazer uma coisa dessas?

– Ele está a tentar ressuscitar um direito antigo e obsoleto conferido ao título

de Lorde da Mansão. Seis casas vão ser afectadas e cada um dos proprietários recebeu uma carta de um advogado a exigir ou um pagamento único de quinze por cento do valor da casa, ou uma taxa de aluguer anual muito puxada. É uma maneira fácil de ganhar dinheiro.

– Eu nunca ouvi falar de tal coisa, mas teria pensado que eles precisavam de um bom advogado e não de um feiticeiro – respondi, e ele lançou-me um olhar sério.

– Por sorte, o vigário é mais perspicaz do que tu, já que foi ele que sugeriu que eu devia ser consultado a respeito de Mann-Drake. Descobri que gosto bastante dele.

– Eu não iria tão longe, mas já o absolvi de tudo o que aconteceu no passado, excepto de estupidez e egocentrismo. Já agora, ouvi dizer que a tua ciática desapareceu como que por magia, Resmungas?

– Desapareceu por completo – concordou ele. – Uma pontada momentânea... ou três.

* * *

Felix disse que naquela noite não se podia encontrar connosco no Falling Star porque ia ao Green Man jogar dardos com Raffy e com os jardineiros de Winter's End. Ele fazia isso às vezes, só que nunca nas noites em que normalmente se encontrava connosco, por isso calculei que ainda estivesse amuado por causa da nossa altercação.

Mas, pelo menos, isso significava que Poppy e eu podíamos ter uma noite de mulheres e ela voltou a contar-me todas as coisas que procurava num homem. Na verdade, era uma lista bastante modesta e Felix possuía todas as qualidades e características que ela procurava como, por exemplo, não viver com a mãe (ele raramente vê a Mags e nunca viveu com ela) e que o seu cabelo e dentes fossem mesmo seus.

– Até me estou a começar a sentir suficientemente desesperada para voltar a tentar a coluna dos corações solitários – confessou ela, por isso foi uma pena que Felix não estivesse para eu poder deitar a poção de amor directamente na sua bebida (e provavelmente também na dela, só para ter a certeza) e depois talvez lhes batesse com as cabeças uma na outra. Era agora tão óbvio para mim que tinham sido feitos um para o outro que não via como é que *eles* ainda não se tinham apercebido disso.

– Não faças nada de precipitado – aconselhei-a.

– Mas o tempo está a passar cada vez mais depressa e eu adoraria ter filhos – disse ela tristemente. – Não posso deixar as coisas para muito mais tarde e neste momento começo a pensar que me conformaria com um Senhor Okay e esquecer-me-ia do Senhor Certo.

– Espera apenas mais um pouco – sugeri. – Lembras-te do que as cartas diziam a respeito de a paciência acabar por dar resultados a longo prazo?

– Sim, só que estou a perder a paciência. Mas, e tu? – perguntou ela, e de seguida contou-me que, na outra noite, Jake lhe tinha confidenciado que estava com receio de que eu pudesse voltar a apaixonar-me por David. – Suponho que ele possa ser o teu Senhor Okay se quisesse assentar – disse ela, num tom de dúvida. – Mas continuas a dizer que não queres casar, nem ter filhos.

– Não, não quero. E também não tenho bem a certeza se David tem intenção de nos voltarmos a juntar, já que está sempre a falar de uma mulher chamada Mel Christopher, por isso parece-me que não. Tu conhece-la?

– Sim, ela costuma montar um cavalo cinzento. Ficou viúva há alguns anos e depois casou com Jack Lewis, o sobrinho-neto de Hebe Winter, mas foi um erro passageiro e estão a divorciar-se. Ou talvez já estejam divorciados? Não sei. Ela é muito bonita, com cabelo louro e olhos castanhos.

– Isso faz-me lembrar alguém. Acho que já a vi por aí.

– Nunca pensei que ela quisesse voltar a casar tão depressa, por isso talvez o David é que esteja interessado. Não o vais voltar a ver amanhã?

Assenti.

– Vamos ver algumas propriedades um pouco mais afastadas, mais para o lado de Appleby Bridge. Mas não é como um encontro ou qualquer coisa do género. Já lhe deixei bem claro que me sinto feliz sozinha, que apenas quero amizade.

– Bem, tu sabes como os homens são tão estúpidos a captar sinais, Chloe. Tens praticamente de lhes pregar à martelada as notícias nas cabeças para conseguires transmitir a mensagem.

No entanto, Raffy deve ter conseguido captar algumas das minhas mensagens, porque agora parecia estar a dar o seu melhor para se manter afastado do meu caminho.

Sempre que eu o via à distância, bastava-me piscar os olhos e ele voltava a desaparecer: num momento via-o, no seguinte já não.

No primeiro domingo de Raffy, a igreja estava cheia até ao tecto em ambas as missas. A maioria das pessoas da aldeia apareceu, incluindo os católicos e os metodistas, enquanto os curiosos de locais mais afastados se amontoavam nos corredores; segundo Poppy, estavam apertados como sardinhas e, se alguém tivesse desmaiado por causa do calor de tantos corpos reunidos, essa pessoa manter-se-ia de pé.

Felix esteve presente, Janey foi com Mags e, se a minha mãe estivesse por cá, aposto que ela também teria ido, pecadora convicta ou não. Até Jake foi com Kat – ele namoriscara um pouco a igreja quando andara no ensino básico e fora baptizado, por isso não viu nenhum motivo para não ir.

Mr. Lees tocou a sua fuga favorita, embora, para espanto de todos, no final tivesse iniciado uma apresentação animada de « Eu Gosto de Estar ao Lado do Mar» [14]. Parecia que alguma coisa lhe caíra em cima, provavelmente Raffy.

Após a missa de domingo de manhã, Jake e Kat deixaram-se ficar para trás para verem a igreja, que para eles devia parecer estranha, mas eles interessam-se por história e a igreja é muito antiga. Aparentemente, tem uma janela de céu e inferno do início do século XVI que é quase única, e muitas outras coisas interessantes.

Raffy voltou a entrar e conversou com eles e depois convidou-os para tomar café no presbitério enquanto esperava que Maria Minchin acabasse de queimar o seu almoço. Também lhes mostrou a casa e tenho vergonha de confessar que interroguei Jake para que ele me relatasse todos os pormenores de que conseguia lembrar-se.

– Bem, não é tão grande quanto eu pensava que fosse, quando vista da frente, porque é mais comprida do que profunda – disse ele. – Tem nas traseiras uma sala de estar e uma sala de jantar enorme, com uma porta que dá para o terraço, e acho que ele o vai transformar numa espécie de escritório. Transformou parte do vestiário numa minicozinha, para poder servir-se de uma bebida ou comer qualquer coisa sem incomodar os Minchin.

– Isso pode ser importante, se Maria Minchin cozinha tão mal como dizem. Continua, o que é que viste mais?

– Só uma biblioteca naquela coisa que parece uma torre, mais quatro ou cinco divisões no piso de cima. Os trabalhadores já estão quase despachados e agora é a vez dos decoradores, por isso ele tem todo o mobiliário empilhado no meio do chão, coberto por lençóis, mas diz que ainda não tem tudo, porque a maior parte das coisas do seu apartamento de Notting Hill não ficaria bem ali.

– Então ele ainda está a viver naquilo que foram os aposentos dos criados?

– Sim, mas vai poder mudar-se para a parte principal da casa até à próxima semana e depois os Minchin podem espalhar-se um pouco mais. Ele diz que o apartamento deles é muito apertado. E é mais ou menos isto, já que não teve tempo de nos mostrar o jardim, embora tivesse falado um pouco nele.

Era evidente que tinha a intenção de tratar ele mesmo da jardinagem assim que a selva fosse domesticada; e até plantar os seus frutos e legumes, o que não era bem o estilo de vida *rock and roll* que Jake visionara, apesar de ele ainda se mostrar entusiasmado com Raffy Sinclair.

Estavam *todos* entusiasmados com ele, menos eu.

– Disse-lhe que sabia que vocês tinham andado, quando eram novos – confessou Jake. – Mas claro que, como isso foi há séculos, também sabia que vocês se deviam ter praticamente esquecido um do outro até se voltarem a encontrar.

– Sim, o nosso romance tinha-se desvanecido por completo no reino da história antiga – concordei.

– Foi mais ou menos o que o Raffy disse. Já agora, eu e Kat vamo-nos inscrever no clube de ténis quando este começar na Primavera. O *court* do presbitério já estará pronto nessa altura.

– Tu não jogas ténis!

– Jogo *squash* e não há nenhum motivo para não jogar ténis, pois não? Kat joga ténis.

Sim, havia coisas muito piores que ele poderia fazer.

Por essa altura estávamos atrasados para o almoço de domingo, que comemos sempre com Zillah e o Resmungas, mas por sorte ela estava atrasada com o pato assado, as *petits pois* e as batatas assadas crocantes.

Depois comemos mousse de limão, provavelmente o meu doce favorito, e eu estava tão cheia que mal me consegui arrastar para fora de casa e entrar no carro de David para ir ver casas e claro que não consegui comer nada quando parámos para lanchar.

Era estranho como eu nunca tinha reparado no quanto ele falava acerca de si próprio, mas via agora que não tínhamos conversas, apenas monólogos! E eu não sabia se ele me estava a avaliar para um possível recomeço do nosso compromisso anterior ou não; mas segui o conselho de Poppy quando o monólogo se desviava para as casas adequadas para criar famílias, e recordava-o que *eu* tinha decidido não me casar nem ter filhos, porque me sentia verdadeiramente feliz com o meu estilo de vida.

Ele ria-se como se eu tivesse contado uma anedota e houve momentos em que pensei que ele me ia fazer uma festinha na cabeça e dizer-me que sabia melhor do que eu aquilo de que *eu* precisava. Acho que se isso acontecesse eu lhe mordida a mão.

Estava a começar a perceber como tinha escapado por pouco seis anos antes – em que é que eu *estava* a pensar? Possivelmente, já teria sido presa por homicídio se o casamento tivesse acontecido.

Para além da noite que se seguiu à minha conversa reveladora com Raffy, em que uma pura exaustão emocional me dominou, eu não andava a dormir bem. Sempre que fechava os olhos, o passado voltava para me assombrar num *Technicolor* inglório. As únicas partes boas eram quando imaginava o que faria com Rachel se lhe pudesse pôr as mãos em cima, cenários que, regra geral, envolviam óleo a ferver e instrumentos de tortura para os polegares.

Em vez de dormir passava grande parte da noite a fazer Desejos de Chocolate com o rádio ligado para me fazer companhia. O som tranquilo do chocolate derretido a ser batido no Banho era muito reconfortante, bem como

o aroma rico que enchia o ar. Também andava a fazer e a comer uma enorme quantidade de trufas – a minha conta de natas era *astronómica*.

Tinha imprimido uma versão actualizada do feitiço de chocolate que o Resmungas me dera e podia agora dizê-lo todo sobre o chocolate. Não que eu pensasse que produzia qualquer efeito, mas invocava-o mais por gratidão pela amabilidade de Resmungas e pela força do hábito do que por qualquer outro motivo.

Jake continuava a descer as escadas a meio da noite para ver como é que eu estava. Tinha a certeza que ele estava preocupado, mas nunca me disse nada.

Enquanto isso, acumulava um monte terrível de Desejos!

Desde a nossa pequena alteração que eu não voltara a passar pela livraria de Felix no regresso dos correios, mas na segunda-feira ele foi visitar-me e apresentou-me um pedido de desculpas muito simpático pela sua falta de compreensão, que eu aceitei, embora mais tarde tivesse ficado um pouco magoada por descobrir que aquele era devido a Raffy. Ele dissera a Felix que compreendia que eu não o suportasse ver entre os meus amigos, mas esperava que um dia eu pudesse mudar de ideias.

Que magnanimidade da sua parte. E tinha o efeito de fazer com que *eu* parecesse a criança petulante e *ele* o adulto!

Hebe Winter foi buscar Resmungas no seu *Mini* branco e levou-o à reunião de emergência do conselho paroquial. Depois foi Poppy quem o trouxe e deixou-o em casa, antes de atravessar o museu até à *cottage*. Eu estava a limpar as coisas depois de uma sessão de fabrico de chocolate e tive de evitar que ela continuasse a comer distraidamente o chocolate para a cobertura do saco aberto.

– Que tal correu? – perguntei, voltando a fechar firmemente o saco e a guardá-lo.

– Oh, correu bem, embora Miss Winter, Effie e Laurence estivessem com os seus fatos isabelinos prontos para a sua sessão da Sociedade de Reconstituição Histórica e esses, juntamente com a roupa estranha do teu avô, tornaram o ambiente de certo modo surreal.

– Devias tentar viver com ele e com Zillah: toda a minha vida parece surreal. A urgência é por causa dessa coisa dos direitos de passagem?

– Sim, embora eu não percebesse porque é que não podia esperar até à habitual reunião de quinta-feira, porque não há muito que possamos fazer a esse respeito. Nos últimos tempos, Miss Winter parece querer convocar reuniões extraordinárias sempre que quer desabafar a respeito de alguma coisa! Mas Laurence encontrou alguns casos semelhantes na Internet e o advogado de Miss Winter vai apreciar o caso e fazer um relatório. E estamos à espera de uma resposta à carta que ela enviou a Mann-Drake sobre a piscina e os *courts* de ténis, mas ele ainda está em Londres.

– Mann-Drake remexeu mesmo no vespeiro de Sticklepond com todos os seus planos para fazer dinheiro – respondi. – Este seu último gesto só vai afectar meia dúzia de casas, mas estão todos a perguntar-se o que fará ele a seguir, e há muita raiva.

– Sim, hoje Hebe Winter não se parecia apenas com Isabel I, eu até pensei que ela se ia lançar no discurso do « Eu sei que tenho o corpo de uma mulher fraca e frágil, mas tenho o coração e o estômago de um rei » e depois conduzir-nos a todos para a batalha! Ela pediu ao teu avô para nos dar a sua opinião acerca de Mann-Drake, e a opinião dele é muito semelhante à de Raffy, embora ele tenha dado uma ênfase maior aos seus poderes mágicos e ao facto de Mann-Drake só querer comprar uma casa na aldeia por causa da sua posição poderosa em cima das linhas ley.

– Bem, isso é provavelmente verdade... combinado com a oportunidade de fazer algum dinheiro rápido.

– Raffy disse que havia sempre pessoas atraídas para o oculto apesar de o único verdadeiro poder da magia se encontrar na sugestão e na superstição –

repetiu Poppy –, e que os «poderes sobrenaturais» de Mann-Drake não passavam de uma mistura de magnetismo pessoal, drogas, álcool e medo.

– O Resmungas e Hebe Winter devem ter gostado muito de ouvir isso!

– Miss Winter *diz* sempre que é herborista – comentou Poppy num tom de dúvida. – Mister Lyon disse que, pelo menos, agora podiam todos ver que não era *ele* a ameaça para a comunidade, mas sim Mann-Drake.

– Não, tenho a certeza de que não é.

Ela franziu a testa, num esforço para se lembrar.

– Ele disse mais qualquer coisa acerca de as práticas religiosas posteriores serem como líquenes a crescer numa velha árvore, a alimentarem-se da seiva vital e a obscurecerem a verdade essencial, embora não escondessem por completo a sua forma... ou qualquer coisa deste género.

– Isso soa mesmo ao Resmungas – concordei. – Acho que é apenas a sua maneira complicada de dizer: vive e deixa viver.

– Sim, ele explicou que nalguns casos as duas religiões podem tornar-se interdependentes e por isso ele só queria o bem. Raffy afirmou que não podia concordar com aquele ponto de vista, mas que estava ansioso para o poder discutir com ele com maior pormenor noutra altura.

– O que é que o Resmungas respondeu?

– Que também estava ansioso por isso.

– Ah? Ele devia estar surpreendentemente bem-disposto e sociável!

– Aconselhou-nos a todos a comprar garrafas de bruxa a Mistress Snowball e a colocá-las por cima das nossas portas, tal como vocês fizeram – disse ela. – Achas que é boa ideia?

– Mal também não faz. Esse foi o fim da reunião?

Poppy soltou uma das suas risadinhas contagiosas.

– Sim, só que de repente Mister Lyon disse que estivera a pensar numa coisa que o vigário dissera acerca de ele participar mais na vida da aldeia e que decidira juntar-se à Sociedade de Reconstituição Histórica isabelina! Vai ser o John Dee da Rainha Virgem de Miss Winter.

– Santo Deus... a sério? Como é que aceitaram isso?

– A princípio ficaram muito chocados.

– Tal como eu!

– Sim, mas assim que a surpresa passou, acho que na verdade Miss Winter até ficou muito satisfeita.

Uns dias depois, o nosso trio habitual reuniu-se no Falling Star, todos os amuos esquecidos, e Mrs. Snowball, que estava a tratar do bar da sala privada até à chegada de Molly, contou-nos que tinha feito um tal negócio com as suas garrafas de bruxa desde a última reunião do conselho paroquial que tivera de encomendar um lote novo de garrafas vazias.

– Embora essas não sejam tão boas como as antigas. Rouba algum do mistério quando o vidro é suficientemente fino para ver o que elas contêm, embora também funcionem bem. Mas as antigas de cerâmica eram as melhores.

– Sim, o Resmungas tem uma dessas no museu. Lembro-me de a ter visto no catálogo.

Tentámos pedir as nossas bebidas rapidamente antes que ela tivesse tempo de ligar a máquina de café, mas ela insistiu em servir-nos *cappuccinos* por conta da casa, «já que juntei algum dinheiro com os meus encantamentos!» E cacarejou como uma galinha velha.

– Ainda pode juntar um pouco mais, porque eu preciso de mais duas garrafas – disse-lhe Poppy.

– Ah, mas eu aumentei os meus preços! – respondeu ela, astuta.

– E não me faz um desconto por quantidade? – regateou Poppy. – Com essas já serão cinco.

– Acho que tas *poderia* vender todas ao preço antigo, já que és uma cliente tão boa do Star.

– Obrigada, Mistress Snowball! É que, sabe, a seguir tenho de proteger o pátio do estábulo. Não posso ter os cavalos expostos a qualquer coisa desagradável que ande por aí, pois não?

– Fazes com que Mann-Drake soe a um contágio – disse Felix.

Quando Molly chegou, Mrs. Snowball desapareceu, apenas para voltar um pouco depois com duas garrafas esverdeadas, com a grossura original, que entregou a Poppy depois de lhes limpar o pó com uma ponta do seu avental às flores.

– Aqui estão, retiradas do que resta do último *stock* que armazenei há anos. Encontrei uma caixa delas no fundo da adega, que ficou esquecida atrás de uma pilha de caixotes partidos.

Poppy pagou-as e deu de imediato uma das garrafas a Felix.

– Esta é um presente, mas tens de me prometer que a vais pôr por cima da porta da tua loja. De facto, até vou voltar contigo para me certificar que o fazes!

– Poppy, não deves desperdiçar assim o teu dinheiro – protestou ele. – Mann-Drake já esteve na minha loja e claro que não aconteceu nada de terrível, por isso acho mesmo que...

– Oh, deixa de ser tão machista – ordenou ela. – É melhor prevenir que remediar, não achas, Chloe?

– Se o Resmungas diz que é uma boa ideia, então provavelmente é porque é – concordei. – Não perdes nada por ter uma, pois não, Felix?

– Com excepção de um possível novo cliente – resmungou ele. – Mas, tudo bem, já que vocês parecem tão determinadas em relação a isso, vou mudar

alguns dos livros da prateleira em cima da porta e colocá-la lá.

– Também é melhor prenderes a garrafa à prateleira – sugeri – ou algum cliente demasiado curioso pode tentar tirá-la ou deixá-la cair ao chão.

– Boa ideia – concordou Poppy.

Na ausência de Mrs. Snowball, Molly serviu-nos cerveja e depois, quando Felix voltou ao bar para ir buscar batatas fritas e Poppy estava na casa de banho, aproveitei o momento e tirei rapidamente o pequeno frasco da poção de amor. Consegui deitar uma ou duas gotas em cada um dos copos antes que eles voltassem, embora a espuma do cimo tivesse adquirido uma iridescência ligeiramente gordurosa. Parecia uma péssima maneira de tratar cerveja de boa qualidade, mas deve ter ficado com o mesmo sabor porque eles beberam-na sem qualquer comentário (ou qualquer efeito perceptível).

De seguida, fomos os três à Marked Pages e Felix arranjou um espaço na prateleira por cima da porta. Apesar dos seus protestos, tirei-lhe firmemente a caixa de ferramentas das mãos e, de pé em cima de uma cadeira, aparafusei uma ilhó na parte de trás da prateleira, passei um fio à volta da garrafa e apertei-o.

– Pronto! Agora não vai cair, ninguém a pode tirar, e um ladrão precisaria de uma chave de fendas ou de um alicate se quisesse ficar com ela.

– Provavelmente ficaria amaldiçoado se o tentasse fazer – disse Poppy, com uma risadinha. – Bem, agora é melhor voltar para casa, porque a minha mãe foi ao Hot Rocks ter com Mags e eu não gosto de deixar os cavalos sem supervisão durante demasiado tempo.

– Sim, também é melhor eu ir andando, embora hoje em dia Jake já não precise exactamente da minha companhia, agora que tem Kat!

– Eles ficam tão *amorosos* juntos – comentou Poppy, num tom lamechas.

– És uma romântica incurável!

Felix sorriu-lhe e o olhar de ambos pareceu encontrar-se e deter-se por um longo momento... Mas depois ambos piscaram os olhos como se aturdidos, desviaram o olhar e o momento – se é que houvera algum – quebrou-se.

Teria sido imaginação minha?

A terça-feira seguinte foi a primeira encenação da Sociedade de Reconstituição Histórica do Resmungas e Jake e Kat ofereceram-se para o deixar no salão da aldeia, a caminho da casa de Kat onde iam jantar com os seus pais. Tendo ficado inicialmente alarmados quando viram Jake pela primeira vez (já para não falar da sua relação com o Resmungas, quando tiveram conhecimento dela), tinham agora dado uma volta de noventa graus e pareciam estar a tentar adoptá-lo. Qualquer mãe de um filho adolescente compreende muitíssimo bem como eu me sentia por ter outra pessoa a tirar-me de cima dos ombros parte das minhas contas com a alimentação –

profundamente grata.

– Okay e depois, se me ligares, Resmungas, passo por lá para te ir buscar – disse-lhe.

Felizmente o seu gosto excêntrico por roupa significava que ele não tinha de procurar muito no seu guarda-roupa para encontrar algo adequado ao papel de John Dee – um boné bordado e com borlas e um manto de veludo longo serviam perfeitamente. Parecia ter nascido para aquele papel.

Antes de eles saírem, verifiquei como ele estava, um pouco como uma mãe ansiosa cujo filho sai para o seu primeiro encontro, certificando-me que tinha o meu número de telefone e algum dinheiro.

– Podes ter de usar o telefone público nos fundos do salão da aldeia e provavelmente também devem ter bebidas à venda – expliquei.

– Pobre de mim – disse ele –, parece-me que perdi o hábito dos compromissos sociais, mas tenho a certeza que vai fazer-me muito bem sair para o mundo de vez em quando.

Não tenho bem a certeza se a Sociedade de Reconstituição Histórica de Sticklepond pode ser considerada o mundo, mas já era um começo.

* * *

Foi Laurence Yatton quem me ligou mais tarde para dizer que já podia ir buscar o Resmungas e, quando o fui buscar, ele parecia ter-se divertido.

– Havia seis tipos de bolinhos, dois deles caseiros – disse aprovador, um *connaissanceur* de biscoitos. – Hebe Winter contou-me que quando disse à sua sobrinha, Sophy, que eu ia fazer o papel de John Dee, ela sugeriu que eu podia ir de vez em quando a Winter's End vestido a rigor, quando elas o abrem ao público. Iriam separar uma zona especial onde eu pudesse trabalhar e todas as pessoas iriam pensar que eu estava a traçar uma carta astral para a rainha, ou qualquer coisa desse género. Apenas durante uma ou duas horas, como um bónus especial para os visitantes. Já têm um Shakespeare que aparece ocasionalmente, tal como Hebe no seu papel de Isabel I.

– E tu farias isso? – Nos últimos tempos, o meu velho e recluso Resmungas estava constantemente a surpreender-me!

– Não vejo porque não o faria. Muitos daqueles que pertencem à sociedade também são Amigos de Winter's End e trabalham ali como voluntários com os seus fatos a rigor durante a temporada em que a casa está aberta, mas claro que eu não teria tempo para isso, pois vou estar muito ocupado com o meu próprio trabalho e o museu.

Percebi que ele estava a gostar muito de se imaginar naquele papel!

Ainda me sentia furiosa por Raffy ter voltado a irromper pela minha vida no momento em que esta começara a assentar numa rotina agradável e esse sentimento não parecia estar a desaparecer. Na verdade, cada vez que o via, o meu coração dava um salto repentino e começava a bater duas vezes mais depressa do que era habitual, algo que não me podia fazer bem.

Poppy e Felix deviam ter ficado intrigados (e possivelmente Raffy também) ao verem que um caso entre um rapaz e uma rapariga, que terminara há tanto tempo, ainda me estava a fazer agir daquela maneira, mas eu não lhes podia explicar o motivo. E embora me conseguisse forçar a *dizer* que perdoava Raffy, isso não ia extinguir a chama amarga e solitária que me ardia no coração por aquilo que se perdera, pois não?

Eu tinha a certeza que Raffy estava a tentar manter-se afastado do meu caminho, tal como eu me estava a tentar manter afastada do seu, mas claro que isso era impossível num lugar pequeno como Sticklepond. Ele passava a zumbir no seu pequeno *Mercedes* de três portas, nada adequado a um deus do *rock*, provavelmente a caminho de reuniões relacionadas com a igreja e a fazer visitas. Ele sepultava, baptizava e fazia orações, mas até ao momento ainda não casara ninguém (ninguém se comprometia até à chegada da Primavera); e todas as manhãs, muito cedo, passeava sem falhar o seu cão junto da minha casa. Eu sabia disto porque o observava por trás do cortinado da montra da loja. Ainda me parecia estranho ver o brilho branco do colarinho clerical junto da sua garganta, apesar de este estar apenas impresso na sua *T-shirt* preta: era um símbolo daquilo em que ele se transformara agora por mais improvável que me parecesse...

Segundo Poppy, Raffy ainda estava determinado a visitar todas as casas da paróquia, o que poderia vir a ser a obra da sua vida assim que chegasse à periferia dispersa e enveredasse pelo campo.

Ele e Felix tinham também iniciado uma amizade improvável. Encontrei Raffy na *Marked Pages* mais de uma vez, ainda que se apressasse sempre a sair quando eu entrava.

Embora ele tivesse contratado alguns homens para desbastar a selva que nascera nos jardins do presbitério, eu também o vira ali, a cortar arbustos demasiado grandes ao lado deles.

Parecia que, de repente, se tornara ubíquo... ou será que quero dizer onnipresente? Não, suponho que esse seja Deus. Enfim, era Raffy por toda a parte e um sucesso enorme, enorme – em especial entre as paroquianas. A princípio, podiam ter-se mostrado cautelosas, mas não conseguiam resistir àquele sorriso que fora a queda de muitas, como eu bem o sabia.

E, evidentemente, era um facto bem conhecido que um vigário solteiro, na posse de uma pequena fortuna, devia necessitar de uma mulher.

– O Raffy voltou a visitar o Resmungas no outro dia – contei a Poppy, apesar

de não lhe ter dito que ele olhara na minha direcção ao passar pela montra enquanto eu estava a trabalhar e daquela vez me ter acenado hesitante. – Eles parecem gostar de conversar, e até Zillah simpatiza com ele, desde que as cartas lhe disseram que tem um papel vital a desempenhar no que está por acontecer.

– Ele vê-se obrigado a desempenhar um papel em tudo, agora que é o vigário, não é verdade? – observou.

– Acho que ela se estava a referir à situação com Mann-Drake, embora possa ter interpretado mal o significado. – Suspirei. – O simples facto de saber que Raffy se encontra na região seria suficientemente difícil, mas ainda é pior vê-lo por toda a parte. Acho que já me deveria ter começado a habituar a isso, mas não habituei.

– Oh, não sei, estive a pensar no assunto e tenho a certeza que a maneira como te sentes agora não está apenas relacionada com *ele*, trata-se de uma série de questões não resolvidas – disse, surpreendendo-me de repente com um comentário perspicaz, como às vezes faz.

– O que queres dizer com isso?

– Bem, perdeste o teu primeiro amor, foste abandonada pelo segundo e, para todos os efeitos, a tua mãe também te abandonou.

– Sim, mas para começar, ela não era lá grande mãe.

– Talvez não, mas é natural que te tenhas ressentido com esse facto porque significou que tiveste de ficar em casa a tratar de Jake... Por isso, não estavas na universidade quando o Raffy voltou à tua procura.

– Na verdade, acho que Jake teria sobrevivido com Zillah e Resmungas se eu tivesse voltado para a universidade.

– Teria sobrevivido, mas não se teria dado tão bem, mesmo que conseguisses deixá-lo. E tenho a certeza que ele teria saído do trilho se o tivesses abandonado como a tua mãe fez.

– Talvez – admiti. – Ele saiu-se bastante bem, não saiu?

– É um rapaz adorável – disse ela, afectuosamente. – Já agora, tens alguma notícia de Chas quanto ao teste do ADN?

– Só um *e-mail* a dizer que me vem visitar dentro em breve, quando vier ao Norte tratar de negócios, por isso ainda não deve ter os resultados. Vai ser estranho vê-lo e não saber... – Voltei a suspirar. – É apenas mais um maldito assunto por resolver, não é? Mas espero mesmo que o Chas seja o meu pai, porque pelo menos ele preocupa-se um pouco comigo e eu gosto dele.

– Acho que, se conseguisses descobrir quem é realmente o teu pai e aceitar isso, se conseguisses perdoar a tua mãe por ser tão inútil e, por fim, perdoares Raffy por te ter desiludido há tantos anos, então de certeza te sentirias uma pessoa totalmente nova!

– Isso é pedir um pouco de mais! Acho que teria de *ser* uma pessoa

diferente – respondi com um sorriso amargo, sem lhe dizer que as cartas dos anjos concordavam pelo menos em parte com ela, já que continuavam a aparecer com a mensagem inequívoca de que devia perdoar a Raffy. Eu não as podia interpretar de outra maneira.

– Tu podias fazer isso – disse ela encorajadora – e, depois, talvez pudéssemos *ambas* procurar homens simpáticos, antes de eles terem desaparecido todos. Ainda *devem* existir dois na prateleira, não achas?

– Claro que existem... como o Felix – sugeri, sorradeira.

– Bem... sim, presumo que sim, porque ele é solteiro e não há nada de *errado* com ele, pois não?

– Absolutamente nada. Mas *eu* não quero um homem. Já me fartei deles. Nem filhos, porque Jake foi suficiente. Não, eu adoro o meu pequeno recanto com o *pub*, chocolate, amigos e um belo jardim do qual tratar.

Ao ver a sua expressão desanimada, acrescentei rapidamente:

– Mas de vez em quando podíamos ir um pouco mais longe, ou até juntarmo-nos a alguma coisa, para podermos conhecer novas pessoas?

– Há aulas à tarde e à noite no salão da aldeia – sugeriu ela, num tom de dúvida –, mas parecem ser apenas de coisas como dobrar guardanapos e fazer flores de papel.

– Acho que ainda nenhuma de nós atingiu esses níveis de desespero, não achas? – perguntei.

Zillah, tendo decidido que precisávamos de Raffy, tomou o assunto da reconciliação nas suas próprias mãos.

No dia seguinte, bateu à porta interna que conduzia ao museu, assomou a cabeça pela porta e anunciou em voz alta:

– Tens a visita de um cavalheiro!

De seguida, empurrou Raffy para dentro da sala e fechou firmemente a porta atrás dele.

– Desculpa incomodar-te – disse ele, parecendo simultaneamente surpreendido e inseguro quanto ao modo como seria recebido, o que era natural. – Vejo que estás ocupada e não *quis* entrar. Passei por cá, para entregar a Zillah uma coisa para ti, mas ela insistiu...

Naquele momento, eu já tinha recuperado do primeiro choque daquele aparecimento repentino, por isso respondi apenas:

– Não faz mal, não vale a pena resistir a Zillah quando ela decide que temos de fazer alguma coisa. Não faço chocolate todos os dias e neste momento só estava a cortar os Desejos que coloco no interior.

Vendo que não estava prestes a ser expulso de imediato, ele aproximou-se para ver.

– Eu imprimo-os nestas folhas de papel fino e brilhante e depois corto-os – expliquei. – Há muitos diferentes, assim não há duas caixas de Desejos de Chocolate idênticas. Faço uma selecção aleatória.

– Então como é que os introduzes dentro da concha de chocolate?

– Moldo as formas em duas metades, depois coloco um Desejo dentro de uma e colo a parte de cima com um pouco de chocolate derretido.

– É fácil quando se sabe fazê-lo.

– Sim, embora se tenha de usar chocolate suavizado, ou então pode surgir uma linha branca à volta do ponto de junção e estragar o efeito. – Eu estava a falar um pouco depressa de mais, enervada pela sua proximidade. E só quando ele se encontrava a centímetros de mim, a olhar-me, é que me lembrei como ele era tão alto... – Depois vendo-os em caixas de seis ou doze.

– Felix diz que os vendes às carradas e que por isso tens de ir todos os dias aos correios com várias encomendas.

– Sim, o número de pedidos aumentou depois de os meus Desejos de Chocolate terem sido referidos num artigo da revista *Country at Heart* e desde aí tenho feito publicidade na revista. Tenho de estar sempre a enviá-los, mesmo quando não são urgentes, e normalmente passo pela livraria de Felix no caminho de volta... é a atracção da sua nova máquina de café.

– Eu sei, também estou a começar a ficar com esse hábito, só que mais cedo, depois das orações da manhã na igreja.

– Tens de dizer orações todos os dias, de manhã e à noite?

– Não *tenho* de o fazer, mas *quero* fazê-lo, o que é muito diferente – disse ele com um sorriso. – Já agora, Jake não te contou que esteve no presbitério com a sua namorada simpática?

– Sim, e também me contou que estavas prestes a voltar para a casa principal.

– Já voltei, para um quarto e uma pequena sala nas traseiras, enquanto os decoradores acabam o resto. Jake é um jovem muito interessante... animado, inteligente e espontâneo. Fizeste um excelente trabalho com ele, porque ele não deve ter sido nada fácil.

– Não, podes ter a certeza que não era – concordei.

– Felix contou-me algumas das partidas que ele costumava pregar, muito inventivas!

Pensei que Felix lhe andava a contar *demasiadas* coisas!

– Agora já as ultrapassou e vai para a universidade este Outono, partindo do princípio que chega a exame e que consegue subir a nota. Mas, por sorte, a sua namorada é estudiosa. Vão candidatar-se às mesmas universidades, mas não sei como é que isso vai funcionar.

Raffy tinha naquele momento visto o feitiço de chocolate preso à porta do armário ao seu lado e estava a lê-lo.

– Interessante!

– Segundo o Resmungas, é uma espécie de encantamento mágico que os maias utilizavam quando faziam chocolate e que os conquistadores trouxeram com eles. Ele tem um amigo arquivista espanhol que está a catalogar os livros e papéis de uma antiga família nobre e encontrou lá o manuscrito. Ele e o Resmungas já decifraram a maior parte e agora insiste que o diga sobre todos os lotes de chocolate que faço para o melhorar.

– E tu dizes?

– Sim, ainda que não veja como pode causar qualquer efeito. Eles estão agora a trabalhar na última parte, embora possa ser um acrescento posterior. Só espero que não encontrem mais nenhuma depois dessa, ou terei de ficar a resmungar como uma bruxa por cima do caldeirão durante horas de cada vez que faço um novo lote.

Raffy riu-se, um som profundo vindo da garganta. Tinha-me esquecido da maneira como se ria, mas o som fez com que o meu coração voltasse a saltar. Percebi que me tinha descontraído lentamente enquanto estávamos a conversar e havia à minha frente uma pilha de Desejos cortados e brilhantes que não me lembrava de ter cortado.

Raffy enfiou uma mão no bolso do sobretudo preto e estendeu-me um pequeno pacote, embrulhado em tecido.

– Era isto que queria que a Zillah te desse. Andei à procura nos meus caixotes, porque sabia que estava ali algures. Quando estávamos na igreja a olhar para o vitral, Jake disse-me que adoravas anjos e, quando estive aqui, reparei que tinhas uma enorme quantidade deles, por isso... Bem, achei que gostarias de mais um para a tua colecção. Comprei-o no estrangeiro.

Desembrulhei o pacote, revelando um anjo requintadamente esculpido em madeira escura, talvez com uns sete centímetros e meio de altura, o seu belo rosto calmo entre um remoinho de caracóis delicadamente esculpidos.

– Mas deve ser muito antigo e, provavelmente, valioso – protestei, embora o tivesse cobiçado de imediato. Imagino que isso seja um pecado: as melhores coisas são-no sempre.

– A fita que o anjo segura diz *Pax* – observou, com um vestígio do velho e brilhante sorriso de Raffy. – Portanto, é uma oferta de paz e inteiramente adequado que fiques com ele. Uma oferta que não podes recusar.

E ele tinha razão porque, de algum modo, e embora o quisesse fazer, não o consegui recusar.

Saquinho Mágico

Continuei a olhar para o anjo. A sua expressão serena entre o remoinho de caracóis, semelhante à quietude perfeita no centro de uma tempestade, parecia resumir o modo como gostaria de me sentir, por mais inatingível que isso agora me parecesse. Pensara que, depois de nos mudarmos para ali, tinha conquistado uma fase calma, feliz, satisfeita na minha vida, até que Raffy aparecera e voltara a lançar tudo num turbilhão.

Mas acabei por chegar à conclusão que, ao aceitar o anjo dele, eu dera pelo menos um passo hesitante na direcção do perdão total e até poderia, finalmente, reconhecer que aquilo que acontecera entre nós no passado não fora totalmente culpa sua.

Quando o disse a Zillah, ela respondeu:

– Então, minha querida, se quiseses amanhã podes dar outro passo de gigante, porque disse a Raffy que eu e o teu avô vamos fazer-lhe uma coisa especial e convidei-o a visitar-nos da parte da manhã.

– De momento, chega-me um passo, obrigada! E que tipo de coisa especial é que tu e o Resmungas estão a preparar? Não é nada de desagradável, pois não?

– Não, antes pelo contrário – garantiu-me ela, misteriosamente. – Disse-lhe que a ia deixar contigo, porque vou sair de manhã e o Gregory não vai abrir a porta.

– *Sair?* Onde é que vais?

– Vou com o Clive Snowball fazer compras ao *cash-and-carry*, apenas pelo passeio... e talvez também por um frasco gigante de *pickles* e alguns biscoitos.

– Então Raffy pode vir buscá-la quando voltares.

– Não, ele pode precisar dela mais cedo – disse Zillah, ainda num tom misterioso e de seguida acrescentou: – É o seu aniversário dentro de pouco tempo.

Olhei para ela.

– O que tem isso a ver com o assunto?

– Absolutamente nada, Chloe, eu estava apenas a conversar – disse ela, e como era evidente que se encontrava numa das suas disposições mais obtusas, fui ver se conseguia que Resmungas me dissesse alguma coisa com sentido, o que convenhamos era esperar demasiado.

De manhã, ainda estava a embulhar as encomendas de Desejos de Chocolate do dia quando Raffy bateu discretamente à porta de Angel Cottage. Eu tinha intenção de lhe entregar o pequeno envelope almofadado que Zillah me dera

sem o convidar a entrar, mas corria um vento de início de Março amargamente frio e o cãozinho branco, que se encontrava junto aos seus pés, estava a tremer.

– Entra – disse-lhe, abrindo mais a porta.

Raffy hesitou.

– Não, não é preciso, obrigado. Não te queria incomodar e, além disso, tenho o *Arlo* comigo.

– Olha, importas-te de sair do frio? – ripostei. – De qualquer maneira, o Resmungas disse para eu me certificar que lias a nota que acompanha o pacote e *eu* não vou ficar à porta a congelar enquanto o fazes. E porque é que não arranhas um casaquinho para o teu cão? Ele parece gelado até aos ossos!

Na verdade, estava agora a tremer pateticamente aos meus pés e, quando me inclinei para lhe fazer uma festa, o cão lambeu-me a mão e lançou-me um olhar triste.

– O *Arlo* não consegue usar um casaquinho, arranca-os e depois come-os. Está a fazer esta fita por tua causa. Olha para ele, é tão guloso que tem uma camada de gordura de cinco centímetros para o manter aquecido.

De facto, o animal era tão gordo e lustroso como uma foca e assim que a porta se fechou, parou de tremer e pareceu quase presunçoso: eu fora manipulada. Na verdade, a história da minha vida.

– É melhor entrares para a sala de estar, porque eu não posso ter animais perto do chocolate.

– Mas vim interromper-te, estás bastante ocupada, e essa era a última coisa que queria fazer – protestou Raffy.

– Estou a embrulhar as encomendas, mas estou quase a terminar e vou sair dentro de instantes para a estação de correios. – De facto, mais dez minutos e já estaria a caminho quando ele batesse à porta, por isso ele teria de voltar mais tarde quando Zillah já tivesse regressado.

Ele seguiu-me e *Arlo* enrolou-se imediatamente em frente da lareira, como se pertencesse ali, embora as suas orelhas se virassem quando ouviu estalar o envelope que entreguei a Raffy. Provavelmente, esperava que fossem biscoitos.

Sentei-me e observei-o a abri-lo. Claro que o tinha apalpado e assim tinha uma ideia razoável daquilo que era. Tirou um saquinho pequeno, quadrado, olhou-o inexpressivo e de seguida passou-mo.

– Um saquinho de chá de ervas?

– Não me parece. É melhor leres a nota – sugeri.

Mas, ao olhar para o saquinho, vi que era exactamente aquilo que eu pensara: vários ingredientes – provavelmente ervas, mas talvez também algo um pouco mais repugnante – tinham sido pulverizados e, de seguida, envolvidos num pequeno pacote quadrado de papel, no qual o Resmungas

escrevera um feitiço. Zillah tinha-lhe então cosido uma cobertura de algodão branco.

– O teu avô escreveu: « Devo insistir para que ande sempre com aquilo que anexo no bolso da sua camisa, em especial quando esta tarde for visitar Mister Mann-Drake.» – Raffy ergueu os olhos. – Ele não diz porquê e, infelizmente, há um pequeno problema.

– Eu sei, tu não usas camisas com ou sem bolsos, não é? – perguntei.

Ele vestia uma *T-shirt* preta com o colarinho impresso, calças de ganga pretas e ténis e o casaco de cabedal comprido que Jake tinha admirado tanto quando o vira pela primeira vez com ele. Num dia como aquele, devia ter vestido outra camada de roupa, mais quente, em cima da *T-shirt*.

– Só visto uma camisa a sério em ocasiões oficiais, quando tem mesmo de ser. O outro problema com o presente do teu avô é que, presumivelmente, é algum tipo de feitiço de protecção que eu, como vigário, não deveria aceitar, embora tivesse sido uma atitude amável.

Fui para a cozinha ferver chocolate quente, mas estava apenas a dois passos, de modo que podia continuar com a conversa enquanto o fazia.

– Sim e pelo menos isso significa que, graças aos deuses, deixou de te desejar mal e tirou-te do seu sistema, antes de teres mais do que algumas contusões. *Disse-lhe* para ele não o fazer e também não lhe fez bem nenhum a ciática.

– Desejar-me mal? – perguntou ele, num tom de voz espantado. – Estás a querer dizer... quando o anjo caiu em cima de mim?

– E quando caíste no buraco. Poppy e Felix contaram-me tudo acerca disso. Acho que o Resmungas pensa que foi ele, mas possivelmente foi apenas uma coincidência.

– Uma série de acontecimentos infelizes? Mas, de qualquer maneira, obrigado por lhe teres pedido para não o fazer.

Arlo levantara-se e seguiu-me até à cozinha, presumivelmente na esperança de comida, mas ele estava tão gordo que ondulava sob o pêlo aveludado, por isso endureci o meu coração... e só lhe dei *meio* biscoito.

Levei as canecas de chocolate quente para a sala e pousei-as em cima da mesa feita com um tabuleiro de latão.

– Não vejo nenhum motivo para não andares com o feitiço, já que é um objecto de boa vontade, Raffy. Não te pode prejudicar, pois não?

– Acho que não. Poderia pregá-lo no interior do casaco.

– Isso seria bom, só que não o usas sempre e se não o tirares quando fores visitar Mann-Drake ele vai pensar que é estranho. Já sei, podes prendê-lo dentro do bolso das calças, só que vais ter de te lembrar de o tirar quando mudares de roupa.

– Sim, e tentar não assoar o nariz nele – concordou Raffy gravemente,

embora os seus olhos azuis-turquesa brilhassem com malícia. – E, Chloe, é bom ouvir-te dizer outra vez o meu nome!

O meu recém-nascido estado de perdão ainda era algo muito precário, ainda não chegara bem à fase de responder àquilo, nem me ofereci para o ajudar a pregar o feitiço, não se fosse dar o caso de me sentir tentada a espetar a agulha numa área delicada. Limitei-me a entregar-lhe a agulha em silêncio. Teria sido muito mais fácil se ele tivesse despedido as calças, mas claro que eu também não lhe ia sugerir *isso*.

Baixei os olhos para a sua cabeça curvada onde os caracóis longos e pretos tinham caído para a frente expondo a nuca, forte e pálida. Os seus ombros pareciam mais largos e as costas debaixo da *T-shirt* mais musculosas do que eu me lembrava...

– Gostava que não fosses visitar o Mann-Drake – disse involuntariamente.

Ele endireitou-se e afastou o cabelo do rosto com as mãos, num gesto que me era familiar.

– Porquê, não me digas que acreditas *mesmo* que ele tem poderes mágicos?

– Não, mas parece-me ser um homem horrível e também muito persuasivo.

– Acho que, provavelmente, isso resume o que eu costumava ser, não achas? Então, devo ser imune – disse ele, secamente.

– Nunca foste horrível ou mau, apenas jovem, hedonista e totalmente egocêntrico.

– Obrigado pelo elogio. Agora sinto-me muito melhor – disse ele, com um sarcasmo muito pouco cristão. Esvaziou a caneca e levantou-se. – Vou já sair para caçar dragões.

Arlo parecia querer ficar, o que estragou um pouco a saída grandiosa de Raffy. Acabou por ter de lhe pegar ao colo para o levar.

* * *

Senti-me muito perturbada depois de ele ter saído, o que não era de surpreender, e todas as minhas emoções e ideias estavam a alterar-se para novos padrões de um modo independente. Estava realmente muito tensa...

Felix conversava com clientes quando passei pela sua loja ao voltar dos correios, por isso não parei e dirigi-me directamente a casa e passei para o computador o último capítulo do livro do Resmungas.

Passado um bocado fui procurar Zillah lá a casa, que já voltara e estava sentada à mesa da cozinha a baralhar as cartas de tarô. Caixas de biscoitos, latas enormes de salada de fruta e frascos gigantes de *pickles* cercavam o esquilo consumidor urbano. Só esperava que ela não me fosse dar nada daquilo, embrulhado como um presente, para o meu aniversário, em especial,

os ovos em conserva.

– Então, deste o feitiço a Raffy? – perguntou ela, olhando para cima.

– Sim, mas aquilo é suficiente quando visitar Mann-Drake?

– Deixa de te preocupares. As cartas dizem que não lhe vai acontecer mal nenhum, por isso vai funcionar. O teu avô, Hebe Winter e Florrie Snowball criaram o feitiço entre os três. É poderoso.

Senti a tensão que carregara todo o dia a evaporar-se um pouco.

– Talvez *Deus* o tenha tornado invencível e não tenha nada a ver com o feitiço? – sugeri, e ela lançou-me um dos seus olhares.

– Podes perguntar-lho amanhã – disse ela, pois ia haver uma reunião geral dos habitantes da aldeia para discutir o futuro encerramento dos *courts* de ténis e da piscina pública e iam lá estar todos. Sticklepond nunca precisara de muito incentivo para festas, por isso após a reunião haveria chá, café e um bufê, onde todos poderiam conversar.

A tranquilidade de Zillah não me impediu de regressar mais tarde à High Street, sob o pretexto de dar a Felix um frasco da minha pasta de barrar de chocolate e gengibre, e detive-me junto dos portões do presbitério durante o tempo suficiente para ver que o pequeno carro prateado de Raffy estava estacionado em frente da porta.

Pelo menos, fisicamente, ainda estava inteiro e eu esperava, para bem dele, que a sua alma imortal também ainda se encontrasse em segurança.

E, com um pouco de sorte, mesmo que Mr. Mann-Drake tivesse tomado atenção ao que Raffy lhe fora dizer, estaria demasiado ocupado no futuro próximo com os seus esquemas para fazer dinheiro para tomar alguma atitude contra ele.

Saco de Coisas Sortidas

Para além da garantia de Zillah (que valia o que valia), eu soube que Raffy estava mesmo bem porque Poppy foi-me visitar depois da última reunião do conselho paroquial e contou-me que a visita que ele fizera a Mann-Drake fora um pouco desenhada.

– Quero dizer, não sei o que Miss Winter e o teu avô estavam a imaginar que iria acontecer a Raffy, mas ele só disse que Mann-Drake tinha sido educado, mas pouco comunicativo quanto às suas crenças pessoais e aos seus planos de negócios.

– Eu sabia que Mann-Drake não o transformou num sapo, porque ele não poderia ter conduzido o carro se tivesse pernas curtas e grossas e pés palmípedes – respondi e ela soltou uma risadinha.

– Não consigo ver Raffy como um sapo, e tu consegues? De qualquer maneira, formar-se-ia de imediato uma fila de mulheres com um quilómetro de comprimento, prontas para o beijar e transformá-lo de novo num príncipe. Effie Yaton seria uma delas. Chamou-lhe duas vezes «querido rapaz» na reunião e continua a levar-lhe comida.

Voltei a empurrar na sua direcção a caixa de trufas que estávamos a partilhar, ela escolheu uma coberta de nozes picadas e depois disse:

– Recebemos algumas notícias muito boas para os proprietários das casas no Green, aos quais Mann-Drake está a tentar extorquir dinheiro. O advogado de Miss Winter encontrou um caso semelhante que foi recentemente contestado com sucesso.

– Essa é uma boa notícia – concordei.

– Sim, e a lei dos direitos de passagem foi alterada depois disso, de modo que, se se tiver no mínimo durante vinte anos o direito de acesso através de terrenos comuns, ninguém te pode impor um imposto e é isso que se passa com todas as casas dali.

Peguei noutra trufa, uma de rum, mas, sentindo-me ligeiramente enjoada, voltei a colocá-la onde estava: uma pessoa pode até enjoar-se de bom chocolate. No entanto, a compleição de Poppy continuava de um rosa saudável, embora ela tivesse comido o dobro do que eu comera.

– Então, Mann-Drake não tem qualquer hipótese de êxito?

– Nem sequer uma pequena, verde e palmípede – concordou ela, alegremente. – O advogado vai enviar-lhe uma carta a referir isto, embora ache que provavelmente ele já sabe e que só estava à espera de aterrorizar as pessoas e fazer com que elas pagassem antes de descobrirem.

– Então, pelo menos, esse é um problema resolvido – disse eu.

– Vamos anunciá-lo na reunião de amanhã à noite, no salão da aldeia. Vais,

não vais?

– Sim, parece que vamos todos, e eu vou fazer um grande bolo de chocolate como a nossa contribuição para o bufê.

– Ah, que bom! Adoro o teu bolo de chocolate – alegrou-se ela, pegando numa última trufa e enfiando-a na boca, o que lhe fez sobressair a bochecha como um hamster. De seguida levantou-se e sacudiu o pó de cacau das mãos. – É melhor ir – disse com a boca cheia. – Vemo-nos amanhã!

Só voltei a ver Raffy na reunião, a não ser que contássemos os vislumbres rápidos e curtos de manhã cedo, quando ele passeava *Arlo* junto da minha janela, ou melhor, o arrastava pela minha janela, porque *Arlo* parecia sempre determinado a entrar.

Acho que me tornei uma *voyeur*.

Nós, Lyon, comparecemos em peso à reunião: o Resmungas, Zillah e Jake tinham decidido ir, e Kat estava lá com os pais, por isso íamos por fim conhecê-los e vice-versa. Janey chegou sozinha e até Clive Snowball lá estava; devia ter deixado a mãe e Molly a tratarem do *pub*.

Raffy presidiu à reunião, com todo o conselho paroquial, incluindo Felix e uma Poppy muito constrangida, sentados no palco a responderem a perguntas. Como de costume, foi Miss Winter que respondeu à maior parte das perguntas, embora de vez em quando tivesse graciosamente dado a palavra ao vigário.

Houve muita indignação quanto àquele desconhecido que se atrevia a entrar no seio da comunidade e a tentar mudar as coisas, embora um ou dois dos negócios locais que ele patrocinara fossem um pouco mais tolerantes.

– Eu mesmo falei com Mister Mann-Drake – disse Raffy – e ele mostrou-se determinado a vender o campo de ténis e a piscina para construção. Parecia confiante na obtenção da autorização de planeamento, porque os terrenos estão dentro do limite da aldeia.

– O clube de ténis júnior proporciona às crianças entretenimento no Verão – disse uma voz masculina do fundo da sala e depois outra pessoa acrescentou:

– É verdade, e a maioria de nós aprendeu a nadar na piscina e é aí que as guias e os escuteiros fazem o seu acampamento anual.

– O problema do clube de ténis é fácil de resolver – anunciou Miss Winter. – O vigário está a renovar o *court* nas traseiras do presbitério e ofereceu-se generosamente para nos deixar utilizá-lo.

– O *court* e o pavilhão devem estar prontos até final do próximo mês, quando termina o contrato de arrendamento do local actual – explicou Raffy. – Vou abrir o acesso pelo portão lateral através de Church Way e Miss Yatton ficará com as chaves e irá geri-lo como anteriormente.

– Na verdade, acho que será uma grande melhoria – afirmou Effie. – O

campo actual sofre de inundações durante o Inverno e por isso há sempre muitas limpezas para fazer na Primavera.

– Mas é claro! – exclamou Laurence Yatton. – É por isso que nunca se construiu nada no terreno dos *courts* de ténis... devido a inundações sazonais! E também afectam a extremidade do terreno da piscina. Tinha-me esquecido disso, e acho que Mann-Drake nem sequer o sabe já que não é desta região.

– Vamos ter de nos certificar que qualquer potencial promotor imobiliário está plenamente consciente disso – disse Hebe Winter, pensativa.

– Muito bem! Muito bem! – exclamou alguém e seguiram-se ecos à volta da sala.

– Eu posso falar com o meu primo Conrad – sugeriu Poppy. – Ele vai provavelmente ser o primeiro a saber se há interessados nos terrenos, já que é o principal agente imobiliário local... ou talvez possa descobrir.

– Isso seria verdadeiramente útil, muito obrigado, Poppy – agradeceu Raffy e ela corou de prazer.

– Não há uma linha no lado do pavilhão de ténis que marca os níveis mais altos das inundações? – perguntou Mike, o polícia da aldeia.

– Acho que só indica a altura da grande inundação de mil novecentos e trinta e seis – disse Effie. – Também há uma placa, mas a pintura desbotou.

– Então deve-se voltar a pintar para que se veja claramente – sugeriu Felix e alguém na sala ofereceu-se para o fazer.

A seguir, Laurence Yatton propôs que se organizasse um grupo para formar um piquete em frente da Câmara Municipal de Merchester, para protestar sobre o terreno da piscina pública; no final da reunião, havia um clima geral de ter sido declarada guerra e de estarem todos preparados para a acção, agora que sabiam qual a direcção a seguir.

O assunto principal da reunião terminou com Hebe Winter a agradecer gentilmente ao vigário da aldeia tê-los salvo no que se referia aos *courts* de ténis e também por ir pagar as reparações do anexo do salão da aldeia.

Gritaram todos entusiasticamente três vivas ruidosos e de seguida lançaram-se ao bufê enquanto Mr. Lees, que estivera sentado ao piano junto do palco com o seu *Labrador* preto estendido aos pés, levantou a tampa e tocou um *medley* dos Beatles, para grande espanto de todos.

Kat apresentou os pais ao Resmungas, que se mostrou muito simpático; a Zillah, que sorriu cintilante de orelha a orelha; e depois a mim, momento esse em que já pareciam um pouco atordoados, embora me tivessem dito que Jake era um excelente rapaz. De seguida saíram, levando-o com eles, o que provavelmente foi mais fácil do que tentar afastá-lo de Kat.

– Isto correu muito bem – disse eu a Felix e a Poppy, quando me aproximei deles junto da mesa do bufê. Felix enchera de tal modo o prato que este parecia um bolo de casamento. – Parece que os *courts* de ténis não vão ser o

bem imobiliário valioso que o Thomas Mann-Drake pensou que seriam, pois não?

– Não, e tenho a certeza que podemos conseguir muitos manifestantes com cartazes e cobertura nos jornais se algum construtor mostrar interesse na construção desses terrenos ou nos terrenos da piscina – concordou Felix.

– Sim... quero dizer, não é que estejamos contra qualquer nova construção em Sticklepond – comentou Poppy, com sinceridade –, só que estas parecem muito melhores quando espalhadas por aqui e por ali e não uma propriedade inteira cheia de pequenas caixas colocadas num único lugar. Vou ver se consigo que o Conrad seja o meu espião.

– Pergunto-me se teria havido casas no terreno da piscina antes da peste? – questioneei. – Vou pedir ao Resmungas para procurar isso num dos seus velhos mapas.

Reparei que Felix e Poppy pareciam estar mais próximos do que era habitual, embora não houvesse nenhum sinal de qualquer atenção especial entre ambos, por isso ou a poção de amor não funcionara, que foi exactamente o que eu pensara, ou então eu não deitara a suficiente. Mas ainda sobrara um pouco e eu tinha-a comigo...

– Vou buscar-vos mais café, antes que acabe – ofereci-me. – Volto num instante.

A multidão tinha-se diluído junto das grandes cafeteiras e, mantendo-me de costas viradas para a sala, consegui deitar as últimas gotas da poção em dois copos... descobrindo Zillah ao meu lado, a observar-me com interesse. Dei um salto, com uma expressão culpada.

– O que é que estás a fazer?

– A Poppy tinha uma poção de amor e eu roubei-lha, porque acho que ela e o Felix ficariam perfeitos juntos! – expliquei, a gaguejar. – Na outra noite, deitei algumas gotas nas suas bebidas, só que parece que não funcionaram e por isso estou a repetir.

– Estávamos todos à espera que tu e o Felix ficassem juntos, porque ele é um homem simpático e melhor do que aquele David. Mas agora vi nas cartas que as coisas vão funcionar de outra maneira.

– Não quero nenhum deles – respondi e depois percebi que Poppy e Felix se estavam a aproximar. – Chiu! Tomem o vosso café – disse-lhes, estendendo-lhes os copos. – Desculpem ter demorado tanto tempo. Comecei a falar com Zillah.

– Mas eu agora vou-me embora – disse Zillah –, só te vim dizer que Clive nos vai dar boleia para casa, a mim e ao teu avô, por isso não tens de te preocupar.

– O Resmungas foi a sensação da noite, não foi?

– Sim, ouvi várias crianças a perguntarem aos pais se ele era Gandalf ou,

ainda melhor, Dumbledore[15] – comentou Poppy.

– Consegui-te o último folhado de salsicha. – Felix estendeu-mo, embrulhado num guardanapo de papel gorduroso. Ele tinha três no prato, mas tem de se adorar um homem que se lembra de nos roubar um folhado sob o nariz das massas famintas.

Embora, na verdade, mais de metade das mulheres pertencentes a essa massa estivessem agora amontoadas à volta de Raffy, com Janey praticamente colada ao seu lado, como um cataplasma.

Como se tivesse sentido o meu olhar, ele virou de repente a cabeça e lançou-me um sorriso meio desesperado e, de certo modo, estranhamente íntimo...

Virei-me com brusquidão e disse alegremente aos outros:

– Ainda é cedo. Que tal irmos um bocado ao Falling Star?

Assim que Chas chegou no dia seguinte, percebi de imediato que ele já sabia quais os resultados do teste de ADN e que *não* eram boas notícias. Estava escrito por todo o seu rosto naturalmente lúgubre e parecia que todas as suas feições tinham deslizado, tristemente, como lágrimas.

No entanto, beije-i-o na face como habitualmente, fiz-lhe o chá indiano forte de que ele gosta e cortei-lhe uma fatia de bolo de fruta.

– Isto é mesmo bom – disse ele, olhando em volta da pequena sala de estar.

– E o negócio dos Desejos de Chocolate? Continua a florescer?

– Sim, estou a ganhar muito dinheiro e por uma coisa que adoro fazer, por isso não podia estar melhor. Faço ainda um pouco de secretariado para o Resmungas, que consigo encaixar no meu trabalho com bastante facilidade. Ele tem sido tão generoso e até me vai dar esta casa.

– Isso é excelente... uma casa tua! E o Jake está bem?

– Sim, por acaso tem andado a trabalhar muito, influência da nova namorada – respondi. Eu nunca pergantara a Chas sobre a sua mulher, ou filhos que eram todos adultos e tinham as suas vidas, e ele nunca me oferecera qualquer informação.

– Ótimo, mesmo ótimo... Fico feliz por estar tudo a correr bem – disse ele distraído e bebeu um gole de chá com uma expressão verdadeiramente miserável.

– Já tens os resultados do ADN, não tens? – perguntei, e ele assentiu. – E *não* és o meu pai biológico?

– Não – admitiu ele. – E não posso dizer que fosse um choque completo, porque sempre me questioneei a esse respeito ao longo dos anos, em especial porque nunca foste nada parecida comigo.

– Mas, apesar de tudo, ainda me vinhas visitar e trazer presentes?

– Bem, sim, mas *poderia* ter sido e, de qualquer maneira, comecei a gostar

de ti. E agora *sinto-me* como se fosse teu pai, mesmo que não o seja.

– És a coisa mais próxima de um pai que já tive e queria que fosses tu, Chas. Sempre foste simpático, embora não deva ter sido fácil, em especial quando a tua mulher descobriu tudo a meu respeito.

– Foi um momento difícil, mas ela perdoou-me – disse ele e sorriu tranquilizador.

É um homem tão bom, apesar do seu momento de fraqueza com a minha mãe!

– Mas, agora que sabemos que não és tu, e que a minha mãe mentiu a esse respeito, pergunto-me se ela também terá mentido quanto ao outro homem que estava a chantagear. O meu pai biológico pode ser alguém completamente diferente!

Ele olhou por cima da chávina.

– Quem é o outro homem, conheço-o?

Hesitei.

– Ele ainda continua casado e tem quatro filhos.

– Sinto por ele uma grande solidariedade e não o contaria a ninguém.

– Não, claro que não. Chama-se Carr Blackstock e é um actor shakespeariano, mas também fez algum trabalho na televisão.

Chas franziu a testa.

– Sim, acho que sei de quem estás a falar, embora nunca o tenha conhecido. Imagino que conheça amigos dos amigos dele, é um mundo pequeno. Posso apresentar-me e tentar falar com ele por ti. Gostarias que o fizesse?

– Oh, *farias* isso? Eu não sei como fazê-lo sem parecer que estou atrás de alguma coisa, ou prestes a armar um grande escândalo. Não o quero encontrar, ou ouvir, nem nada, apenas descobrir a verdade de uma maneira ou de outra.

– Vou fazer o meu melhor e depois digo-te qualquer coisa.

Zillah, que gosta de Chas, vira o carro estacionado à minha porta e foi cumprimentá-lo. Eu perguntara-lhe uma vez se o Resmungas desejara mal a Chas por lhe engravidar a sua única filha. Ela respondeu que as palavras «mosca» e «aranha» lhe vinham à cabeça, naquilo que se referia a Chas e a Lou, e que não valia a pena incomodarem-se com a mosca assim que esta caía na rede, porque era uma vítima condenada.

Depois de ela sair, Chas tirou do bolso um pequeno presente embrulhado e um postal e deu-mos antes de partir.

– Feliz aniversário com antecedência – disse, beijando-me na face e, estranhamente, naquele momento pareceu-me ser mais o meu pai verdadeiro do que nunca.

Combinámos que não íamos deixar que aquela descoberta alterasse as coisas entre nós, por isso, se Carr Blackstock fosse o meu verdadeiro pai, isso

até seria bom, porque era evidente que ele não queria ter nada a ver comigo.

Chas era suficiente como pai.

Nos últimos tempos, a minha vida estava a parecer-se com um saco de coisas sortidas, tal como a da minha mãe.

Depois de saber a verdade fui até ao Stirrups à procura de Poppy e de um ombro para chorar e por sorte encontrei-a sozinha. Vi Janey à distância num dos picadeiros, a treinar um cavalo baio numa manobra de adestramento estranha, que o fazia parecer como se estivesse a trotar sem sair do mesmo lugar.

Poppy foi muito simpática quando lhe contei os resultados do teste de ADN e compreendeu exactamente como eu me sentia.

– Eu também ainda esperava que fosse Chas, mas é adorável que ele ainda sinta o mesmo apesar de não o ser... que vocês os *dois* sintam o mesmo.

– Mas agora, e presumindo que ele concorda, tenho de passar pelo mesmo processo com o outro homem e até pode nem ser ele!

– Se ainda te lembras, Felix e eu achámos que existia uma semelhança entre ti e Carr Blackstock nas fotografias que nos mostraste. E Felix também o pesquisou na Internet e encontrou fotografias dele com a família, e és muito parecida com as suas filhas.

– Que sensação estranha! – Estremeci. – Mas, pelo menos se *for* ele, assim que o souber, posso simplesmente esquecer o assunto.

– Sim, vamos esperar que Chas o consiga convencer a cooperar.

– Dei a Chas uma carta, em que lhe garanto que a única coisa que me interessa é saber a verdade e que mantereis tudo em segredo.

– Para além de mim e do Felix.

– Claro.

– É estranho – disse Poppy, pensativa –, mas agora sinto sempre um enorme desejo de ir ter com Felix, embora não consiga imaginar porquê. Ele não anda preocupado com nada, pois não? Esteve aqui há bocado, por nenhuma razão em especial, por isso talvez me quisesse dizer alguma coisa.

– E não disse?

– Não, mas acho que o vou ensinar a montar.

– O quê, ao *Felix*?

– Sim, ele disse que sentira um impulso repentino para tentar alguma coisa nova. No entanto, vai ter de ser o *Atlas*, porque é o único cavalo que temos que é suficientemente grande para suportar o peso de Felix.

– Isso é uma grande mudança dos livros, não é? Regra geral, ele não é um homem impulsivo.

Ou não o fora até ao momento. Mas agora tanto ele como Poppy pareciam estar a agir de um modo estranho, como se compelidos a passar mais tempo

juntos, embora não exactamente da maneira que eu esperara. Mas desde que Felix não caísse do enorme *Atlas*, que tinha patas do tamanho de pratos de jantar, e não partisse o pescoço, então talvez se seguisse um romance.

– Já perguntaste a Janey se pode passar sem ti no meu aniversário? – perguntei.

– Sim, tudo bem. Mas o que é que vamos fazer?

– Decidi que chegou a altura de sairmos da nossa rotina e já planeei tudo. Vamos passar um dia no cabeleireiro, a maquilharmo-nos e a fazer compras em Southport.

– Mas... – começou ela a protestar.

– Já está tudo marcado – respondi, com firmeza.

– Mas, Chloe, eu não posso pagar...

– Janey vai pagar o teu. Perguntei-lhe e ela pensou que era uma ideia *estupenda*.

Ou começara a pensá-lo, quando eu tocara naquilo que devia ser o seu instinto maternal e apelara à sua consciência culpada ao sugerir que seria algo de positivo que poderia ajudar Poppy a encontrar o homem certo.

Poppy estava em pânico e não queria realmente ir, mas não pôde recusar quando eu lhe disse que se não fosse me estragaria o aniversário, porque eu não podia ir sozinha.

– Preciso de uma nova aparência ou pelo menos de refrescar um pouco a antiga – insisti e, os deuses que o digam, chegara o momento de Poppy gastar consigo uma fracção do cuidado e atenção que gastava com *Honeybun*.

– Então vamos bater as lojas de Lord Street e encontrar qualquer coisa nova para vestir.

– Precisas de alguma coisa nova?

– Nós, as *duas*, precisamos de alguma coisa nova para que, mais tarde, quando nos encontrarmos com o Felix no Falling Star, o deixemos assombrado!

Ela riu-se, a gostar da ideia.

– Se ele nos reconhecer.

Jovens Gastadoras

O Resmungas estava todo animado com a sua correspondência, porque o seu amigo espanhol conseguira traduzir a última parte do manuscrito.

– Agora é bastante óbvio que a parte que temos é a invocação maia original, conforme foi traduzida e trazida pelos conquistadores. O resto, que se encontra numa caligrafia diferente, deve ser um aperfeiçoamento feito um ou dois séculos depois.

– Presumo que o encantamento original, invocação, ou o que quer que seja, não tenha tido um grande significado quando o trouxeram, porque o chocolate só começou a ter sucesso muito mais tarde, não foi?

– Sim, o documento deve ter sido apenas considerado como uma curiosidade, até alguém o encontrar e anexar algumas linhas da sua autoria. Quanto a saber se ele acrescenta algo ao *poder* do original, não sei, mas eu experimentá-lo-ia com uma certa cautela, minha querida Chloe. Estás em segurança com a invocação original que os maias fizeram aos deuses para conceder ao chocolate poderes especiais. O restante... bem, lê-se mais como uma bênção. O autor pode muito bem ter sido um sacerdote e secretamente um praticante da Antiga Religião.

– *Okay* – concordei. Presumi que a parte extra não faria qualquer diferença, mas é estranho imaginar um velho, a versão espanhola do Resmungas, a fazer magia séculos atrás. Se ele também *era* sacerdote, então estava metido num jogo muito perigoso.

Decidi fazer uma prova cega de chocolate a Felix e Poppy. Ia fazer três lotes idênticos de chocolate: um, sobre o qual não diria nada; outro, com a invocação maia; e outro com o feitiço completo, incluindo o acréscimo posterior. Não me parecia que houvesse alguma diferença.

Entretanto, ia continuar a usar o feitiço original diariamente, o que não podia fazer mal nenhum.

A degustação do chocolate podia ser o entretenimento da minha noite de aniversário!

Digby Mann-Drake conseguira, de algum modo, insinuar-se no grupo de amigos locais de David, com quem ele se encontrava no Green Man, e convidara David bem como um ou dois companheiros para jantar no Badger's Bolt.

David ligou-me a perguntar se eu gostaria de o acompanhar e ficou bastante irritado quando recusei o convite, mesmo quando salientei que era o meu aniversário e que já tinha todo o dia planeado. Depois avisei-o em relação a

Mann-Drake, mas ele limitou-se a rir, de um modo condescendente, e disse:

– Não devias prestar atenção a boatos! És tão pouco sofisticada, não és, querida?

Espero bem ser, se a ideia de jantar com alguém que se excita por organizar em sua casa rituais de pseudomagia negra – condimentados com sexo, droga e, tanto quanto sei, *rock and roll* – não me parece uma saída agradável.

– Para além dos rumores desagradáveis, ele também é um crápula que gosta de fazer dinheiro fácil ou não soubeste disso?

– Ah, isso é apenas um negócio e não o podes culpar por tentar ganhar algum dinheiro honesto! E se no teu aniversário estás apenas a planear encontrar-te com os teus amigos no bar, então bem podes cancelar isso e acompanhares-me ao jantar, não achas?

– Claro que não. Vou jantar com a minha família antes de sair, como é habitual fazer – respondi. – O bolo de aniversário e essas coisas. E se tu tivesses um pouco de bom senso, também não te aproximarias de Mann-Drake.

Ele acabou por ficar um pouco irritado com aquilo e disse que ia convidar outra pessoa.

– Excelente ideia, David – disse-lhe num tom enfático, o que não acalmou exactamente a situação.

Fiz os chocolates para a experiência de degustação: corações sólidos, que coloquei em caixas de plástico marcadas com A, B e C.

Estranhamente, de todo o lote da invocação, só restou o chocolate suficiente para moldar as duas metades de um anjo grande e oco, embora eu tivesse a certeza que tinha usado quantidades iguais de ingredientes para os três!

Isso não é estranho?

Guardei-o, inacabado, até querer fazer uma leitura de anjo para alguém *mesmo* especial.

A minha manhã de aniversário começou muito bem. Jake conseguiu levantar-se da cama sem que eu o acordasse e ofereceu-me um adorável ursinho de veludo branco com asas de anjo e um halo prateado e torto.

– Comprei-o antes do Natal e acho que é para pendurar na árvore, porque tem um laço entre as asas – explicou ele.

– É perfeito! – exclamei, e levantei-me na ponta dos pés para o beijar na face, o que ele aguentou estoicamente enquanto devorava uma torrada barrada com chocolate, acompanhada por quase meio litro de sumo de laranja. De seguida, lembrou-se que Kat também me enviara um presente, um íman para o frigorífico que dizia, « Quem precisa de homens quando se tem chocolate? » Calculei que devia usar aquela frase com demasiada frequência...

Abri os meus outros presentes enquanto ele acabava de tomar o pequeno-almoço. O de Chas era um pequeno livro com dicas de jardinagem, com uma banda desenhada engraçada, e o de Zillah uma campainha de porcelana com o formato de um anjo. Parecia um pouco irreverente ter um badalo entre as saias, mas era bonito. Regra geral, há sempre uma espécie de tema anjo nos meus presentes e àquele ritmo em breve ficaria sem espaço para os expor a todos.

O presente do Resmungas era diferente – um medalhão de ouro com o formato de um grão de cacau cortado ao meio, num fio. Nunca vira nada parecido, por isso tinha a certeza que ele o devia ter mandado fazer, sobretudo porque parecia ser oco e emitia um som ligeiro ao ser sacudido... Pu-lo de imediato, apesar de ter de esperar até mais tarde para lhe agradecer e a Zillah durante o jantar de aniversário.

Assim que o dia nascera, eu embrulhara as encomendas urgentes de Desejos de Chocolate para as poder levar a correr à estação dos correios antes de ir de carro até ao Stirrups e apanhar Poppy para o nosso Dia de Beleza.

Quando cheguei, ela parecia extremamente nervosa. Mais parecia que estava a pensar que íamos arrancar um dente e não que íamos ser *mimadas*!

Quando voltámos, algumas horas depois, exaustas mas felizes, tínhamos passado um dia *maravilhoso*.

Não era algo que alguma de nós pudesse fazer de uma maneira regular – não éramos ricas –, mas seria divertido fazê-lo ocasionalmente e decidimos que o iríamos repetir mais ou menos de seis em seis meses.

Eu voltara com uma maquilhagem nova e subtil e cortara o cabelo num estilo mais curto e leve, que me ficava bem, embora o tivesse mantido na sua cor castanha muito escura e apenas estava mais brilhante. E as minhas sobrancelhas foram redesenhadas, o que causou uma diferença incrível. Quer dizer, eu gosto delas naturais, mas elas tinham começado a ficar *demasiado* naturais, como lagartas peludas em fuga.

No entanto, Poppy é que foi a verdadeira revelação. Tinham-lhe feito madeixas douradas no cabelo, que agora caía em caracóis longos e naturais, e já não tinha aquele frisado cor de areia húmida. Também fora maquilhada, embora em tons diferentes dos meus, pois era muito loura. Mas a diferença mais sensacional foi causada pelas suas pestanas e sobrancelhas, que tinham sido pintadas de castanho e que tornavam os seus olhos mais brilhantes e de um azul muito mais profundo.

Poppy tem uma boa figura, apesar de ser um pouco mais robusta do que a moda actual das mulheres com o formato de chupa-chupas dita, mas a roupa que usa todos os dias, os casacos e coletes almofadados, faz com que pareça que tem um peito pesado e uma cintura grossa, que na realidade não tem. As

suas tentativas para parecer elegante geralmente envolvem saias aos folhos e laços de gato, mas agora, com calças de ganga justas e escuras e uma bonita camisola de malha, estava adorável.

Tínhamos demorado séculos a encontrar vestidos que nos ficassem bem, já que os vestidos que estavam na moda se pareciam todos com batas plissadas, como se fossem roupa de bebé. O que é que acontecera à moda para adultos desde a última vez que a tinha procurado? Pensariam os estilistas que as mulheres com mais de trinta anos não compravam roupa? É por isso que subscrevo a *Skint Old Northern Woman* – é para mulheres verdadeiras, que não são necessariamente magras, adolescentes, ricas, que vivam em Londres, ou que sejam totalmente egocêntricas. Também faço aí publicidade aos meus Desejos de Chocolate, uma vez que eles são a sobremesa da mulher inteligente.

Acabámos por ir a uma loja conhecida por ter roupa mais personalizada e gastámos mais dinheiro do que em qualquer outro sítio num conjunto para cada uma. Eu só esperava que a conta bancária de Janey chegasse para aquilo. Não tinha a certeza quanto à minha, a não ser que o banco me tivesse dado mais algum crédito.

– Encontramo-nos no Falling Star às oito – disse eu, deixando-a no Stirrups ao fim da tarde, carregada de sacos de compras. – Não tires a maquilhagem, nem escoves os caracóis, nem faças *nada* à cara antes de eu chegar. E veste as calças de ganga escuras com o top branco e azul esvoaçante e o colar grande. Vamos poupar os nossos vestidos para uma coisa mesmo especial.

– Sim, chefe – concordou ela –, mas o meu cabelo está estranho.

– Não está nada estranho, está ótimo. Tens de continuar a usar o amaciador e o creme, porque agora de certeza que não podes voltar ao frisado.

– Na verdade, gosto da maneira como ele está – confessou.

– *Okay*, é melhor ir-me embora se não chego atrasada ao meu jantar de aniversário com a família, por isso vemo-nos mais tarde... e não te esqueças, esta noite é a prova cega de chocolate.

– Vai ser divertido!

Janey, que acabara de sair de uma baia com um balde, e o habitual cigarro pendurado ao canto da boca, deu um grito ao ver a filha. Enquanto me afastava de carro, tentei perceber se seria de alegria ou de desânimo por Poppy se ter transformado, de repente, numa versão mais jovem e fresca de si mesma. Ou talvez tenha sido uma combinação dos dois?

De volta à *cottage*, Zillah levava para dentro um ramo de flores que David enviara, um daqueles arranjos torturados que apresentam um par de orquídeas escuras e de aparência doente e um ramo de bambu retorcido. Acho que ele

não tem gosto nenhum.

Mesmo quando andávamos à procura de casa, o seu ideal de uma bela casa parecia-se mais com uma unidade fabril do que uma *cottage*. Se ele comprasse alguma casa ainda com as suas características originais, esta seria rapidamente estripada como um peixe, por isso ele bem podia continuar no seu apartamento minimalista.

Não era decididamente um homem de galochas e capoeiras.

Crioulo Puro

Zillah espetara as velas do meu aniversário (demasiadas) em cima de uma Pavlova[16] de limão e queijo, uma receita retirada de uma das suas revistas favoritas. Digamos que foi... interessante, mas apreciei o esforço e também lhe agradei e ao Resmungas pelos presentes. Eu usava o meu pequeno grão de cacau rente ao pescoço com a minha nova túnica plissada, de *chiffon* preto, e ele ficava muito bem com o cinto de argolas que colocara meio descaído sobre as ancas. A minha nova e enorme mala também era dourada – talvez devesse ter casado com um homem com o toque de Midas?

Poppy estava a sentir-se muito constrangida com a sua nova imagem e ligou-me depois do jantar para podermos ir juntas ao Falling Star. Jake, que estava prestes a sair para a casa de Kat, onde ia passar a noite, ficou estupefacto quando a viu. A minha não devia ter sido uma transformação muito espantosa, já que ninguém da família comentou a alteração do meu visual, apenas me disseram que esperavam que eu tivesse gostado do meu dia.

Quando Poppy e eu entrámos na sala privada, Felix estava de pé junto do bar. Olhou para cima com o seu habitual sorriso acolhedor e depois o queixo caiu-lhe e os olhos quase lhe saltaram das órbitas – e não era para mim que ele estava a olhar, mas para Poppy, toda rosa, loura e deliciosamente feminina.

– Poppy? – gaguejou.

Ela corou.

– Olá, Felix. Fui ao cabeleireiro... fomos as duas.

– Estou a ver que sim – disse ele devagar, ainda a olhar para ela. Acho que não me olhou com atenção nem por um instante e fiquei tão espantada com aquilo que a princípio nem reparei que Raffy estava sentado no nosso habitual lugar junto da janela.

Então Felix, recuperando a compostura com um esforço óbvio, perguntou-lhe o que é que ele queria beber e depois disse-me num tom ligeiramente desafiador:

– Convidei o Raffy. Agora está tudo bem, não está?

Antes que eu pudesse responder, Raffy já se tinha levantado.

– Na verdade, não vou poder ficar, obrigado. Não me queria intrometer na tua festa, Chloe, mas o Felix disse-me que era o teu aniversário e eu queria desejar-te muitas felicidades e dar-te isto.

«Isto» era um pequeno embrulho rectangular e é difícil dizer a alguém que se vá embora quando essa pessoa acabou de nos oferecer um presente... em especial quando a pessoa está parada à nossa frente, a olhar para baixo com olhos sérios e cheios de esperança, um pouco como um cão enorme que sabe que fez algo de errado, embora não saiba bem o quê, mas de qualquer

maneira espera ser perdoado.

– Não, fica – disse resignada. – Daqui a pouco vamos fazer uma prova cega de chocolate. Podes ser uma cobaia extra. Mas não me devias ter comprado um presente... Já me tinhas dado aquele anjo adorável.

– *Que* anjo adorável? – perguntou Poppy, quando nos sentámos à mesa.

Corei um pouco.

– Esqueci-me de te contar. No outro dia, o Raffy deu-me um anjo esculpido em madeira para a minha colecção.

– Sim, *esqueceste-te* mesmo de me contar isso... que amoroso – concordou ela, a olhar para mim de uma maneira estranha. – Devias ter visto as flores nojentas que o *David* lhe enviou, Raffy!

– Não eram nojentas, apenas estranhas – expliquei. – Prefiro um vaso de gerânios. Ah, e esta noite o David foi jantar ao Badger's Bolt com alguns dos seus amigos e convidou-me para o acompanhar! Contei-lhe como é que Mann-Drake era, mas ele não acreditou em mim. Acho que já se encontrou algumas vezes com ele no Green Man.

– Nunca teria pensado que ele era o género de homem que se envolvia nesse tipo de coisa – disse Poppy, mas estava claramente distraída pelo modo como Felix se estava sempre a virar junto do balcão para olhar para ela. Soltou uma risadinha. – Viste a cara do Felix quando entrámos? Pensei que ele ia desmaiar.

– Queres dizer, quando *tu* entraste. Ele mal olhou para *mim*.

– Esta noite estão as duas particularmente bonitas – acrescentou Raffy, divertido.

– E temos obrigação de estar, já que passámos quase todo o dia a arranjar o cabelo, a tratar do rosto e a comprar roupa nova – explicou Poppy. – Pensei que não ia gostar, mas, na verdade, foi muito divertido.

Felix voltou do bar e distribuiu as bebidas.

– Sumo de laranja? – perguntei a Raffy.

– Não é que seja um alcoólico recuperado, ou qualquer coisa desse género, só que, acho que já o referi, decidi de repente que já não gostava muito de álcool, excepto cerveja. Só demorei metade da vida para o perceber e agora até da cerveja desisti por causa da quaresma.

Depois vi o que o Felix nos tinha trazido, a mim e a Poppy.

– Porque raio nos trouxeste *Babycham*?

– Foi a coisa mais parecida com champanhe que consegui – explicou ele.

– Eu *gosto* de *Babycham* – disse Poppy, e sorriu-lhe.

Ele pestanejou, ainda a olhar para ela com uma expressão intrigada.

– Ainda não me consegui habituar ao vosso novo visual. É como se nunca vos tivesse visto.

Ela corou e eu disse:

– Estás a constrangê-la. Desiste.

– Vocês as duas ainda estão mais ofuscantemente belas do que antes – disse Raffy numa voz séria. – Quem me dera ter trazido os meus óculos de sol.

Poppy riu-se e disse:

– Acho que nunca *fui* bela, mas Chloe está sempre bonita, mesmo quando não está a tentar sê-lo.

– Isso é verdade – concordou ele.

– Agora és tu que *me* estás a constranger – protestei.

Felix ofereceu-me o seu presente de aniversário – um romance de Georgette Heyer com a sobrecapa original e, como Poppy já me dera o dela mais cedo (um espanta-espíritos de bambu para o meu jardim, que emitia um som suave, adorável e musical), só me restava o de Raffy: uma pequena reprodução emoldurada de um daqueles quadros mágicos e misteriosos de Richard Dadd.

– É Oberon e Titânia e, não sei porquê, achei que ias gostar dele – explicou Raffy.

– E gosto, muito. Obrigada. – Era estranho que Raffy, que eu conhecera durante pouco tempo (embora com grande intensidade) e há tantos anos, tivesse instintivamente escolhido algo de que eu iria gostar, enquanto David não fazia a mínima ideia dos meus gostos e tinha, provavelmente, telefonado a uma florista e dito para ela escolher o que quisesse.

Raffy esvaziou o copo.

– Bem, mas como disse antes, não tinha intenção de ficar, por isso vou deixar-vos e desejo que se divirtam durante o resto da noite.

– Não, não vás... come um chocolate – insisti, batendo numa das pequenas caixas de plástico que pousara em cima da mesa, um pouco como Poppy faz quando deita aveia num balde para tentar apanhar *Honeybun*.

– A sério? – Ele deteve-se incerto, erguendo uma sobrancelha escura.

– Sim, a sério. Preciso de outra cobaia para uma experiência.

Raffy foi buscar mais uma rodada de bebidas, baixando a cabeça para evitar as vigas baixas e parecendo-se um pouco com Gulliver em Lilliput. Através do vidro da porta vi Zillah no bar público e ela acenou-me. Se estava outra vez a jogar às cartas, era melhor que eles tivessem cuidado.

Quando Raffy voltou, iniciámos a degustação do chocolate.

– Bem, eu quero saber de qual destes três tipos de chocolate vocês gostam mais. Marquei A, B ou C em pequenos autocolantes sobre as pratas, para que as possam pôr por ordem de preferência. Bom, podem começar.

Eles começaram sobriamente, mas passados instantes Felix e Poppy estavam a dar um ao outro pedaços de chocolate e a tornarem-se verdadeiramente idiotas, e os dois *Babychams* e as duas canecas não podiam ter qualquer responsabilidade nisso.

No entanto, Raffy estava a levar aquilo a sério.

– Não estás a comer nenhum – comentou ele.

– Isso é porque os identifico.

– Mas não deves ter conseguido decidir aquele de que gostas mais ou então não estaríamos a fazer este teste, pois não?

Quando abri a boca para responder, ele partiu ao meio o coração que estava a segurar e enfiou-me metade na boca. Claro que não o poderia cuspir, apesar de ouvir Janis Joplin na minha cabeça a cantar «Take Another Little Piece of My Heart» [\[17\]](#), de modo que o mastiguei e engoli. Era, embora seja eu a dizê-lo, um chocolate perfeito.

– Qual foi?

– O B – disse ele suavemente, os seus olhos fixos nos meus. – O meu favorito... escuro, adorável, perfumado, delicioso...

– Também é o nosso – interrompeu Poppy num tom animado e, quando olhei, os três tinham colocado as pratas na mesma ordem.

– Portanto, é B, A e depois C?

– Parece que sim – disse Raffy. – Vais agora dizer-nos qual a diferença entre os três tipos de chocolate?

– Oh, eles são todos exactamente iguais, não são, Chloe? – perguntou Poppy.

– A única coisa que não é igual é que ela disse versões diferentes de um feitiço maia de chocolate sobre cada lote.

– Sim, embora não tivesse dito nada sobre um dos lotes, o C. Disse o feitiço completo sobre o A e depois acrescentei a bênção especial sobre o último lote, o B, que o Resmungas e o seu amigo espanhol acabaram de traduzir.

– A diferença é *mesmo* só essa? – perguntou Raffy. – Isso é... surpreendente.

– Para dizer o mínimo – concordou Felix. – Deves ter feito alguma coisa de diferente ou acrescentado apenas um pouco de outro ingrediente?

– Não, não usei; usei a mesma mistura e quantidade de chocolate para a cobertura, aquecida e suavizada à mesma temperatura, e durante o mesmo período de tempo. Também não o consigo compreender.

Mordisquei mais um pouco do chocolate das caixas A e C, a passar distraidamente a Raffy o que restava, e concordei que o B não era apenas extraordinário em sabor, também parecia mais brilhante que os outros e soltara um estalido mais nítido quando o parti.

– Acho impossível acreditar que um antigo feitiço consiga alterar o sabor do teu chocolate – comentou Raffy.

– Oh, mas o negócio dos Desejos de Chocolate só começou realmente a florescer quando Chloe começou a dizê-lo sobre o chocolate derretido – informou Poppy – e essa era apenas a *primeira* parte! Então é óbvio que o feitiço completo deve fazer a diferença.

– Eu acho que o florescimento dos Desejos teve mais a ver com a Internet e

com o artigo na revista *Country at Heart* – concluiu Felix.

– Sim, e agora desde que faço regularmente publicidade na *Country at Heart* e na *Skint Old Northern Woman*, ainda tenho mais encomendas.

– Mas eles têm todos sabores completamente diferentes – referiu Raffy, devagar.

– Sim, e nós não conseguiríamos distinguir *todos* esses sabores se pensássemos que são o mesmo chocolate – disse Felix.

– Isso é verdade. Então provámos que a magia funciona mesmo! – exclamou Poppy. Tinha os olhos brilhantes e as faces tão coradas que eu não sabia se ela deveria voltar para casa a conduzir.

Reparei que Felix tinha o braço apoiado nas costas da sua cadeira... enquanto Raffy olhava para mim com um vestígio daquela expressão de cão-à-espera-de-ser-perdoado, confusão e esperança misturadas.

Não ficámos até muito tarde e, quando saímos para o frio ar nocturno, encontrámos uma espécie de noite mágica: havia muitas estrelas no céu aveludado e tinha tudo um cheiro revigorante, limpo e esperançoso.

– Alguém quer vir à Marked Pages beber uma chávena de café ou alguma coisa mais forte? – perguntou Felix, hospitaleiro.

– Eu adoraria – disse Poppy. – Há séculos que não tenho um dia inteiro de folga.

– Acho que vou dar a noite por terminada. Parece que hoje fiz demasiadas coisas – respondi.

– Eu também e acompanho-te a casa, já que vou na mesma direcção – disse Raffy.

Era pouco provável eu poder ser assaltada nos escassos metros entre a esquina onde os outros dois nos deixaram e a porta da minha casa, mas só precisei de metade da distância para decidir que havia uma coisa que tinha de fazer – e que tinha de fazer *naquela* noite.

– Entra – disse, interrompendo a meio a despedida de Raffy e abrindo a porta. – Isto é, se não tiver importância os vigários poderem ser vistos a desaparecer nas casas de mulheres solteiras, assim que saem à noite dos *pubs*...

– Fui ordenado, não elevado à santidade, e acho que não é motivo para excomunhão se o vigário também for solteiro. – Baixou os olhos sobre mim, com uma expressão ligeiramente confusa. – Mas, de qualquer maneira, o Jake está em casa para servir de pau-de-cabeleira, não está?

– Não, esta noite ele vai ficar em casa da namorada. Acho que agora os pais dela o querem adoptar.

Levei-o através da oficina até à sala de estar, acendendo as luzes à medida que avançava e deixei cair o casaco e os presentes de aniversário na cadeira mais próxima. Depois virei-me para o encarar.

– O que é que se passa, Chloe? Queres que tente arrancar o teu namorado das garras do Mann-Drake? – perguntou, intrigado.

– O quê? Ah, estás a referir-te a David? Não, não tem nada a ver com ele. Só que... bem, há uma coisa que não te contei, uma coisa a *nosso* respeito.

Com os olhos fixos no meu rosto, ele disse devagar:

– Sabes, fiquei com a ideia que poderia haver mais alguma coisa, mas não conseguia imaginar o quê.

Nessa altura, comecei a sentir a minha determinação a desaparecer lentamente, mas como tomara a iniciativa, agora estava decidida a terminar.

– Poppy disse-me recentemente que eu estava a lançar sobre ti todas as culpas do que corraera mal na minha vida, e tinha razão.

– Bem, algumas coisas foram provavelmente culpa minha e, se serve de consolo, acho que não houve muitas semanas desde que nos separámos que eu não me tenha arrependido de te ter perdido, Chloe.

– No entanto, isso não te fez viver como um monge, pois não? – ripostei bruscamente, esquecendo por instantes toda aquela coisa do perdão.

– Não – disse em voz baixa –, não fez.

Afastei-me e comecei a andar de um lado para o outro, mas depois virei-me e encarei-o.

– Olha, a Poppy pensa que eu só vou ser feliz se me conseguir reconciliar com tudo, por isso aí vai. Como te contei, assim que regressei da universidade percebi que não podia voltar a deixar o Jake. Mas também descobri outra coisa... que estava grávida.

Ele pareceu ficar estupefacto e a sua complexão naturalmente pálida ficou lívida.

– Isso explica muita coisa... explica *tudo*. Oh, Chloe!

– Nós fomos um pouco descuidados naquela última semana, não fomos? Todas aquelas discussões e reconciliações – disse eu com tristeza, embora as lágrimas me picassem dolorosamente os olhos. – Não era algo que pudesse escrever numa carta, mas pensei que, quando viesses à minha procura, eu poderia falar-te do bebé e que de alguma maneira poderíamos resolver as coisas. Não consigo imaginar como... Eu não podia ter abandonado o Jake e tu não ias querer ficar com duas crianças quando estavas a começar a tua carreira!

Raffy afundara-se numa cadeira, a cabeça entre as mãos, mas ao ouvir aquilo olhou para cima.

– Mas eu nunca voltei e em vez disso recebeste a carta de Rachel... Mas o bebé – perguntou ele de repente. – Tu não...?

– Não abortei. Ainda nem tinha chegado ao ponto de me perguntar se o queria ou não, quando tive um aborto espontâneo, logo depois de receber a carta de Rachel.

– Não te culparia se tivesses decidido fazê-lo – disse ele, suavemente.

– Só Zillah sabia, porque me ajudou e, como foi tão no início, tudo terminou depressa... E eu queria-o, mas só o compreendi quando o perdi!

A minha voz interrompeu-se e as lágrimas que se tinham acumulado começaram a correr-me lentamente pelo rosto. Raffy levantou-se de um salto, aproximou-se rapidamente e apertou-me nos braços.

– Oh, querida, sinto *muito*! Sinto muito, muito! Eu devia ter pensado nisso!

Soltei um suspiro e encostei a cabeça ao seu ombro largo, sentindo-me esgotada e vazia.

– Não sei como te compensar – disse ele, impotente.

– Não o podes fazer, é passado.

– Mas como é que me podes perdoar verdadeiramente? E poderei eu perdoar-me a *mim* mesmo?

Senti os seus lábios a roçarem-me o cabelo e inconscientemente ergui os meus e encontrei os dele num beijo longo, demorado. Os seus braços apertaram-se à minha volta e o tempo parou, com o passado temporariamente esquecido...

De repente, ele afastou-se.

– Oh, Deus, não sei o que estou a fazer! Eu não queria... Oh, *raios*, parece que não consigo fazer nada, só consigo pedir desculpa! – Afastou o cabelo do rosto pálido com as duas mãos, daquela maneira dolorosamente familiar.

– Eu... está tudo bem – respondi, um pouco atordoada.

– Não, não está *nada*. Pensar que *estive* zangado *contigo* durante todos estes anos e no entanto... – Voltou a interromper-se. – É melhor ir. Mas, pelo menos, agora compreendo e prometo não te voltar a incomodar, vou manter-me longe do teu caminho, o máximo que me for possível.

– Não, a sério... sinto-me muito melhor agora que está tudo esclarecido entre nós – protestei e de repente percebi que era verdade. Foi como ver uma nuvem escura a erguer-se, revelando uma ponta de luz.

– És muito corajosa e tolerante mas eu sinto-me um miserável, um condenado, e tenho de ir rezar.

Pensei que ele também teria algumas blasfémias nas quais pensar, mas não o disse, pois já parecia suficientemente perturbado.

Voltou a beijar-me, mas agora muito castamente na testa, enquanto me apertava o rosto entre as mãos, depois saiu para a noite como um espírito perturbado.

A brisa trouxe o som fraco de uma fuga de Bach vinda da direcção da igreja, para onde ele se dirigia. Pensei que combinava maravilhosamente com o seu estado emocional.

E é bem possível que, afinal, ele não seja uma mistura de cacau barato, mas chocolate crioulo.

Sozinha em Casa

Acordei após um sono profundo e sem sonhos para uma casa vazia, pois Jake ainda estava com Kat. Sentia-me... Não o sabia bem... talvez vazia, e como se me tivesse submetido a uma enorme catarse, o que possivelmente era verdade.

Mas também sentia como que uma antecipação, como se estivesse prestes a embarcar numa nova fase da minha vida. Na noite anterior, conseguira rastejar para fora do meu desprezível casulo de raiva, amargura e culpa para emergir, se não como uma borboleta despreocupada, pelo menos como uma traça decente. Poppy tinha razão: eu podia agora seguir em frente.

No entanto, e infelizmente, a noite anterior também me revelara como seria fácil voltar a apaixonar-me por Raffy, se me recordasse do modo traiçoeiro como o meu corpo respondera ao dele. Fora *ele* a interromper o beijo, não eu. De facto, provavelmente fora *eu* a beijá-lo e não o contrário.

Mas agora que tinha reconhecido o perigo que existia, podia acautelar-me contra ele, porque nem pensar em cometer os mesmos erros. Teria de deixar bem claro que a única coisa que queria era uma amizade e depois o beijo podia ser esquecido.

Raffy retomou o seu habitual passeio da manhã com *Arlo*, mas não olhou para Angel Cottage. A pele pálida e translúcida do seu rosto parecia de novo sombria, e estava escura sob os olhos como se não dormisse muito, embora desta vez eu sentisse pena ao vê-lo.

Arlo mostrava-se amistoso e era óbvio que queria atravessar a rua e fazer-me uma visita. Desconfio que ele marcara todas as casas onde lhe fora oferecida comida.

Poppy ligou-me mais tarde, e deduzi que ela estava a dar a primeira das suas aulas de equitação da manhã, no picadeiro interior, já que ouvia o bater surdo de cascos em serradura como ruído de fundo e de vez em quando ela afastava a boca do telefone e gritava coisas como, «Mudar de pernas!», «Trotar, George!» e «Kimberly, senta-te *direita!*».

– Então, divertiste-te no teu aniversário? – perguntou ela, entre ordens.

– Sim, adorei tudo... e não é que o Felix ficou surpreendido quando te viu?

Ela soltou a sua gargalhada contagiosa.

– Acho que, na verdade, ele nunca me tinha visto como *mulher*.

– Não, mas agora já viu e, se continuares assim tão bonita, também não será o único. Sinceramente, se basta um penteado novo e um pouco de maquilhagem, isso só mostra como os homens são superficiais.

– Para ser sincera, eu também nunca tinha olhado Felix sob outra luz, excepto como irmão, mas, quando o olhamos objectivamente, até é bastante atraente, não é?

– Muito – disse encorajadora, embora na verdade «atraentemente caseiro» fosse uma descrição melhor. – Por acaso, quando no outro dia me falaste das qualidades que gostarias que o teu Senhor Certo tivesse, percebi de repente que o Felix as tinha todas. Não é estranho?

– Hum... – disse ela, pensativa. – Mas houve uma altura em que pensei que ele estava de olho em ti.

– Se estava, já não está.

– Dormi na *Marked Pages*, ontem à noite – disse ela, pensativa.

– O quê, com o Felix?

– Não *com* o Felix. Adormeci no sofá e ele tapou-me e deixou-me ali. Hoje de manhã, saí muito cedo, antes de ele acordar, e voltei para casa; e a minha mãe nem sequer se tinha apercebido que eu não estava. Não bebi assim tanto, por isso acho que o teu chocolate teve um efeito muito estranho sobre mim!

– Acho que também teve um efeito muito estranho sobre mim – confessei.

– Fez-me sentir como se tivesse bebido muito champanhe e fosse tudo brilhante e mágico... e esta manhã ainda me sinto um pouco assim. Tu não?

– Não, apenas me fez compreender tudo claramente pela primeira vez, talvez um pouco como quando Raffy se virou para Deus.

– Talvez tenha um efeito diferente em pessoas diferentes? – Desatou a gritar: – Kimberly, levanta-te e volta a montar imediatamente! Não, não estás em choque. As pernas do *Butterfly* só têm trinta centímetros de comprimento, não caíste de uma altura assim tão alta.

– Ela caiu? – perguntei.

– Ela escorrega sobre as espáduas sempre que ele pára, é por isso que lhe dou um *Shetland*. O que é que estávamos a dizer?

– Que achas que o meu chocolate te provocou o mesmo efeito de demasiado champanhe.

– Foi aquela caixa B. É melhor teres cuidado a quem a vendes!

– Eu não desatei a soltar risadinhas, nem comecei com nenhum *flirt*.

– Não, mas de repente parecias estar a dar-te melhor com o Raffy. Eu vi-vos a porem corações de chocolate na boca um do outro! E deixaste-o acompanhar-te a casa.

– Alguns metros do outro lado da rua? Embora, na verdade, o tivesse convidado a entrar, porque precisava lhe dizer uma coisa – respondi e depois também lhe contei sobre o bebé que perdera; e as ordens que ela dava aos seus alunos para mudarem de pernas ou trotarem misturaram-se com exclamações suaves de, «Oh, meu Deus!» e «Pobre Chloe, mas porque nunca me contaste?»

– Não estavas cá e na altura que voltaste eu já não queria falar do assunto. Agora que o ar está limpo e ficou tudo esclarecido, sinto-me melhor, mas infelizmente acho que o Raffy foi na direcção contrária. Ele parecia verdadeiramente afectado e correu para a igreja para rezar.

– Bem, ele é vigário, é assim que eles lidam com as coisas.

– Suponho que seja. E agora que ambos sabemos de tudo, perdoei-lhe e posso esquecer o passado, como tu e o Felix me disseram para fazer. Mas o Raffy não pareceu compreender isso, porque disse que iria fazer o possível para me evitar. E, já agora, não fales a Felix sobre o aborto, está bem? Zillah é a única outra pessoa que sabe... pelo menos, *acho* que é. Ela é capaz de ter contado ao Resmungas.

– Não lhe conto nada, a não ser que digas que o posso fazer, embora isso o ajudasse a compreender, pois temos andado os dois muito intrigados com o motivo por que ainda não tinhas ultrapassado o assunto, já que é óbvio que a culpa foi de Rachel mais do que de qualquer outra pessoa.

– Sim, o meu perdão não se estende a ela. Nem tenho a certeza se alguma vez estenderá.

Ouvi um uivo angustiado.

– É melhor ir – disse Poppy, resignada. – *Butterfly* fartou-se e está parado em cima do pé de Kimberly, parecendo teimoso como uma rocha e não o posso culpar.

Contei ao Resmungas da prova cega de chocolate e que Poppy estava convencida que o feitiço completo dava ao chocolate poderes mágicos extraordinários e ele disse aprovador:

– Essa rapariga não é tão estúpida como pensei que fosse.

– Ela não é nada estúpida – respondi, indignada. – É apenas inocente e confia nos outros, embora isso seja surpreendente, considerando que foi Janey quem a criou.

– Hum. E disseste que o vigário também lá esteve ontem à noite?

– Sim, e depois convidei-o a vir até à *cottage*. Já esclarecemos as coisas entre nós, Resmungas, não há mais segredos. Coloquei o passado atrás de mim.

– Colocaste, não colocaste? – disse ele, com um dos seus olhares argutos, confirmando a minha crença de que Zillah lhe contara tudo, há muito tempo. Então, e para minha surpresa, ele acrescentou: – Ótimo, ótimo... Acredito que o seu castigo já o encontrou, por isso agora pode mos todos concentrar-nos em remover aquele Mann-Drake do nosso meio.

– Zillah disse que precisávamos de Raffy para isso. Ele seria vital.

– É certo que ele tem um papel a desempenhar. Quanto ao chocolate, talvez seja melhor teres cuidado ao usar a bênção adicional – concluiu o Resmungas, pensativo. – Reservá-lo para destinatários especiais.

– Sim, eu já tinha decidido usar apenas a parte maia para os Desejos de Chocolate.

É claro que não pensava que o meu chocolate tinha mesmo propriedades mágicas, mas era melhor prevenir do que remediar.

Quando entrei na Marked Pages depois de enviar as minhas encomendas, Felix perguntou-me, um pouco indignado, o que é que eu dissera a Raffy que o deixara tão perturbado, porque, quando o vira depois das orações da manhã, ele parecia estar muito em baixo e quase melancólico.

– Nada! Tanto quanto sei, o passado é agora passado, está tudo esclarecido, ele é apenas o novo vigário e nada mais que isso. Era o que tu querias, não era? Estou pronta para recomeçar e para que possamos ser amigos.

– Foi isso que lhe disseste? Então porque é que ele parece estar tão em baixo?

– Não faço a mínima ideia – respondi, mentindo.

– Ah, não? – replicou ele, num tom sarcástico. – Ele disse que agora compreendia porque é que não o querias ver e que se ia manter afastado do teu caminho o máximo possível. E depois acrescentou que te desejava toda a felicidade do mundo com o David. O que é que ele quis dizer com isso? Vocês não estão outra vez comprometidos, pois não?

– Continuo a dizer a toda a gente que sou apenas amiga do David, nada mais que isso. Sinceramente, acho que nem me ouves! E, na verdade, embora adore ver casas, acho que já vi as suficientes e, de qualquer maneira, não tenho tempo porque estou a receber cada vez mais encomendas de chocolate.

– Mas o David...

– Olha, podemos esquecê-lo? – sugeri, cansada. – Vamos falar de *ti*. Poppy disse-me que passou aqui a noite.

Ele corou.

– Ela dormiu no sofá e achei que seria uma pena acordá-la. Mas foi-se embora tão cedo que nem a vi sair. Ela está bem?

– Sim, está ótima. Falei com ela hoje de manhã, quando estava a dar uma aula.

– *Eu* tenho a minha primeira aula esta tarde. Até vou fechar excepcionalmente a loja.

– Prepara-te para comer as tuas refeições em pé durante as próximas semanas – aconselhei-o.

– É assim tão mau?

– Acredita em mim, vais usar músculos que nem sabias que tinhas. Mas vais conseguir um traseiro firme.

– Já o tenho – disse ele com dignidade.

David passou inesperadamente pela *cottage*, para me pedir desculpa por ter sido um pouco brusco comigo quando me recusei a acompanhá-lo ao jantar do Mann-Drake.

– Não faz mal – respondi com sinceridade. – E obrigada pelas flores encantadoras.

Na verdade, aquela não era uma mentira total porque gostei bastante do bambu. Colocara-o numa jarra de vidro alta e esguia e ele parecia estar a criar raízes.

Ele demorou-se na entrada numa espécie de atitude esperançosa, de modo que senti que tinha de o convidar a entrar, apesar de estar a trabalhar. Convidei-o a sentar-se e continuei a pincelar chocolate em moldes de corações alados.

– Na verdade, a festa foi muito divertida – comentou ele. – Digby, ele pediu-nos a todos para o tratarmos assim, é um homem tão interessante e algumas das coisas que nos contou ao jantar eram fascinantes.

– Como por exemplo? – perguntei, mas ele não parecia ser capaz de se lembrar de pormenores. Suspeitei que ele e o resto do grupo tivessem sido hipnotizados por aquela voz de ouro. Também não lhe perguntei quem é que ele levava ao jantar, porque se não fora Mel Christopher, eu ia comer todos os meus grânios perfumados.

– Para mostrar que me perdoas, achei que me podias acompanhar a uma segunda visita àquela casa de campo perto de Rainford e ao celeiro remodelado perto de Scarisbrick – sugeriu ele. – Eram os teus favoritos, não eram?

– Sim, mas isso não é importante, pois não?, porque *eu* não vou viver ali. És *tu* que tens de escolher.

– Acho que tens um olho melhor para estas coisas – insistiu ele. – Vem comigo. Vou fazer a marcação para quarta à tarde e depois podemos beber qualquer coisa no Green Man... talvez até jantar?

Tentei escapar-me porque agora, para além de estar completamente saciada de ver casas, começara a achar o pobre David um verdadeiro chato. No entanto, ele tornou-me isso impossível, apesar de eu insistir que tinha de voltar para casa depois de uma bebida rápida no bar.

– Não posso estar sempre a deixar o pobre Jake sozinho!

– Ele agora é um adulto, com idade suficiente para tratar de si mesmo – observou ele.

Aquilo era verdade e, tal como qualquer pessoa com a síndrome de ninho vazio, eu começara a sentir uma certa ansiedade ao pensar que ele crescera e estava prestes a partir. Não mencionei que «o pobre Jake» estava normalmente ou em casa de Kat, como uma versão gótica da série televisiva *O Príncipe de Bel-Air*, na cozinha do Old Smithy a ser empanturrado por Zillah

como um ganso, ou em casa, a tratar de si mesmo com bastante sucesso.

Em vez disso, tentei deixar bem claro a David que aquela seria a última vez que o acompanharia à procura de casa, porque estava com tanto trabalho que simplesmente não tinha tempo para mais nada. De qualquer maneira, naquela altura já devíamos ter visto tudo que havia à venda no concelho dentro do preço que ele queria.

Ele não parecia prestar qualquer atenção ao que eu dizia e eu estava a preparar-me psicologicamente para ser muito mais directa, quando Zillah entrou a dançar sala dentro, irradiando como um farol.

– Ah, David... que maravilha! Sente-se bem... neste momento? Lembro-me que você costumava ficar com uma urticária alarmante a maior parte das vezes em que nos vinha visitar – disse ela e depois sentou-se como se tivesse todo o dia para estar à conversa.

Passados apenas cinco minutos, ele partia a rugir no seu ruidoso carro desportivo, como se o próprio diabo estivesse atrás dele.

– Ele não tinha de sair – disse Zillah, parecendo ligeiramente surpreendida. – Só vim saber se tu e o Jake querem passar mais tarde lá por casa para um guisado de carne e cenouras, seguido por salada de frutas com *marshmallows*.

– *Marshmallows*?

– Daqueles minúsculos que, nos cafés, eles salpicam em cima do chocolate quente – explicou ela, ou melhor, não explicou. Algumas revistas têm muitas respostas a dar.

– Acho que, se calhar, também vais ter de convidar Kat, porque ela e Jake ofereceram-se para ajudar Resmungas a desencanaixotar e a arrumar todas as coisas que ele comprou esta tarde num leilão e de certeza que isso vai demorar uma eternidade.

– Não há problema, há muito tempo. Gregory parece ter começado a gostar muito de Kat, desde que ela começou a refazer todos os avisos do museu com a sua caligrafia e se ofereceu para o ajudar quando o museu abrir na Páscoa.

– Já falta pouco, mas o museu está quase pronto para abrir, não está? Só precisamos de mais alguns escaparates para livros e *souvenirs* atrás do balcão da entrada e de um expositor para postais.

Iam vender os meus Desejos de Chocolate, embora eu também fosse abrir ao público as portas da minha oficina nas tardes em que o museu estivesse aberto e venderia directamente o meu chocolate. Também tinha a intenção de arranjar um *stock* de chupa-chupas de caramelo, com a forma de gatos, que Zillah achava que se iam vender muito bem, apesar de as crianças mais pequenas não poderem entrar no museu.

Raffy agora não estava apenas a tentar evitar-me, estava mais a virar costas e a fugir sempre que me vislumbrava, por isso eu não tinha nenhuma maneira

de lhe dizer que o tinha perdoado. Não sei se o fizera sentir-se tão culpado que ele nem conseguia olhar para mim, ou se achava que o meu beijo fora sinal que eu esperava que ele retomasse as coisas onde estas tinham ficado... ou talvez ambas?

Mas não, pensando melhor, eu achava que ele se entregara a uma viagem de culpa grave. E eu estava... mais ou menos, a sentir a sua falta, o que era estranho, já que não o vira assim tantas vezes desde que ele se mudara. Até disse a Felix que ele o podia convidar para ir connosco ao Falling Star sempre que quisesse, e Felix convidou-o, mas Raffy respondeu que eu não estava a falar a sério!

Mas, na verdade, estava a falar a sério, porque algo de estranho começara a acontecer entre Poppy e Felix; e eu sentia-me tão a mais que uma quarta pessoa teria sido muito bem-vinda – mesmo que fosse Raffy!

Poppy agarrara-se ao hidratante e ao mínimo de maquilhagem diária que aprendera no meu aniversário e disse que nunca mais ia usar o cabelo frisado, agora que percebia que o amaciador e o creme iam imediatamente fazê-la parecer mais pré-rafaelita do que ovelhas não tosquiadas.

Chas enviou-me um *e-mail* para dizer que puxara alguns cordelinhos e que finalmente conseguira ter uma conversa calma com Carr Blackstock, mas que fora um encontro muito complicado. Para começar, ele ficara furioso ao ver que Chas sabia o que se passara entre ele e a minha mãe, até perceber que Chas se encontrara no mesmo barco. Também ficou muito desconfiado dos *meus* motivos, embora Chas o tivesse tranquilizado ao dizer-lhe que eu só queria saber se ele era ou não o meu pai biológico, mas que, para além disso, não tinha nenhum interesse nele. E, claro, que eu lhe escrevera uma carta para que Chas lha entregasse e em que dizia a mesma coisa.

Chas disse que era óbvio que ele acreditava piamente que não era meu pai e que acabara por concordar em fornecer uma amostra de ADN para o provar de uma vez por todas. Mas, na verdade, eu esperava que fosse ele, mesmo que se tratasse de uma pessoa horrível, porque então poderia pôr uma pedra sobre o assunto e esquecer-me da sua existência!

Rituais

Quando fui buscar o capítulo do Resmungas na quarta-feira de manhã, ele estava muito satisfeito consigo mesmo e insistiu em mostrar-me um velho mapa de Sticklepond que comprara a Felix no dia anterior.

– Encontrei um novo sinal da tua linha ley? – perguntei, ajudando-o a manter esticada uma ponta que insistia em se enrolar.

– Não, não, algo completamente diferente. Encontrei uma informação extremamente útil acerca do terreno da piscina pública, que já passei ao Felix, para ele poder informar o resto do conselho paroquial.

– Que bom – disse, pousando o seu chá em cima de um dos cantos do mapa.

– Vês aqui? – Ele apontou, a grande pedra vermelha no anel de prata que usava no indicador a brilhar sombriamente. – Nunca se construiu nada no assim chamado terreno da piscina pública, porque outrora ele fazia parte dos jardins de uma pequena casa senhorial há muito desaparecida. Mas *este* mapa foi desenhado posteriormente, depois da primeira vaga de peste negra ter varrido a terra, e podes ver aqui que a área está claramente marcada como « Campo da Vala da Peste ».

– Campo da Vala da Peste? Queres dizer que havia ali uma vala comum para as vítimas da peste? – perguntei, espantada. – Presumo que tivessem de os enterrar rapidamente.

– Exacto. E depois, ao longo dos anos, o nome foi sendo esquecido, até que por fim a área se tornou um local popular para piqueniques, arrendado pelo município ao proprietário de Badger's Bolt como local de utilidade pública.

– Mas é estranho pensar naquilo que lá se encontra esquecido.

– E pode bem salvar o terreno de futuras construções; colocar casas em cima de uma vala comum, por mais antiga que seja, dificilmente será algo popular, tanto entre a população local como entre potenciais compradores.

– Decerto que não! – concordei.

A meio da visita à primeira casa, enquanto David falava em derrubar paredes e instalar casas de banho em suites, eu disse-lhe que não teria tempo para voltar a ir com ele à procura de casa. Mas, infelizmente, ele considerou aquilo como um sinal que eu ainda estava aborrecida por ele ter levado outra pessoa ao jantar de Mann-Drake.

A canção « You're So Vain » [18] poder ia ter sido escrita para ele, e David parece ter uma pele de rinoceronte.

– Não, eu estava *mesmo* a falar a sério quando disse que não me importava, David. Porque raio me iria importar, já que somos apenas velhos amigos? Só

que agora estou tão cheia de trabalho com os Desejos de Chocolate que de futuro não vou ter muito tempo livre e assim que o museu abrir ainda estarei mais ocupada.

Ele soltou aquela sua gargalhada indulgente que me dava vontade de lhe bater e disse que já tinha percebido que teríamos de esperar até Jake ir para a universidade antes de podermos avançar com a nossa relação.

Sinceramente, não consigo perceber como é que alguma vez o cheguei a achar uma companhia agradável, divertida! Mas as coisas chegaram mesmo a um limite em Rose Barn, a segunda propriedade, porque ele tentou beijar-me enquanto o agente imobiliário nos esperava diplomaticamente no piso inferior.

Afastei-o com mais força do que tacto e ele ficou um pouco irritado... assim que recuperou o fôlego.

– Porque fizeste isso? – exigiu saber, de olhos lacrimejantes. – Foi apenas um beijinho!

– Foi um abuso e, se bem te lembras, foste tu que disste que eu não era sofisticada – referi. – Não falemos mais do assunto. Mas, não importa, presumo que alguns dos teus amigos elegantes não se oponham a namoricos aleatórios.

– Estás com ciúmes! – disse ele, todo o seu atraente rosto iluminado como se tivesse acabado de descobrir o que se passava e aquela ideia errada pareceu deixá-lo muito animado. Tentei explicar-lhe que estava enganado, mas como não cheguei a dizer-lhe que ele me aborrecia quase até à morte, o que teria sido um pouco brutal, aquilo não serviu de nada.

Mais tarde, ele entrou no parque de estacionamento do Green Man como se estivesse tudo bem entre nós, o que, no que lhe dizia respeito, acontecia. *Eu* estava decidida a que aquela fosse a bebida mais rápida de sempre, em especial porque a caminho ele dissera que alguns dos seus amigos tinham ido ali passar o fim-de-semana e talvez já lá estivessem. E estavam – ouvi vozes altas, confiantes, e gargalhadas zurradas, assim que abri a porta.

Reconheci vagamente um ou dois deles de há seis anos, mas tinha-me esquecido completamente de como eram horríveis – e era óbvio que *eles me* tinham esquecido por completo.

Mel Christopher – a do cavalo cinzento, cabelos louros, olhos castanhos e figura espantosa – era um deles e tornou-se evidente após três segundos que eu estava certa, fora ela que David levava ao Badger's Bolt.

Ela estava a enviar-me sinais claros de que me poderia roubar David assim que lhe apetecesse fazê-lo; e eu tentei enviar-lhe sinais para ela avançar, com a minha bênção, mas acho que ela só conseguia transmitir, não receber.

Também me deu a entender que eu tinha um nariz brilhante e o cabelo como um ninho de pássaros, por isso, passado um bocado, fui à casa de banho ver como estava, o que significava que tinha de atravessar grande parte da sala

em forma de L, onde se reúnem a maioria dos habitantes locais.

Ali descobri Raffy a jogar dardos com os jardineiros de Winter's End, bem como a sobrinha-neta de Hebe Winter, Sophy, e o seu marido, Seth Greenwood. Eu já o vira no salão de reuniões da aldeia, é alto e um pouco assustador até a sorrir: depois fica deslumbrante e percebe-se *perfeitamente* porque é que ela se apaixonou por ele. Sophy, que eu encontrara algumas vezes na Marked Pages, acenou-me, mas Raffy limitou-se a lançar-me um olhar sombrio antes de se virar e atirar aleatoriamente os seus dardos ao alvo. Um caiu e começaram todos a apupá-lo, de uma maneira amistosa.

Eu preferia ter-me juntado a eles do que voltar para junto dos amigos de David, porque eles pareciam estar muito mais divertidos. Quando voltei, Mel estava a contar aos outros o que tinham perdido no jantar de Mann-Drake, embora fosse evidente que a maioria deles o conhecia, dali ou de Londres.

– Ele é um dos Drake de Devon, queridos! – dizia Mel. Tão obviamente um caso de « Não interessa se ele é totalmente pervertido, desde que faça parte do livro das boas famílias » .

Todos o achavam « muito divertido ». Ele ia realizar uma festa de boas-vindas na sua *cottage* no final da próxima semana, para coincidir com algum tipo de cerimónia mágica, ou qualquer coisa assim, e eles pareciam todos muito ansiosos por serem convidados.

– Ele mandou transformar aquele anexo de pedra, atrás da casa... mostrou-nos depois do jantar – disse Mel. – A decoração é toda ao estilo de um templo mitraísta, embora os frescos tenham sido copiados daquele templo indiano... vocês sabem qual!

Eu pensei ter um bom palpite.

– Ele disse que podíamos levar um ou dois amigos, por isso se algum de vocês quiser vir...? – convidou ela. – Vai ser divertido, não vai, David? – Lançou-lhe um sorriso caloroso, íntimo, que se destinava a excluir-me.

– Calculo que a cerimónia vá consistir num monte de disparates, mas Mann-Drake é muito divertido e hospitaleiro – concordou ele e depois disse-me: – Desta vez podias vir comigo, Chloe.

– Oh, não, obrigada – respondi apressadamente. – Não sou muito de festas.

– Pensei que fosse mesmo o seu género de coisa... O seu avô não é Gregory Warlock, que escreve todos aqueles romances sinistros? – perguntou Mel, e riram-se todos de um modo bastante ofensivo. – Mas não se preocupe se não puder ir, assim o David pode voltar a ter a minha companhia ao jantar, não é verdade, querido? – Lançou-lhe um olhar à Helena de Tróia, que teria de imediato afundado o meu barco se eu estivesse a tentar navegar um.

– Ótimo, espero que se divirtam imenso – respondi. – Agora, se me dão licença, é melhor pegar na minha vassoura e voar daqui para fora, porque amanhã tenho de começar a trabalhar bem cedo. – Aquilo era em parte uma

desculpa, porque no dia seguinte ia com Zillah a uma feira de videntes em Southport.

Precisei de me esforçar muito pouco para convencer David a ficar, porque, para além de ainda ser demasiado cedo para haver necessidade de me acompanhar a casa, Mel estava agora a lançar-se directamente a ele e David estava a achar muito difícil manter-se concentrado em mim.

De facto, estava tão ansiosa por sair dali que nem reparei que Raffy também estava a sair, até chocar contra ele no exterior.

Afastámo-nos um do outro e ele disse rapidamente:

– Desculpa, eu vou por outro lado.

– Mas eu posso ser assaltada a caminho de casa, se for sozinha – disse-lhe, expulsa. – A tua consciência conseguiria aguentar uma coisa dessas?

Ele olhou para mim, hesitante.

– Não estás a falar a sério, pois não? É pouco provável que te aconteça alguma coisa nas ruas de Sticklepond, não achas?

– Quem sabe? – respondi, apesar de ser profundamente improvável e, de qualquer maneira, segundo o Resmungas, nada me poderia prejudicar enquanto eu usasse aquele peculiar grão de cacau em ouro que ele me oferecera no meu aniversário. Eu calculava que ele tinha colocado qualquer coisa no interior, embora o quê, como ou quando, fossem perguntas às quais não sabia responder. Um pouco como eu e as minhas mensagens nos Desejos, era fácil quando se sabia como fazê-lo.

– Estás a ir embora muito cedo – comentou ele, apesar de se ter colocado ao meu lado, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco preto e comprido e de a sua expressão continuar sombria. – Presumo que vais encontrar-te com os teus amigos no *pub rival*?

– Não, eles foram ao cinema. Eu teria ido com eles, só que já tinha combinado ir uma última vez com David à procura de casa.

– Queres dizer... que encontraste a casa certa? – Ele lançou-me um insondável olhar de soslaio.

– Não, e não tenho bem a certeza se ele está mesmo com intenção de encontrar uma casa no campo... mas se está, a partir de agora vai ter de o fazer sem mim. Mas estou feliz por te ter encontrado, porque há uma coisa que tenho de te contar.

– *Outra?* – disse ele um pouco desesperado.

– É acerca do Mann-Drake, não a nosso respeito

Contei-lhe o que ficara a saber sobre a futura festa.

– Então estás preocupada por o teu amigo poder estar a ser atraído para ele, é isso? – perguntou Raffy quando acabei.

– Não, embora tivesse pensado que ele seria o último homem da Terra a envolver-se numa coisa dessas. Mas parece que ele faz todas as vontades a

Mel Christopher, por isso presumo que vá acabar por ficar para depois, quando houver uma espécie de ritual de iniciação pseudomágica. Achei que to devia dizer porque, como vigário, deves manter-te ao corrente do que se passa na tua paróquia, apenas isso.

Nessa altura, tínhamos chegado à minha porta.

– Obrigado – disse ele. – Vou ter de pensar no assunto... E, se quiseres, *posso* falar com o teu namorado.

Pensara convidá-lo para jantar caril que eu tinha feito anteriormente (partindo do princípio que Jake não decidira engolir a maior parte na minha ausência), mas, nesse momento, respondi de dentes cerrados:

– Ele não é meu namorado! – E entrei batendo com a porta.

– Era com Raffy que estavas a gritar? – perguntou Jake, apanhado em flagrante a tirar um gato de caramelo de um dos grandes frascos de doces pousados na bancada.

– Sim, mas não estava a gritar... e não comas o *stock*.

– *Quem* é que não é o teu namorado? Espero que te estivesse a referir ao mortífero David!

– Sim, claro que estava. Continuo a dizer a todos, até ficar roxa, que *não* ando a sair com ele, que *não* me vou voltar a comprometer com ele, que *não* vou fazer nada com ele, nem sequer como amigo! De facto, até acho que ele está prestes a ser apanhado pela sereia da aldeia.

E contei-lhe o que se passara no Green Man com Mel Christopher, enquanto aquecia o caril, cozia arroz e ele punha a mesa, mas quando cheguei à parte da festa de boas-vindas de Mann-Drake e à cerimónia especial para convidados que iria decorrer depois, a expressão dele toldou-se.

– Encontámo-lo hoje, quando estávamos a passear o cão de Kat, e ele também *nos* convidou! Parece que Kat já conversou com ele algumas vezes sozinha, mas não me contou.

– Não discutiram, pois não? – perguntei, preocupada.

– Sim, mas já fizemos as pazes. Eu percebo que ele possa parecer inofensivo e ela só estava a ser educada porque ele tem já uma certa idade. Mas também ouvi dizer que ele convidou uma das raparigas da Dolly Mops para a sua festa, por isso parece que está a espalhar amplamente as suas redes.

– Só espero que alguém a tenha avisado sobre ele.

– Oh, a maior parte do pessoal da minha idade não está interessado... É improvável que seja uma *rave* se a organização é geriátrica, não achas?

– Talvez eu também devesse falar amanhã com Kat – disse, preocupada.

– Não é preciso. Eu disse-lhe para de futuro nem sequer o cumprimentar, apenas para dar meia volta e afastar-se assim que o vir – comentou com

firmeza. Por um momento, com o dardejar dos seus olhos castanhos e o cabelo preto, parecia uma versão mafiosa do Resmungas.

Preocupações Tumulares

E ainda tenho o sangue a ferver por causa da lata do homem... Primeiro, começou a insinuar-se a Kat e depois teve a ousadia de também tentar atrair o meu Jake! – disse eu a Poppy, enquanto esperávamos por Felix na sala privada do Falling Star. Ele tivera de ir a um lado qualquer depois da última reunião do conselho paroquial.

– Oh, Jake é demasiado sensato para ser seduzido por alguém assim, em especial porque sabe tudo a respeito de Mann-Drake – tranquilizou-me ela – e acho que Kat estava apenas a ser educada com alguém muito mais velho que ela. Imagino que a rapariga do Dolly Mops também... Já tinha ouvido falar desse convite por Effie Yatton e parece que o antigo estábulo foi transformado numa espécie de templo pagão.

– Effie Yatton parece saber muita coisa!

– Isso é porque ela é a chefe das escuteiras, o que significa que tem espias por todo o lado! Ela diz que é óbvio que Mann-Drake está a tentar corromper os nossos jovens. Até convidou o filho do agricultor que vive ao lado do Badger's Bolt, por isso está a lançar as suas redes por toda a parte, não está?

– Ele já seduziu o David e alguns dos seus amigos, mas não estou preocupada com eles porque já têm idade suficiente para saberem aquilo em que se estão a meter.

– Eu nunca teria pensado que fosse o tipo de coisa em que o David se metesse.

– E não é. Acho que é a influência de Mel Christopher.

– Hebe Winter quis que Mike impedisse a festa, mas claro que ele não o pode fazer, a menos que eles infringam a lei de alguma maneira. Raffy disse que alguns dos boatos que ouviu sobre as reuniões que Mann-Drake faz na sua casa de Devon não eram dos melhores, e pensei que ele estava a querer dizer orgias, embora não me pareça que o estábulo seja suficientemente grande para isso.

– Não sei, nunca fui a uma orgia.

– Isso foi o que Raffy disse quando lho perguntei – respondeu ela, inocentemente. – Depois, o Felix disse que o Mann-Drake devia ter cuidado ao convidar jovens para as suas festas, porque já houve casos em que os adolescentes colocaram informação sobre elas na Internet e apareceram centenas de convidados indesejados.

– Sim, já li coisas dessas... Os pais a voltarem para encontrarem as suas casas destruídas.

– Todos concordámos que seria *terrível* se isso acontecesse na festa de Mann-Drake – disse ela de um modo incisivo.

– Ainda bem... – respondi. – Felix contou ao conselho paroquial a grande descoberta do Resmungas? Ele está muito satisfeito consigo mesmo!

– Oh, sim... Foi surpreendente descobrir aquilo sobre a vala da peste. Nem sei como foi esquecido! Embora a procissão de Domingo de Ramos sempre tenha parado ali para orações especiais, se calhar isso é uma tradição daqueles tempos. Raffy vai ver se encontra alguma coisa acerca disso nos registos da igreja. Mas de certo modo é bastante interessante a forma como gerações de famílias se reuniram para fazer piqueniques no local onde os seus antepassados estão enterrados, não é?

– Suponho que sim. E imagino que será um obstáculo aos planos para construir ali casas.

– Sim, Conrad disse-me que os empreiteiros da Mango Homes vêm ver o terreno da piscina pública na próxima terça-feira às dez da manhã e que Mann-Drake se vai encontrar com eles ali. Hebe está a organizar um protesto e cobertura jornalística e depois vão organizar uma manifestação junto da Câmara Municipal de Merchester. Vamos ter de fazer cartazes para ir.

– A Mango Homes é a empresa de construção que dá o nome de frutos às ruas das suas urbanizações? – perguntei. – Como estrada framboesa e jardins da meloa?

– E caminho das ameixas, para o pessoal mais sofisticado? – Poppy riu-se. – Sim, são mesmo esses e normalmente pintam as casas com cores de gelado, de modo que parece que uma faixa da Riviera da Cornualha foi transplantada para Sticklepond.

– Isso não combinaria nada com as casas daqui.

– Pois não, todos afirmaram isso. Mais ou menos nessa altura a reunião acabou e eu saí com Felix e Raffy. Mas Felix ia visitar um cliente e foi-se longo embora e, apesar de ter convidado Raffy a juntar-se a nós mais tarde, ele disse que de momento estava demasiado ocupado. Parece que a Páscoa é muito atarefada para os vigários – acrescentou. – Mas antes de partir, ele disse que era burro. Foi um pouco estranho.

– *Burro?*

Ela assentiu, os caracóis (que tinham agora permanentemente substituído o frisado) a esvoaçar.

– Não sei porquê, talvez tivesse ouvido mal, embora antes lhe tivesse contado do passeio de Domingo de Ramos e, na altura, ele perguntou-me se o burro era obrigatório.

– Ele é um burro se me está a evitar, porque estou sempre a dizer-lhe que já o perdoei.

– Talvez precise de tempo para se perdoar a si mesmo, agora que sabe toda a verdade!

– Talvez, mas acho que ele está a exagerar. E ainda parece pensar que eu e

o David somos um casal, diga eu o que disser.

– Acho que até Felix já percebeu que não são!

– Pois não, nem me sinto minimamente atraída por ele... e só posso agradecer a Deus por não nos termos casado!

– Então a tua mãe sempre fez alguma coisa de jeito – disse com um sorriso.

– Sim, sem querer, suponho que fez.

Poppy olhou inquieta para a porta, pela vigésima vez.

– Felix está a demorar uma *eternidade*, não está?

– Vocês começam a parecer-se com gémeos siameses unidos pelas ancas!

Que tal correu a aula de equitação?

– Acho que ele não tem muito jeito, mas pelo menos não caiu e até pareceu gostar bastante – disse ela, soltando uma risadinha, depois os seus olhos desviaram-se de novo para a porta e tornaram-se mais brilhantes.

– Felix!

– *Poppy!* – respondeu ele, num tom lamecha.

Olharam emocionados um para o outro durante alguns instantes (o que, obviamente, fora o mais longo que as coisas tinham progredido) até que ele pareceu recuperar os sentidos e beijou-nos fraternalmente na face, acrescentando que estávamos muito bonitas, e estávamos, pois desde a ida a Southport que nos esforçávamos mais sempre que saíamos à noite.

– Passei por tua casa para ver como estava Jake – disse ele, ligeiramente constrangido, já que aquele não era um hábito seu. – É por isso que estou atrasado.

– Ah... – respondi – e presumo que lhe tenhas dito para espalhar a notícia acerca da festa de Mann-Drake?

– Bem... mais ou menos – confessou.

– Poppy acabou de me contar tudo sobre a reunião, foi por isso que adivinhei, mas não quero que Jake se meta em sarilhos.

– Ele não se vai meter em sarilhos... não lhe *pedi* para fazer nada – respondeu Felix. – De facto, ele comentou que conhecia alguém na escola com milhões de amigos no Facebook e que esse alguém não conseguia guardar um segredo e que teria de ter muito cuidado para não lhe contar nada acidentalmente.

– Espero bem que sim – respondi e embora ainda estivesse irritada com a tentativa de Mann-Drake para atrair o meu irmão para a sua órbita (acabaria por se arrepender, se o tivesse feito) não disse mais nada acerca do assunto.

– Grandes novidades quanto à vala da peste, não achas? – perguntou Felix, numa voz animada.

– Sim, fantásticas. O Resmungas contou-me a novidade hoje de manhã e agora não estou a ver como poderiam construir lá alguma coisa, toda a aldeia entraria em pé de guerra.

– E parece-me que, se juntarmos a isso a tendência do rio para galgar as margens no Inverno e inundar os *courts* de ténis e uma das extremidades do terreno da piscina, não se pode fazer muita coisa com qualquer um deles, pois não? – questionou ele.

– Talvez no fim a aldeia acabe por os recuperar, de uma maneira ou de outra – respondeu Poppy, optimista.

Naquela noite não havia sinal de Mrs. Snowball, por isso Molly deixou-nos beber outra coisa para além de café e foi apenas mais uma noite agradável como tantas que tínhamos tido... só que, de certo modo, a dinâmica do nosso trio estava a alterar-se subtilmente e eu começava a sentir-me um pouco... solitária.

Quando voltei para casa, perguntei a Jake o que é que tencionava fazer com a sugestão de Felix. Ele sorriu de um modo muito misterioso e irritante e disse que eu não me devia meter no assunto, mas que ao enviar um *e-mail* a Kat por causa da festa ele pressionara acidentalmente o «reply all», por isso a notícia fora parar a toda a sua lista de contactos.

Depois avisou-me que ouvira um cântico muito estranho vindo do museu e que um cheiro forte a incenso estava a sair de baixo da porta adjacente, por isso, se estava a pensar em ir visitar Zillah, talvez o momento não fosse o mais indicado, a não ser que desse a volta até à parte da frente do museu.

No entanto, a irmandade do Resmugas andava a reunir-se com maior frequência para combater a ameaça de Mann-Drake, por isso eu já estava bastante habituada àquilo, embora a ideia de um monte de velhotes nus, de mãos dadas num círculo e a cantar, deixasse Jake verdadeiramente repugnado.

Na altura em que o pessoal da Mango Homes e Mann-Drake chegaram ao terreno da piscina na manhã de terça-feira, Hebe já tinha organizado um comité de recepção, com aldeões a empunhar cartazes com Felix, Poppy e eu entre eles. Ela e Raffy esperavam-nos, com um jornalista e um fotógrafo do jornal local, prontos a entrar em acção.

Os cartazes diziam coisas como «Honrem os Nossos Mortos!», «Deixem os Nossos Antepassados em Paz!» e «Sacrilégio!».

O meu dizia «Preocupações Tumulares!». Fiquei bastante satisfeita com aquilo.

Hebe lançou-se aos promotores imobiliários assim que eles saíram do carro e, na sua voz terrivelmente límpida e alta, contou-lhes tudo a respeito da vala da peste e das inundações de Inverno, falando por cima de todas as tentativas de Mann-Drake para a interromper.

Depois Raffy interveio e explicou que toda a aldeia gostaria que o terreno da piscina e os corpos dos seus antepassados fossem deixados em paz e todos o

aplaudiram.

Depois disso, não foi surpreendente que o pessoal da Mango Homes não ficasse muito mais tempo, porque uma nova urbanização construída por cima de uma vala comum não era fácil de vender, já que Lugar da Pústula e Margem da Chaga não eram nomes muito apelativos e também porque a extremidade do terreno junto à margem do rio teria de ser construída sobre estacas.

No entanto, Mann-Drake mudou de tática e com falinhas mansas tentou contornar a situação, mas, ao ver que aquilo não estava a resultar, acabou por também se ir embora, conduzido por um jovem lânguido e muito pálido que ou era o seu secretário pessoal ou o seu acólito, ou, possivelmente, um estranho híbrido de ambos.

Hebe e alguns dos habitantes locais dirigiram-se a Merchester para se manifestarem em frente da Câmara Municipal, na presença de jornalistas, mas Felix, Poppy e eu tínhamos de trabalhar e, aparentemente, Raffy tinha um importante conselho anual da igreja ao qual comparecer, porque *ele* também se afastou apressado.

Naquela quinta-feira, a cobertura nos jornais locais foi estupenda (« Cuidado com a peste – Sticklepond quer que os seus mortos continuem enterrados! ») e o artigo foi adquirido por um diário nacional.

Havia muitas fotografias estupendas, incluindo uma de Hebe Winter e de Raffy (« A ex-estrela da *pop* que é vigário em Sticklepond! ») e um grande plano dos manifestantes, que me incluía, bem como ao meu cartaz, com todas as madeixas esvoaçantes do meu cabelo erguidas na vertical como um moicano.

Os jornais também tinham descoberto algumas histórias sobre Mann-Drake, sugerindo acções obscuras e sociedades secretas e conseguindo, de algum modo, insinuar que a sua casa de Devon fora incendiada por uma multidão de habitantes locais que brandiam archotes, mas sem o dizer directamente.

Havia uma entrevista com o livreiro e antiquário local, Felix Hemmings, sobre a importância histórica da Vala da Peste, de que eu tinha conhecimento, mas também, para minha grande surpresa, uma com o romancista Gregory Warlock.

Ele fez grande publicidade aos seus livros e à abertura iminente do museu e depois referiu os efeitos inofensivos – e frequentemente benignos – da magia ao longo dos séculos, em oposição ao absurdo pernicioso de pseudomágicos saltimbancos como Crowley e Mann-Drake. Também foi citado como tendo dito que a magia, quando correctamente praticada, poderia facilmente casar-se com um modo de vida cristão, algo que me parecia ter a influência de Raffy. Todas aquelas visitas estavam a dar os seus frutos!

O Resmungas tem um olho incrivelmente bom para a publicidade, ainda que segundo Zillah talvez se tivesse excedido um pouco devido ao seu entusiasmo e levara os jornalistas a acreditar que uma espécie de semiorgia satânica ia ter lugar em Badger's Bolt no sábado à noite...

Num momento de arrependimento, liguei a David no sábado de manhã bem cedo para lhe sugerir que não fosse à festa de Mann-Drake, mas como não lhe podia dizer *exactamente* o motivo, ele voltou a pensar que eu estava com ciúmes. Bem me poderia ter poupado àquela chatice.

Jake foi para casa de Kat ao início da noite, onde tinham lugares na primeira fila, já que o portão lateral da casa ficava virado de frente para a estrada que conduzia a Badger's Bolt.

Ele ligou-me quando os convidados chegaram, inclusive David com Mel Christopher, e disse que várias pessoas de aparência muito estranha já estavam instaladas na casa.

«De manhã, conto-te o que aconteceu» disse-me a concluir e desligou antes que eu lhe pudesse recomendar para naquela noite não sair da casa dos pais de Kat, apesar de eles parecerem pessoas muito sensatas.

Depois a aldeia manteve-se silenciosa durante muito tempo até que de repente começou a ouvir-se um grande número de veículos a passar pelas ruas estreitas. Mais tarde, quando estava prestes a adormecer, ouvi sirenes à distância...

Quando começaram a aparecer carradas de pessoas, eu e Kat fomos – dar uma espreitadela – contou Jake, quando regressou na manhã seguinte. – Havia carros estacionados pelo carreiro acima ao longo da estrada por muitos quilómetros.

Senti-me feliz por não ter sabido disso na noite anterior porque teria ficado preocupada com ele!

– Vocês não se aproximaram muito, pois não?

– Não, ficámos para trás e vimos as pessoas a irromperem pela casa e a começarem a festa. Nessa altura, Mann-Drake e os seus convidados estavam no edifício atrás da casa, mas ele deve ter ouvido o barulho porque saiu, viu o que estava a acontecer e voltou a correr para dentro. Então, alguns dos foliões entraram no edifício pelas traseiras e de repente ele e os seus convidados saíram todos a correr pela porta da frente, *seminus*. Foi a coisa mais engraçada que já vi! Já ali se encontravam jornalistas e uma equipa de televisão e esses apanharam toda a nudez de frente.

– Eles estavam *seminus*? – repeti.

– Bem, todos vestiam roupões de seda fina, mas era evidente que não tinham nada por baixo, porque soprava uma brisa bastante forte – acrescentou, com um sorriso ao recordar-se.

– A polícia não tentou acabar com aquilo? Ouvi sirenes.

– Apareceu um monte de carros da polícia, mas isso foi muito mais tarde, depois de termos voltado para casa de Kat. O teu amigo David e alguns dos seus companheiros tocaram à campainha e queriam entrar, mas a mãe de Kat só os deixou subir para o caminho de acesso até à garagem, porque estavam descalços e com roupões e pareciam estar sob o efeito de alguma coisa.

– Que horror! Mas não a podemos culpar, pois não? O que é que eles fizeram?

Ele encolheu os ombros.

– Não havia nada que pudessem fazer, excepto ficarem por ali até a polícia se livrar dos penetras, o que demorou bastante tempo, e depois voltaram todos para a casa. Hoje de manhã, a maior parte dos carros já tinha desaparecido da estrada, por isso presumo que acabaram por voltar para as suas casas.

– Então agora já está tudo outra vez calmo?

– Sim, embora a casa tenha sido verdadeiramente vandalizada. Hoje de manhã, quando vinha para cá, vi aquele polícia, o Mike Berry, e foi ele que me contou. Mann-Drake teve de passar a noite num hotel, por isso esperemos que ele tenha encontrado primeiro alguma roupa.

Toda a aldeia estava alvoroçada com as notícias e a festa de Mann-Drake não chegara apenas aos jornais, mas também à televisão local – uma imagem rápida dos convidados a saírem a correr do celeiro, incluindo Mel e David, os roupões de seda fina bem apertados à cintura e de olhos arregalados. O operador de câmara tinha focado bastante Mel...

Aparentemente, os danos no interior da casa tinham sido tão grandes que as obras teriam de ser recomeçadas. Esperava-se que o seguro da casa de Mann-Drake e do seu conteúdo cobrisse os danos causados por visitantes não convidados e enlouquecidos, embora não parecesse que os seus convidados se encontrassem muito melhor.

«Oh, David», pensei, «o que é que *andaste* a fazer?»

Encontrei-me com Felix e Poppy no *pub*, logo depois do conselho paroquial se reunir para discutir o assunto.

– Estou um pouco surda – comentou Poppy, afundando-se na cadeira com um suspiro de alívio. – A reunião foi na sacristia, porque estão a arranjar as canalizações no salão da aldeia e Mister Lees tocou fugas no órgão durante toda a reunião e muito alto!

– No entanto, aquela versão acelerada da «Garota de Ipanema» quando estávamos a sair foi bastante agradável – disse Felix.

– Ele às vezes parece animar-se – concordou Poppy. – Olha para o *medley* dos Beatles que ele tocou depois da reunião de protesto no salão da aldeia! Deve ser influência de Raffy.

– Vocês viram a cobertura televisiva da festa de Mann-Drake? – perguntei.

– Ou a *não*-cobertura, no caso de Mel Christopher – ironizou Felix com um sorriso inconveniente e eu lancei-lhe um olhar de soslaio.

– Mike disse que teve de esperar por reforços antes de se tentar livrar dos penetras e só muito mais tarde, quando os convidados puderam voltar para casa, descobriram que várias coisas, incluindo as suas carteiras, tinham desaparecido.

– Sim, Jake contou-me um pouco do que se passou. Ele e Kat assistiram a grande parte dos acontecimentos e David e Mel tentaram refugiar-se na casa dos pais de Kat, só que a mãe dela não gostou do aspecto deles e não os deixou entrar.

– Não me surpreende – comentou Poppy. – Ouvi dizer que a casa ficou num tal estado que Mister Mann-Drake e os seus amigos mais íntimos tiveram de passar a noite num hotel e hoje de manhã partiram para Londres.

– Vamos esperar que ele não volte – desejei eu.

– Foi o que Hebe Winter disse. Ela espera que o seu fracasso em extorquir dinheiro dos donos das casas junto do Green, ou a venda de terrenos aos promotores imobiliários, juntamente com o facto de a sua casa ter sido destruída, seja suficiente para que ele comece a antipatizar com Sticklepond.

– Eu diria que é muito possível!

– Ela ainda tem um ou dois truques na manga, se ele voltar – avisou Felix. – O abastecimento de água de Badger's Bolt é feito a partir de uma nascente, e a pressão não é boa, mas ainda costumava ser pior até o último proprietário desviar ilegalmente um riacho para a nascente. Agora, os Winter descobriram os planos originais para um jardim de água vitoriano na sua propriedade, onde a nascente que alimenta esse riacho vem à superfície e decidiram restaurá-lo, por isso receio que o abastecimento a Badger's Bolt poderá dentro em breve voltar a ser muito fraco.

– Quando hoje Mann-Drake foi visitar a casa para ver os prejuízos à luz do dia antes de voltar para Londres, Mister Ormerod, o agricultor da casa vizinha, cujo filho foi convidado para a festa, teve um ligeiro acidente com o espalhador de estrume e toda a fachada da casa foi pulverizada com aquilo – informou Poppy.

– Não o podes culpar por estar furioso – disse Felix, sorrindo. – Ontem à noite também houve várias vedações derrubadas e algumas cabeças de gado espalharam-se pela estrada.

– O que aconteceu ao estrume? – perguntei.

– Lavaram-no mais tarde com uma cisterna de água – disse ele. – Mas o cheiro continua: o cheiro a excrementos agarra-se!

Laurence Yatton e a sua irmã, Effie, foram buscar o Resmungas para a reunião seguinte da Sociedade de Reconstituição Histórica e depois foi a própria Hebe Winter que o trouxe, no seu *Mini* branco.

Não imagino como é que ela consegue sentar-se atrás de um volante vestida com anquinhas, a menos que vista um saiote com armação assim que chega. Mas seria um crime de lesa-majestade perguntar.

O Resmungas estava de muito bom humor e parecia convencido que Mann-Drake estava prestes a ser repellido, embora considerasse que tal se devesse aos seus esforços e aos da sua irmandade.

Quando se vive com alguém com um sentido de humor como o de Jake, acorda-se no dia das mentiras com a certeza de que nalgum momento ele nos vai enganar, surpreender ou espantar – ou assustar-nos quase até à morte.

Este ano ele tinha-se excedido, porque, quando abri os olhos, havia uma aranha enorme pousada na almofada, junto à minha cara. Como ainda estava meio acordada, soltei um grito horrorizada e levantei-me da cama de um salto.

O grito não acordou Jake, mas *eu* sim ao sacudi-lo impiedosamente.

– Como é que pudeste fazer uma coisa dessas? Quase morri ao ver aquela aranha enorme!

– Realista, não é? – perguntou ele, com um sorriso sonolento.

– Muito... mas tinhas de a pôr em cima da minha *almofada*? Eu podia ter tido um ataque cardíaco.

– Eu não a pus na tua almofada – disse ele, olhando-me como se eu fosse louca.

– Puseste, sim!

– Tiveste um pesadelo... a minha está na casa de banho.

Eu não tinha a certeza se acreditava nele, mas quando fui ver se *havia* uma aranha de borracha enorme pousada na banheira, fi-lo levantar-se e procurar no meu quarto, mas é claro que nessa altura já não havia sinal da primeira.

Enquanto ele dizia, « Estás a ver, eu bem te disse que a tinhas imaginado », a aranha esgueirou-se para fora de uma dobra do edredão. Era tão grande que se podia montar.

Claro que voltei a gritar e saí a correr, mas um instante depois Jake pediu-me para abrir a janela da casa de banho e depois, a uma distância segura, vi-o atirar a invasora fora.

– Não sei como lhe consegues tocar com as mãos nuas – disse, com um estremecimento. – Agora tira também a da banheira.

Jake planeava assustar Kat com aquela e eu só esperava que ela ficasse furiosa com ele quando o fizesse.

A Páscoa aproximava-se rapidamente, bem como o dia da abertura do museu. De qualquer maneira, para o Resmungas o período da Páscoa é geralmente um tempo de grandes celebrações, porque ele diz que esta está na verdade relacionada com a deusa da fertilidade saxã, Eostre, e também é aí que entram os coelhos e os ovos. Uma das brochuras que escrevera para o museu abordava esse assunto e claro que fazia parte da exposição que falava da sobreposição das festas cristãs e pagãs.

Naquela tarde, quando eu estava prestes a ir até ao museu para ajudar o Resmungas, David bateu à porta da *cottage*, todo arrependido e envergonhado.

– Olá, Chloe. Posso entrar? – pediu humildemente. – Vim pedir desculpa por não ter ouvido os teus conselhos acerca da festa e ter feito figura de parvo.

Parecia tão infeliz que tive de o deixar entrar, apesar de me estar a ser difícil manter uma expressão séria depois da cobertura da imprensa.

– Aquela imagem de ti com Mel a correrem para fora do estábulo apareceu na maior parte dos jornais diários, bem como no jornal e na televisão locais. Deve ter sido uma grande noite para outras histórias – comiserei.

– Nem imaginas como tem sido terrivelmente embaraçoso, e continua a sê-lo, Chloe! Não sei como... Quer dizer, não estou a tentar *desculpar-me*, mas tenho a *certeza* de que havia alguma coisa na bebida que tomámos depois do jantar, antes de irmos para o estábulo para a cerimónia. E aí Mann-Drake

passou uma taça grande e circular, da qual devíamos todos beber. Também partilhámos um daqueles cachimbos do Extremo Oriente.

– Como um cachimbo de água? – perguntei amavelmente.

– As minhas recordações do que aconteceu a seguir estão um pouco confusas, mas na altura em que os penetras chegaram as coisas estavam a ficar um pouco... – Ele interrompeu-se e corou.

– Desinibidas? – sugeri.

– Bem, sim, suponho que sim – admitiu ele. – Mas logo que saí para o ar frio, a minha cabeça desanuviou-se e senti-me estúpido sem roupa. *Mel* convenceu-me a vestir o roupão – acrescentou ele, ressentido –, e depois, quando voltámos finalmente para a *cottage*, a minha carteira tinha desaparecido e toda a nossa roupa estava empilhada no meio da sala e... impossível de ser vestida.

– Queres dizer que eles *urinaram* em cima dela? – perguntei incrédula, porque não ouvira falar daquilo.

– Acabámos por não precisar de o fazer – disse ele, apressadamente. – Por sorte, as chaves do meu carro ainda ali estavam e conseguimos chegar a casa. Foi uma sorte para mim que *Mel* esteja mais nítida nas fotografias do que eu. Parece que eles se concentraram mais nela.

– E não é que concentraram mesmo!

– Apenas algumas pessoas me reconheceram, mas é o suficiente! Os rumores espalharam-se e as pessoas estão a falar do assunto.

– Em breve estará esquecido – disse eu, tranquilizadora. – Se alguém to mencionar, nega.

– Já o fiz. Mas só queria pedir-te que me perdoasses por ter sido tão estúpido e dizer-te que aprendi a minha lição. Parece que, nos últimos tempos, ando com o grupo errado e, se te tivesse ouvido, nada disto teria acontecido.

– Mas claro que te perdoo... não há nada a perdoar – disse. – E tenho a certeza de que também te vais reconciliar com *Mel*.

– Não sou dessa opinião – afirmou convicto. Era óbvio que agora a rejeitava, embora eu estivesse certa que ela o poderia reconquistar se o quisesse.

Então sorriu-me, beijou-me na face e disse:

– És mais amável e generosa do que mereço... e sei que não estavas a falar a sério acerca de não nos voltarmos a ver. Era apenas porque eu estava a ser estúpido com a *Mel*. Mas agora...

Ouvi a porta do museu a abrir-se atrás de mim e depois *Raffy* a chamar-me hesitante:

– Chloe, estás aí? O teu avô quer saber...

Interrompeu-se ao ver *David* e os dois homens olharam um para o outro. Sentindo-me satisfeita com a interrupção, disse:

– Você conhecem-se? David Billinge, Raffy Sinclair, o nosso novo vigário. Agora, vais-me desculpar, David, mas prometi que esta tarde ajudava o Resmungas no museu.

– Sim, claro, e... somos de novo amigos, não somos? – perguntou ele.

– Claro – disse, apressando-o para fora de casa e fechando a porta com um suspiro de alívio.

– Desculpa ter-te interrompido – disse Raffy e de seguida acrescentou num tom sombrio: – Gostaria que também fosse assim tão fácil perdoares-me.

– Eu *já* te perdoei... e *já* to *disse* – insisti, mas ele estava tão profundamente imerso na sua viagem de culpa que percebi que continuava sem acreditar em mim e pensava que eu estava apenas a ser simpática. – Foi o Resmungas que te mandou buscar-me? E o que estás a fazer aqui? Poppy disse que nesta altura do ano os vigários estão muito ocupados!

– E estamos, mas o teu avô sentiu uma necessidade repentina e urgente de discutir comigo um aspecto do significado pagão/cristão da Páscoa, embora eu não possa ficar muito mais tempo.

– Tiveste alguma sorte com o burro para a procissão de Domingo de Ramos? – perguntei-lhe, quando nos juntámos ao Resmungas no museu e de repente Raffy sorriu, mais parecido com o seu antigo eu.

– Aparentemente, o burro não é obrigatório. Espero que vocês venham todos e se juntem à procissão. Vou dizer orações especiais sobre a vala da peste.

– Parece divertido – comentou o Resmungas e não percebi se ele estava a falar a sério ou não. Nunca percebo.

Raffy não pôde ficar durante muito mais tempo, mas era óbvio que eu tinha de tomar algumas medidas incisivas para lhe mostrar que *já* o tinha perdoado, que não o estava apenas a dizer da boca para fora ou ele ia ficar para sempre a chafurdar na sua culpa.

Assim, depois do jantar, enquanto Jake estava no seu quarto com a música aos berros e alegadamente a fazer trabalhos de casa com Kat, eu tirei as duas metades do grande anjo que fizera com o resto do chocolate da degustação, aquele com o saborzinho especial.

Escrevi uma mensagem num pedaço de papel, coloquei-a dentro do anjo e depois uni-o com um pouco de chocolate derretido. Não estava suavizado, mas também não esperava que o anjo ficasse inteiro durante o tempo suficiente para começar a mostrar a linha branca à volta da junção.

Depois, junto das escadas, avisei Jake e Kat que ia sair e disse-lhes que se portassem bem. (Porque é que *continuava* a dizer aquelas coisas inúteis?) Não sei se eles me ouviram acima do barulho da música, mas de qualquer maneira era improvável que dessem pela minha falta. Vesti o casaco e dirigi-me ao presbitério.

Tinha intenção de deixar o meu anjo da paz, na sua caixa dourada especial,

na porta de Raffy. Tocar à campainha e fugir parecia ser o melhor plano porque assim ele poderia digerir o chocolate e a mensagem sozinho.

Entregando Anjos

Fui pelo lado da frente até ao presbitério, de modo a certificar-me que não havia sinais de Raffy antes de subir até à casa e deixar o anjo no alpendre.

Infelizmente, Maria Minchin deve-me ter visto, porque pareceu saltar pela porta da frente assim que pousei a caixa e toquei à campainha, pronta para fugir. Ela é uma mulher enorme e não me tranquilizou o facto de ter na mão um rolo da massa. Tive de me recordar que fora o irmão que assassinara alguém, não ela.

– Tal como eu pensava! – declarou ela. – O que é *desta vez*? Um bolo? Um guisado? Folhados de salsicha? Qualquer pessoa pensaria que eu matei à fome o anterior vigário, mas deixe-me que lhe diga, ele morreu de velhice e não devido aos meus cozinhados!

– Não, não é... Eu não tenho... – gaguejei, surpreendida com aquele ataque.

E então ouvi a voz profunda de Raffy, a dizer atrás dela:

– O que se passa, Maria?

– Outra maldita entrega de *fast-food* e não a vou permitir na *minha* cozinha!

– Passou por ele e depois a porta para a ala da cozinha fechou-se com um estrondo reverberante.

– Chloe? – disse Raffy, surpreendido ao encontrar-me à porta. Depois os seus olhos desceram até à caixa dourada junto aos seus pés.

– É uma coisa para ti e ia apenas deixá-la aqui quando Maria percebeu mal as coisas.

– Pois, eu ouvi. – Ele pegou na caixa. – É chocolate?

– Sim. Tu deste-me um anjo, então pensei em devolver o presente e tinha por acaso um anjo grande já moldado, por isso... – Encolhi os ombros e terminei-a afastado, mas ele estendeu um braço comprido e quase me arrastou para dentro, fechando a porta atrás de nós.

– Não, não vais – disse ele, examinando-me com curiosidade à luz do vestíbulo. Naquela noite não parecia muito ser um vigário, já que vestia calças de ganga e uma *sweatshirt* lisa... De facto, parecia-se muito mais com o velho e outrora familiar Raffy, desde os caracóis desgrenhados e escuros até aos pés enfiados em chinelos de couro marroquino, o que era muito desconcertante.

Puxou-me por outra porta até uma sala pequena e quente, na parte de trás da casa, que parecia ser uma combinação de escritório, biblioteca e sala de música. Vi uma guitarra encostada a uma estante e lá estava um piano numa alcova, com um monte de pautas escritas à mão em cima dele.

– Despe o casaco – disse ele distraidamente. Abriu a caixa dourada e olhou para o anjo de chocolate escuro que se encontrava no interior.

– É uma oferta de paz – disse eu, mas não despi o casaco já que não ia ficar.

– Mas porquê? *Eu* é que preciso de fazer as pazes, não tu.

– Sim, bem, quando acabares de apreciar a tua curta viagem de autoflagelação, talvez queiras ler a mensagem no interior – sugeri. – Vou deixar-te para o fazeres.

– Não, espera! – disse ele, quando me virei para sair. – Olha, desculpa...

– E continuas a dizê-lo!

Ele passou distraidamente as mãos pelo cabelo, afastando-o do rosto.

– Olha, *por favor*, Chloe, senta-te enquanto leio a mensagem. Está bem?

– Suponho que sim. – Despi o casaco e sentei-me relutantemente mesmo na borda do sofá, que era baixo e achatado, com um *kelim* a tapá-lo.

– É uma pena partir um anjo tão bonito – comentou Raffy, mas acabou por fazê-lo, e depois leu a mensagem em voz alta, o seu rosto inescrutável.

«Ultrapassa isso, sua peste! Éramos jovens e estúpidos e o facto de Rachel ser uma vaca mentirosa também não ajudou. Agora somos duas pessoas completamente diferentes, por isso vamos ver se conseguimos ser amigos, OK?»

Ele levantou os olhos e a sua boca grande elevou-se nos cantos.

– Isto não é exactamente poesia, mas acho que percebi a mensagem – disse ele e sentou-se ao meu lado. – Antes de enterrarmos o assunto para sempre, posso apenas dizer que sempre tive intenção de voltar para ti? Amava-te mesmo – afirmou. – Devia ter acreditado em ti, independentemente do que Rachel tivesse dito.

– E eu também devia ter acreditado em ti. Mas, apesar de tudo, eu queria o bebé.

– Oh, querida! – disse ele em voz baixa, puxando-me para um abraço afectuoso e sem palavras, e eu chorei durante uma eternidade contra o seu ombro, enquanto ele me mantinha abraçada. Guardara aquela dor particular durante tantos anos que mais cedo ou mais tarde ela teria de extravasar.

Passado um bocado, sentindo-me melhor, endireitei-me e sequei a cara.

– Acho que agora temos de comer o anjo – disse eu, estendendo a mão para a caixa. – Vamos sentir-nos *muito* melhor.

Acredito mesmo no poder terapêutico do bom chocolate.

– Será que vamos? – retorquiu ele num tom de dúvida, mas apesar disso comeu o bocado que lhe dei e depois mais outro. Mastigámo-lo num silêncio catártico e amistoso.

– Tu fazes um óptimo chocolate – disse ele, passado um bocado. – Há séculos que estou a tentar arranjar coragem para te pedir para me fazeres alguns.

– Queres alguns Desejos de Chocolate?

– Não exactamente Desejos. Poppy disse-me que fazias ovos da Páscoa para o Jake quando ele era pequeno, com mensagens no interior.

– Sim, foi isso que me deu a ideia para os Desejos de Chocolate.
– Celebrar a Páscoa não era um pouco antipagão?
– *Eu* nunca disse que era pagã. Não sou absolutamente nada, mas como nunca fui baptizada e o Resmungas é um bruxo, provavelmente estou banida da igreja para sempre.

– Oh, não me parece.
– De qualquer maneira, não há nada de muito cristão nos ovos de chocolate, pois não? Em especial, se ouvires o Resmungas!

– Sim, esta tarde ele explicou-me toda aquela história da deusa saxã da fertilidade, embora seja só uma coincidência que a Páscoa cristã aconteça na mesma altura do ano das festividades de Eostre. Mas quanto aos ovos da Páscoa...

– Oh, agora que o Jake é adulto já não os faço, ou faço apenas alguns dos grandes, cheios de trufas para dar às pessoas que me são mais queridas. Sempre é uma mudança de corações e anjos.

– Sim, essa tua obsessão com os anjos parece destoar da forma como foste educada, Chloe.

– Na verdade, se leres a história do paganismo do Resmungas eles estão de certo modo associados. Enfim, tenho um anjo-da-guarda, por isso sei que eles existem.

Aquela espécie de confissão saiu-me boca fora e surpreendeu-me: não era o tipo de coisa de que eu habitualmente falasse, porque as pessoas iriam pensar que eu era louca.

– Tens? – perguntou Raffy, olhando-me com uma expressão interessada e não espantada. – Eu também! O meu apareceu-me pela primeira vez uma noite quando eu estava em digressão com a banda e num momento mau. Ele assustou-me muito.

– *Ele* assustou-te?

– Sim, parece-me que é do sexo masculino.

– O meu parece-me ser mulher... mas não é assustadora.

– Presumo que não tenhas feito nada de que tenhas medo, como eu. A sua mensagem foi para que eu me emendasse, se não... De qualquer maneira, nessa altura eu já estava cansado do estilo de vida *rock and roll*, por isso foi o que fiz, mas a vida parecia-me de certo modo oca, um pouco como os teus Desejos de Chocolate, só que sem nenhuma mensagem no interior.

– Disseste que foi a *primeira* vez que o viste? – perguntei, curiosa.

– Sim, ele voltou, muito mais tarde. Nessa altura, eu já encontrara o bom senso e tinha feito o que ele me dissera... mas os outros três membros da banda não. Lembras-te do Nick?

– O alto, louro, que tocava guitarra baixo?

– Sim. Morreu de uma overdose, deixando uma família jovem. E depois, na

noite a seguir ao seu funeral, o anjo voltou a aparecer... Bem, daquela vez foi o meu momento da Estrada de Damasco. Vi o que tinha de fazer, o que tinha de dar... e depois o caminho certo abriu-se à minha frente: aquele que conduziu à minha ordenação.

– Aposto que não foi uma decisão muito popular para o resto do banda!

– Ficarias surpreendida – disse ele, sobriamente. – A morte de Nick foi uma chamada de atenção para a realidade e nessa altura já estavam todos casados e a assentarem com as famílias. A vida na estrada pode ser perturbadora.

Olhou-me, os olhos sérios.

– Mas já nos afastámos muito daquilo que te queria perguntar e que era: podias fazer alguns ovos de chocolate com mensagens especiais no interior para eu organizar uma caça aos ovos de Páscoa no cemitério da igreja, no domingo de manhã?

– Não falta muito até à Páscoa – observei.

– Até compro moldes extra, se precisares.

– Eu tenho moldes... apesar de precisar de mais, se quiseres uma grande quantidade de ovos.

Os seus olhos turquesa fixaram-se nos meus.

– Por favor, para mostrar que me perdoaste mesmo, fazes isto por mim?

– Acho que o posso fazer – concordei. – Mas é melhor serem de chocolate de leite, porque a maioria das crianças não está habituada ao chocolate negro.

– O que quiseres – disse ele, sorrindo-me calorosamente.

– Vou envolvê-los em pratas coloridas, mas, se chover, terei de os colocar em saquinhos de celofane e terei de te cobrar mais por isso.

– Tudo bem. Vou imprimir as mensagens interiores e depois levo-tas. Na manhã de domingo, também vou deixar espalhadas pelos canteiros das flores algumas pegadas do coelho da Páscoa para as crianças encontrarem.

– Não precisas de um coelho para fazeres isso?

– Só de uma pata de coelho, e Effie Yaton diz que me empresta o seu alfinete da sorte, que costuma usar no *kilt*, se eu ficar desesperado.

– Mas podes sujá-lo!

– Sim, estou a tentar encontrar uma alternativa. E, Chloe, já que vais fazer os ovos para a caça, adoraria que também me ajudasses a escondê-los muito cedo no dia de Páscoa.

– O quê, *eu*? Nem nunca estive num cemitério!

– Não? Mesmo que seja só pela história, vale a pena visitar a igreja e o cemitério; é como se fosse o receptáculo da história das famílias locais, com algumas inscrições muito interessantes.

– Sim, Jake contou-me.

– Existem vários monumentos muito belos com anjos, devias mesmo vê-los. E tu mesma disseste que não acreditas em nada de especial, então não há

nenhum motivo para não ir à igreja, pois não?

– A minha avó costumava ir às vezes à missa, mas eu sempre achei que havia em mim uma influência demasiado grande do Resmungas e, se entrasse, o campanário iria ruir, as janelas implodir, ou qualquer coisa desse género.

Ele riu-se.

– Não acho que tenhas sido muito influenciada pelo teu avô e foi em cima de *mim* que as coisas caíram, anjos e tudo.

Corei culpada, apesar de não perceber como é que Resmungas poderia ter feito alguma daquelas coisas.

– Zillah foi à tua primeira missa, não foi? Ela não faz parte da irmandade do Resmungas, embora costume levar termos de chá quente quando eles se reúnem ao ar livre, tal como a minha avó fazia, para os descongelar a todos depois.

– A sério? – Raffy parecia fascinado.

– O Resmungas é um naturista, nada de lúbrico... ele apenas acha que nos podemos aproximar mais dos poderes essenciais se estivermos nus. A minha avó nunca se importou, embora lhe tivesse posto um travão quando ele quis iniciar a minha mãe e depois a mim, na irmandade, e eu fiz o mesmo em relação a Jake. Felizmente, ele apenas se sente fascinado pela magia de um ponto de vista académico, já que quer tirar o curso de História.

– Tal como eu, e pela forma como as religiões se entrelaçam... ou os seus bons elementos. O homem é que reinterpreta qualquer um dos ensinamentos religiosos para causar sofrimento ou miséria nos outros.

– Não estamos a entrar por águas profundas? – perguntei.

– Na verdade, não, só estou a tentar provar que não há nenhum motivo para não me ajudares com a caça aos ovos de Páscoa. – Lançou-me um olhar sério. – A não ser, é claro, que odeies a ideia e, se assim for, eu deixo de te chatear.

– Não me estás a chatear, mas tenho a certeza que algumas das tuas novas fãs da paróquia se atropelariam para te ajudar.

– Acho que a novidade já está a passar, apesar de terem sido todas muito simpáticas... algumas delas, *demasiado* simpáticas. Viste como a Maria se sente em relação aos alimentos que as pessoas me continuam a trazer? Ela acha que é uma crítica às suas capacidades de cozinheira.

– Como é que são os seus cozinhados?

– Bastante maus, regra geral mal podem ser considerados comestíveis. Já me perguntei se existiria alguma maneira subtil de a mandar tirar um curso de culinária.

– Poppy disse que a congregação continua a ser muito maior do que costumava ser com Mister Harris, embora já não seja a multidão inicial.

– Ainda vão ser menos quando perceberem como sou verdadeiramente

chato, mas espero que não sejam tão poucos como antes.

– Deixarias de dar missa se todos os serviços abrissem e fechassem com uma fuga de órgão – disse eu. – A Poppy contou-me tudo a respeito de Mister Lee e às vezes até eu o consigo ouvir se o vento estiver na direcção certa.

Ele riu-se.

– Oh, ele é ótimo! Já lhe disse que acho as fugas excelentes para quando as pessoas estão a chegar, desde que não seja um casamento, mas que pensava que precisávamos de as animar um pouco quando saíssem, e ele levou isto a peito. E também ajuda o facto de ele ter tocado órgão no salão de festas do Blackpool Tower.

– Não sabia disso! Mas Miss Winter provavelmente não se irá importar, desde que não toques guitarra e faças as pessoas bater palmas. Ela quase fez com que o Mister Merryman fugisse da aldeia por causa de uma coisa dessas.

– Eu não toco guitarra em público, só aqui, quando estou a escrever música. Ainda escrevo canções para outras pessoas.

Por um momento, pensei amargamente que aquela fora a história da minha vida desde que nos tínhamos separado, ouvir músicas que ele escrevera para outras pessoas. Mas depois contive-me: não valia a pena continuar a pensar no passado.

– Se eu fizer os ovos da Páscoa, vais ter de me fazer uma coisa – disse-lhe, tirando os últimos bocados de chocolate da caixa e dando-lhe os pés do anjo, enquanto enfiava uma ponta da asa na boca.

– O quê?

– Vem amanhã ao Falling Star comigo, Poppy e Felix – convidei.

– Que horas chamas a isto? – exigiu Jake saber quando voltei para casa, parecendo um pai vitoriano furioso a enrolar um bigode imaginário. – Há séculos que levei Kat a casa. Comemos o queijo todo, não faz mal, pois não?

– Não, eu amanhã compro mais. E só fui entregar um anjo. Ao vigário.

– Pensei que ele já tinha o monopólio dos anjos – ironizou, mas parecia estranhamente pensativo.

Coberta de Açúcar

Naquela noite fiquei uma eternidade acordada a revirar na cabeça o que tinha acontecido, mas quando acabei por adormecer foi para sonhar, tranquilizadamente, com anjos. Acordei com uma enorme vontade de ver os anjos do cemitério e do vitral e, na verdade, não via nenhum motivo para não o fazer. Raffy tinha razão!

Quer dizer, só porque o Resmungas se tinha condenado aos abismos do inferno, presumindo que o grupo de Deus *entendera* bem as coisas, isso não queria necessariamente dizer que toda a sua família estava condenada a segui-lo até lá, pois não?

A casa estava silenciosa, já que Jake partira naquela manhã para a região dos lagos com a família de Kat, que gostava de fazer caminhadas. Eu não conseguia exactamente imaginar Kat e Jake a andarem em volta dos lagos com as suas grandes botas, mas despedira-me com muitos conselhos indesejados e montes de dinheiro. O Resmungas provavelmente tivera a mesma ideia, mas o seu conselho devia ter sido diferente. Jake voltaria a tempo da abertura do museu.

A meio da tarde eu já acabara o primeiro lote de ovos de chocolate (também já tinha encomendado moldes extra para serem entregues no dia seguinte por correio expresso) e os dois tipos de Desejos de Chocolate.

Ainda estava coberta de açúcar quando vesti um casaco quente sobre a roupa de trabalho e subi High Street até ao cemitério, que tem um muro de arenito macio com plantas que crescem das fendas e um portão velho cheio de líquenes.

No interior, parecia tudo bem arranjado e aparado, com sepulturas antigas a misturarem-se com as mais recentes, e percebi o que Raffy quisera dizer quanto aos anjos. Ainda junto do portão, consegui ver aquele que quase caíra em cima dele, uma criatura grave e assexuada, com as asas firmemente dobradas, a segurar um livro. Tinha o nariz recentemente lascado, mas voltara a ser colocado em cima do seu pedestal.

Quando entrei, encontrei mais um ou dois pequenos anjos e gostei particularmente de um de mármore branco, que parecia estar a levantar voo ou a aterrar, num enorme remoinho de drapejados, um pouco parecido com aquele que Raffy me dera. Era uma sepultura da família Winter. Havia muitas iguais, o que não era nada de surpreendente.

Estava tudo muito tranquilo, não havia ali mais ninguém, por isso pensei em ir dar uma espreitadela à igreja para ver se conseguia encontrar a famosa janela do céu e do inferno que Jake me dissera estar por cima do altar.

A porta antiga era enorme com uma pesada tranca de ferro, e no interior o

cheiro era curiosa mas agradavelmente composto de flores, cera de alfazema e livros antigos, este último explicado pelas prateleiras de madeira com missais junto da entrada.

No exterior estava tudo calmo, mas ali dentro o silêncio era total e não se deram quaisquer eventos drásticos com a intrusão de um infiel – não fui atingida por nenhum relâmpago, nem houve nada que desabasse. Em vez disso, o ambiente era de certo modo acolhedor e seguro e de repente tive aquela sensação rara mas inspiradora de estar a ser envolvida em asas macias...

Aproximei-me mais da janela sobre o altar e perdi-me nas suas cores primárias, brilhantes e fragmentadas. Passava-se ali tanta coisa – anjos melancólicos no cimo e pequenos diabretes alegres no fundo a deitarem pessoas aos monstros, às chamas ou a outras condenações, um pouco como uma pintura de Bosch em contraluz.

Pensei em Raffy, a rezar ali depois de eu lhe ter contado do bebé perdido e perguntei-me se ele teria encontrado algum consolo...

* * *

Quando saí, a luz do exterior parecia-me muito viva. Raffy estava sentado à minha espera em cima de um túmulo, o que me pareceu um pouco irreverente.

– Olá, Chloe. Vi-te entrar, mas não te quis incomodar. Estou muito feliz por teres vindo!

– Queria ver os anjos e a janela. Despertaste-me a curiosidade.

– Qualquer que seja o motivo, serás sempre bem-vinda... e agora podes ver que há imensos lugares bons para esconder os ovos da Páscoa! Vens ajudar-me, não vens?

– Sim, tudo bem – concordei. – Até já os comecei a fazer.

– Ótimo. Bem, tenho de ir dizer as orações da noite – disse, levantando-se; depois, deteve-se e acrescentou, inquiridor: – Podes entrar, se quiseres.

Recuei um pouco.

– Não, obrigada.

– *Okay*, não vamos apressar as coisas – disse, com um sorriso. – Entra apenas quando quiseres, para passares um momento tranquilo. A igreja de All Angels acolhe todas as pessoas, qualquer que seja o motivo.

– Sim, foi isso que senti – concordei, depois acrescentei em voz baixa: – Mas o Falling Star também! Encontramo-nos lá mais tarde.

No caminho para casa, passei pela livraria para dizer a Felix que convenceria Raffy a juntar-se a nós no *pub* e encontrei Mags, a sua mãe, estendida no sofá de couro na sala da frente da loja, como um manequim

abandonado, de membros longos e angulares.

– Querida! – exclamou ela, no seu habitual modo casualmente amistoso. – Não te vejo há séculos. Grande penteado! Também vi a Poppy no outro dia e quase nem a reconheci.

– Fizemos um *makeover* – expliquei.

– E valeu a pena cada cêntimo – disse com sinceridade e depois ergueu-se sobre os seus saltos agulha de dez centímetros. – Tenho de ir. Obrigada pelo café, querido Felix.

Ela parecia muito bem, considerando que está muito mais perto dos sessenta do que dos cinquenta, tal como Janey e a minha mãe. Só os deu ses sabiam como Lou estaria agora: provavelmente muito semelhante, bem conservada, se não avinagrada.

Num impulso, disse casualmente:

– Dá os meus cumprimentos à Lou da próxima vez que lhe ligares.

– *Okay*, eu... – interrompeu-se de repente e olhou para mim horrorizada através de olhos pintados de azul.

– Tal como eu pensava! Ela está em Goa, não está? – exige saber.

De repente, Mags pareceu um pouco assustada.

– Eu não to posso dizer... tens de perguntar ao teu avô.

Depois, pegou na sua enorme mala de couro e saiu para a rua disparada.

– O Resmungas *sabe*? – disse lentamente, olhando para Felix.

– Parece que sim – respondeu ele. – Mags fica sempre nervosa junto dele.

– Bem, mas *eu* não, e vou-lhe perguntar onde é que Lou se encontra neste preciso momento!

– E, quando o fiz, ele admitiu que há dois anos que sabia onde ela estava! – disse eu aos outros, incluindo Raffy, naquela noite no *pub*. – Ela partiu da Jamaica passados alguns meses, no iate de alguém, e acabou por ir parar a Goa, onde está a gerir um bar com outro homem que encontrou algures. Entrou em contacto com o Resmungas há dois anos e ele está a pagar-lhe uma pensão com a condição de que ela não volte, nem tente entrar em contacto comigo. Afirmou que achava que éramos todos muito mais felizes sem ela.

Encontrávamo-nos sentados à nossa mesa habitual junto à janela, a beber café. Mrs. Snowball estava naquela noite no bar e insistira: a novidade da máquina estava a mostrar ser surpreendentemente duradoura.

Ela parecia ter uma preferência por Raffy apesar de, espiritualmente falando, ele jogar pela outra equipa.

– Isso é verdade, mas, mesmo assim, ele podia ter-te dito – comentou Poppy, compreensiva. – Não devia ter-te deixado a imaginar coisas.

– O pior é que ele *contou* a Jake, quando ele fez dezoito anos, porque agora

ele era um homem! Pode ser-se mais chauvinista que isto? Mas primeiro obrigou-o a jurar silêncio, para que ele não me pudesse contar a notícia.

– Mas vê o lado positivo – sugeriu Felix. – O mistério está esclarecido e, mesmo que ela queira, não pode voltar e dar outra vez cabo da tua vida porque o teu avô é que aperta os cordões à bolsa.

– Duvido que ela o queira fazer, e acho que se o quisesse teria de ser repatriada porque já não tem passaporte. Deixou o dela no navio de cruzeiro com Mags, e esse já caducou.

– Pelo menos, agora sabes que *ela* não morreu – observou Felix, que estava claramente no modo masculino de menina compreensiva.

– Quando te habituares à ideia talvez a possas ir visitar, não? – sugeriu Raffy.

– Eu não a *quero* ver, sobretudo porque esta noite tenho outra notícia bombástica: Chas enviou-me o segundo teste de ADN e Carr Blackstock é o meu pai biológico.

Eu esquecera-me completamente que Raffy não sabia nada daquilo, mas Poppy, ao ver a sua expressão interrogativa, explicou-lhe rapidamente a situação.

– E ao vermos as fotografias do actor, Felix e eu julgámos ver uma certa semelhança. Só não lho quisemos dizer, porque Chloe esperava tanto que fosse Chas.

– A tua mãe fez uma coisa dessas? – perguntou Raffy, a olhar para mim. – Chantageou dois homens para lhe pagarem uma pensão?

– Sim, e de certo modo é um alívio saber que, na verdade, *é* um dos dois, porque ela também podia ter estado a mentir acerca deste, o que teria aberto inúmeras possibilidades e eu poderia nunca chegar a saber quem era.

– Conheço uma das filhas de Carr Blackstock – disse Raffy. – O marido dela trabalha no ramo da música. – Olhou para mim pensativo. – Agora que penso nisso, os teus olhos são da cor dos dela e há uma ligeira semelhança, embora as filhas do Carr sejam todas muito altas... mas isso é do lado materno.

– Ela é de uma famosa dinastia de actores, não é? – perguntei. – Eu pesquisei-os. Mas não estou a tentar reclamá-lo como pai, nem nada que se pareça só precisava de saber quem ele era.

– Claro – concordou Raffy. – Isso é perfeitamente natural.

– Chas, estou-me a referir a Chas Wilde, o homem que eu pensava ser meu pai, disse que Carr Blackstock concordou em conhecer-me; só que eu não tenho a certeza se o quero fazer, porque, aparentemente, ele ainda está meio desconfiado que eu vá usar um microfone secreto e vender os pormenores a um jornal ou qualquer coisa assim!

– Ele não é assim tão famoso, pois não? – perguntou Felix. – Acho que nem nunca tinha ouvido falar dele antes de tudo isto.

– Acho que te devias encontrar com ele apenas uma vez – sugeriu Poppy.

– Poppy é capaz de ter razão... bem, queres que *eu* trate disso? – ofereceu-se Raffy. – Eu podia servir de intermediário e, se quisesse, até podia ficar contigo durante o encontro. Ele é capaz de achar a presença de um vigário reconfortante.

– Parece ser uma boa ideia – concordou Felix.

– Oh, farias isso? – respondi, agradecida. – Ele deu o *e-mail* a Chas. É o único contacto que tenho dele.

– Se mo deres, eu posso abordá-lo com tacto. Ainda não vendi o meu apartamento em Notting Hill, por isso podemos utilizá-lo como território neutro para o encontro. Está parcialmente mobilado com as coisas que achei que não iam caber no presbitério e posso levar-te de carro até lá. Na verdade, até podes ficar lá nessa noite e voltamos na manhã seguinte. Eu fico em casa de um amigo que vive ali perto.

– Mas sei que estás tão ocupado neste momento – protestei, lembrando-me do que Poppy dissera.

– Se puder marcar o encontro para o início da próxima semana, posso fazê-lo. Podemos sair assim que acabarem as orações da manhã e, depois, se Mike estiver livre, ele pode dizer as da noite, ou os paroquianos podem apenas ter uma oração privada, se ele não puder. Estaremos de volta no dia seguinte. Mas, se não for no princípio da próxima semana, receio que então só possa ser depois da Páscoa.

– Obrigada, isso tornaria as coisas muito mais fáceis – respondi, porque descobri que *queria* ver o homem que me gerara tão descuidadamente mais por curiosidade do que por qualquer outro motivo, apesar de também me sentir muito nervosa a esse respeito.

Raffy acompanhou-me a casa e entrou durante o tempo suficiente para eu lhe dar o endereço de *e-mail* de Carr Blackstock. Também lhe dei um frasco do meu chocolate e gengibre para barrar, já que fizera mais do que o suficiente para Jake e para Zillah, esquecendo-me que ele ia estar fora e que o creme não aguenta muito tempo.

Só espero que Maria Minchin não venha atrás de mim com um martelo de bater bifés, embora eu não ache que o homicídio seja hereditário, e de qualquer maneira o crime de Salford fora um crime passional, não uma discussão acerca de um frasco de creme para barrar.

Raffy voltou no dia seguinte, ou melhor, visitou Resmungas e depois Zillah mandou-o entrar pela porta do museu que dá acesso à *cottage*.

– Visita de cavalheiro! – anunciou, tal como da última vez.

– Olá – cumprimentei-o da secretária, onde estava a acabar de passar a limpo o último capítulo do *Filho de Satanás*. A menos que de repente o

Resmungas seguisse por outro caminho, o capítulo do dia seguinte iria ser o último.

Escrevi a frase final, premi *save* e depois virei-me.

– Pronto! Vem até à sala de estar. Chá? Café? Chocolate quente?

– Não te quero incomodar, se estás ocupada.

– Dentro de instantes, vou ter de começar a tratar das encomendas dos Desejos de Chocolate, mas de qualquer maneira primeiro ainda ia beber qualquer coisa e fazer um intervalo de dez minutos. Então, o que vai ser?

– Chá não, já bebi o suficiente durante as minhas visitas. Regra geral, é chá ou café instantâneo muito fraco.

– Foi muito atencioso da tua parte decidires visitar todas as pessoas da paróquia. Quer dizer, a maioria delas nem sequer vai à igreja e aquelas que vão, provavelmente, vão a uma igreja diferente.

– No entanto, ficarias surpreendida como a maioria das pessoas é acolhedora. Só as quero conhecer e dizer que estou cá ao seu serviço, independentemente da sua religião, e também que são bem-vindas a juntarem-se a mim nas orações da noite, se o quiserem fazer.

– E elas?

– Muitas vão até à igreja e ficam ali sentadas um bocado. Talvez encontrem um momento de paz depois de um dia atarefado.

– Hum... – Eu estava a ferver mais chocolate quente, enquanto pensava que ainda achava difícil substituir o antigo Raffy pelo novo. Ele pode ter tido uma conversão inspiradora, mas eu não. Às vezes, conseguia sobrepô-los, mas depois eles voltavam a afastar-se.

– Sabes, durante anos pensei que fosses uma mistura de cacau barato, mas depois comecei a pensar que talvez fosses um crioulo razoável.

– Vou aceitar isso como um elogio – respondeu, com um sorriso. Aquele sorriso e os olhos cintilantes deviam estar a dar cabo dos corações das suas paroquianas.

Ele viera dizer-me que tinha enviado um *e-mail* a Carr Blackstock em meu nome e já tinha uma resposta. O encontro ficara marcado para terça-feira, depois de almoço, no apartamento de Raffy em Notting Hill!

– Obviamente que o meu nome não significa nada para ele, mas pareceu ficar tranquilizado por o teu vigário atestar que não tens qualquer intenção de tentar obter lucro com o vosso parentesco.

– Obrigada por tratares disso – disse-lhe, agradecida.

– Saímos logo de manhã depois das orações, se achares bem. Já falei com Mike e ele está livre nessa noite, e Mister Lees irá certificar-se que a igreja abre de manhã e é fechada à noite, como habitual. Vou deixar o *Arlo* com os Minchin, porque ele gosta mesmo do Salford. Também gosta de ti... tenta arrastar-me para aqui sempre que o venho passear para este lado.

– Deve ser o cheiro do chocolate, embora não seja bom para cães. – Interrompi-me. – É realmente amável da tua parte tratares disto tudo e depois ainda ires comigo a Londres. Sinto-me muito mais corajosa sabendo que vais lá estar, porque o Carr Blackstock não me parece lá muito simpático.

– É o mínimo que posso fazer e não te preocupes – disse ele tranquilizador. – Eu trato de ti.

Acabei por contar a Zillah sobre as cartas que tinha encontrado e como o meu pai se transformara em alguém que não era Chas e ela não ficou nada surpreendida. Calculei que também fosse contar tudo ao Resmungas, o que evitaria que eu tivesse de o fazer.

– Eu sempre soube que não era Chas Wilde – disse ela.

– Eu queria que fosse – respondi, e depois quando lhe expliquei como Raffy organizara o encontro e ia servir de intermediário, ela insistiu em ler-me de novo as cartas. Pareciam complicadas, mas ela leu-as rapidamente, enquanto eu ainda estava a tentar perceber o significado com elas viradas para cima e depois guardou todo o baralho.

– Tal como pensei – disse ela num tom enigmático, mas depois muito irritantemente recusou-se a explicar.

Era provável que Felix e Poppy mal dessem pela minha ausência. Continuavam a aproximar-se como duas joaninhas magnéticas, mas sem parecerem avançar mais. Que tipo de impulso seria necessário para os lançar nos braços um do outro?

Talvez eu devesse pedir a Raffy para perguntar a Felix, na sua qualidade de vigário, se as suas intenções em relação a Poppy eram honestas.

No Domingo de Ramos, praticamente toda a aldeia apareceu para o passeio à volta dos limites de Sticklepond, unida por um espírito de solidariedade e, no meu caso, gratidão por Raffy e o desejo de me distrair da preocupação quanto ao meu encontro de terça-feira.

A imprensa local e a estação de televisão tinham ocorrido em força para cobrir a bênção da Vala da Peste, que Raffy realizou de um modo muito comovente, falando com uma sinceridade sentida e parecendo muito atraente com o vento a apanhar-lhe o cabelo negro e a fazer a sua sobrepeliz branca esvoaçar.

Percebi que me estava lentamente a habituar àquele novo e melhorado Raffy...

Momentos Derretidos

O que é que se veste para viajarmos para Londres com o nosso antigo amante ex-estrela de *rock*, sacerdote ordenado, para se conhecer um pai que se acabou de descobrir?

Talvez seja uma questão menor, mas perdi muito tempo a decidir-me e depois cheguei à conclusão que, afinal, não tinha qualquer importância. Calças de ganga seriam suficientes e uma das minhas camisolas favoritas, que me ficava bem e era lisonjeira para a minha confiança, e botas de salto alto para não parecer tão insignificante.

Raffy, como era próprio da sua função, usava uma das suas *T-shirts* de vigário com calças de ganga pretas. O seu casaco comprido preto estava pendurado no banco de trás, com os sacos de viagem e um pacote pequeno de leite, café, chá e bolachas, em que *ele* pensara, e eu não.

– Mantimentos – explicou, enquanto seguíamos pela auto-estrada. – Mande alguém ir limpar o apartamento e pedi para ligarem o frigorífico. No caminho paramos para comer sanduíches ou qualquer outra coisa, e esta noite podemos jantar fora, antes de eu ir para casa do meu amigo.

Mas eu estava tão nervosa que nem sequer tomara o pequeno-almoço e, quando tentei almoçar, a minha garganta fechou-se, mas consegui beber algumas chávenas de chá. Sentia as mãos frias e pegajosas e o meu coração batia acelerado. Não esperara sentir-me assim!

* * *

O apartamento de Raffy era agradável, num primeiro andar, com muita luz e engraçados varandins de ferro forjado no exterior das janelas. Ele disse que estava indeciso quanto a vendê-lo ou não.

A sala ainda estava mobilada e deixei o meu saco no quarto de hóspedes. Refresquei-me um pouco, enquanto Raffy fazia chá e abria um pacote de bolachas e consegui comer uma ou duas, embora com a boca tão seca me soubessem a serradura.

O relógio aproximava-se da hora marcada... e depois a campainha tocou.

– Está na hora – disse Raffy. – Ficas aqui que eu vou abrir-lhe a porta. Lembra-te que, se a certa altura quiseres que vos deixe sozinhos, é só dizeres, *okay*?

– *Okay* – ecoei vagamente.

Calculo que o aspecto de Raffy surpreendeu Carr Blackstock, mesmo que não o tivesse reconhecido, mas os seus modos e o colarinho devem-no ter

tranquilizado porque conseguiu ouvir o som baixo das suas vozes, depois uma mais baixa e que me era desconhecida disse, « Muito bem! » e entraram.

Carr Blackstock era muito mais baixo na vida real do que eu imaginara, mas, por outro lado, tinha muito mais presença, apesar de naquele momento estar a usar a expressão defensiva do recém-descoberto vilão da peça.

Durante um longo momento, ficámos ali parados, a avaliarmo-nos. Ele era um homem bem conservado, talvez na casa dos sessenta, com belos caracóis grisalhos, os mesmos olhos daquela invulgar tonalidade cinzento-clara dos meus e, tinha de o admitir, as mesmas orelhas pontiagudas de elfo.

– Querem que vos deixe sozinhos? – ofereceu-se Raffy, diplomaticamente. – Talvez possa ir fazer um chá.

– Não, não... preferia que ficasses – respondi, enfiando rapidamente o meu braço no dele, para o manter fisicamente ao meu lado.

– Eu também preferia que você ficasse – disse o meu recentemente descoberto e muito relutante pai, olhando para mim com uma espécie de desprezo frio. – Não tenho bem a certeza do que é que a etiqueta exige que digamos nestas situações... hum, Chloe, já que desconfiava que estive a ser sugado durante todos estes anos por uma criança que não era minha só para descobrir que afinal estava errado. Foi um grande choque.

– Foi um choque ainda maior para mim descobrir que Chas Wilde não era meu pai – respondi –, porque gosto muito dele. Na verdade, quando descobri que era você o meu pai biológico não foi apenas choque, foi também uma *enorme* decepção!

Ele não parecia interessado nos meus sentimentos.

– A minha principal preocupação, que se mantém a mesma, é que a minha mulher e filhas não saibam disto. – Começou a calcorrear a sala, como se estivesse prestes a dar à luz um monólogo de Shakespeare. – Mas Chas Wilde e aqui o seu vigário asseguraram que você não quer nada de mim, nem dinheiro nem reconhecimento?

Raffy pousou a mão em cima da minha, onde esta lhe apertava o braço, e apertou-a tranquilizador.

– Não – respondi, firmemente. – Tenho um negócio meu, de algum sucesso, e uma família que adoro. Decerto que não me quero intrometer na sua vida só porque a minha mãe o apanhou num momento de fraqueza e eu sou o resultado.

– Estávamos hospedados no mesmo hotel – explicou ele, de modo abrupto. – Encontrámo-nos no bar e eu já tinha tomado uma ou duas bebidas... Foi apenas uma daquelas coisas.

– Foi mais ou menos o que imaginei.

– Então, o que é que você *quer*? – quis ele saber, irritado.

– Nada! – respondi, surpreendida. – Chas disse-me que *você* é que queria

encontrar-se *comigo!*

– A mim disse-me que *você é* que *me* queria ver!

– É óbvio que Chas planeou este encontro com a melhor das intenções para vos tentar juntar – disse Raffy.

– Bem, se você não quer nada, excepto satisfazer a sua curiosidade, então tudo isto foi inútil – disse Carr Blackstock, friamente. – Presumo que não esteja à espera que, nesta fase, eu sinta quaisquer sentimentos paternais?

– Não, claro que não. Na verdade, eu gostaria de lhe poder devolver o dinheiro que deu à minha mãe!

– Como afinal você é um erro meu, suponho que afinal foi justo pagar por ele – respondeu Carr, com um encolher de ombros.

– Então, veja as coisas pelo lado positivo. Pelo menos, nunca mais vai ter de ver o seu erro – repliquei num tom agreste e ele pareceu ficar um pouco envergonhado.

– Antes de ir – disse Raffy –, talvez Chloe gostasse de saber se existem alguns problemas de saúde hereditários de que ela deva ter conhecimento?

Carr Blackstock pareceu ficar ofendido.

– Absolutamente nenhum! Família saudável de ambos os lados.

– Então acho que não precisamos de dizer mais nada um ao outro – afirmei.

– Você não me é nada, nem eu a você, à excepção de um acidente de concepção; por isso, não há motivo para que os nossos caminhos se voltem a cruzar.

– Por mim, está ótimo! – disse ele. Parecia furioso, mas acho que a culpa faz com que alguns homens fiquem daquela maneira.

Eu estava certamente contente por o ver pelas costas e ouvi Raffy falar enquanto o acompanhava à saída, embora não conseguisse sequer imaginar o que é que ele estava a dizer.

Quando ele voltou, eu já tinha encontrado uma garrafa de *Armagnac* no seu armário das bebidas. Bebi rapidamente um copo bem cheio que me queimou a garganta até ao estômago vazio, o que dissipou um pouco os tremores de frio que deviam ser uma reacção tardia à tensão.

– Para alguém que não bebe, manténs um bom fornecimento de bebidas – disse a Raffy, tentando soar natural, mas sem o enganar.

– Chloe, tenho tanta pena que tivesse corrido assim! – disse ele, abraçando-me de um modo reconfortante e foi só nesse momento que percebi que as lágrimas me corriam pelo rosto.

– Nem acredito que estou a chorar, porque estou mais zangada do que qualquer outra coisa! Sei que descobrir que eu era mesmo sua filha não foi uma surpresa bem-vinda, mas a culpa não é *minha*.

– Eu sei – disse Raffy suavemente, os seus braços a envolverem-me quando me encostei a ele. – Esperei que ele fosse mais agradável a respeito de tudo,

mas, infelizmente, ele parece ser um homem muito egocêntrico e mesquinho. Não merece uma filha como tu, e disse-lho.

– Aposto que isso caiu bem – respondi –, mas acho que já estou a começar a ultrapassar a situação. Posso beber outro brande? Parece que me está a ajudar.

Ele afastou-me um pouco e olhou-me, preocupado.

– Achas que deves? Se calhar era melhor sairmos e comermos qualquer coisa primeiro antes de começares com o álcool.

– Ainda não tenho fome, mas talvez possamos mandar vir qualquer coisa mais tarde? – sugeri. As minhas pernas tornaram-se um pouco vacilantes e afundi-me no sofá, enquanto ele me ia buscar um copo de conhaque com uma medida mais modesta, na verdade, apenas um copo húmido.

Ele sentou-se com um braço à minha volta, de um modo fraternal, e eu encostei a cabeça ao seu ombro e suspirei.

– Estou *tão* feliz por estares aqui comigo, Raffy!

– E eu estou feliz por poder estar. *Sempre* estarei aqui para ti, agora que te voltei a encontrar... mesmo que cases com aquele palerma do David Billinge!

Virei a cabeça e olhei para ele um pouco atordoada, já que o segundo copo de brande me subira à cabeça em vez de descer ao estômago. O álcool pode ser *tão* perverso.

– Tu és doido! Eu nem sequer vou voltar a sair com ele, ele foi apenas um erro do passado.

– Como eu?

– Tu não és bem um erro, és mais um assunto inacabado – respondi, e então, não sei bem como, estávamos de repente nos braços um do outro, os nossos lábios colados num beijo prolongado.

Por fim, ele afastou-se e começou a dizer:

– Chloe, esta não é *realmente* uma boa ideia...

Mas não o deixei acabar a frase, apenas me enrolei mais firmemente à sua volta, passando as mãos ao longo das suas costas sob a *T-shirt* preta e voltei a beijá-lo...

Passado um bocado, mudámos as nossas actividades para o quarto de hóspedes, embora naquela fase eu tivesse a certeza de que ele queria fazer o que estava correcto e que era deixar-me ali sozinha enquanto procurava qualquer alimento para absorver o brande.

Mas como eu o estava a apertar com tanta força, e como grande parte das suas reservas parecia ter desaparecido juntamente com a sua *T-shirt* eclesiástica, acabou por cair comigo na cama onde, nalguns aspectos, mostrou ser ainda o mesmo velho Raffy...

Dormi sem interrupções até à manhã seguinte e acordei a sentir-me

verdadeiramente terrível. Doía-me a cabeça e o meu estômago uivava como uma alma penada. Então as memórias do dia anterior regressaram apressadas, como um sortido de visitantes indesejados.

Não havia sinais de Raffy, mas alguém estava a mexer em coisas na cozinha e minutos depois ele apareceu com um tabuleiro de café, torradas e sumo de laranja. *E* aspirina, o que me deixou muito feliz. Estava com uma expressão ansiosa e de testa franzida, mas pôs cuidadosamente o tabuleiro em cima dos meus joelhos quando me soergui um pouco e depois recuou.

Eu estava nua, por isso enrolei a borda do edredão à minha volta para preservar qualquer modéstia que pudesse ter escapado à conflagração da noite anterior.

– Sinto-me mesmo mal – queixei-me.

– Sim, eu sei, mas achei que te ias sentir melhor se comesses alguma coisa, por isso fui até à mercearia. Não tomes a aspirina até teres comido um pouco de torrada, pelo menos.

Alguém – que de certeza não fora eu – tinha pegado na roupa da véspera e dobrado-a cuidadosamente em cima de uma cadeira e perguntei-me há quanto tempo é que Raffy estaria acordado. Calculando pela sua expressão, pelo menos, há tempo suficiente para voltar a vestir a *T-shirt* de vigário e o seu casaco de muitos escrúpulos.

Bebericando o café forte entre as marteladas da minha dor de cabeça, percebi que a dor que estava a sentir não era inteiramente física. Na noite anterior, eu percebera que ainda o amava – presumo que sempre o amara e que sempre o amaria. Mas mesmo que ele sentisse o mesmo por mim, eu tinha certeza que não sentia, as coisas nunca iriam resultar.

– Ontem à noite... – começou ele, enquanto eu estremecia ao som que a torrada fazia quando a trincava, como se fosse um pelotão inteiro de soldados a marchar sobre gravilha.

– Eu sei... só me estavas a reconfortar. Está tudo bem. Eu estava demasiado cheia de brande para pensar como deve ser.

– Mas sinto que me aproveitei de ti quando estavas em baixo – disse ele, num tom de voz culpado.

– Não – respondi, sentindo uma tonalidade rosada a erguer-se desde o edredão na minha pele. – Acho que, na verdade, até foi o contrário. Não penses mais nisso. Vamos fingir que nunca aconteceu.

– Mas, Chloe...

Consegui sorrir, provavelmente não de um modo muito convincente, mas não deixou de ser um sorriso.

– Não, a sério, eu estou bem. Só me agarrei a ti em busca de consolo... embora talvez devesse tomar uma daquelas pilulas do dia seguinte? – acrescentei, lembrando-me de repente que acções não programadas podem às

vezes ter resultados inesperados. Pensar-se-ia que eu tinha aprendido aquela lição da maneira mais dura.

Raffy ficou branco, o que foi interessante, porque ele é naturalmente pálido.

– Oh, meu Deus!

– Calma, não estás a invocar o nome de Deus em vão? – disse-lhe, molhando a minha torrada no café para ver se era mais silencioso comer daquela maneira.

Ele passou distraidamente as mãos pelo cabelo.

– Sim, mas... nem sequer pensei nisso, Chloe... e era *eu* que estava sóbrio e supostamente devia ter sido sensato!

– Não te preocupes – disse, desistindo do resto do pequeno-almoço e deitando-me com os olhos fechados. – Eu não saio à minha mãe.

– Tu nunca *me* chantagearias em nada. Caso-me contigo amanhã!

– É uma grande amabilidade da tua parte, mas eu não podia mesmo que quisesse – respondi com firmeza, ainda a sentir-me mal e sem disposição para lidar diplomaticamente com ataques de galanteria e remorsos. Empurrei o tabuleiro para o lado e recostei-me, voltando a fechar os olhos. – Esqueceste-te? Tu és um vigário e eu sou neta de Gregory Warlock, autor de ficção ocultista e proprietário de um museu dedicado ao paganismo e à bruxaria. Achas que saltar para a vassoura comigo seria uma coisa com que o teu bispo concordaria?

Aquela era uma pergunta quase sem resposta, porque, mesmo que ele me amasse, aquilo era algo de claramente impossível. Seria um casamento se não feito no inferno, pelo menos destinado a descer até ali muito rapidamente; por isso, não fiquei surpreendida quando ele não respondeu.

Quando abri os olhos, ele tinha desaparecido em silêncio com o tabuleiro, presumivelmente para voltar para a cozinha e para o seu próprio pequeno-almoço.

Fizemos uma viagem de regresso a casa bastante silenciosa. Raffy estava distante e de lábios fechados enquanto conduzia e eu sentia-me dorida, já que os efeitos do brande ainda não tinham desaparecido. A minha dor de cabeça atingira agora proporções que desafiavam qualquer aspirina.

Ele deixou-me em casa por volta do meio-dia e eu rastejei directamente para a cama, em vez de verificar se tinha encomendas urgentes de Desejos de Chocolate entre a avalanche que me aguardava no computador: uma má tática para os negócios. Uma fraca tática para o *que quer que fosse*.

Zillah devia ter entrado enquanto eu dormia, porque, quando acordei, umas duas horas depois, havia uma nota sobre a mesa da cozinha e uma travessa com uma tarte no frigorífico.

Nessa altura, percebi de repente que estava faminta e, quando acabei de

comer a tarte e uma boa fatia de queijo do Lancashire, sentia-me uma nova mulher. Não uma *particularmente* boa, mas definitivamente nova.

E ainda bem porque Poppy apareceu para me visitar.

– Não posso ficar muito tempo. Mudámos a reunião do conselho paroquial para hoje, porque quinta-feira santa é um dia ocupado para Raffy – disse ela. – Só espero que ele se lembre disso! A seguir tenho de ir logo para casa, estou à espera do veterinário, por isso pensei em passar por aqui para saber como correram as coisas em Londres... e parece-me – acrescentou, avaliando a minha aparência, que provavelmente era pior do que eu me sentia, agora que estava a recuperar – que não correram muito bem!

– Houve *partes* que correram mal – respondi cansada e contei-lhe tudo acerca do encontro com Carr Blackstock.

– Então foi isso: não senti nada por ele, nem ele sentiu nada por mim. Ele só conseguia pensar em si mesmo e como isso o iria afectar se se soubesse da notícia. Mas a sua frieza perturbou-me um pouco... Na verdade, tanto, que me aproveitei de Raffy.

Os seus olhos azuis arregalaram-se.

– Tu o *quê*?

– Oh, *ele* pensa que se aproveitou de mim, por isso agora está cheio de noções de honra e escrúpulos e até me pediu em casamento! Mas não pensou cuidadosamente no assunto. Quero dizer, ele é um homem de Deus e eu sou neta de Gregory Warlock...

– Talvez ele te ame e por isso te tenha pedido em casamento? – sugeriu ela, sempre a romântica incurável.

– Não, ele estava apenas a reconfortar-me e as coisas descontrolaram-se um bocado. Para ser sincera, *eu* descontrolei-me um bocado. A parte do casamento foi apenas um impulso quando lhe disse que devia tomar a pilula do dia seguinte.

– Oh, céus, claro que deves!

– Eu ia fazê-lo, mas já ultrapassei em muito a idade em que se fica grávida com a simples ausência de um preservativo – disse eu a tentar mostrar-me indiferente. – Por isso, vou poupar o meu corpo das substâncias químicas. Já quase o envenenei com brande.

– Mas ainda é um risco e estás sempre a dizer que não queres filhos. E se *estás* grávida?

– Não sei... Até hoje de manhã tinha a certeza de que não queria um bebé, mas agora... Acho que *quero* o de Raffy, tal como queria da primeira vez. Mas teria de me mudar para outro sítio por causa dele.

Poppy estava a olhar para mim com a expressão de alguém que começa a perceber tudo.

– Ainda o amas, não amas? Apesar de tudo?

Suspirei.

– Sim, mas mesmo que ele também me amasse não iria resultar; por isso, terei de me limitar a afastar da cabeça o erro de ontem à noite e contentar-me com a sua amizade.

– Suponho que não sejas exactamente a mulher ideal para um vigário – admitiu ela. – Céus, nem sei como é que vou conseguir olhá-lo agora que sei o que andaste a tramar! De certo modo, não pensamos no nosso vigário como num *homem*.

– Acho que vais descobrir que a maioria das mulheres das redondezas não tem problemas quanto a isso – disse-lhe secamente. – E tu e o Felix?

Ela ficou escarlate.

– O que temos eu e o Felix?

– Desde o meu aniversário que vocês parecem estar sempre juntos e desconfio que os teus sentimentos em relação a ele mudaram.

– Sim, acho que sim. De repente, comecei a vê-lo de uma maneira completamente diferente, em nada como um irmão. Foi mesmo estranho.

– Mas é óbvio que ele sente o mesmo por ti, Poppy. Isso é amor, amor, amor! Porque é que nenhum dos dois está a fazer alguma coisa a esse respeito?

– Porque estás errada e tenho a certeza de que ele não me ama *dessa* maneira; nós só nos tornámos melhores amigos do que antes.

Na verdade, aquilo soava-me à descrição do melhor tipo de amor, mas quem sou eu para julgar? E talvez agora fosse melhor deixar que os deuses os empurrassem um para o outro, ou o chocolate mágico maia, ou o filtro de amor, ou quem quer que fosse responsável por aquele departamento.

Pedidos

Como tinha um coração irremediavelmente bondoso, Poppy telefonou-me a saber como é que eu estava assim que chegou a casa e enquanto esperava pelo veterinário.

– Raffy lembrava-se que tínhamos mudado a reunião do conselho paroquial para hoje, mas parecia um pouco pálido e distraído..., mas ele é naturalmente pálido, não é? – acrescentou. – E a Semana Santa costuma ser atarefada. Mas eu estava apavorada por ele poder olhar para mim e perceber que *eu* sabia o que vocês fizeram em Londres!

– E olhou?

– Não, graças a Deus. E, curiosamente, ninguém referiu o facto de vocês os dois terem partido juntos e passado uma noite juntos. Não é estranho?

– Talvez porque, em vez disso, estejam todos a mexericar como loucos atrás das nossas costas? – sugeri.

– Bem, talvez – concordou ela. – Enfim, a boa notícia é que Mann-Drake colocou Badger's Bolt de novo à venda. Foi Conrad quem mo contou. Só que agora que arranjaram as comportas do jardim de água de Winter's End, o abastecimento de água é insuficiente, para dizer o mínimo. Além disso, Mister Ormerod, o agricultor vizinho, colocou um portão do outro lado do carreiro no fim da estrada. Diz que lhe pertence e que pode fazer o que quiser com ele.

– Isso vai fazer com que seja muito difícil vender a propriedade, não vai?

– Mesmo muito, e agora o terreno da piscina pública e os *courts* de ténis não têm valor quase nenhum, por isso o dinheiro que Effie Yatton reuniu para os conseguir comprar é capaz de ser o suficiente. Miss Winter vai pedir ao sobrinho, que é uma espécie de corretor imobiliário, para lhe fazer uma oferta por eles, porque diz que ele é muito bom a conseguir pechinchas pelas propriedades. Na verdade, acho que me lembro que houve um pequeno escândalo há um ou dois anos, porque um desses programas para a televisão apanhou-o a comprar imóveis a pessoas idosas a preços de saldo e depois a vendê-los com um grande lucro.

– Oh? Bem, então *ele* deve ser capaz de os comprar a um preço simbólico!

– Sim, parece que está tudo a correr bem, não parece, e... – interrompeu-se. Desculpa, Chloe – disse ela, compungida. – Esqueci-me que as coisas não estão a correr bem para ti.

– Eu estou bem – disse mais estóica do que me sentia.

Eu estava agora a descobrir que não me conseguia manter afastada de Raffy, tal como Poppy não conseguia aguentar ficar separada de Felix. Era óbvio que

nenhuma de nós estava bem, embora pelo menos houvesse esperança para Poppy, porque *eu* percebia que Felix retribuía os seus sentimentos, mesmo que ela não o acreditasse.

Assim, e apesar de se terem passado apenas algumas horas desde que Raffy me deixara na *cottage*, dei por mim a deslizar pelas traseiras da igreja enquanto ele dizia as orações da noite. Por sorte, a porta estava entreaberta para que as pessoas pudessem entrar e sair silenciosamente, e eu tinha a certeza de que ele não me vira, porque me escondi atrás de um biombo esculpida na parte de trás. Tinha um orifício a nível dos olhos, como o olho semicerrado de um leproso, que me parecia adequado e dava-me muito jeito: acho que posso ser uma leprosa moral depois de dormir com o vigário.

Esgueirei-me mais tarde quando ele estava de costas e tirei uma lista dos serviços de Páscoa pelo caminho. Não havia dúvida de que ele ia estar ocupado, a começar pela comunhão na quinta-feira santa. Na Sexta-Feira Santa haveria de manhã cedo um pequeno serviço religioso e a meio da tarde um serviço mais longo – depois do qual eu calculava que ele fosse dizer as orações da noite, como era costume! Continuava tudo a bom ritmo até domingo à noite. Não me tinha apercebido de como o clero podia ser enérgico e foi uma verdadeira revelação.

Não estava a ver, com aquele horário, onde é que ele ia conseguir encaixar a caça aos ovos da Páscoa, por isso quando começou a escurecer, coloquei-os num grande cesto de verga e saí para lhos entregar... E, *okay*, confesso que foi uma desculpa porque na verdade eu queria apenas voltar a falar com ele, por isso era óbvio que não havia esperança para mim.

Lá fui eu, por Angel Lane com a minha cesta de chocolates como o Capuchinho Vermelho, e subi o caminho até ao presbitério, passando pelos *courts* de ténis recém-pavimentados. Não queria arriscar outro encontro com Maria Minchin se o pudesse evitar.

Tem de se subir uns degraus até ao terraço na parte de trás da casa e havia uma luz na sala para onde Raffy me levava quando eu lhe fora entregar o anjo de chocolate. Consegua vê-lo pela porta de vidro, a cabeça dobrada sobre a guitarra, e ouvia-o a cantar baixinho, e cheguei a levantar a mão para bater na porta envidraçada antes de perceber que a música era «Darker Past Midnight» !

Os olhos encheram-se-me de lágrimas e senti-me atingida por um sentimento esmagador de desolação, devido à minha tentativa frustrada de reacender o nosso amor. A minha mão caiu de lado e recuei rapidamente, de regresso à escuridão.

Depois *Arlo* ladrou fortemente, apenas uma vez, e a música parou a meio. Raffy abriu a porta de repente.

– Chloe, espera! – disse ele com urgência e apanhou-me com duas passadas

rápidas, puxando-me para a luz e calor da sala.

– Eu... só te vinha trazer os ovos da Páscoa – disse-lhe, num tom de voz fraco, mantendo a cabeça baixa. – Pensei que pudesses não ter tempo para os ir buscar.

Ele pegou no cesto e pousou-o na cadeira mais próxima sem me soltar o braço, como se tivesse medo que eu voltasse a fugir para a noite. Depois virou-me o rosto suavemente para o dele e perguntou baixinho:

– O que se passa?

– N-nada, é só que a música que estavas a cantar faz-me sempre chorar porque a rapariga da letra não sou eu. – Tentei sorrir. – Uma estupidez, eu sei... e há séculos que já não chorava.

– Mas... é *mesmo* a teu respeito – disse ele, surpreendido. – *Claro que é!* Escrevi-a quando pensei que nunca mais te voltaria a ver. Todo o álbum *Dead as my Love* é a teu respeito!

– Acerca de mim? – Ri, hesitante. – Não, acho que não!

– Posso prová-lo. Olha... senta-te aqui. – Empurrou-me para o sofá e observei-o a dirigir-se a uma estante que continha uma fila inteira dos familiares *Moleskine* pretos, daqueles que ele usava sempre para anotar as suas ideias musicais. Tirou um e folheou-o. – Aqui está – disse ele, voltando para junto de mim e sentando-se ao meu lado. – Lê lá isto!

Era o esboço de «Darker Past Midnight», com as suas palavras assombradas de perda e arrependimento – só que ali, naquela sua forma inicial, chamava-se «Song for Chloe» e a data era próxima da data da nossa separação, tal como ele dissera.

– A princípio chamei-lhe, «Song for Chloe», mas como a dor de te ter perdido parecia sempre pior depois da meia-noite, mudei-lhe o título... E porque é que estás outra vez a chorar?

– Porque afinal *era!* – Engasguei-me.

E depois estávamos nos braços um do outro e ele estava a dizer entre beijos longos, lentos, demorados:

– Amo-te ainda mais agora do que te amava na altura, se é que isso é possível!

– Amas?

– Sim, claro. Não foi óbvio que não te consegui resistir em Londres, apesar de tentar?

– Não, pensei que estavas apenas a sentir-te culpado. E, se bem me lembro, fui *eu* que te seduzi... embora só nessa altura tivesse admitido a mim mesma que ainda te amava.

Ele sorriu-me, malicioso.

– Eu estava mais do que pronto para ser seduzido! – disse e de seguida voltou a beijar-me, e aconchegámo-nos felizes no sofá, até que de repente ele se

lembrou que não tinha corrido o cortinado sobre a porta envidraçada.

– Ainda é cedo e, às vezes, Effie ou outra pessoa sobem pelo carreiro para me visitar.

Quando voltou para junto de mim, colocou de novo os braços à minha volta, e disse:

– Até é bom que nos acalmemos um pouco, já que não vamos mais longe do que isto, até casares comigo... e espero que isso seja dentro de *muito* pouco tempo!

– Não é um pouco antiquado, já para não dizer um caso extremo de casa arrombada, trancas na porta? – perguntei, a aconchegar-me de novo a ele.

– Talvez, mas parece-me ser o correcto. Eu quero o casamento tradicional pela igreja, contigo a avançares pelo corredor e Poppy como dama de honor, embora não consiga ver o teu avô a entregar-te. Achas que Jake o pode fazer?

– Mas Raffy – disse eu, desanimada –, em Londres disse-te que dada a nossa situação isso era impossível! Não podemos apenas aproveitar ao máximo aquilo que temos?

– As coisas mudaram um pouco, mas alguns dos meus paroquianos ainda ficariam perturbados se eu vivesse em pecado contigo – salientou ele. – E de qualquer maneira – o seu queixo quadrado teimosamente endurecido –, eu quero casar contigo... e na igreja. Não vamos ter um caso passageiro.

Como prova disso, ele afastou-me firmemente as mãos, que eu enfiara sob a sua camisa de cambraia macia, mas beijou-as antes de as soltar.

– O teu bispo não vai gostar de mim – comentei, com um suspiro.

– *Eu* gosto e isso é o mais importante... e há a parábola da ovelha perdida que regressa ao rebanho – lembrou-se ele. – As coisas mudaram e é pouco provável que eu seja excomungado por me casar com a neta de Gregory Warlock, embora o teu avô te possa deserdar.

– E pode, embora eu nunca tenha bem a certeza de como é que o Resmungas encara as coisas. Ele parece gostar bastante de ti.

– Desde que não tente insistir numa segunda cerimónia pagã... Isso é que poderia perturbar mesmo o bispo.

– Nem sequer vai haver uma *primeira* cerimónia – insisti. – É completamente impossível.

– Eu já não acho que haja alguma coisa impossível. Vamos encontrar uma maneira de contornar a situação. Vem, acompanha-te a casa.

Levantou-se e ajudou-me a levantar.

– Tens a certeza? A aldeia já está, provavelmente, a zumbir de mexericos por termos ido juntos a Londres!

– Então mais alguns não nos vão magoar, pois não?

Arlo, que desistira dos biscoitos que muitas vezes acompanhavam uma visita, enrolara-se a dormir a um canto, mas acordou quando nos levantámos e

seguiu-nos para fora de casa, vagamente satisfeito com a ideia de um passeio extra.

– Vou passar por cá no domingo e ajudar-te com a caça aos ovos da Páscoa – disse-lhe, enquanto descíamos o carreiro de gravilha, de mãos dadas.

– E até podias vir a um dos meus serviços? – sugeriu ele, acrescentando com um sorriso. – Eu vi-te nas orações da noite.

– Mas eu estava atrás do biombo! Como raio é que sabes que eu estava lá?

– Eu sei sempre quando estás por perto – disse ele, simplesmente. – Vens?

– Vou pensar no assunto – prometi.

Ao virarmos para Angel Lane, ele disse:

– Já agora, Felix disse-me hoje que está apaixonado por Poppy, mas que achava que ela não sentia o mesmo que ele e que apenas o via como um irmão!

– Há bocado, ela disse-me mais ou menos a mesma coisa acerca de Felix! – respondi, a rir. – Sinceramente, deve ser óbvio para toda a gente que eles estão apaixonados! O que é que lhe disseste?

– Que achava que Poppy estava apaixonada por ele, é claro – disse Raffy. – Pensei que, pelo menos, ele e Poppy teriam um final feliz, mesmo que eu não o tivesse. Mas agora que sei que também me amas, tenho a certeza que vai correr tudo bem para todos nós.

E, apesar de estar à vista de qualquer pessoa que pudesse olhar, ele beijou-me e abraçou-me com força.

– Mas, Raffy ...! – Protestei impotente.

Ele sorriu.

– O amor *encontrará* um caminho – disse e afastou-se com *Arlo* na sua peugada.

Na manhã seguinte, quando entrei a flutuar numa nuvem rosa e fofa de optimismo no escritório do Resmungas, ele entregou-me o capítulo final do *Filho de Satanás*, acompanhado por um olhar perscrutador. Em troca, dei-lhe o seu chá e duas *Oreo*.

– Estás *radiante* – disse ele. – Isso é surpreendente, considerando a recepção que o teu pai te deu em Londres. Zillah contou-me tudo... e mais algumas coisas que leu nas cartas, embora ache que são difíceis de acreditar.

– Como por exemplo? – perguntei desconfiada.

– Um resultado que é inesperado, embora, talvez, se nos lembrarmos que a festividade de Eostre se está a aproximar e que a deusa pode bem dar uma ajuda no processo, talvez até já tenha dado, eu não devia ter ficado tão surpreendido.

– Não consigo imaginar de que é que estás a falar, Resmungas!

– O que é isto? – perguntou ele, olhando para o pires.

– Bolachas *Oreo*.

– Que estranha combinação de cores e a parte de fora parece um biscoito para cão – disse ele desaprovador.

– No entanto, não sabem nada a isso – garanti-lhe e deixei-o a mergulhar hesitantemente uma no chá.

Zillah estava com vontade de também me dizer o que vira nas cartas. Embora no dia anterior lhe tivesse contado o que acontecera no encontro com o meu pai, claro que não partilhara com ela aquilo que acontecera entre mim e Raffy enquanto estivemos em Londres.

E naquele momento também não lhe disse nada sobre a noite anterior, em parte porque queria abraçar o nosso amor sozinha durante mais algum tempo, e em parte porque ainda não conseguia ver nenhuma maneira de podermos ter um casamento tradicional, de felizes-para-sempre.

Pelo menos, ia haver sinos nupciais para Felix e Poppy. Estimulado pelo conselho de Raffy, Felix fora naquela mesma manhã até ao Stirrups e, ao encontrar Poppy no pátio a limpar os cascos a *Honeybun*, baixara-se sobre um joelho e pedira-a em casamento.

– Janey ficou tão atordoada que deixou cair a beata no fardo de palha que levava e este pegou fogo – disse Felix, quando me vieram contar.

– Sim, tivemos de o apagar com baldes de água, mas depois ela encontrou uma garrafa de espumante e comemorámos, embora tenha sido ela a bebê-lo quase todo – acrescentou Poppy, e depois mostrou-me um magnífico solitário com um diamante.

– Eu tinha algum dinheiro de lado, que consegui com a venda de uma primeira edição – explicou Felix.

– Acho que não o vou usar quando estiver a trabalhar!

– Acho que os diamantes são praticamente indestrutíveis – disse-lhe. – Oh, estou tão feliz por vocês os dois!

Felix teve de se ir embora para ir abrir a loja, mas Poppy demorou-se o tempo suficiente para me desejar que eu fosse tão feliz quanto eles. Nessa altura, confessei-lhe que Raffy e eu tínhamos descoberto que nos *amávamos*, embora por motivos que deviam ser óbvios fosse um amor que para além de não se atrever a dizer o seu nome, nem sequer podia ser um caso secreto.

– Tenho a certeza que vocês vão encontrar uma maneira de resolver as dificuldades, Chloe, e acho que já não há mulheres tradicionais de vigários.

– Isso é o que o Raffy diz.

– Então, aí está – disse ela a sorrir. – Ele é um vigário muito alternativo e tu vais ser uma mulher de vigário extremamente alternativa!

Eu já não me escondia atrás do cortinado para ver Raffy a passear *Arlo* ao início da manhã, mas sorria-lhe descaradamente e acenava-lhe. Não esperava que ele parasse por causa da sua actual carga de trabalho e em vez disso estávamos sempre a enviar SMS um ao outro.

Poppy e Felix iam à missa da tarde na Sexta-Feira Santa, juntamente com metade da paróquia, mas eu passei o dia a fazer Desejos para conseguir recuperar as encomendas em atraso.

Logo a seguir ao almoço, os pais de Kat deixaram Jake em casa depois de regressarem do passeio à região dos lagos juntamente com cerca de uma tonelada de roupa suja e uma mochila cheia de *Kendal Mint Cake*. Foi maravilhoso tê-lo de volta, apesar de a casa cheirar a uma lavandaria nos dois dias que se seguiram

Ele foi ver Resmungas e Zillah e depois mais tarde ajudámo-los a dar os retoques finais no museu, pronto para a inauguração na manhã seguinte, quando Hebe Winter iria cortar a fita e a imprensa local iria captar o momento para a posteridade. Mas como também era o primeiro dia do início da temporada alta em Winter's End, ela teria de voltar depressa para casa.

Eu também iria abrir os Desejos de Chocolate ao público pela primeira vez naquela tarde, por isso sentia-me um pouco nervosa, mas as prateleiras estavam bem abastecidas.

O museu estava maravilhoso – os expositores de vidro cheios de tesouros sedutores, máscaras sorriam de todas as paredes, a mesa brilhava, a exibição dos romances do Resmungas acrescentava uma nota brilhante, e os seus outros livros, brochuras e postais, juntamente com uma pilha de caixas dos meus Desejos de Chocolate e frascos de gatos de caramelo, estavam convidativamente dispostos. O maço de bilhetes estava à mão e havia uma pilha de trocos na gaveta do dinheiro.

Estávamos preparados.

* * *

Quando Jake e eu voltámos para a *cottage* depois de um jantar em família, eu contei-lhe que afinal Carr Blackstock acabara por ser o meu muito relutante pai e que Raffy me levara a Londres para o ver – apenas para descobrir que Zillah já lho tinha contado.

– Eu já sei tudo a esse respeito – disse ele, a barrar manteiga num pão quente para preencher as lacunas que a salada César de frango e *zabaglione*, substancial, mas ligeiramente estranha de Zillah, tinha deixado. – Ele parece ser um verdadeiro desperdício de espaço. Acho que estou melhor com o meu pai desconhecido, italiano e empregado de mesa, porque pelo menos ele parece alegre e simpático naquelas fotografias de férias que a mãe me deu.

– Sim, ela disse que ele era muito divertido – concordei, embora é claro a sua definição de « divertido » não fosse provavelmente igual à nossa.

Depois Jake disse que fora muito amável da parte de Raffy levar-me até lá e deixar-me ficar no seu apartamento e que esperava que nos tivéssemos divertido, apesar do encontro complicado com Carr Blackstock.

– Sim, somos... de novo amigos – disse eu, corando ligeiramente.

– Foi o que ouvi dizer.

Lançou-me um sorriso e colocou mais um pão na torradeira e eu perguntei-me o que é que Zillah lhe andara exactamente a dizer...?

Decidimos ver um DVD, enquanto na porta ao lado Resmungas e as suas raparigas estavam a celebrar a festividade de Eostre com um crescendo de cânticos e o fedor penetrante, mas não totalmente desagradável, do incenso.

Eu não me conseguia concentrar no filme, porque me sentia como se estivesse sentada entre duas religiões opostas, com o meu anjo-da-guarda como árbitro. Embora tenha a certeza de que Raffy é perfeitamente capaz de aceitar Resmungas como membro da sua família, e é possível que Resmungas se reconcilie com a ideia de que vou casar com Raffy, o modo como a Igreja iria ver a situação era completamente diferente.

O telefone tocou quando eu estava na cozinha a preparar uma bebida, e Jake atendeu. Pensei que fosse Kat, porque conseguia ouvi-lo falar, mas depois ele enfiou a cabeça pela porta da cozinha e disse:

– É Raffy... não me faças a bebida porque vou falar com ele. Já agora – acrescentou, sorrindo maliciosamente –, ele perguntou-me se podia casar contigo e eu disse-lhe que por mim estava tudo bem, desde que ele me pagasse primeiro o dote.

Atirei-lhe uma laranja, que era o objecto mais próximo que tinha à mão, e ele baixou-se e riu-se irritantemente.

– Vemo-nos mais tarde!

– Jake Lyon, volta já aqui! – gritei, mas ele já tinha saído. – Raffy, ainda estás aí? – perguntei, pegando no telefone.

– Sim, e ouvi o que o Jake estava a dizer – disse ele divertido. – Presumo que ele esteja a vir para aqui? Parece ter recebido muito bem a notícia, mas também parece que percebeu a ideia do dote ao contrário.

– Não há nenhuma notícia – disse eu fracamente – e pensei que o Jake já não me podia surpreender depois de todos estes anos, mas é evidente que estou errada. Que raio é que ele quer?

– Nada que eu não lhe possa dar – disse ele num tom misterioso e recusou-se a dizer mais alguma coisa.

Quando Jake voltou pouco tempo depois, vinha vestido com o casaco de cabedal comprido de Raffy e parecia muito satisfeito consigo mesmo: eu

valho claramente o meu peso em cabedal. Levou-o para o quarto, mas não sem antes se lembrar de que Raffy me enviara algo, e tirou uma pequena caixa do bolso.

No interior, havia uma pequena cruz de ouro, muito simples. Olhei-a por um momento e depois peguei no telefone.

– Raffy? Ainda não estavas deitado, pois não?

– Não, achei que ia ligar.

– Não devias ter dado a Jake o teu belo casaco.

– Acho que lhe fica muito melhor a ele do que a mim e, provavelmente, já chegou a altura de eu deixar de parecer que acabei de fugir do *Matrix*. Estou a perguntar-me, depois do Jake, o que é que o teu avô poderá querer de mim para além da minha alma imortal?

– Não sejas idiota, ele não é satânico – respondi com dignidade.

– Eu sei, só estava a brincar.

– Os vigários podem fazer piadas com esse tipo de coisas?

– Devias ouvir o bispo – disse ele. – Hoje em dia, são-nos permitidas algumas ligeirezas. Gostaste da tua cruz? Pensei que a podias pendurar no fio, com o pequeno grão de cacau de ouro.

– O grão é oco e tenho a certeza de que o Resmungas lhe colocou no interior algum feitiço.

– Tudo bem, o meu presente é para reflectir o teu outro lado, o lado espiritual que acredita em anjos. Ainda não reparaste que Hebe Winter usa sempre um pentagrama e uma cruz? Aqui em Sticklepond, as pessoas parecem capazes de equilibrar a bruxaria e o cristianismo com facilidade. Espero que te habitues a isso.

– Talvez, mas acho que Hebe Winter é uma pessoa que pensa de maneira diferente e ignora as regras – repliquei, num tom de dúvida.

Estava a ficar muito tarde e o dia seguinte seria um grande dia, mas ainda consultei as cartas dos anjos antes de me deitar. Elas disseram-me que era seguro amar e ser amada, mas não me disseram como conciliar avós pagãos e bispos irados e eu não conseguia evitar ter medo que Raffy estivesse a ser demasiado optimista quanto ao modo como qualquer um deles iria receber a notícia.

Nos Bastidores do Museu

Sábado amanheceu com a promessa de um dia de Abril brilhante, ensolarado e perfeito. Ainda bem, porque Poppy e eu tínhamos combinado usar os vestidos que compráramos no meu aniversário. Podiam ser demasiado elegantes para uma manhã de sábado em Sticklepond, mas em comparação com Resmungas, eu tinha a certeza de que a nossa roupa passaria despercebida.

Pendurei a minha pequena cruz no fio com o meu grão de cacau e enfiei-os no decote do vestido, não me sentindo ainda preparada para um confronto com Resmungas, mas por vezes quando eu me movia o fio soltava um tinir leve e melodioso para me recordar que estava lá.

Às dez, uma pequena multidão reuniu-se à porta do museu para ver Hebe Winter, num traje de gala isabelino, a declarar aberta a mais recente atracção turística de Sticklepond.

Ela disse algumas palavras amáveis (e como era tão astuta como o Resmungas, algumas delas também serviram para anunciar a abertura de Winter's End ao público, naquela tarde) e depois cortou a fita que atravessava a porta de entrada com uma tesoura de prata em forma de cegonha, ao som dos cliques dos obturadores das máquinas fotográficas e muitos aplausos.

Depois entrámos todos, e no interior havia taças de *punch* feitas por Zillah e fatias de bolo confeccionadas por mim, e comecei a desenvolver-se um ambiente de festa. A lista dos convidados era grande e variava desde os pais de Kat, que exibiam o que parecia ser um perpétuo ar de perplexidade, a todos os elementos da Sociedade de Reconstituição Histórica de Sticklepond que foram imediatamente reconhecidos, pois tal como Miss Winter, já estavam vestidos com os seus trajes isabelinos e preparados para a abertura de Winter's End, onde trabalhavam como voluntários.

Mrs. Snowball e Clive, que tinham fornecido o ingrediente alcoólico do *punch*, agora ajudavam a bebê-lo, juntamente com algumas idosas que não reconheci, mas que suspeitava pertencerem à irmandade do Resmungas.

Felix e Poppy poderiam encontrar-se em qualquer lado, já que se moviam numa pequena nuvem de felicidades e parabéns, enquanto Janey se movia numa intensa nuvem de *Opium* da Yves Saint Laurent. Já vi cavalos a espirrar quando ela passa.

Jake e Kat eram os encarregados da recepção e nós ficámos por ali enquanto ouvíamos Resmungas ser entrevistado. Como de costume, ele conseguiu encaixar um pouco de publicidade acerca da reedição dos seus romances mais antigos, bem como referir o seu mais recente, *O Diabo*

Desejoso. E sim, eu sei que isso soa ao título de um romance de cordel, mas aparentemente vendeu melhor que todos os seus outros livros juntos. As capas escabrosas, estilo anos 1950, podiam ter alguma coisa a ver com isso, e só os deuses sabem o que vão colocar na capa do *Filho de Satanás*. É difícil imaginar.

Raffy chegou no momento exacto em que a entrevista acabou e o repórter perguntou-lhe de imediato qual a sua reacção, como vigário, quanto a um museu dedicado à história do paganismo.

Os olhos de Raffy atravessaram a sala cheia até me encontrarem e depois sorriu. Os meus joelhos estavam trémulos e tive de beber uma golada rápida de *punch* para me firmar, quase me engasgando com um bocado de folha de gerânio com cheiro a laranja. Naquela manhã, tinha-me perguntado para que é que Zillah as queria.

– Na verdade, acho que um museu que mostra o modo como as pessoas, ao longo dos séculos e através de diferentes culturas, chegaram a Deus, não pode ser uma coisa má, não concordam? – declarou ele. – E é provável que, no passado, grande parte da assim chamada bruxaria fosse apenas a aplicação de conhecimentos herbários oralmente transmitidos.

Hebe Winter e Resmungas fixaram os olhos nele, um pouco como leões preguiçosos a perguntarem-se se deviam correr ou não atrás de uma gazela, mas não disseram nada.

O repórter saiu logo após a entrevista e Raffy foi imediatamente ter comigo.

Impulsivamente, puxei o fio para fora do decote, exibindo a cruz de ouro e o grão de cacau aninhados juntos.

– Aí estás tu, Raffy... uma aliança profana. Ainda bem que o repórter já se foi embora.

– O que é isso? – perguntou o Resmungas, que tinha orelhas de morcego, apesar da sua idade. Depois o seu olhar aguçou-se. – E onde é que arranjaste essa cruz?

– Foi um presente de Raffy, Resmungas.

– Ah, foi? – replicou ele, virando o seu olhar inquiridor para Raffy.

– E porque é que ela não há-de usar uma, Gregory? – Hebe Winter olhou-me aprovadora e eu até teria apostado que o pentagrama e a cruz repousavam sobre o seu peito estreito, sob a enorme gola franzida.

– E porque é que está a dar à minha neta presentes inadequados, jovem? – perguntou o Resmungas, insatisfeito; e Raffy colocou o braço à minha volta e anunciou, descaradamente:

– É *muito* adequado dadas as circunstâncias, porque quero casar com ela.

– Estás noiva? – exclamou Poppy, batendo palmas e irradiando alegria. – Ah, isso é maravilhoso! Parabéns.

– Não! Não *posso*... Quero dizer, o bispo nunca me aprovaria... – gaguejei,

corando com aquele anúncio público e repentino.

– *Eu* falo com o bispo – declarou Hebe Winter.

– É muito amável da sua parte, Miss Winter – disse Raffy. – Liguei-lhe ontem à noite, por isso não será uma surpresa total, mas se também lhe pudesse dar uma palavrinha por nós, isso seria ótimo.

– Vejo que ninguém *me* pediu a opinião... ou autorização – observou Resmungas com uma calma enganadora e percebi que ele estava agitado, embora isso pudesse apenas ser devido à perspectiva de ver a sua confortável vida perturbada.

– Raffy pediu a minha e eu dei-lha – disse Jake. – Acho que é uma excelente ideia.

– Achas, não achas?

– Eu avisei-te que isto ia acontecer, Gregory – observou Zillah. – Mas acreditaste em mim?

– Eu tinha intenção de vir falar consigo antes da inauguração – disse Raffy ao Resmungas –, só que a Páscoa foi um pouco agitada. Mas espero que não tenha quaisquer objeções reais?

– Não importa se ele as tem ou não, Raffy, pois não? – disse eu. – Já que *tu* só casas numa igreja e não me parece que *eu* possa fazer isso!

– Porque não? – perguntou Zillah, para minha grande surpresa. – Tu foste baptizada em All Angels, por isso não há nenhum motivo para não te casares aí.

– O quê? – exclamei.

– A tua avó e o antigo vigário, o velho Mister Harris, organizaram a cerimónia entre eles, tal como o fizeram quando a tua mãe era um bebé.

– E não me disseram *nada* acerca disso? – perguntou Resmungas, indignado.

– Ela sabia que ias armar uma grande confusão e o que não sabias não te podia prejudicar.

Raffy apertou-me e sorriu-me.

– Pronto, estás a ver? Eu soube que sempre estiveste do lado dos anjos e agora não há nada que nos impeça de casar.

– Eu... suponho que não haja – concordei lentamente. – Por favor, diz que não te importas, Resmungas? – implorei. – Não é necessário mudar nada. Eu ficaria a morar a poucos metros de distância e ainda continuaria a vir até aqui todos os dias para escrever os teus capítulos e fazer Desejos de Chocolate.

– Vejo que este é outro exemplo do cristianismo a absorver o paganismo – disse Resmungas sombriamente –, mas suponho que se tem de ser, tem de ser.

– Oh, obrigada, Resmungas! – disse-lhe e dei-lhe um beijo no rosto que ele aguentou de uma maneira muito semelhante à de Jake.

– E vem ao nosso casamento? – perguntou Raffy.

– Não, mas estarei na recepção. Vocês podem dá-la aqui no museu.

– Parece-me um compromisso razoável – concordou Raffy.

– Até podíamos ter um casamento duplo – sugeriu Poppy. – Mas tu não te podes casar a ti mesmo, pois não, Raffy?

– Na verdade, não – disse ele com um sorriso. – Mas tenho um amigo que adoraria celebrar a cerimónia.

– É melhor que seja depressa – interveio Zillah.

– Porquê? – perguntei, olhando-a desconfiada.

– Não te preocupes! – disse ela. – Mas quanto mais cedo melhor, ouve o que te digo.

– Por mim, está ótimo – disse Raffy e de seguida todos brindaram ao nosso noivado, e ao de Poppy e Felix, e depois fizemos outro brinde à abertura do museu... e por essa altura apenas as pessoas que iam conduzir é que estavam inteiramente sóbrias e o contingente de Winter's End teve de sair.

Pouco depois, Raffy também teve de ir e beijou-me antes de partir, o que me pareceu muito estranho em público.

Eu ainda estava um pouco em transe enquanto a sala se esvaziava lentamente e fechámos as portas para o almoço, mas quando, finalmente, regressámos à terra dos vivos, parecia que já tínhamos feito uma enorme quantidade de dinheiro, apesar de ninguém ter pago bilhete.

Os livros e brochuras de Resmungas, que ele estivera a autografar com um floreado de cada vez que lhe colocavam um debaixo do nariz, tinham-se vendido como bolinhos quentes, tal como várias caixas de Desejos de Chocolate e quase um frasco inteiro de chupa-chupas de gatos, apesar de eu não conseguir imaginar quem os teria comprado de entre as pessoas que tinham ali estado naquela manhã. Via que tanto Kat como Jake tinham um, porque os pauzinhos estavam no cesto de papéis debaixo da mesa.

– Vamos ter de colocar mais livros para esta tarde, Resmungas – disse-lhe – e vais ter de pensar em expandir o tipo de coisas que vendes e arranjares alguns *souvenirs* relacionados com bruxas.

– Sim, acho que seria bom haver mais presentes para os visitantes comprarem – concordou Jake.

– Vou pensar no assunto – disse Resmungas. – E talvez também uma variedade maior de postais. Já me perguntaram se tenho alguns de reserva. – Alisou a barba de um modo um pouco complacente, olhou para nós e acrescentou: – Correu tudo muito bem, não acham? Exceptuando a intenção de Chloe de entrar no sagrado matrimónio e não em algo mais lógico, e acho que também me vou acabar por habituar a isso.

– É melhor que te habitues... eu *disse-te* que estava nas cartas – revelou Zillah.

– A *mim* não disseste nada – reclamei, enquanto seguíamos os outros pela porta de aceso à casa. – E o que é que querias dizer com aquilo de ser melhor

casar com Raffy o mais depressa possível?

Ela pegou-me no braço para me segurar e sussurrou-me algo ao ouvido. Senti os meus olhos arregalarem-se.

– Mas... as cartas nem *sempre* estão certas – protestei.

– Estão sempre, por vezes a interpretação é que está errada – disse ela. – Estou sempre a dizer-te isso.

Depois do almoço, em que não comi muito, Jake levou Resmungas a Winter's End, onde ele apareceu vestido como John Dee.

Kat e Zillah tomaram conta do museu e eu abri pela primeira vez ao público o Desejos de Chocolate e liguei o Banho, de modo que passados instantes a fragrância rica de chocolate crioulo pairava através da porta de aceso ao museu, atraindo visitantes como um íman.

À hora de fechar estávamos todos exaustos, por isso foi bom lembrarmo-nos que depois daquilo só abríamos quatro tardes por semana! Eu ainda tinha de limpar a oficina e Kat foi gentilmente ajudar-me, a sussurrar naquela sua maneira conversadora e animada: eu só desejava poder ouvir mais do que uma palavra em cada cinco das que ela dizia!

Jantámos todos juntos – um guisado que Zillah fizera no dia anterior e depois Jake, Kat e eu voltámos para a *cottage*.

O dia tinha sido uma montanha-russa emocional e ainda não terminara, porque Felix e Poppy convenceram-me a ir ao último serviço de sábado na All Angels, quando Raffy iria acender o círio pascal.

E fiquei satisfeita por ter ido, apesar de me sentir num transe de tanto cansaço, e parecia-me que tudo ondeava ligeiramente, uma espécie de efeito de ondulação subaquática.

Não sei se foi por saber que fora baptizada ali que fez a diferença, mas naquela noite, ao entrar na igreja, senti-me como se regressasse a casa e houve um momento em que tive a *certeza* de ver o brilho de asas de anjo à luz das velas...

E Raffy parecia cansado e pálido, mas também tranquilo e feliz, como se tivesse acabado de receber a resposta a uma pergunta verdadeiramente importante.

Gran Couva!

O dia acabara de nascer no domingo de manhã quando nos reunimos no cemitério da igreja como um par de conspiradores. Raffy levava o grande cesto de ovos de chocolate.

– O quê, sem um fato de coelho da Páscoa?

– Não consegui arranjar nenhum para o meu tamanho – disse com um sorriso, beijando-me. – Mas olha! – Ergueu no ar um pequeno objecto de madeira.

– O que é isso?

– Uma pata de coelho de madeira! Um paroquiano idoso que faz cabos de bengala fê-lo para me oferecer. Vai evitar sujar o alfinete da sorte de Effie e é muito mais fácil fazer pegadas nos canteiros com ele.

Demos a volta ao cemitério escondendo os ovos em fendas, debaixo de arbustos e nos ramos das árvores mais baixas.

– Isto não é um pouco irreverente? – perguntei-lhe, quando ele introduziu um ovo entre os pés do anjo de mármore que quase lhe caíra em cima.

– Não, porque Jesus disse: « Deixai as crianças e não as impeçais de vir ter comigo », e como a igreja é a casa dele, este é o seu jardim.

– Suponho que tens razão – respondi, a pensar que me teria de habituar àquele tipo de conversa, já que fazia parte do pacote que acompanhava o novo Raffy. – Que tal guardarmos alguns ovos para o caso de algumas crianças não encontrarem nenhum? – sugeri.

– Boa ideia. *Okay*. – Olhou para o relógio. – Dentro de instantes, vou dizer as orações da manhã, agora é apenas um pequeno serviço, por que o maior é a meio da manhã e só vão aparecer um ou dois paroquianos. A caça aos ovos será logo a seguir.

Beijou-me e dirigiu-se para a igreja e, alguns momentos depois, Effie Yaton chegou para ajudar, com um grande rolo de autocolantes com coelhinhos da Páscoa, uma mesa de piquenique e uma cadeira desdobrável, que abriu junto do portão.

Na altura em que Raffy voltou a sair, já havia uma multidão de crianças animadas com os seus pais, à espera no exterior, e Effie tinha distraidamente comido um dos ovos de chocolate da reserva.

Mais tarde, naquela mesma noite, um Raffy exausto e eu estávamos sentados no meu sofá pequeno, com *Arlo* enrolado e a ressonar em frente da lareira. As luzes estavam apagadas e as cortinas abertas para podermos ver Jake e Kat no jardim. Ele estava a ficar muito bom com os paus-de-fogo e tecia intrincados

padrões na escuridão.

– Não quero nada deixar a minha casinha e o meu jardim murado – disse sonolenta.

– Não precisas de a deixar. Em princípio, vais continuar a vir aqui todos os dias para fazer Desejos, não vais?

– Sim, e para passar a limpo os livros do Resmungas – respondi. – E Jake pode ficar connosco, ou aqui na *cottage*, quando tiver férias, não pode?

– O que ele preferir – concordou Raffy. – Acho que ele devia ter um quarto seu no presbitério, para que saiba que é sempre bem-vindo. E vou pedir que me desenhem planos para instalar uma cozinha adequada na parte principal da casa, assim Maria pode apenas tratar da limpeza e manutenção e não da cozinha, depois de estarmos casados!

– Só queres casar comigo porque pensas que sou melhor cozinheira – acusei-o.

– Não, quero-te porque não consigo resistir ao teu chocolate – disse-me e depois beijou-me.

– E eu não te consigo resistir. – Voltei a beijá-lo com entusiasmo. – Passaste de cacau barato a crioulo, e agora a *gran couva*!

– Espero que esse seja um *bom* chocolate?

– O melhor – respondi, e depois resmunguei, quando o telefone junto do meu cotovelo tocou: – Quem será?

– Chloe, és tu? – perguntou uma voz frágil, outrora familiar.

Endireitei-me na cadeira.

– Mãe?

– Sim, sou eu. A Mags contou-me que já sabias de tudo, por isso achei que te podia ligar.

– Porquê? O que é que queres? – quis saber, desconfiada.

– Nada... só que ouvi dizer que ainda não arranjaste um companheiro, por isso se quiseses vir passar férias a Goa com Mags posso garantir que te encontro um.

Típico! Seis anos de silêncio e a única coisa que está interessada em saber é se continuo solteira ou não.

– Não é preciso – disse, voltando a descontrair-me nos braços de Raffy. – Acho que encontrei um sozinha.

Chocolate para Barrar de Chloe

Este é um simples creme de natas e chocolate. Faça-o em pequenas quantidades, já que apenas se pode conservar durante duas semanas no frigorífico.

Vai precisar de nata gorda e de chocolate. Embora Chloe utilize chocolate para cobertura, qualquer tipo de chocolate de pastelaria ou de outro género que tenha uma boa percentagem de cacau serve. Prefiro o chocolate muito escuro e amargo, mas pode escolher o tipo de que mais gosta.

Prepare um frasco de vidro.

Para obter uma consistência firme mas possível de ser barrada, vai precisar de partes iguais de nata e chocolate. Rale o chocolate para uma tigela ou corte-o muito fino.

Aqueça a nata até estar quente, mas não a ferver, e de seguida, deite-a sobre o chocolate. Mexa bem até obter uma mistura lisa e brilhante.

Nesta fase, pode adicionar gengibre em pó a seu gosto para fazer o creme de chocolate e gengibre de Chloe, ou experimente aromas como rum ou baunilha.

Deite o creme à colher para dentro do frasco limpo e deixe arrefecer completamente antes de o tapar e colocar no frigorífico.

Como Fazer um Ovo da Páscoa

Isto é muito divertido de fazer e muito fácil, embora possa causar algum chiqueiro!

Vai precisar de uma forma de ovo da Páscoa. Eu tenho de metal e de plástico de vários tamanhos e todas funcionam igualmente bem. Esfregue o interior com um bocado de papel de cozinha.

O chocolate de cobertura ou de confeitaria é o melhor para fazer as conchas ocas, mas pode utilizar qualquer bom chocolate.

Derreta o chocolate numa panela ou numa tigela em banho-maria. Não deixe que água ou vapor entrem no chocolate!

Revista o interior das formas com o chocolate. As minhas formas têm um padrão gravado, por isso prefiro revestir o interior com um pincel, tal como Chloe. A alternativa é deitar à colher o chocolate derretido nas formas e rodá-lo até ele cobrir todo o interior. Qualquer que seja o método utilizado, aplique três ou quatro camadas e de seguida limpe quaisquer restos que se encontrem na borda da forma.

Depois de o chocolate ter assentado ligeiramente, vire as formas ao contrário sobre uma rede e deixe endurecer. Elas vão contrair-se um pouco e uma pequena pressão na extremidade da forma vai soltar o interior.

Pode colar as duas metades ou com um pouco de chocolate derretido ou aquecendo um tabuleiro e encostando nele as bordas por instantes antes de as selar. (Eu coloco coelhos de chocolate sólido no interior das minhas, antes de fechar as duas metades.)

Pode decorar o exterior com uma fita ou com o que mais lhe agradar. Já fiz ovos ao estilo dos ovos Fabergé, colando-lhes decorações de bolo, como pequenas bolas prateadas e diamantes coloridos, utilizando pasta de açúcar. Ou coloque simplesmente o ovo dentro de um saco de celofane, com uma fita.

E o melhor de trabalhar com chocolate é que pode comer os seus erros: divirta-se!

Dez Factos Fascinantes Acerca do Chocolate

1. O chocolate pode ter sabores muito diferentes, dependendo da espécie do grão de cacau e das condições em que o grão foi cultivado.
2. Está cientificamente provado que o chocolate contém feniletilamina, « o químico do amor », e ao comê-lo sente-se uma sensação semelhante àquela de quando se está apaixonado. Alguns dizem que até é melhor do que um encontro escaldante...
3. A vagem de cacau contém, aproximadamente, entre 40 e 45 grãos de cacau. São necessárias até 270 sementes de cacau para fazer 500 gramas de chocolate.
4. Em geral, o chocolate mais escuro contém uma percentagem maior de cacau e é mais caro do que o chocolate de leite.
5. 90 por cento do cacau do mundo é produzido por apenas nove países, a maior parte dos quais no continente africano.
6. A manteiga de cacau derrete um pouco abaixo da temperatura do corpo, por volta dos 33°C e é por isso que se derrete na boca.
7. O maior ovo da Páscoa do mundo foi criado em 2005 por um fabricante de chocolate belga e exibido em Nova Jérсия, nos Estados Unidos. Tinha uns colossais oito metros de altura, seis metros de largura e pesava um quilo e novecentos e trinta e quatro gramas. É muito chocolate...
8. A primeira tablete de chocolate foi criada em 1847 pela empresa Fry & Son, de Bristol.
9. Mais do dobro das mulheres comem e desejam chocolate do que os homens.
10. Se armazenado em ambiente quentes, o chocolate pode criar uma película branca a que se chama « flor ». Isso acontece porque a manteiga de cacau se separa e liberta o açúcar na superfície do chocolate.

Agradecimentos

Os meus agradecimentos vão para as pessoas que se seguem, por tão amável e generosamente terem disponibilizado algum do seu valioso tempo para me ajudarem, e se por vezes alterei as informações que me deram para se adaptarem ao meu enredo gostaria de deixar bem claro que não foi culpa delas.

Para Annie e Guy do www.scentedgeraniums.co.uk com um agradecimento especial pelo gerânio com cheiro a chocolate, que foi em si mesmo uma inspiração. Para Gareth e Christopher East de The Chocolate Factory, Hutton le Hole, North Yorkshire, www.The-Chocolate-Factory.co.uk, cujo conhecimento especializado se reflecte no seu chocolate delicioso. E, por último, mas não menos importante, ao reverendo cônego Frances Wookey, vigário de Hanley Swan & Welland e do presbitério rural de Upton, que *não* tem culpa absolutamente nenhuma dos pontos de vista ou atitudes do meu vigário extremamente alternativo!

[1] John Dee (1527-1609) foi um matemático astrónomo, astrólogo, geógrafo e conselheiro particular da rainha Isabel I. Dedicou grande parte da vida à alquimia, adivinhação e à filosofia hermética. (N. da T.)

[2] Um dos principais personagens da trilogia *O Senhor dos Anéis*, de J. R. Tolkien. (N. da T.)

[3] Grupo de dança feminino associado à televisão inglesa, da década de 1960 e 1970, conhecido pelas suas actuações em directo e semanais no célebre programa da BBC *Top of the Pops*. Acompanhavam os cantores dançando em cima de estrados, numa espécie de gaiolas, etc. (N. da T.)

[4] Referência ao Old Smithy, que literalmente traduzido significa, « Velho Ferreiro » . (N. da T.)

[5] Edward Alexander Crowley (1875-1947) foi um influente ocultista inglês, muito conhecido pelos seus livros acerca de magia. (N. da T.)

[6] Referência à principal personagem do filme *Música no Coração*. (N. da T.)

[7] Trocadilho intraduzível com o nome do vigário, *Merryman*, que literalmente traduzido significa homem alegre. (N. da T.)

[8] Referência a *Howling Monkey*, uma antiga cerveja preta inglesa. (N. da T.)

[9] Filme indiano traduzido como *A Noiva Indecisa*, realizado por Gurinder Chadha e baseado no livro *Orgulho e Preconceito* (*Pride and Prejudice*), de Jane Austen. (N. da T.)

[10] Trocadilho intraduzível para português. *Pop-tarts*, sendo aqui uma marca de pastéis doces recheados, também pode servir como calão, já que a palavra *tart* significa cabra, leviana, etc., ou seja, uma cabra da *pop*, que serve de insinuação à antiga profissão de Raffy Sinclair. (N. da T.)

[11] Nome que se dá à paragem de um veículo para manutenção, troca de pneus, etc., durante uma corrida de carros. (N. da T.)

[12] Referência ao principal personagem do filme *Tommy* (1975), realizado

por Ken Russell, com música dos The Who, e que conta a história de um rapaz que fica cego, surdo e mudo na infância depois de a mãe e o padrasto o convencerem que ele não viu, nem ouviu, nem vai contar, um homicídio a que assistiu e que eles acabaram de cometer. *(N. da T)*

[13]Ramo de ervas aromáticas, atado com uma linha ou elástico, e destinadas a temperar pratos e molhos em diversas receitas culinárias. Este molho de ervas é apresentado desta maneira, para que quem esteja a cozinhar possa retirar facilmente o ramo, para poder confeccionar o prato. *(N. da T)*

[14]« I Do Like To Be Beside The Seaside» uma popular canção britânica de *music hall*. Foi escrita em 1907 por John A. Glover-Kind. *(N. da T)*

[15]Personagem dos livros de *Harry Potter*, de J. K. Rowling. *(N. da T)*

[16]Sobremesa de origem australiana, semelhante ao merengue com cobertura estaladiça e recheio mole, à qual se deu este nome em homenagem à bailarina russa Anna Pavlova. *(N. da T)*

[17]Literalmente, toma outro pedaço do meu coração. *(N. da T)*

[18]Música de Carly Simon, que literalmente traduzida significa « És tão vaidoso» . *(N. da T)*

Índice

Ficha Técnica

Acho que chegou o momento de a minha maravilhosa agente ter uma dedicatória só para ela, por isso esta é para Judith Murdoch, com amor e os meus agradecimentos.

Prólogo

1

Deve Existir Um Anjo

2

Filho de Satanás

3

Desejos de Chocolate

4

Estrela Cadente

5

Uma Descoberta Surpreendente

6

Cupido Estúpido

7

Encontros Rápidos

8

Boas Libações

9

Desenhando as Linhas

10

Males Comparados

11

Desejos de Aniversário

12

Encontros Desesperados

13

Cinza nas Roseiras

14

Pó de Fada

15

Presentes de Boas-Vindas

16

Morto Como o Meu Amor

17

Escrito nas Cartas

18

<u>19</u>	<u>Feitiço</u>
<u>20</u>	<u>Na Mistura</u>
<u>21</u>	<u>Anjos Caídos</u>
<u>22</u>	<u>Adornos</u>
<u>23</u>	<u>Mais Escuro Depois da Meia-Noite</u>
<u>24</u>	<u>Pax</u>
<u>25</u>	<u>Saquinho Mágico</u>
<u>26</u>	<u>Saco de Coisas Sortidas</u>
<u>27</u>	<u>Jovens Gastadoras</u>
<u>28</u>	<u>Crioulo Puro</u>
<u>29</u>	<u>Sozinha em Casa</u>
<u>30</u>	<u>Rituais</u>
<u>31</u>	<u>Preocupações Tumulares</u>
<u>32</u>	<u>Animais Sociais</u>
<u>33</u>	<u>Entregando Anjos</u>
<u>34</u>	<u>Coberta de Açúcar</u>
<u>35</u>	<u>Momentos Derretidos</u>
<u>36</u>	<u>Pedidos</u>
<u>37</u>	<u>Nos Bastidores do Museu</u>
	<u>Gran Couva!</u>
	<u>Chocolate para Barrar de Chloe</u>
	<u>Como Fazer um Ovo da Páscoa</u>

Dez Factos Fascinantes Acerca do Chocolate
Agradecimentos